UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A experiência michê: um estudo fenomenológico

Fernanda Burbulhan

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Ribeirão Preto
2014

FERNANDA BURBULHAN

A experiência michê: um estudo fenomenológico

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Profª. Drª. Maria Alves de Toledo Bruns

Ribeirão Preto
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Burbulhan, Fernanda.

A experiência michê: um estudo fenomenológico / Fernanda Burbulhan; Orientador (a): Prof.ª Dr.ª Maria Alves de Toledo Bruns. Ribeirão Preto – 2014. 193 p.

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Áreas de concentração: Psicologia.

1. Prostituição masculina – 2. Fenomenologia – 3. Gênero – 4. Pós-modernidade.

Folha de Aprovação

Burbulhan, Fernanda.

A experiência michê: um estudo fenomenológico

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Aprovado em: _____/_____/_____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À minha família, meu pai, Flávio Augustus Burbulhan, minha mãe, Maria Inez Schuartz Burbulhan, e minha irmã, Talita Burbulhan, pelo apoio incondicional na minha trajetória de pesquisa, por estarem sempre presentes em minhas angústias e conquistas, frutos deste trabalho. Sou grata especialmente aos meus pais, por me acompanharem na busca por colaboradores para esta pesquisa e por me encorajarem a seguir em frente sempre.

Ao meu noivo, Héctor León Romero, pela motivação incessante, pela paciência diante das minhas ausências e pelo suporte emocional, e ao meu tio Antônio Sandro Schuartz, pelo suporte e incentivo constantes.

À professora Doutora Maria Alves de Toledo Bruns pela confiança em meu trabalho e pela parceria constante na construção e desconstrução do conhecimento. Obrigada pela leitura atenta, pelas críticas oportunas e pelo encorajamento e confiança depositados em mim, tudo isso me fez crescer pessoal e profissionalmente.

Ao professor Mestre Roberto Mendes Guimarães por orientar o início da minha trajetória de pesquisa acerca da prostituição e por também me incentivar a ir além, a continuar estudando e explorando os sentidos e significados da práxis prostitucional. Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP por compartilharem seus conhecimentos e à professora Mestre Verônica Coelho pelo atento trabalho de revisão deste texto.

Às minhas amigas Ana Paula Ferri, Thaysa Valente e Vanessa Brandalise Tibola por estarem sempre presentes em meus dias, por serem um suporte inabalável e por me passarem a confiança necessária para seguir em frente.

Aos meus colegas de trabalho no CRAS, que estiveram preocupados com esta pesquisa e com as entrevistas que eu realizei, sempre me apoiando nos momentos de dificuldades. Um agradecimento especial a Eduardo Alberto Mara, que me acompanhou em uma das tentativas de encontrar colaboradores dispostos a participar da pesquisa. Aos amigos que fiz em Ribeirão Preto, que tornaram o tempo vivido nessa cidade tão prazeroso e inesquecível e aos colegas de mestrado pela convivência enriquecedora.

A todos os funcionários do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP-USP pelo excelente atendimento diante das dúvidas que tive no decorrer desses quase três anos bem como pelas as orientações por mim requisitadas.

Muito obrigada!

Burbulhan, Fernanda. *A experiência michê:* um estudo fenomenológico. 2014. 193 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2014.

RESUMO

Na presente Dissertação, buscamos compreender o fenômeno michê e como ele se apresenta no contexto de vida pós-moderno. Com este intento, contextualizamos a pós-modernidade e as expressões da sexualidade, gênero e masculinidades no cenário atual por considerarmos serem discussões fundamentais para se refletir acerca da prostituição masculina. Apoiadas nesse arcabouço teórico é que nos propusemos a pesquisar o fenômeno michê: seus representantes, suas histórias de vida e a forma como significam sua atuação no universo prostitucional. Apropriamo-nos do referencial metodológico fenomenológico e da perspectiva merleau-pontyana para guiar nossa análise e discussão. Definimos entrevistar dez homens maiores de 18 anos que atuam ou já atuaram como michê. Aplicamos o questionário econômico da ABEP para o perfil socioeconômico de cada um deles e posteriormente realizamos a entrevista de história de vida, norteada por uma única questão: "Peço-lhe que me conte sua história de vida, a partir de sua infância até o momento que passou à prática de michê". As entrevistas foram se desdobrando em sentidos e significados próprios de cada colaborador e buscamos acessar a intencionalidade dos relatos, o que é da ordem da experiência vivida pelos colaboradores e não do que pode ser inferido pelo pesquisador. A análise se deu pela identificação de unidades de significado, as quais se configuraram como: 1) Nos horizontes da família; 2) Ingresso no mundo vida da prostituição; 3) Dinâmica dos programas e 4) Perspectivas para o futuro. A partir dessas unidades de significado, nos foi possível conhecer a história de vida de cada um dos colaboradores, o momento em que a prostituição passou a fazer parte de sua vida e o significado dessa práxis para cada um deles. Para a maior parte dos michês colaboradores desta pesquisa, a prostituição carrega motivações e significados subjetivos que vão além da justificativa pela necessidade financeira. Na análise compreensiva dos relatos, duas questões se destacaram: i) nove dos dez michês entrevistados atende à clientela masculina (em sua maior parte homens casados com mulheres) e muitos trazem relatos de práxis homofóbicas; e ii) cinco dos colaboradores relatou experiências de violência sexual na infância ou adolescência (ainda que dois desses não percebam tal experiência como violenta). Informações importantes para os horizontes da presente pesquisa, para a discussão das questões de sexo e gênero, as quais necessitam ser problematizadas desde a infância, inclusive dentro da grade curricular, para que as crianças e adolescentes saibam identificar as situações de abuso e exploração sexual e para que se tornem adultos menos homofóbicos, adultos que possam assumir o seu desejo sexual sem medo de estar desviando das normas implícitas de uma sociedade.

Palavras-chave: Prostituição masculina; Fenomenologia; Gênero; Pós-modernidade.

Burbulhan, Fernanda. "*The hustler experience:* a phenomenological study". 2014. 193 f. Dissertation (Master degree). Philosofy, Science, and Literature Faculty of Ribeirão Preto, University of São Paulo. Ribeirão Preto, 2014.

ABSTRACT

In the present Dissertation, we seek to understand the hustler phenomenon and how it is experienced in post-modern days. For such, we contextualize post-modernity and the expressions of sexuality, gender and masculinities in the present scenario once we consider them to be basic discussions underlying one's reflection upon male prostitution. Supported by the theoretical framework here presented we undertook to investigate the hustler phenomenon, their representatives, their life stories and the meaning they attribute to their practice in the prostitucional universe. We used the phenomenological method and the perspective of Merleau-Ponty to guide our discussion and analysis. We defined to interview ten men over 18 yr. old who have been working or have worked as a hustler. We also applied the ABEP economic questionnaire to find out each one of these men's socioeconomic profile and then carried out the life history interview, triggered by the prompt: "Please tell me your life story, since childhood to the moment you started as a hustler". From that point on, the interviews developed into the meanings attributed by each collaborator individually, with our focus on grasping the intentionality underlying their reports, which regards the own collaborators' experiences, and not the researcher's possible inferences. The analyses were carried out through the identification of four units of meaning: 1) Family Horizons; 2) Entrance into prostitution; 3) The dynamics of programs and 4) Prospects for the future. Based on these units of meanings we could learn about these men's life story, the moment prostitution became a part of their life and the meaning each one of them attributes to that praxis. For most of the hustler collaborators in this study, prostitution bears meanings that go beyond mere financial needs. In our comprehensive analyses of the reports, two issues emerged: i) nine out of the ten hustlers interviewed have a male clientele (in their majority men married to women) with many mentioning homophobic practices; and ii) five of the collaborators reported childhood and/or adolescence sexual abuse (although two of them don't see such experiences as abuse). We feel such information is valuable to the horizons of this research, for the discussion on the sex *x* gender issues we feel need to be problematized from childhood, included in school curricula, so that children and adolescents are able to identify sexual abuse and exploitation and can, thus, grow to become less homophobic adults who can deal with their sexual desire without the fear of deviating from the implicit norms of society.

Palavras-chave: Mal prostitution; Phenomenology; Gender; Post-modernity.

SUMÁRIO

PRÉ-REFLEXIVO..... 9

CAPÍTULO 1 – O ESTILO DE VIDA NA PÓS-MODERNIDADE 15

CAPÍTULO 2 – SEXUALIDADE, GÊNERO E MASCULINIDADES 25
2.1 Sexualidade..... . 26
2.2 Gênero 34
2.3 Masculinidades em questão? 39

CAPÍTULO 3 – PROSTITUIÇÃO..... 47
3.1 O que é prostituição? 48
3.2 Prostituição para a Classificação Brasileira de Ocupações 50
3.3 Prostituição Viril..... 52

CAPÍTULO 4 – PESQUISA QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA 60
4.1 Contextualizando a Pesquisa Qualitativa Fenomenológica 61
4.2 Estratégia de Acesso aos Relatos...... 69
4.3 Acesso aos Colaboradores 70
4.4 Momento de Análise dos Relatos 75

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE COMPREENSIVA DO FENÔMENO MICHÊ 79
Perfil do Colaborador 1: Maicon 80
Perfil do Colaborador 2: Marcelo 90
Perfil do Colaborador 3: José 98
Perfil do Colaborador 4: Carlos 107
Perfil do Colaborador 5: Fabiano 116
Perfil do colaborador 6: Luciano 126
Perfil do Colaborador 7: Bernardo..... 135
Perfil do Colaborador 8: Jorge 142
Perfil do Colaborador 9: Roberto 148
Perfil do Colaborador 10: Douglas 153

CAPÍTULO 6 – OS SENTIDOS DO MUNDO VIDA DO MICHÊ..... 160
.
CAPÍTULO 7 – HORIZONTES..... 171

REFERÊNCIAS..... 174

ANEXOS..... 188

PRÉ-REFLEXIVO

A realização da presente pesquisa de pós-graduação em nível de mestrado é derivada do meu interesse em compreender o fenômeno da prostituição masculina nos dias atuais. Interesse que foi sendo lapidado ao longo do meu curso de graduação em Psicologia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), *campus* Irati – Paraná, iniciado em 2006 e concluído em 2010.

Em agosto de 2008, no decorrer do terceiro ano do curso, participei de um projeto de Iniciação Científica intitulado "Um Estudo sobre Corpo em Revistas Direcionadas ao Público Masculino e Feminino". Um projeto desenvolvido durante dois anos sob a orientação do Prof. Dr. Rafael Siqueira de Guimarães, que analisou os discursos de duas revistas de uma mesma editora: uma voltada para o público masculino e a outra, para o feminino. Por meio de nossa análise pudemos perceber a consolidação dos padrões de gênero na forma como as revistas direcionam conteúdos diferentes a esses dois públicos valorizando os assuntos de casa e maternidade para as mulheres e temas intelectuais e de viagens para os homens. Como resultado desse trabalho publicamos um artigo científico intitulado "Relações de gênero, mídia escrita e contemporaneidade: análise do discurso nas revistas Trip e TPM"[1].

Paralelamente a esses estudos sobre gênero, ainda no ano de 2008, me chamou a atenção o fenômeno da prostituição, de maneira que, sob a orientação do Prof. Ms. Roberto Mendes Guimarães, elaborei o meu Projeto de Conclusão de Curso intitulado "Corpo, prazer e sexualidade: a relação das profissionais do sexo com os seus clientes". Nosso objetivo foi desvelar os significados atribuídos pelas profissionais do sexo à sua atuação. Essa pesquisa possibilitou a compreensão acerca de quem é a prostituta de baixo meretrício, suas motivações para entrada e permanência na prostituição bem como sua relação com o cliente em se tratando de preço, tempo e modalidade da relação sexual. Essa pesquisa foi realizada em 2009 e resultou no artigo "Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes"[2].

Concomitantemente a essas pesquisas, participei, em 2009, de um Projeto de Extensão intitulado "Sexualidade Humana na Pós-Modernidade: Atualização às Perspectivas Teóricas e

---

[1] Burbulhan, F., & Guimarães, Rafael Siqueira de. (2012). Relações de gênero, mídia escrita e contemporaneidade: análise do discurso nas revistas TRIP e TPM. Doi: 10.5212/PublicatioCi.Soc.v.19i1.0007. *Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas, 19*(1). Recuperado em 18 de junho de 2013, de http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais/article/view/2999.

[2] Burbulhan, Fernanda; Guimarães, Roberto Mendes, & Bruns, Maria Alves de Toledo. (2012). Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. *Psicologia em Estudo*, *17*(4), 669-677. Recuperado em 18 de agosto de 2013, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000400013&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-73722012000400013.

Metodológicas", também sob a orientação do Prof. Ms. Roberto Guimarães. As leituras e reflexões acerca da sexualidade aliadas à pesquisa sobre prostituição feminina despertaram em mim o interesse pelo fenômeno da prostituição masculina, o qual foi compartilhado com o referido Professor. Diante disso, o docente, que vem se dedicando ao estudo da prostituição com a Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, viabilizou o meu contato com essa pesquisadora, docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP), *campus* Ribeirão Preto e líder do Grupo de Pesquisa SexualidadeVida-USP/CNPq.

Assim, em 2009, em meu penúltimo ano de graduação, tive contato com a Prof. Dra. Maria Alves, que me apresentou à sua Linha de Pesquisa intitulada "Sexualidade e a Reflexividade da Moral Sexual na Constituição Histórico-Cultural do Sujeito na Pós-Modernidade", vinculada à área de concentração "Processos Culturais e Subjetivação", do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia. Seu Projeto de Pesquisa sendo denominado "Sexualidade e Desenvolvimento: O Existir de Homens e Mulheres", que contempla o estudo de homens e mulheres à luz da sexualidade e da pós-modernidade, abrangendo, assim, diversos segmentos da existência humana, desde a infância, adolescência, vida adulta, e até a velhice.

Esse Projeto de Pesquisa abarca três eixos investigatórios, sendo eles: "O Mosaico da Família Contemporânea e as Relações de Gênero"; "O Corpo em sua Temporalidade: O Processo do Envelhecer, do Adoecer e do Deserotizar-se"; e "Expressão da Diversidade Afetivo-Sexual: sujeito/corpo/desejo/corporalidade na pós-modernidade". São os três eixos de investigação que norteiam os trabalhos de pós-graduação em nível de Mestrado e Doutorado dos orientandos da Prof. Dra. Maria Alves, sendo que a mim interessou, particularmente, o terceiro eixo, que trata da diversidade afetivo-sexual no contexto pós-moderno.

Tendo em vista meu interesse na Linha de Pesquisa da Prof. Dra. Maria Alves, em 2010 – meu último ano de graduação –, tive contato mais frequente com a referida docente, que me convidou para participar como aluna ouvinte da sua disciplina "Sexualidade e História da Repressão Humana", do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP, a qual se constituiu em uma disciplina condensada, com duração de dois dias. E foi nesse momento, como ouvinte da disciplina, que me aproximei mais da Prof. Dra. Maria Alves e fui ampliando o meu interesse em compreender o fenômeno da prostituição masculina. Juntas, levantamos diversos questionamentos acerca desse fenômeno: *Como se configura o fenômeno*

da prostituição para os homens? Quem são esses homens que se prostituem? A prostituição masculina é a atividade econômica principal na vida desses homens? A que público eles atendem? Quem são os seus clientes, mulheres ou homens? Qual a razão de terem optado por essa prática profissional? Quais são e como visualizam seus projetos de vida?

Diante desses questionamentos, decidimos elaborar um Projeto para concorrer a uma vaga no Processo de Seleção em nível de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP. Assim, é que agora deixo de utilizar a primeira pessoa do singular e passo para a primeira do plural, pois a partir deste momento já passamos a caminhar juntas, a Prof. Dra. Maria Alves e eu. A partir dessa decisão conjunta de estudar o fenômeno da prostituição masculina, a Prof. Dra. Maria Alves me apresentou à sua metodologia de pesquisa – a fenomenologia –, de forma que durante o final do ano de 2010 e parte de 2011 (eu já aluna graduada), fomos realizando supervisões para a elaboração do Projeto de Pesquisa. No decorrer desse tempo, fui me apropriando de conceitos da área de sexualidade e gênero assim como da fenomenologia.

Como resultado de nosso esforço parceiro, no segundo semestre de 2011 o Projeto de Pesquisa estava pronto para ser inscrito no Processo Seletivo para o Mestrado em Psicologia da FFCLRP, intitulado: "Prostituição Masculina: narrativas de garotos de programa/michês". Esse Projeto teve como objetivo compreender como homens (maiores de dezoito anos) significam o fenômeno da prostituição masculina em suas vidas quanto à sexualidade e as questões de gênero e da pós-modernidade.

No final do segundo semestre de 2011, fui aprovada no processo seletivo nível mestrado, iniciando minha trajetória de pós-graduação em 2012. Conclui todos os créditos requeridos no primeiro semestre e no segundo semestre dediquei-me aos estudos bibliográficos, sendo conduzida pela Prof. Dra. Maria Alves através do universo teórico da sexualidade e da fenomenologia. Escrevemos um artigo intitulado "Prostituição Masculina e as Relações de Gênero na Interface com a Educação: Algumas Reflexões pelo Viés Fenomenológico", o qual foi apresentado como Comunicação Oral no "II Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual: Pesquisas, Intervenções e Direitos".

Durante o ano de 2013, iniciamos a sistematização de nossos estudos na forma de texto e o submetemos ao Exame de Qualificação. Dentre as várias contribuições da banca, foi sugerida a mudança de título, e o trabalho passou a ser intitulado: *A fenomenologia da*

prostituição masculina. No decorrer de 2014, esse estudo foi sendo aprimorado e finalizado, incorporando outras sugestões da banca, que auxiliou na compreensão desse trabalho tal como aqui se apresenta, subdividido em seis capítulos.

O Capítulo 1, **"O estilo de Vida na Pós-modernidade"**, problematiza o contexto de vida atual, suas características e desafios. Em contraposição à modernidade, a pós-modernidade é o cenário da rapidez, fluidez, instantaneidade e dinamismo. É importante que seja o primeiro capítulo, pois contextualiza a sociedade contemporânea, como o pano de fundo não só das relações estabelecidas socialmente como também do fenômeno que nos propomos a compreender.

O Capítulo 2, **"Sexualidade, Gênero e Masculinidades"**, tem por objetivo situar as discussões sobre sexo, gênero e masculinidades no contexto pós-moderno. Para tanto, se faz necessário compreender o que se entendia e vivenciava com referência à vivência da sexualidade desde os tempos mais antigos e como essas práticas foram se transformando no decorrer dos anos até à configuração em que se encontra nos dias de hoje, em que não cabe mais se pensar apenas em sexo, mas também em gênero e em suas vivências na pluralidade – masculinidades e feminilidades.

O Capítulo 3, **"Prostituição"**, traz um panorama geral acerca do fenômeno da prostituição e, para isso, aborda alguns conceitos que pesquisadores desse fenômeno atribuíram a essa prática assim como as maneiras como é entendida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) para, então, fazer uma breve explanação acerca da prostituição masculina em si. Esse trajeto até chegar à prostituição masculina em si é importante tendo em vista que por mais que se trate de uma prática diferenciada e com características próprias no que se refere à prostituição, também compartilha características, problemas e riscos que são comuns a qualquer configuração dessa prática.

O Capítulo 4, **"Pesquisa Qualitativa Fenomenológica"**, trata de situar o leitor na perspectiva teórico-metodológica que embasa o nosso trabalho. Assim, se faz necessário primeiro entender no que consiste a pesquisa qualitativa para, então, situar a metodologia fenomenológica de pesquisa. A partir desses referenciais é que se faz possível compreender a quantidade de colaboradores que escolhemos para nossa pesquisa bem como o porquê do instrumento de pesquisa escolhido.

O Capítulo 5, **“Análise Compreensiva do Fenômeno Michê”**, constitui-se na exposição dos perfis e das histórias de vida dos dez colaboradores entrevistados e a articulação teórica com os referenciais utilizados nesse texto assim como com pesquisas recentes realizadas com homens profissionais do sexo.

For fim, o Capítulo 6, **“Os sentidos do mundo-vida do michê”**, discute as convergências e divergências percebidas na analise dos relatos dos dez colaboradores, culminando na apresentação dos **“Horizontes”** como as reflexões finais frutos dessa investigação.

CAPÍTULO 1 – O ESTILO DE VIDA NA PÓS-MODERNIDADE

Este capítulo aborda o contexto de vida atual tendo em vista que é impossível estudar o ser humano e sua identidade de forma isolada, desconsiderando o meio em que convive e as características da sociedade em que está inserido. De acordo com Hall (2006), um importante estudioso da teoria cultural, a identidade do indivíduo está diretamente ligada ao contexto em que vive. O autor pontua a existência de uma crise de identidade a qual só pode ser entendida considerando-se que sociedades e indivíduos estão envolvidos.

Hall (2006) distingue três concepções de identidade, correspondentes a três períodos históricos diferentes. A primeira concepção trata do sujeito do Iluminismo, baseada no entendimento de um indivíduo unificado, centrado e constante. A segunda,–trata do sujeito sociológico e já considera a identidade como formativa; ou seja, a formação a partir de um núcleo interior, mas que só ocorre, de fato, na relação com o outro. Por fim, a terceira e mais atual trata do sujeito pós-moderno, com a formação da identidade tida como histórica e admitindo que o sujeito assume identidades diferentes para cada momento; assim, não se tratando de uma concepção de um eu coerente (Hall, 2006).

Considerando o que foi exposto e no intuito de melhor compreender essa identidade pós-moderna e, consequentemente, o sujeito pós-moderno, é imprescindível problematizar o contexto de vida atual. Diversos autores refletem acerca desse contexto e das condições de existência nesse meio; dentre estes Bauman, um sociólogo que se dedica a compreender o momento atual da experiência e vivência humanas, denominado de inúmeras formas dependendo do viés que lhe é dado, como bem aponta o autor:

> (...) Época que Anthony Giddens chama de “modernidade reflexiva”, Georges Balandier de “supermodernidade”, e que eu tenho preferido (junto com muitos outros) chamar de “pós-moderna”: o tempo em que vivemos agora, na nossa parte do mundo (ou, antes, viver nessa época delimita o que vemos como a “nossa parte do mundo”) (1998, p. 30).

Charles (2004), que também reflete acerca da contemporaneidade, refere-se ao pensamento do filósofo francês Lipovetsky sobre o contexto atual, por este denominado hipermodernidade:

> Hipermodernidade: uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento, pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos grandes princípios estruturantes da modernidade, que precisaram adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer (p. 26).

Conforme exposto acima, há vários vieses para tratar do contexto de vida contemporâneo, sendo que um não exclui a verdade e o conhecimento do outro. De acordo

com Souza-Leite e Bruns (2010), apesar de as terminologias que tratam do momento atual serem diferentes, há convergências acerca das características dessa época: "*globalização, descentração, fragmentação, desconstrução, descontinuidade e visão sistêmica* são alguns termos comuns a todos esses autores" (p. 18). Assim, de acordo com as pesquisadoras, desde a década de 1980, esses questionamentos que tratam da modernidade *x* pós-modernidade vêm se impondo e remetendo a questões tanto de ordem teórica quanto econômica, política e social.

Há, naturalmente, diferenças entre a modernidade, entendida como uma época anterior à vivenciada atualmente, e a pós-modernidade, considerada como o momento atual. O sociólogo britânico Giddens (2002) reflete acerca da modernidade e da pós-modernidade e emprega o termo modernidade num sentido amplo referindo-se ao mundo industrializado e já inserido no sistema capitalista; ou seja, trata de instituições e formas de comportamento que começaram a ser estabelecidas após o feudalismo e se firmaram no século XX. O autor apresenta descontinuidades entre culturas pré-modernas e modernas, dentre elas o dinamismo, a extrema rapidez que caracteriza os acontecimentos sociais. Para Giddens (2002),

> a modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais (p. 38).

A elucidação das diferenças entre os contextos moderno e pós-moderno é fundamental para entender o cenário em que o mundo contemporâneo está inserido e, consequentemente, compreender os seres humanos, suas subjetividades, modos de funcionamento, maneiras de ser/estar, expressões da sexualidade, sintomas, e tantas outras vertentes do posicionamento humano no mundo. Para tanto, optamos por utilizar o termo pós-modernidade para referir-nos ao momento vivenciado nos dias atuais.

Bauman (2001) aponta duas mudanças fundamentais decorrentes da pós-modernidade e que a tornam uma fase nova e diferente. Em primeiro lugar, cita o colapso gradual da crença humana de que existe um fim para o caminho que está sendo trilhado; em segundo, aponta a privatização dos deveres modernizantes, de forma que a autoafirmação do indivíduo prevalece sobre o que já foi coletivo. O autor aponta que enquanto na modernidade o problema era a ausência de liberdade e o excesso de segurança na pós-modernidade esse quadro se inverteu, de forma que há a ausência de segurança e o excesso de liberdade, sendo a

liberdade de escolha considerada um elemento estratificador da sociedade; ou seja, quanto mais liberdade possui o indivíduo, mais alta sua posição hierárquica na sociedade.

A ausência de segurança que hoje pode constituir-se como um elemento gerador de angústia é, na verdade, o que foi conquistado pela pós-modernidade, tendo em vista que esta se caracteriza, de acordo com Bauman (1998), como uma época ou estilo de vida que é essencialmente instável, inconstante. Enquanto na modernidade o ideal de mundo era aquele que permanecesse sempre idêntico, na pós-modernidade é o contrário, o que atrai é justamente a infixidez, a possibilidade de ter as opções sempre em aberto, explicita o autor.

Com base nessas características é que Bauman (2001) diferencia a modernidade da pós-modernidade caracterizando a primeira como sólida e a segunda como líquida. Ao referir-se a essas características da matéria, metaforiza as características da vida contemporânea, apontando por um lado a solidez como algo bem definido e contornado e por outro a fluidez dos líquidos, que não permite a existência de uma forma fixa e predeterminada. Dessa forma, o que se tem observado no contexto atual é o derretimento dos sólidos.

Bauman (2001) também se utiliza de outras metáforas para a compreensão dos tempos de hoje, caracteriza a época que está acabando como a era do *hardware*, uma modernidade pesada sustentada por equipamentos pesados e fronteiras rígidas; em contraponto, há a era do *software*, da pós-modernidade leve, na qual tudo pode ser atingido a qualquer momento. Em se tratando dos relacionamentos e interações humanas, a época do *hardware* era sustentada pela máxima do engajamento mútuo, enquanto que a era do *software*, ao contrário, é sustentada pelo desengajamento, como pontua o autor: “Encontros breves substituem engajamentos duradouros. Não se faz uma plantação de limoeiros para espremer um limão” (2001, p. 141). Em uma publicação posterior, Bauman vai aprofundar ainda essa questão:

> O “relacionamento puro” tende a ser, nos dia de hoje, a forma predominante de convívio humano, na qual se entra “pelo que cada um pode ganhar” e se “continua apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma satisfações suficientes para permanecerem na relação”. (...) O compromisso com outras pessoa ou com outras pessoas, em particular o compromisso incondicional e certamente aquele do tipo “até que a morte nos separe”, na alegria e na tristeza, na riqueza ou na pobreza, parece cada vez mais uma armadilha que se deve evitar a todo custo (2004, p. 111).

Para o autor, os vínculos entre as pessoas necessitam ser apenas frouxamente atados, de forma que possam ser facilmente desatados quando o contexto mudar – o que indica irá

acontecer diversas vezes no cenário da pós-modernidade líquida. Giddens (1993) também discute a questão dos vínculos estabelecidos entre as pessoas no contexto atual e trata especificamente do amor, diferenciando o amor romântico e idealizado do “amor confluente”, termo que cunhado para indicar um amor ativo e livre dos desejos de “durar para sempre” ou “até que a morte os separe”.

Se antes se buscava uma pessoa especial, hoje se busca um relacionamento especial – independentemente de com quantas pessoas sejam necessárias relacionar-se para que isso aconteça. Giddens (2002) denomina essas modificações na vivência dos relacionamentos de “transformação da intimidade”, o que consiste nas relações que existem não mais por critérios externos, mas única e exclusivamente pela retribuição que elas podem oferecer.

Giddens (1993) descreve o “amor confluente”, como uma configuração de relacionamentos na qual a troca entre parceiros se dá de forma equivalente e não mais diferenciada e até mesmo unilateral (por parte das mulheres) como no amor romântico. O amor confluente aproxima-se do que Giddens (1993) denomina de “relacionamento puro”, o qual assume a importância da sexualidade para o amor e a necessidade da satisfação sexual recíproca, pois dela depende a manutenção ou dissolução do relacionamento puro. Essa nova forma de relacionar-se abrange não só a heterossexualidade, como era o caso do amor romântico, mas também a homossexualidade e a plasticidade do amor e do sexo.

Ao tratar especificamente das relações sexuais pós-modernas, Bauman (2004) corrobora o raciocínio de Giddens (1993) e cita a existência do *homo sexualis*, que segue a dinâmica da incompletude, da irrealização, da manutenção da potência sexual a todo custo, seja por meio de ginásticas ou remédios milagrosos. Ainda em consonância com Giddens (1993), Russo (2013) aponta, duas décadas depois, que atualmente está se vivendo na lógica da medicalização da sexualidade, a qual tem como foco principal a sexualidade masculina, suas disfunções e tratamentos farmacológicos.

Russo (2013) pontua que nos anos 1990 e 2000 a concepção de função/disfunção sexual muda de um posicionamento orgânico e relacional (que não é só da ordem do biológico, mas das parcerias sexuais estabelecidas) para uma função/disfunção sexual associada exclusivamente ao funcionamento do aparelho genital, ou seja, a dimensão relacional é esquecida. O foco passa a ser no sujeito isolado e a impotência passa a ser uma

questão médica, a partir de 1996 com tratamento farmacológico: com o medicamento patenteado como Viagra.

A desvalorização da questão relacional não é percebida somente no âmbito da sexualidade, mas também nos relacionamento afetivos. Conforme descrito por Giddens (1993), vive-se em um cenário de individuação, o que empresta aos relacionamentos um significado ambíguo, pois ao mesmo tempo em que homens e mulheres desejam se relacionar, não querem que seja de forma permanente por temerem perder a liberdade recentemente conquistada. Dessa forma, entendemos que os seres humanos buscam o impossível:

> A solução do problema da quadratura do círculo: comer o bolo e ao mesmo tempo conservá-lo; desfrutar das doces delícias de um relacionamento evitando, simultaneamente, seus momentos mais amargos e penosos; forçar uma relação a permitir sem desautorizar, possibilitar sem invalidar, satisfazer sem oprimir... (Bauman, 2004, p. 9).

É possível inferir que independentemente da metáfora escolhida: era do *hardware versus* era do *software*, ou ainda modernidade sólida *versus* pós-modernidade líquida, Bauman (2004) está sustentando os mesmo princípios, apontando que enquanto antes se valorizava a duração eterna, hoje se valoriza a instantaneidade, o momento: "O 'curto prazo' substituiu o 'longo prazo' e fez da instantaneidade seu ideal último" (Bauman, 2004, p. 145).

Ao contrário do longo prazo, o curto prazo não permite a criação de planos e certezas; assim, se antes a incerteza era entendida como um inconveniente temporário, hoje ela é uma condição irredutível, de maneira que há poucas coisas no mundo contemporâneo que poderiam ser consideradas sólidas e realmente dignas de confiança. Nem mesmo a identidade, como aponta Bauman (1998, p. 37): "Viver sob condições de esmagadora e auto-eternizante incerteza é uma experiência inteiramente distinta da de uma vida subordinada à tarefa de construir a identidade, e vivida num mundo voltado para a constituição da ordem".

Acerca da questão identitária do ser humano em um estilo pós-moderno, de acordo com Bauman (1998), o objetivo é impedir que ela seja muito ligada ao corpo, de forma que fique sempre à frente, nunca completamente alcançada, pois sua infixidez facilita seu abandono e troca por outro modelo identitário. Em se tratando da questão da identidade no ambiente virtual, Bauman (2008) aponta que a Internet oferece oportunidades de nascimentos múltiplos, de tornar nossas identidades reconhecidas sem termos que praticá-las, o que é interditado na "vida real". Para o autor, as identidades assumidas na Internet seriam física ou socialmente inaceitáveis *offline*.

Corroborando Bauman (2008), Azevedo (2014) aponta que a cibercultura aprofundou ainda mais a crise e a fragmentação das identidades, tendo em vista que corrobora a fluidez dessas identidades propiciada pelo ambiente virtual, onde podem ser criados diferentes avatares, perfis, de acordo com a conveniência de um momento específico. Para esse autor, os sujeitos pós-modernos se constroem nos ambientes virtuais, o que fragiliza ainda mais suas identidades, que podem ser diversas e, por isso, caracterizadas como virtuais, descoladas dos sentidos de tempo e espaço concretos. E ressalta ainda que não há apego do sujeito pós-moderno por sua identidade, afinal ele pode modificá-la instantaneamente.

Para Azevedo (2014), a cibercultura propiciou um canal em que as identidades se reinventam e se modulam constantemente, ampliando as redes que interligam os diversos sujeitos. Pontua que o ciberespaço evoluiu também para os celulares e tablets, alargando ainda mais a rede de relações anteriormente citada, exemplificada pelos sites de relacionamento, redes sociais e aplicativos, os quais encurtam as distâncias, fragmentando tempo e espaço – em apenas um clique o sujeito pode estar em qualquer lugar.

Bauman (2008) também reflete acerca das múltiplas identidades que o ambiente virtual possibilita e analisa quais motivos levam os sujeitos pós-modernos a estarem cada vez mais inseridos nesse universo da Internet:

> Quando as redes de comunicação eletrônica penetram no habitat do indivíduo consumidor, estão equipadas desde o início com um dispositivo de segurança: a possibilidade de desconexão instantânea, livre de problemas e (presume-se) indolor de cortar a comunicação de uma forma que deixaria partes da rede desatendidas e as privaria de relevância, assim como de seu poder de ser uma perturbação. É esse dispositivo de segurança, e não a facilidade de estabelecer contato, muito menos de estar junto de maneira permanente, o que torna esse substituto eletrônico da socialização face a face tão estimado por homens e mulheres treinados para operar numa sociedade mediada pelo mercado. Num mundo assim, é o ato de se livrar do indesejado, muito mais do que o de agarrar o que se deseja, que é o significado da liberdade individual (p. 137-138).

Pode-se, assim, correlacionar a liberdade individual com o desengajamento entre as pessoas. Bauman (2008) pontua que cada vez mais as pessoas preferem fazer compras *on line*, pois há um conforto maior em poder substituir um vendedor por um monitor de computador, um conforto em não ter que se relacionar.

É importante ressaltar, contudo, que se por um lado a pós-modernidade é definida pelo desengajamento e individualismo, por outro lado, também é caracterizada como sendo a era do aconselhamento: as pessoas não conseguem escolher sozinhas, de tanto que temem perder alguma oportunidade. Assim, buscam especialistas que as auxiliem a decidir o que querem e

precisam (Bauman, 1998). No entanto, elas, de fato, estão sozinhas, pois esses especialistas, frutos da pós-modernidade e de sua intrínseca ambiguidade, não têm condições de aconselhar.

Para Giddens (2002), o contexto da alta modernidade representa uma relação concomitante de oportunidades e riscos, sendo que ambos são e devem ser controlados pelos indivíduos, de forma que há pouco espaço para o que se atribuía à sina ou ao destino, pois tudo está sob o controle humano, tudo é passível da intervenção do homem. Dessa forma, como afirmam Bauman (2001) e Giddens (2002), o indivíduo será sempre responsabilizado: se algo der errado; por ter escolhido seguir o exemplo de um determinado especialista e não de outro; e assim por diante, em todos os aspectos da existência humana.

> Se ficam doentes, supõe-se que foi porque não foram suficientemente decididos e industriosos para seguir seus tratamentos; se ficam desempregados, foi porque não aprenderam a passar por uma entrevista, ou porque não se esforçaram o suficiente para encontrar trabalho ou porque são, pura e simplesmente avessos ao trabalho; se não estão seguros sobre as perspectivas de carreira e se agoniam sobre o futuro, é porque não são suficientemente bons em fazer amigos e influenciar pessoas e deixarem de aprender e dominar, como deveria, as artes da auto-expressão e da impressão que causam. Isto é, em todo caso, o que lhes é dito hoje, e aquilo em que passaram a acreditar, de modo que agora se comportam como se essa fosse a verdade (Bauman, 2001, p. 43).

> A garantia, com frequência repetida, de que "este é um país livre" significa: é sua responsabilidade o tipo de vida que deseja levar, como resolve vive-a e os tipos de escolhas que você faz para que seu projeto se concretize; culpe a si mesmo, e a ninguém mais, se tudo isso não resultar na felicidade que você esperava. Ela sugere que a alegria da emancipação está intimamente ligada ao horror da derrota (Bauman, 2008, p. 113).

Castiel (2011), corroborando Bauman, ilustra da seguinte forma o individualismo que vivemos intensamente, de maneira que cada vez mais decisões de importância crucial são colocadas sob a responsabilidade individual:

> Aqueles que não aderem à ascese que conduz ao ideal de vida prolongada e saudável podem ser responsabilizados e, portanto, estarem à mercê de sentimentos de culpa por serem causadores de seus males ao se exporem sem os devidos cuidados, aos riscos à saúde – em suma: crime e castigo (Castiel, 2011, p. 54).

Rohden (2011) também corrobora essa discussão acerca da responsabilização do indivíduo e a amplia ao campo da sexualidade e, mais especificamente, da medicina sexual, pontuando que essa área não considera a coletividade ou ainda as discussões de âmbito político. Assim, para a autora, a medicina sexual segue a lógica individualista, de forma que foca exclusivamente no tratamento de pacientes individuais e, mais do que isso, pacientes que são, na maior parte dos casos, apresentados como heterossexuais, de forma que: "O modelo de comportamento que está em cena é recortado em torno de uma ideia de 'normalidade' das

práticas sexuais envolvendo o par homem/mulher e centralizado no padrão masculino ‘penetrativo’” (p. 73).

Percebe-se, pois, que a liberdade pode levar à impotência e que é elevado o grau de individualidade a que homens e mulheres pós-modernos estão expostos. São, na verdade, indivíduos cada vez mais solitários em um mundo cada vez mais populoso. Para Bauman (2001), existe apenas uma vantagem na companhia das outras pessoas: o fato de que os sofredores percebam que há mais sofredores enfrentando seus problemas solitariamente e que isso é a forma natural, é como deve ser feito. Dessa forma, a companhia alheia funciona como um consolo para a sobrevivência em um mundo solitário.

Dessa forma, explicita Bauman (1998) que se busca o auxílio de estranhos para conduzir a própria vida – e a pós-modernidade é justamente a época dos estranhos e não mais dos conhecidos, pois são aqueles os que perpassam a incerteza fundamental a esse estilo de vida. Aprofundando sua reflexão, Bauman (2001) aponta ainda que está se vivendo a época do fim do engajamento mútuo, a época dos estranhos, dos encontros sem passado e sem futuro. Consequentemente, hoje em dia não se trata mais de se livrar dos estranhos, mas de conviver com eles, de vivenciar diariamente a alteridade, mas vivenciá-la sozinho, pois os habitantes deste mundo se comportam como turistas, considerados pelo autor como uma das metáforas da vida pós-moderna, por sua impermanência, seu nomadismo em contraponto com a territorialidade da vida moderna de outrora (Bauman, 1998).

Considerando que a pós-modernidade se constitui pela procura permanente do que é impermanente, Bauman (1998) aponta essa busca como característica do sistema de mercado capitalista que procura justamente consumidores insatisfeitos, oferecendo-lhes novas experiências a cada momento, novas possibilidades de gozar de uma maneira diferente atrás da outra. Assim, de acordo com o autor, a sabedoria dos dias de hoje não está mais no número da conta poupança, mas no número dos cartões de crédito: a única relação de dependência mútua que ainda se mantém é a estabelecida entre o capital e seus consumidores (Bauman, 2001). A sociedade pós-moderna é consumista, aprecia o uso e descarte imediato das mercadorias, o que é propício à leveza e velocidade típicas desse momento atual. Hoje em dia, há homens e mulheres repletos de mercadorias, mas vazios de vínculos sociais (Bauman, 2004).

Bauman (2008) discute o consumismo e compreende que seu surgimento se deu quando o consumo assumiu o papel-chave na sociedade, tendo maior importância que o trabalho, seu predecessor. O consumismo traz consigo a era da obsolescência embutida e do aumento da remoção do lixo, pois "novas necessidades exigem novas mercadorias, que por sua vez exigem novas necessidades e desejos" (p. 45). E pontua ainda: "A maioria dos bens valiosos perde seu brilho e sua atração com rapidez, e se houver atraso eles podem se tornar adequados apenas para o depósito de lixo, antes mesmo de terem sido disfrutados" (p. 45). Segundo o autor, a sociedade atual é constituída por consumidores, de forma que ninguém é sujeito antes de ser mercadoria:

> Ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A "subjetividade" do "sujeito", e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a *transformação dos consumidores em mercadorias*" (Bauman, 2008, p. 20).

Todas essas características da vida pós-moderna são por si só geradoras de angústias e ansiedades, pois, como aponta Bauman (1998), a mais dolorosa das ansiedades "se relaciona com a instabilidade da identidade da própria pessoa e a ausência de pontos de referência duradouros, fidedignos e sólidos que contribuiriam para tornar a identidade mais estável e segura" (p. 155). Giddens (2002), corroborando Bauman (1998), aponta que uma das características da modernidade tardia é a falta de sentido pessoal, mais especificamente "a sensação de que a vida não tem nada a oferecer" (p. 16). Essa percepção é corroborada também por Lipovetsky (2004), o qual aponta que hoje em dia a preocupação é com a fragilização das personalidades, tendo em vista que:

> A pós-modernidade representa o momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual se esboroam e desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio. As grandes estruturas socializantes perdem a autoridade, as grandes ideologias já não estão mais em expansão, os projetos históricos não mobilizam mais, o âmbito social não é mais que o prolongamento do privado – instala-se a era do vazio, mas "sem tragédia e sem apocalipse" (Lipovetsky, 2004, p. 23).

Para Bauman (1998), o que os indivíduos realmente desejam é uma liberdade livre de riscos, no entanto isso é impossível, pois se trata de uma relação proporcional. Nas palavras do autor: "a liberdade indica que nada foi estabelecido para sempre e que a roda da fortuna ainda pode virar ao contrário" (p. 246). Assim, não há segurança para ninguém, nem para vencedores e nem para os perdedores, pois tudo pode mudar a qualquer momento.

CAPÍTULO 2 – SEXUALIDADE, GÊNERO E MASCULINIDADES

Considerando que o foco deste estudo é a prostituição masculina, pensamos ser imprescindível que antes de abordar especificamente esse fenômeno sejam contempladas outras discussões mais particularmente referentes à sexualidade, gênero, masculinidades e homossexualidades, entre outras, as quais compõem parte do universo da situacionalidade da prostituição.

Não se pode fazer uma análise acerca da sexualidade sem discutir a questão do gênero, pois apesar de se consistirem em conceitos distintos, estão interligados e se transbordam. Dessa maneira, tecemos este texto separando as reflexões acerca de sexualidade e de gênero por uma questão meramente didática, com o intuito de melhor explicitar essas importantes facetas da identidade do ser humano.

2.1 Sexualidade

Tendo em vista que já situamos o momento atual como aquele da pós-modernidade, do individualismo, da rapidez e da instantaneidade, é importante que situemos o lugar ocupado pela sexualidade nesse contexto de vida contemporâneo. Para tanto, é necessário partir do entendimento inicial de *sexo* e das suas configurações assumidas assim como das modificações que sofreu com o desenvolvimento das sociedades. Construímos uma rede de saberes tecida por diferentes autores que, apesar de nem sempre compartilharem a mesma visão política ou filosófica, têm algo em comum: discutiram/problematizaram a sexualidade. E é nessa medida que nos apropriamos de seus saberes para construirmos um discurso sobre essa *práxis.*

Em se tratando do discurso acerca da sexualidade é importante levar em consideração a obra “História da Sexualidade” de Michel Foucault (filósofo contemporâneo falecido na década de 80), com primeira edição publicada nos anos setenta. São três volumes nos quais o autor faz uma revisão sistemática de como a sexualidade era vivenciada desde os tempos mais remotos e como foi sendo transformada com o decorrer dos anos até os tempos modernos. É importante para que se possa compreender de que sexualidade estamos falando, que sexualidade vivenciamos na pós-modernidade em que nos encontramos, como ela surgiu e por quais transformações passou até se estabelecer tal como é apresentada atualmente.

De acordo com Guimarães (2012), ao retratar a história da sexualidade, Foucault se utiliza tanto da arqueologia, a qual consiste em uma investigação histórica acerca da produção dos discursos e a consequente regulação de condutas no âmbito da sexualidade, quanto da genealogia, a qual busca analisar não apenas os discursos, mas também as práticas, as instituições e as relações de poder.-Ainda para Guimarães (2012), tanto a arqueologia quanto a genealogia tratam de resgatar a história, mas não em sua linearidade e progressão temporal e sim em sua multiplicidade e descontinuidade.

Foucault (2011b) pontua que a discussão/regulação da sexualidade já se fazia presente nas sociedades mais antigas, que estabeleciam contornos específicos do que era ou não aceito em termos de relações sexuais, afetivas e matrimoniais. Apesar da problematização da sexualidade já ser presente entre os gregos da antiguidade, eles conferiam menos atenção a esse assunto do que os indivíduos modernos e pós-modernos, pois aceitavam mais facilmente os comportamentos sexuais do que o fazem seus contemporâneos. Dessa forma, para Foucault (2011b), os gregos já lidavam com uma moral sexual, mas uma moral já feita *pelos* e *para* os homens, pois não havia especificações de uma sexualidade feminina, apenas da masculina.

Foucault (2011b) afirma ainda que essa sexualidade masculina vivenciada na Grécia aceitava os relacionamentos dos homens com rapazes, pois estavam na lógica do domínio de si, ou seja, ocorria dentro de certos limites e com vistas ao crescimento intelectual do rapaz, de forma que quando esse objetivo fosse atingido o relacionamento deveria acabar, tornando-se apenas uma amizade. O autor afirma que, dessa forma, o relacionamento entre homens e rapazes era bem-aceito; no entanto, o mesmo já não ocorria se o relacionamento se desse entre dois homens maduros, pois demonstrava a falta de controle de si e exigia a passividade de uma das partes, passividade essa que só era aceita entre os rapazes mais novos, unicamente pelo fato de ainda não terem atingido um *status* viril.

Foucault (2011b) descreve que já na Grécia Antiga a virilidade e a atividade eram as características que marcavam a masculinidade, de forma que um homem poderia tranquilamente preferir os amores masculinos desde que na relação estabelecida exercesse a atividade sexual e o domínio de si. Consequentemente, um homem que não se portasse como suficientemente dono dos seus prazeres era considerado passivo e feminino, independentemente de se relacionar sexualmente apenas com mulheres. O autor aponta a diferença na demarcação de virilidade e feminilidade, que nada tinha a ver com a classificação

atual de heterossexualidade e homossexualidade, mas com uma ética sexual estabelecida pelas relações desiguais de poder.

A moral sexual já se fazia presente nos primórdios da civilização. Contudo, após esse período houve um largo espaço de tempo em que a problematização da sexualidade esteve relegada à obscuridade, à repressão sexual. Como aponta Foucault (2011a), o sexo foi considerado algo proibido e o simples fato de falar sobre o assunto já representava uma transgressão. O autor relata que no século XIX ao tratarem de assuntos relacionados à sexualidade os profissionais que os abordavam se desculpavam por chamar a atenção das pessoas para um assunto tão baixo e fútil. Apesar de nos tempos modernos o sexo não ter sido mais tão reprimido (quanto já havia sido em outras épocas), de acordo com o autor, ainda existia certo ar de solenidade ao se tratar dessa temática, de forma que a discussão acerca da sexualidade ainda abrangia um ar subversivo e de desafio à ordem já estabelecida, o que evidenciava claramente a existência da repressão sexual.

A repressão sexual foi um comportamento bastante presente na sociedade, mas segundo aponta Foucault (2011b) isso foi diminuindo no século XVIII, quando todos tinham que expressar discursivamente sua sexualidade, principalmente no contexto da confissão-penitência, o que se mantém hoje na forma de uma necessidade de "colocação do sexo em discurso", de expressão de tudo que possa ter relação aos usos e abusos dos prazeres corporais/sexuais, de forma a influenciar no próprio desejo. Com isso, há uma inversão de paradigmas, pois, se antes o sexo era condenado e relegado à obscuridade, atualmente ele está sendo cada vez mais aclarado e transformado em um tema de discussão compulsório, o que implica na exposição da própria intimidade como uma demanda contemporânea. Apesar de já se falar sobre *sexualidade* no século XVIII, Foucault (2011b) explicita que foi apenas no século XIX que esse termo foi cunhado, tendo sua criação justificada pela abertura de novos campos de conhecimento, os quais propiciaram a dispersão de novas experiências corporais e sexuais.

Se no século XIX houve uma dispersão das sexualidades e de perversões sexuais, hoje em dia há uma flexibilização das práticas sexuais, o que expressa outra importante mudança paradigmática. Dessa maneira, Foucault (2011a) aponta, que com a progressiva valorização do discurso sobre o sexo, este se tornou um objeto de disputa pública, pois foi investido de discursos e saberes que mediam a relação do indivíduo com o Estado. No entanto, explica o autor, a discussão sobre sexo não é apenas individual, do âmbito do prazer, mas política, do

âmbito do poder, de forma que prazer e poder se entrelaçam e "encadeiam-se através de mecanismos complexos e positivos, de excitação e de incitação" (p. 56).

No âmbito da sexualidade, saber e poder encontram-se por meio do discurso e a sexualidade torna-se um ponto crucial que perpassa as relações de poder e age como um instrumento de manobras, podendo ser articulada da forma que convier às estratégias de poder, podendo servir como:

> Tema de operações políticas, de intervenções econômicas (por meio de incitações ou freios à procriação), de campanhas ideológicas de moralização ou de responsabilização: é empregada como índice da força de uma sociedade, revelando tanto sua energia política como seu vigor biológico. De um pólo a outro dessa tecnologia do sexo, escalona-se toda uma série de táticas diversas que combinam, em proporções variadas, o objetivo da disciplina do corpo e o da regulação das populações (Foucault, 2011a, p. 159).

Como elucidado acima e de acordo com o pensamento foucaultiano, percebe-se que a sexualidade integra relações de poder capazes de influenciar ativamente na gestão da vida da sociedade contemporânea. Assim, Foucault (2011c) aponta que a regulação da atividade sexual vai além de questões privadas, mas se estabelece no que é de ordem pública, pois abrange recomendações e restrições que ditam as condutas adequadas ao corpo e suas disposições "naturais". Ao descrever a história da sexualidade, o autor posiciona o sexo e as relações de poder como partes integrantes e importantes do ordenamento do mundo subjetivo e objetivo dos indivíduos, tendo influência, inclusive, sobre questões de ordem política.

Sobre das descrições e discussões de Foucault acerca da sexualidade, Fávero (2010) pontua que o trabalho desse autor acerca da sexualidade levantou três questões fundamentais:

> 1. Como a sexualidade é construída, isto é, como ela é articulada com as estruturas econômicas, sociais e políticas; 2. Como e porque a sexualidade tomou o significado que tem na cultura ocidental e porque lhe atribuímos tanta importância; 3. Qual é a relação entre sexo e poder (p. 211).

Corroborando Fávero (2010), Guimarães (2012) reitera a importância do papel de Foucault, que evidenciou que os saberes julgados como verdades fixas e eternas nada mais são do que construções, frutos das relações de poder. Guimarães (2012) aponta ainda que a originalidade da obra de Foucault está no fato de ter evidenciado que a sexualidade não tinha lugar apenas na repressão ou no segredo, mas também no discurso científico sobre sexo, que se iniciou no século XIX e permanece até os dias de hoje.

A sexualidade deixou de ser apenas uma vivência e tornou-se campo de estudos, discussões e problematizações, alvo de diferentes saberes e ciências, dentre eles da

sexologia. De acordo com Russo (2013), a sexologia surgiu na virada do século XIX para o XX e teve a Alemanha como principal centro de produção de saberes, os quais estavam enfocados nas investigações acerca das "inversões" e perversões sexuais – com correntes a favor da naturalização destas e outras vertentes favoráveis à patologização. Os autores desses estudos sofreram impactos da Segunda Guerra Mundial tendo sido perseguidos, o que prejudicou a continuidade das questões suscitadas, conforme relata Russo (2013).

A autora (2013) caracteriza ainda uma "segunda sexologia" nos EUA entre os anos de 1922 e 1948, a qual abarcou as discussões acerca do sexo marital, da potência orgástica e da discussão sobre sexo normal *versus* sexo patológico – bem evidenciado nos estudos de Kinsey. Nos ensina que ainda nessa segunda sexologia, no final da década de 1960, surge o trabalho de Master e Johson da resposta sexual humana, no qual os autores estabelecem uma fisiologia sexual normal e a diferenciam de uma fisiologia inadequada. Após esse estudo, explica Russo (2013), surgiram inúmeras clínicas especializadas no tratamento das disfunções sexuais, sendo o casal (heterossexual) alvo do tratamento, pois a sexualidade era entendida tanto como orgânica quanto relacional, fruto da relação estabelecida pelo casal e seus aspectos psicológicos.

Pontua ainda que nos anos 1990 e 2000 a concepção de função/disfunção sexual muda expressivamente, de forma que o sujeito é responsabilizado por sua funcionalidade/disfuncionalidade sexual, ou seja, apenas o orgânico e o individual são considerados. Rohden (2011) também contribui para essa discussão e cita a existência de uma administração bioquímica da sexualidade, na qual o que realmente importa é a lógica do desempenho satisfatória, as taxas de exames de laboratório – principalmente os hormonais –, de forma que não sobra espaço para a dimensão social, relacional e psicológica da sexualidade. Acerca desse cenário contemporâneo que envolve a sexualidade, Rohden (2011) reflete:

> Parece que não se tem muito que discutir frente às explicações médicas que traduzem a sexualidade em termos científicos, bioquímicos e que fornecem padrões estatísticos do que seria o desempenho considerado adequado e representativo de certa ideia de saúde (p. 74).

A autora pontua que atualmente a sociedade está assumindo a prevalência dos aspectos individuais da sexualidade em detrimento das dimensões sociais, o que já foi abordado no Capítulo 1 como sendo uma característica da sociedade pós-moderna. No entanto, para além da medicina sexual acima descrita, há outros saberes que abrangem a sexualidade, como bem coloca Fávero (2010):

> Convivemos com diferentes linguagens sobre o sexo, embebidas nos tratados morais, nas leis, nas práticas educacionais, nas teorias psicológicas, nas definições médicas, nos rituais sociais, nas ficções pornográficas ou românticas, na música popular, assim como no senso comum (p. 208).

Considerando o exposto, a exemplo de Santos (2006), que a sexualidade diz respeito ao encontro dos corpos e das subjetividades, e para tanto nos utilizamos das contribuições de Merleau-Ponty, filósofo e fenomenólogo francês, falecido na década de sessenta. Apoiamo-nos mais especificamente nas contribuições de sua obra publicada na década de quarenta "Fenomenologia da Percepção" bem como nas contribuições de outros fenomenólogo contemporâneos.

Apesar de a obra "Fenomenologia da Percepção", de Merleau-Ponty, ter sido publicada antes da "História da Sexualidade", de Foucault, foi necessário que invertêssemos a ordem de apresentação das contribuições desses dois autores a respeito da sexualidade, tendo em vista que Foucault (2011a,b,c) faz uma retomada histórica importante que contextualiza para os leitores a sexualidade no decorrer dos tempos. Assim, optamos por apresentar primeiramente o panorama geral acerca da sexualidade para, então, apresentar a concepção teórica da qual nos apropriamos neste estudo para entender o corpo e consequentemente a sexualidade.

Furlan (2001) aponta que Merleau-Ponty conseguiu subverter as categorias clássicas da metafísica de separação entre sujeito e objeto a partir da relação entre corpo e mundo "em que a existência pessoal toca uma existência fisiológica que representa o princípio da inserção do ser no mundo" (p. 292). Sendo assim, para Furlan (2001), Merleau-Ponty aproxima a fisiologia do psiquismo por meio da noção de existência, pois acredita não haver separação entre sujeito e objeto e que consequentemente não podemos dizer que *temos* um corpo, mas que *somos* um corpo, que esse corpo constitui a existência como um todo e a sexualidade está intrinsecamente ligada isso.

Segundo Davi (2013), o autor critica a visão cartesiana e dualista que separa sujeito de objeto e que compreende o homem como um ser dividido em alma imaterial e corpo extenso. A desta crítica ao modelo cartesiano é que Merleau-Ponty sustenta a sua concepção de corpo como a fonte de apropriação do mundo – corpo e espírito se constituem em um só, expresso na corporalidade (Davi, 2013).

Para Merleau-Ponty (2011), o corpo não é apenas um fragmento do espaço, pois o espaço sequer existiria sem o corpo: "Portanto, não se deve dizer que nosso corpo esta *no*

espaço nem tampouco que ele está *no* tempo. Ele *habita* o espaço e o tempo" (p. 193). O autor vai além afirmando que o corpo é a via de compreensão e percepção de si e das coisas, de forma que não pode ser tratado como um objeto, pois consiste em um objeto que é sensível a todos os outros objetos, que não é passivo.

> Portanto, o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma ideia clara. Sua unidade é sempre implícita e confusa. Ele é sempre outra coisa que aquilo que ele é, sempre sexualidade ao mesmo tempo que liberdade, enraizado na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado. Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vive-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de meu ser total. Assim, a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade (Merleau-Ponty, 2011, p. 269).

O corpo secreta o tempo, ata o passado, presente e futuro, dando continuidade às experiências, interligando-as. Para esse autor (2011), a relação entre as coisas é sempre mediada pelo corpo, pois a cada momento o corpo exprime a existência e dessa forma a existência se realiza nele.

> O corpo se realiza no real e no virtual. Assim, quando nos entristecemos, recolhemo-nos, fechamo-nos para o mundo concreto, fechamos nossa pálpebras e lacrimejamos, o corpo se põe triste. Da mesma forma, quando refletimos sobre algo ou desejamos algo não presente na forma de objeto tangível pelo volume e grandeza, desviamos o olhar do nosso redor para nosso mundo desejado. Nesse momento, o corpo pode até sorrir, mas sorri para o mundo sonhado (Almeida Prado, Caldas e Queiroz, 2012, p. 783).

Almeida Prado, Caldas e Queiroz (2012) trazem também contribuições de Merleau-Ponty, pontuando que para este o homem não é o centro do mundo, mas constitui o mundo assim como o mundo o constitui, em um processo mútuo. Segundo os autores, esse pensamento de Merleau-Ponty está também presente na obra de Heidegger, o qual compreende o homem como *dasein* (ser-no-mundo), ou seja, homem e mundo são coconstitutivos, e não realidades separadas.

Ainda esses autores (2012) apontam para a importância da ontologia (estudo do ser) proposta por Heidegger, explicando que para este o ser é considerado em sua impermanência e mutabilidade – condições inerentes à existência. Demarcam que para Heidegger ser e existência estão conectados assim como existência e corpo – um não acontece sem o outro.

> O passado e o futuro presentificam-se no corpo. Quando determinado acontecimento do passado me atormenta e sofro por ele, meu corpo se agita, esquenta, a visão turva, a cabeça dói, no presente. Se me preocupo demais com um compromisso futuro, meu corpo não dorme, a preocupação é vivida corporalmente. O aspecto biológico do corpo não tem autonomia para dormir sozinho enquanto estou preocupado (Almeida Prado, Caldas e Queiroz, 2012, p. 781).

Defendemos assim que só a partir do que se entende por corpo é que podemos compreender a sexualidade, a qual é problematizada por Merleau-Ponty (2011). Este afirmou que a sexualidade é que faz com que o homem tenha uma história, pois nela esta projetada a maneira de ser dos indivíduos no mundo. Desse modo, para o autor, tratar de sexualidade não é lidar com automatismo, com algo que é da ordem exclusivamente somática, mas sim "com uma intencionalidade que segue o movimento geral da existência e que inflete com ela" (Merleau-Ponty, 2011, p. 217).

Segundo Almeida Prado, Caldas e Queiroz (2012), Merleau-Ponty reconhece que há uma profunda relação entre sexualidade e existência, não no sentido de que uma determina a outra, mas de que a existência sempre acontece de um modo sexual, afetivo, é uma forma de nos colocarmos no mundo e de nos abrirmos a ele. Os autores ainda situam que para o filósofo a existência está diluída na sexualidade, e é na sexualidade que engajamos nossa vida pessoal. Para Merleau-Ponty (2011), não se pode entender a sexualidade como uma função a parte e compreendida como sendo própria a um aparelho orgânico: "A sexualidade não é nem transcendida na vida humana, nem figurada em seu centro por representações inconscientes. Ela está constantemente ali, como uma atmosfera" (p. 232), ou seja, é coextensiva à vida.

No entanto, a vida sexual não pode ser entendida como um mero reflexo da existência, pois a vida sexual de um indivíduo pode ser satisfatória enquanto que sua vida social pode ser completamente insatisfatória e vice-versa. Acerca disso, Furlan (2001) aponta que Merleau-Ponty trata de inserir a sexualidade na existência; no entanto, reconhece sua autonomia frente às outras atividades, aquiescendo à possibilidade fragmentação do sentido da existência.

> A mesma razão que impede "reduzir" a existência ao corpo ou à sexualidade também impede "reduzir" a sexualidade à existência: isso ocorre porque a existência não é uma ordem de fatos (como os "fatos psíquicos") que se possa reduzir a outros ou à qual eles possam reduzir-se, mas o lugar equívoco de sua comunicação, o ponto em que seus limites se embaralham, ou ainda sua trama comum (Merleau-Ponty, 2011, p. 230).

Sendo assim, é possível apreender que Merleau-Ponty (2011) alia a discussão do corpo com a da sexualidade. Entende o corpo como o veículo do ser no mundo e não como um objeto desse mundo, mas como um meio de comunicação com ele; sendo a sexualidade, além de uma atividade genital, também um modo de ser no mundo. Percebe-se, então, que a

sexualidade só pode ser compreendida como um *continuum*, como uma manifestação da existência e, portanto, como uma experiência fundamental para o sujeito pós-moderno.

2.2 Gênero

Conforme já mencionado, no decorrer do tempo houve mudanças nas concepções de sexualidade, do que é permitido e proibido, das performances adequadas ao sexo masculino e ao feminino, da sexualidade compreendida como integrante identitária dos indivíduos pós-modernos, entre outras. Todas essas mudanças culminaram no surgimento de estudos que ultrapassam a sexualidade exclusivamente e abordam as questões de gênero.

Antes de inciarmos nossa reflexão sobre gênero, é importante situar o posicionamento teórico que escolhemos para abordar essa questão, qual seja: a teoria Queer.

Em entrevista a Brício (2012), Guacira Lopes Louro, historiadora e pesquisadora brasileira nas áreas de gênero e educação, aponta que a teoria Queer consiste em um movimento pós-identitário que abarca as múltiplas possibilidades de experimentar tanto os gêneros quanto as sexualidades. Ou seja, para Louro, a teoria Queer preocupa-se mais com as práticas do que com as identidades e problematiza os binarismos sexuais que sustentam nossa cultura, criticando-os e desconstruindo-os. Em uma publicação mais recente, Louro (2013) aponta que:

> Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser "integrado" e muito menos "tolerado". Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro e nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do "entre lugares", do indecidível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (p. 8).

Para Louro (2013), essa teoria faz parte de um pensamento contemporâneo e ocidental que discute as noções clássicas de sujeito e de identidade. A autora relata que a política Queer surge na década de 1990, por meio de um grupo de intelectuais que passa a utilizar esse termo para descrever seus trabalhos e perspectiva teórica. Nos ensina que esse grupo de estudiosos era heterogêneo e internamente bastante diversificado, mas que havia entre eles algumas

aproximações teóricas bastante significativas, dentre as quais o uso da desconstrução como procedimento metodológico.

> Trabalhando para mostrar que cada polo contém o outro, de forma desviada ou negada, a desconstrução indica que cada polo carrega vestígios do outro e depende desse outro para adquirir sentido. A operação sugere também o quanto cada polo é, em si mesmo, fragmentado e plural. Para os teóricos/as queer, a oposição heterossexualidade/homossexualidade – onipresente na cultura ocidental moderna – poderia ser efetivamente criticada e abalada por meio de procedimentos desconstrutivos (p. 44).

Para Louro (2013), queer representa a diferença que não pode ser tolerada, caracterizando-se numa forma de ação transgressiva e perturbadora. De acordo com Salih (2012), "o queer não está preocupado com definição, fixidez ou estabilidade, mas e transitivo, múltiplo e avesso à significação" (p. 19). É a partir desse ponto de vista que iremos entender as questões referentes ao gênero. Mas o que significa falar em gênero?

Judith Butler (2003), filósofa norte-americana que vem contribuindo para os estudos feministas, de gênero e da teoria Queer, em sua obra "Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade", publicada no Brasil em 2003, faz formulações sobre gênero, sexo e sexualidade. De acordo com Salih (2012), para essa autora, nem o gênero, nem tampouco o sexo e a sexualidade podem ser considerados como entidades fixas, mas sim construídas em contextos históricos e discursivos específicos. Dessa forma, os estudos de gênero ultrapassam a lógica de que o sexo feminino é correspondente a uma mulher e o sexo masculino a um homem, o que é bem expressado por Butler (2003):

> Se alguém "é" uma mulher, isso certamente não é tudo que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da "pessoa" transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas (p. 20).

O mesmo vale para os homens, de forma que ser mulher e ser homem envolvem muito mais aspectos do que unicamente ser detentor(a) de uma vagina ou de um pênis. Salih (2012) afirma que para Butler o gênero é "não-natural", que não há relação direta entre gênero e corpo, de forma que "será, assim, possível existir um corpo designado como 'fêmea' e que *não* exiba traços geralmente considerados 'femininos' (p. 67), ou seja, "é possível ser uma fêmea 'masculina' ou um macho 'feminino'" (p. 67).

Em se tratando especificamente da regulação do desejo, Butler (2003) aponta que este é naturalizado, de forma que se entende que os prazeres residem unicamente no pênis, na

vagina e nos seios e que normativamente alguns órgãos são amortecidos para o prazer enquanto outros são vivificados. “A questão de saber que prazeres viverão e que outros morrerão está freqüentemente ligada a qual deles serve às práticas legitimadoras de formação da identidade que ocorrem na matriz das normas de gênero” (Butler, 2003, p. 107-108).

Para Butler (2003), o sexo não é o destino e não reflete, necessariamente, o gênero, pois para o sexo são atribuídas apenas duas possibilidades, um sistema binário: ou homem ou mulher – qualquer identidade de gênero que não corresponda a isso é considerada como falha em seu desenvolvimento. O mesmo não pode/deve ocorrer em se tratando do gênero, defende a autora, pois este consiste em um artifício flutuante. Expõe Butler (2003):

> Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a conseqüência de que *homem e masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher e feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino (p. 24-25).

Todas as questões acima consideradas abrem espaço para a consolidação do gênero como um artifício flutuante, abrem possibilidades de ser/estar no mundo que são subversivas por se oporem ao sistema binário padrão. Sistema que para Butler (2003) suprime “a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexual, reprodutiva e médico-normativa” (p. 41). Porém, para que aquilo que se entende por gênero seja realmente subversivo, não se pode associar que o gênero está para a cultura assim como o sexo está para a natureza, pois assim, o gênero seria tão aprisionador e determinista quanto o sexo, adverte a autora.

Butler (2003) discute a sexualidade humana e o quanto esta é determinada por uma construção social de padrões de gênero. Pontua ainda que essas determinações são frutos das relações de poder historicamente construídas e que dão significado ao corpo, sendo refletidas nas relações de poder, nos discursos, corpos e afetividades. A autora identifica que por um lado a categoria *sexo* identifica os sujeitos e por outro os escraviza, pois determina a realidade social de acordo com os princípios da diferença sexual – determinação que extrapola o âmbito sexual, envolvendo gestos, estilos corporais e movimentos que representam a ilusão de um *eu marcado pelo gênero*. É justamente este *eu marcado pelo gênero*, historicamente determinado e fortalecido, que naturalizou a existência da prostituta enquanto mulher e do cliente enquanto homem. Para Salih (2012):

> Butler desfaz a distinção sexo/gênero para argumentar que não há sexo que não seja já e, desde sempre, gênero. Todos os corpos são “generificados” desde o começo de sua existência

> social (e não há existência que não seja social), o que significa que não há "corpo natural" que preexista à sua inscrição cultural. Isso parece apontar para a conclusão de que gênero não é algo que *somos*, é algo que *fazemos*, um ato, ou mais precisamente, uma sequência de atos, um verbo em vez de um substantivo, um "fazer" em vez de um "ser" (p. 89).

Pode-se perceber que para Salih (2012) o gênero não acontece de uma vez por todas, mas é algo que vai sendo inscrito repetidamente até assumir uma forma de algo que esteve ali desde sempre.

Considerando as posições teóricas acima explicitadas, é perceptível que na primeira parte desse texto nos apoiamos nas discussões de Butler (2003) para explicar a linha teórica que orienta a posição a qual decidimos assumir frente às questões relativas ao gênero. Na segunda parte, optamos por privilegiar as discussões de estudiosos e pesquisadores brasileiros que também problematizam questões referentes ao gênero e que seguem uma linha de pensamento coerente com a teoria *queer*. Souza-Leite e Bruns (2010) seguem essa mesma abordagem para diferenciar sexo e gênero:

> Gênero como conceito, para além da linguística e literatura, foi definido como sendo os aspectos identitários de mulheres e de homens, construídos socialmente, em contraposição ao de sexo, termo restrito às características anátomo-fisiológicas que distinguem a fêmea do macho na espécie humana (p. 22).

Explicam essas autoras que a discussão acerca de sexo *x* gênero não trata de negar que existem, de fato, diferenças anatômicas e da ordem do prazer erótico entre homens e mulheres; porém, que é imprescindível questionar a razão pela qual essas diferenças definem o comportamento sexual das pessoas no decorrer de suas vidas.

Fávero (2010) pontua que já na pré-escola as meninas se envolvem em brincadeiras cooperativas e cuidadosas e os meninos em atividades competitivas e agressivas. Aponta que os "instintos naturais" da mulher são associados à natureza feminina, ao que é da ordem do corpo, enquanto que no homem tudo é racional, da ordem do pensamento, da mente. Apesar de já ter havido diversos avanços em se tratando dessas divisões clássicas entre homens e mulheres, Fávero (2010) indica a existência de um patriarcado contemporâneo, o qual mantém as premissas de um pensamento patriarcal, mas com novas configurações. Dessa forma, a autora afirma que o patriarcado ainda existe e que ainda se justifica pela naturalização dos papeis masculinos e femininos.

A autora segue exemplificando as naturalizações às quais se referiu, pontuando que ainda nos dias de hoje as mulheres são encorajadas a expressar carinho e vulnerabilidade enquanto os homens são desencorajados a expressar esses mesmos sentimentos. Dessa forma,

mantêm-se a naturalização de que as mulheres têm sucesso na função de cuidadoras enquanto os homens têm êxito em competições e em tudo que envolve poder e realização individual.

Fávero (2010) pontua que, como herança de um discurso da medicina, ainda hoje vigora uma perspectiva essencialista do corpo humano segundo a qual homens e mulheres são essencialmente diferentes, têm naturezas próprias e pré-determinadas. Segundo a autora, é esse tipo de paradigma que se reflete nas abordagens clássicas sobre sexualidade. Em se tratando especificamente das naturalizações de gênero nos corpos de homens e mulheres e em relação com a sexualidade, Fávero (2010) aponta que no corpo feminino está inscrita a reprodução enquanto que no corpo masculino está inscrita a sexualidade. No que se refere à sexualidade, a autora explicita que essa tem sido compreendida como própria do homem, sendo, assim, o masculino eleito como o padrão, como norma para a sexualidade em geral.

De acordo com Romanelli e Godinho (2010), o poder atribuído ao homem não é natural e decorrente da biologia, mas construído no processo de socialização, sobretudo pela família e pelas demais instâncias socializadoras. O mundo contemporâneo cria um sistema binário *homem ou mulher* que além de regular a sexualidade regula também o desejo sexual, instituindo a heterossexualização e associando feminino à fêmea e masculino ao macho, constituindo assim a heterossexualidade compulsória e a homofobia. De acordo com Madureira (2010), a homofobia e o sexismo consistem em invenções culturais para a cristalização de fronteiras simbólicas rígidas entre indivíduos e grupos sociais. Frente a essa problemática, Santos e Araujo (2010) apontam que "talvez fosse melhor heterossexual, homossexual e bissexual como adjetivos, e não substantivos, aplicando-os aos comportamentos, não às pessoas" (p. 144).

Em consonância com Madureira (2010), é possível apreender que as identidades sociais são construídas cultural e historicamente e que a normatização de padrões de gênero é sustentada por relações de poder, violência e sofrimento psíquico, afinal ainda consiste na reprodução de masculinidades e feminilidades hegemônicas não deixando espaço para identidades que não se encaixem na "normalidade". Para Martins e Cianflone (2010):

> Faz-se necessário, por fim, entender que existem várias formas de ser-homem e de ser-mulher; restringir nosso comportamento e enquadrá-lo em parâmetros socioculturais, obsoletos na atualidade, nada mais fará senão limitar nossas características pessoais e únicas e inibir o desenvolvimento e a renovação de nossa cultura e história, que não estão cristalizadas e nem determinadas biologicamente (p. 63-64).

Conforme a teoria Queer, é imprescindível desconstruir, estranhar, abrir possibilidades de ser-estar no mundo, ampliar as possibilidades e poder ser uma coisa e outra, e não uma coisa ou outra. Segundo Louro (2013), vivemos atualmente um grande desafio: perceber que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e que não damos conta de lidar com elas pelos esquemas binários. Dessa forma, é partindo desse referencial teórico que problematizaremos as masculinidades na sociedade contemporânea.

2.3 Masculinidades em Questão?

A discussão das relações de gênero implica não só pensar nas diferenças, direitos e deveres de cada gênero em relação ao outro, mas também em (re)pensar cada gênero e cada sexo e perceber suas construções biológicas, históricas e culturais. Diante disso, entendemos que para se pesquisar acerca da prostituição masculina é imprescindível aprofundar-se na temática da masculinidade e apropriar-se dos questionamentos que Trevisan (1998) propôs já nos anos 90:

> O que define o macho humano? Em outras palavras: o que torna o homem de fato um homem? Onde se encontram os elementos intrinsecamente definidores desse gênero hegemônico que domina há séculos as sociedades e é historicamente vencedor na luta dos sexos? (p. 18).

A fim de respondermos esses questionamentos, vimos nos apoiar em diversos autores como referências e recursos.

De acordo com Corneau (1995):

> Ser homem significa amputar seu corpo e seu coração sem poder chorar. Ser homem significa ser capaz de cometer violência contra seus próprios sentimentos, contra suas próprias emoções, contra seu próprio corpo – ser capaz de esquecer que se tem um coração e um corpo (p. 47).

Para o autor, essa descrição do que é ser homem consiste numa violência dos homens para com os próprios homens, contra a sua própria sensibilidade. Afinal de contas, os homens têm muitos sentimentos e emoções, mas têm também o dever de bloqueá-los. Badinter (1993) igualmente reflete acerca da masculinidade e aponta que está relacionada a um dever, algo que é dado no imperativo, uma obrigação. A autora discute que se é necessário que essa ordem seja dada é porque a virilidade associada ao masculino não é tão evidente e/ou natural quanto se espera e, mais do que isso, que o simples fato de ser dotado do cromossomo Y e de

ter órgãos sexuais masculinos não basta para definir um homem, um macho humano – "ser homem implica um trabalho, um esforço que não parece ser exigido das mulheres" (p. 3).

> O dia da primeira menstruação acontece naturalmente, sem esforço e até sem dor, e a menininha é declarada mulher para sempre. Nada de semelhante ocorre hoje com o garotinho da civilização ocidental. Não que a necessidade arcaica de provar a virilidade tenha desaparecido. Mas a contradição entre a necessidade de exibir seu gênero e a ausência de provas concretas e definitivas nunca foi tão grande (Badinter, 1993, p. 4).

Segundo a autora, a mulher tem algo de concreto com o que provar sua condição de mulher, a menstruação, enquanto que o homem não tem um respaldo como esse para afirmar-se, de forma que parece estar sempre em busca dessa afirmação, tendo em vista que ela não está concretamente marcada para a sociedade. Assim, a virilidade é construída e como em qualquer construção pode haver falhas nesse processo, de forma que o sucesso precisa e deve ser exaltado (Badinter, 1993).

Trevisan (1998) aponta que justamente por estar sempre em busca da masculinidade/virilidade o homem é um insatisfeito nato e procura sempre estar entre homens, tanto no trabalho quanto no lazer (em bares ou estádios, por exemplo), pois assim estarão continuamente experimentando sensações "viris" e conversando sobre assuntos bastante "masculinos", sendo que um dos temas preferenciais é as mulheres.

> Ainda quando procura a si mesmo, no seu horizonte o homem só consegue visualizar o seu oposto – sinal inequívoco de dependência e incompletude. Na verdade, o macho humano não sabe falar de si mesmo: a *intimidade* não faz parte do "mundo masculino", tal como culturalmente constituído (Trevisan, 1998, p. 69).

Ou seja, para afirmarem-se os homens têm que primeiramente saber o que eles não são para depois identificarem-se com o que são. Para Ramirez (1995):

> Os discursos (masculinos) são construídos com a intenção de subordinar a mulher e desvalorizar a esfera do feminino. Tais discursos não são necessariamente, ou em seu todo, dirigidos à mulher, mas, muitas vezes, ao outro, ao homem, ao opositor real ou potencial, porque os encontros entre homens são trabalhados pela rivalidade, a competição e a possibilidade de conflito (p. 77).

Para Ramirez (1995), os encontros entre homens têm como característica a aspiração à dominação, à subordinação de um homem pelo outros, o que é realizado situando o outro homem na esfera do feminino. Ortiz (1995) pontua que é por meio dos discursos masculinos que os homens constroem sua realidade social, a qual abarca significados e ideologias que evidenciam a posição de poder dos homens para com as mulheres, organizando, dessa forma,

a conduta dos homens para com elas e para consigo mesmos. Portanto, esse autor evidencia que é no discurso masculino que é possível perceber a dinâmica das relações humanas.

Nessa mesma linha de pensamento, Badinter (1993) defende que se por um lado a masculinidade é algo que deve ser exaltado pelos homens, por outro lado a feminilidade é algo que deve ser reprimido, de forma que a passividade atribuída ao feminino é temida pelos homens, tão temida que a masculinidade caracteriza-se mais como uma reação à feminilidade do que qualquer outra coisa. A autora cita que desde a infância até a idade adulta o menino/homem se coloca no mundo a partir dessa oposição, a partir do que ele não é: uma mulher.

> Ser homem significa *não ser* feminino; *não ser* homossexual; *não ser* dócil, dependente ou submisso; *não ser* efeminado na aparência física ou nos gestos; *não ter* relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; *não ser* impotente com as mulheres (Badinter, 1993, p. 117).

A autora trata de desconstruir a identificação do homem com o que ele não pode ou não deve ser, pois essas normas acabam não apenas por construir a masculinidade, mas por aprisioná-la em um ideal viril: "Urge ensinar aos meninos um outro modelo viril, que deixe espaço para o reconhecimento da vulnerabilidade" (Badinter, 1993, p. 146). Vulnerabilidade essa só admitida nas mulheres, de forma que, mais uma vez, o homem afirma-se pela negação, mesmo que isso consista em um paradoxo. Nolasco (1995) afirma que é necessário avançar para além do suposto "homem feminino" e perceber que essa categorização acaba por aprisionar os homens novamente em estereótipos sexuais:

> A denominação "homem feminino" e "mulher masculina" apontam para a ausência de conceitos que possam operar mais eficientemente nas indagações a respeito do que caracteriza um homem e uma mulher, se há de fato uma possibilidade de defini-los atualmente (p. 28).

Como se evidencia nas reflexões acima, ainda há hoje em dia uma separação rígida entre homens e mulheres. No entanto essa fronteira vem sendo desconstruída no decorrer dos anos e com o desenvolvimento da sociedade contemporânea, que traz consigo a crise do modelo hegemônico de masculinidade. Hamawi (1995) aponta que o modelo do homem conquistador entra em crise e pontua que suas causas estariam tanto nas mudanças no âmbito do trabalho quanto no avanço das lutas feministas, ambas causadoras do estranhamento do masculino.

Ainda em se tratando dos paradoxos da (des)construção da masculinidade, Badinter (1993) pontua que como consequência dessa construção e também da negação da

feminilidade pelos homens é que aparece uma característica essencial da masculinidade nos dias de hoje: a heterossexualidade. Para a autora, essa heterossexualização faz com que a homossexualidade seja percebida como uma doença mental e que os homossexuais sejam mutilados. Prado e Machado (2012) apontam que esse preconceito e homofobia encontram espaço de existência porque as sexualidades e identidades são entendidas como isoladas, fora do âmbito político e cultural.

Ribeiro e Almeida (2010) apontam que no século XIX as práticas sexuais realizadas entre as pessoas do mesmo sexo foram retiradas do âmbito religioso, sendo abandonada a ideia de pecado e imposta a ideia de doença e desvio de comportamento. Os autores ainda apontam que foi somente em 1869 que o termo homossexualidade foi utilizado pela primeira vez, por um médico húngaro, sendo aplicado tanto a homens quanto a mulheres. O surgimento do termo homossexual passa a substituir os outros termos que eram usados até então – como sodomita, pederasta, pecado nefando, entre outros – e passou a libertar-se dos preceitos religiosos e morais, relatam os autores.

Ribeiro e Almeida (2010) pontuam ainda que foi a partir da criação do termo homossexualidade e que foi também criado o termo heterossexualidade com vistas a diferenciar esses dois posicionamentos e marcar o primeiro deles como desviante, anormal e antinatural, e o segundo como normal e saudável. E nos ensinam que a heterossexualidade assim como a não heterossexualidade faz parte de uma construção histórica e que enquanto isso não for levado em conta, a homofobia continuará a existir (Prado e Machado, 2012).

Na década de 80, Fry (1983) já afirmava que a homossexualidade tem de ser retirada dos campos da psicologia e da medicina e deve ser compreendida nos campos da cultura e da política, identificada como um fenômeno produzido cultural e historicamente dentro de cada sociedade, um movimento que já vem acontecendo, mesmo que lentamente. Explicita o autor:

> Em grande parte devido às pressões dos movimentos homossexuais, em 1973 a homossexualidade deixou de ser classificada como doença pela Associação Americana de Psiquiatria. Ao longo dos anos, um número crescente de médicos e psicoterapeutas deixaram de tentar “curar” seus pacientes homossexuais, mas nem por isso deixaram de agir no campo da sexualidade. Aceitando em grande medida a ideia de que a homossexualidade é uma orientação sexual tão aceitável como a heterossexualidade, garantiram sua continuada relevância (e, portanto, seus lucros) no sentido de fazer com que os homossexuais aceitassem felizmente sua “condição”. Falam não mais no homossexual por definição doente, mas do homossexual potencialmente “saudável” (p. 76).

Prado e Machado (2012) apontam que em tempos passados a não heterossexualidade foi bastante condenada tanto pelo discurso religioso quanto pelo médico-científico, de forma que foram estabelecidos valores heteronormativos que discriminavam e até mesmo puniam qualquer expressão da homossexualidade, do que fosse alheio à norma estabelecida. Os autores indicam que este cenário, porém, vem mudando – há uma visibilidade cada vez maior dos comportamentos tidos como não hegemônicos, ou seja, homossexuais.

> Aos poucos, *gays*, lésbicas, travestis, transexuais entre outros deixam de ser lendas urbanas, anomalias sociais ou sujeitos patologizados, para se tornarem sujeitos políticos, que passam a reivindicar equivalência de direitos implicada muitas vezes pela construção de novos direitos sociais e/ou pela desconstrução de direitos estabelecidos (Prado & Machado, 2012, p. 14).

O que vai ao encontro das reflexões de Fry (1983), que revela acreditar-se erroneamente que houve um aumento da homossexualidade enquanto o que de fato houve foi o aumento de sua visibilidade social, consequência direta da redução do estigma social. No entanto, não passa despercebido que apesar dessa visibilidade maior das homossexualidades, ainda se vive em um mundo bastante homofóbico, o que pode ser corroborado pelas notícias veiculadas nos meios de comunicação acerca de assassinato de homossexuais, casos explícitos de violação de direitos e até mesmo de violência institucional (Prado & Machado, 2012). O discurso homofóbico justifica-se unicamente na questão da naturalidade da prática sexual heterossexual e não percebe que essa envolve tantos outros aspectos da vida, principalmente o identitário, como bem denunciam ainda Prado e Machado (2012):

> O preconceito opera, ao mesmo tempo, na dimensão do indivíduo e da coletividade, já que não pode ser compreendido apenas na dimensão da racionalidade individual, uma vez que se estrutura a partir de um conjunto abstrato de valores sociais que só encontra substância no comportamento individual, motivo pelo qual afirmamos, neste livro, que o preconceito é um fenômeno psicossociológico. Neste sentido, para superar o preconceito contra GLBTs seria necessário deslocar a "questão" da homossexualidade do âmbito individual para a sociedade, a qual discrimina negativamente a homossexualidade (p. 75-76).

Para Badinter (1993), a homofobia, infelizmente, só vai ter fim quando houver uma evolução da maioria heterossexual. Evolução esta também proposta por Prado (2012) quando indica que o preconceito contra as homossexualidades funciona como um mecanismo social, o qual trabalha na produção de formas subalternas de cidadania, as quais exigem um alargamento do campo político para serem enfrentadas, ou seja, uma evolução não só cultural ou social da sociedade, mas também política.

> Num sistema falicamente organizado, a possível infiltração do masculino pela homossexualidade provoca rechaço porque não existe nada mais repugnante do que "macho deixar de ser macho". Então o sistema se defende (Trevisan, 1998, p. 161).

Trevisan (1998) aponta para a heterossexualização compulsória do desejo e a existência atual de uma desintegração do masculino, uma crise, um medo a tudo o que sugerir qualquer dano a pênis, pois isso implica metaforicamente em dano à própria identidade, dano esse encarnado pela homossexualidade. E resume:

> Pode-se concluir que a homossexualidade não é apenas uma crise de percurso da masculinidade, mas a mais típica expressão dessa crise estrutural, seu mais legítimo sintoma e seu terreno preferencial. A própria conceituação da homossexualidade só se configurou em relação à crise do masculino, instaurada que está no âmago do patriarcado. Mas também, enquanto categoria dissonante, a homossexualidade tornou-se problema desde o início. Ou seja, o masculino em crise não existe sem a homossexualidade problematizada. Daí a obsessão em denunciá-la e isolá-la como uma peste perigosa, de modo que também não existe crise do masculino sem a atitude homofóbica, que estabeleceu os parâmetros do "problema" homossexual e articulou as defesas contra ele, dentro do patriarcado. Enquanto continuar sendo a projeção da sombra reprimida do masculino, a homossexualidade estará denunciando de modo privilegiado uma contradição da qual os homens nunca poderão escapar. Portanto, o rechaço homofóbico cria na sociedade patriarcal um círculo vicioso de características perfeitamente autodestrutivas. Em resumo, o próprio estigma lançado sobre a homossexualidade é uma das maiores evidências da falta de saída para a crise masculina. Isso quer dizer que, tal como constituído, o masculino significa uma contradição em termos. Por isso a solução de sua crise de identidade extravasa o próprio masculino configurado no atual quadro patriarcal-falocêntrico (Trevisan, 1998, p. 195).

No Brasil, é na década de 1980 que se inicia o fortalecimento da luta pelos direitos humanos de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais. Facchini (2009) apresenta que nesse mesmo período se inicia a abertura do movimento homossexual no eixo Rio de Janeiro-São Paulo, o qual apesar de ser marcado pela forte associação entre homossexualidade e AIDS, teve uma atuação mais pragmática, ou seja, com vistas à garantia dos direitos civis assim como à redução da discriminação e violência contra os homossexuais.

Para esta autora, é a partir dos anos 1990 que o movimento homossexual deixa a marginalidade para ocupar o centro através do aumento do número de organizações e grupos de defesa dos seus direitos, da ampliação do formato de iniciativas ativistas, da ampliação da visibilidade do movimento, assim como das redes de aliança e espaços de participação social. Ressalta ainda que nesse período surgiram na agenda política do Brasil as primeiras referências às ações em prol da diminuição da desigualdade de gênero e do racismo bem como das ações e políticas envolvendo outros recortes populacionais (idosos, LGBT e jovens).

É nesse cenário que se inicia a preocupação acadêmica com a sexualidade, que pode ser exemplificado com diversos estudos acerca dessa questão, os quais implicaram tanto na visibilidade da epidemia do HIV, quanto no impacto das demandas feministas (Facchini,

2009). E ressalta que foi nesse contexto que surgiram as primeiras políticas públicas voltadas aos homossexuais, fazendo referência ao combate da epidemia da AIDS.

De acordo com Brasil (2004), apesar dos avanços em se tratando dos direitos civis e humanos para a população LGBT, ainda há bastante preconceito, expresso pela violência letal contra homossexuais – mais especificamente contra travestis e transgêneros. Para além dos assassinatos, há também as versões mais silenciosas da homofobia, como as práticas de humilhação, ofensa e extorsão.

Porém, as lutas pela cidadania LGBT são caracterizadas por importantes vitórias: em 1985, o Conselho Federal de Medicina retirou a homossexualidade da classificação de doenças – antes mesmo da Organização Mundial da Saúde fazer o mesmo; e em 1999, o Conselho Federal de Psicologia proibiu que qualquer profissional da área patologizasse comportamentos e/ou práticas homoeróticas (Brasil, 2004).

> A história do movimento LGBT é a história da apropriação e da disputa coletiva de sentido em torno de categorias que foram (e ainda são, muitas vezes) utilizadas para agregar estigma e sofrimento à vida de sujeitos com desejos e condutas que conflitam com normatividades sociais relacionadas a gênero e sexualidade. O olhar retrospectivo mostra que essa trajetória tem trazido efeitos positivos para a vida dos sujeitos que visa beneficiar e que, apesar de todos os conflitos e desgastes no processo político cotidiano, debates importantes têm sido travados mesmo dentro do movimento (Brasil, 2004, p. 151-152).

Em se tratando dos desafios que ainda necessitam ser vencidos, Carrara (2010) aponta:

> Atualmente, a agenda do Movimento LGBT brasileiro envolve um conjunto bastante amplo de reivindicações: direito ao reconhecimento legal de relações afetivo-sexuais, à adoção conjunta de crianças, à livre expressão de sua orientação sexual e/ou de gênero em espaços públicos, à redesignação do “sexo” e à mudança do nome em documentos de identidade, ao acesso a políticas de saúde específicas e, ainda mais fundamental, à proteção do Estado frente à violência por preconceito. Tal agenda tem sido promovida através de uma rede complexa e múltipla de relações, em que alguns atores sociais (ONGs, agências governamentais, partidos políticos, parlamentares, juízes, juristas, centros de pesquisa universitários, atores do mercado, agências de fomento, organizações religiosas e profissionais etc.) atuam conscientemente no sentido de apoiá-la, enquanto outros lutam para negá-la ou desqualificá-la (p. 135-136).

Dessa forma, fica bastante evidente que o falocentrismo, a homossexualidade, a heterossexualidade compulsória, a passividade, a vulnerabilidade e tantas outras questões, constituem paradoxos e problemáticas que são parte da crise e também da solução da crise da masculinidade e mais do que isso, da crise da identidade.

Jablonski (1995) aborda essa questão da crise da masculinidade hegemônica e faz uma comparação à extinção dos dinossauros. Para o autor, os dinossauros foram extintos em função de mudanças radicais que se passaram no contexto em que viviam às quais eles não

conseguiram se adaptar. Seguindo essa mesma analogia, o autor situa as mudanças provocadas no mundo pelo movimento da emancipação feminina, o que vem levando à extinção daquele homem do modelo hegemônico, denominado pelo autor de "boçalossauro: espécie de réptil terrestre de dimensões gigantescas que escapou do desaparecimento na era mezozóica, e que habita as profundezas do íntimo masculino" (p. 160). É esse "boçalossauro" que faz com que os homens ajam de forma machista e que se comportem, muitas vezes, como verdadeiros animais, explicita o autor. No entanto, revela que tal ser está em extinção:

> Além da revolução tecnológica, foi o movimento feminista o maior fator de ameaça de extinção ao boçalossauro. O acesso ao trabalho, a liberdade sexual, o investimento em educação, a conquista de cargos políticos, a diminuição do número de filhos, os casamentos "tardios", entre outros fatores, vêm obrigando os homens a repensarem suas atitudes e comportamentos com relação às mulheres e a si próprios (Jablonski, 1995, p. 164).

Ressalta ainda que essa mudança no modelo masculino não está ocorrendo sem dificuldades, e que é necessário a conscientização de que o caminho em busca de uma nova identidade é longo e sinuoso (Jablonski, 1995). Da mesma forma, Hamawi (1995) sugere que o desmoronamento do modelo machista pode e deve ser compreendido e vivenciado mais como uma possibilidade do que como uma perda.

De acordo com Santiago (1995):

> O homem está onde nunca esteve. Passa por uma séria crise de identidade, estigmatizada por elementos afoitos e despreparados como impotência sexual. Mas neste preciso momento – é bom salientar – o homem já não mais confunde a sua própria crise com a crise da história e da humanidade. O novo lugar que ocupa, aparentemente secundário, medíocre e desvantajoso, retira-o da condição de único provedor, e, por isso mesmo, único mártir, e leva-o a dialogar com as forças plurais que o cercam e o questionam, conduzindo-o a uma atitude que, longe de negar a sua busca de identidade, procura construí-la sem detrimento das identidades de outros grupos em nome dos quais egoística e autoritariamente falava (p. 102).

Por fim, como parte da solução dessa crise da masculinidade, Trevisan (1998) aponta para a necessidade de não mais se negar o feminino, mas inclui-lo, perceber o que este tem de bom para acrescentar "inclusive na sua capacidade de fazer fronteira com o masculino sem confrontá-lo" (p. 206). Dessa forma, não se estaria mais discutindo a identidade como masculina ou feminina, mas como masculina e feminina.

CAPÍTULO 3 – PROSTITUIÇÃO

3.1 O que é Prostituição?

No intuito de compreender o que se entende por prostituição, optamos por trazer contribuições de autores e pesquisadores que se dedicaram a estudar esse fenômeno, partindo desde referenciais mais antigos, que datam de aproximadamente vinte anos atrás, até chegar às referências mais recentes. Espinheira (1984), que estudou a prostituição na década de 80, afirmou que esta consiste em uma atividade ao mesmo tempo funcional (por preservar algumas normas e valores impostos pela sociedade) e disfuncional (por expressar comportamentos tidos como divergentes por essa mesma sociedade). É possível perceber, no entanto, que apesar da evolução da sociedade e da flexibilização das normas e padrões relacionados à atividade sexual, a prostituição ainda tem espaço em nossa sociedade. Para Espinheira (1984):

> A prostituição é, ainda, uma instituição em que o relacionamento sexual não tem qualquer limitação a não ser quanto à remuneração que exige e que é o seu próprio fim. A persistência dessa instituição social não está ameaçada de forma alguma pela maior liberalização das normas sexuais, a exemplo do amor livre, pois apenas uma parcela reduzida da população o pratica e as pressões econômicas permanecerão e conduzirão as mulheres à prostituição (p. 37).

Espinheira (1984) justifica a permanência da prática da prostituição no decorrer do tempo, mas refere-se nesse momento apenas à prostituição feminina, não mencionando a possibilidade dos homens também se prostituírem[3]. A relevância de retomar este estudo se dá pelo fato de autor já nos anos 80 demonstrar a persistência do fenômeno no decorrer dos anos.

Com o passar do tempo, mais estudos acerca da prostituição foram sendo realizados e já em Rios (2000) se percebe o conceito de prostituição se referindo ao praticante independentemente do sexo.

> Como a atividade de uma pessoa capaz, independente do sexo, que participa habitualmente de relações sexuais com um número incerto de indivíduos mediante remuneração e um acordo de vontade existente entre as partes envolvidas, onde o consentimento mútuo ocorre livre de coação (p. 82).

Pode-se considerar esta definição um grande avanço nos estudos que abordam o fenômeno da prostituição, pois evidencia algo que já era praticado, mas era ocultado por ser socialmente ainda mais reprovado que a prostituição de mulheres. R. Silva (2006) aponta que a prostituição está se apropriando de cada vez mais artifícios, utilizando-se de novas

---

[3] O autor menciona em um trecho de sua obra a existência da prostituição masculina e a descreve como homossexual, mas de maneira geral refere-se apenas às mulheres como protagonistas do universo da prostituição.

roupagens, de forma a se manter viva na dinâmica da sociedade. Para esse autor, mesmo que esta seja uma atividade socialmente reprovada, é necessário admitir que ela está longe de ser extinta, muito pelo contrário, vem assumindo novas configurações e acompanhando as dinâmicas sociais dos novos tempos.

Ceccarelli (2008) recorre à etimologia da palavra prostituição, do latim "prostituere": colocar adiante/à frente; expor aos olhos, e expõe que a prostituição pode ser definida como uma troca de favores sexuais em que o afeto deve estar ausente em pelo menos uma das partes da díade profissional do sexo-cliente. Esses favores sexuais, para o autor, apesar de serem trocados majoritariamente por dinheiro, também podem ser permutados por bens materiais, informações, dentre outras coisas.

H. Pereira (2008) entende a prostituição como um fenômeno mais complexo do que simplesmente a troca de sexo por dinheiro, e justifica sua visão pelo fato de que as relações estabelecidas no âmbito da prostituição ocorrem em um espaço de fronteira entre os aspectos sexuais e as dimensões interpessoal e emocional/romântica. Figueiredo e Peixoto (2010), por sua vez, entendem a prostituição como a exploração do corpo e da sexualidade e sustentam que essa prática não poder ser justificada exclusivamente por sua presença histórica, ou seja, pelos argumentos que apontam que se consiste na primeira profissão do mundo, pois

> vale lembrar que também a escravidão foi o primeiro "trabalho" realizado para outro ser humano, desde os primórdios. Da escravidão surge o uso sexual de mulheres e adolescentes escravizados, explorados e até estuprados, como ainda vemos em guerras. Assim, argumentos de defesa da prostituição como algo inerente às relações humanas, não se sustentam (p. 197).

Figueiredo e Peixoto (2010) igualmente refletem sobre a prostituição e a questão da existência de uma sexualidade exacerbada por parte de quem se prostitui, sejam homens ou mulheres. Para os autores, esse argumento também não se sustenta, pois se utiliza de um fator individualizante para explicar uma "escolha" por esta profissão, ou ainda a opção por levar uma "vida fácil". Os autores ainda problematizam que a possibilidade de vivenciar práticas sexuais plurais ou fora dos padrões estabelecidos como normais pela maior parte da sociedade, já ocorria em sociedades mais antigas e sem o caráter de submissão econômica.

Mais recentemente, V. Barreto (2012) define prostituição a partir das falas dos participantes de sua pesquisa, ou seja, de profissionais do sexo, clientes, donos e funcionários de estabelecimentos frequentados por profissionais do sexo, os quais entendem a prostituição como troca de desejos sexuais por dinheiro, negociação do corpo e dos desejos, e venda de

fantasias sexuais. Dessa forma, é possível perceber que a dimensão sexual está sempre presente ao tratar do fenômeno da prostituição, mas não exclusivamente.

Por fim, Burbulhan, Guimarães e Bruns (2012) em sua pesquisa com mulheres profissionais do sexo perceberam que a prostituição contempla relações em dois níveis: um comercial, que envolve estritamente o dinheiro pago pelo programa, e o outro intersubjetivo, que abrange o que é da ordem dos posicionamentos simbólicos e que, portanto, não é passível de venda/troca. A partir desse paralelo entre os dois planos, os autores sugerem que o dinheiro por si só não garante o programa, e que os limites corporais também fazem parte da estruturação das relações subjetivas, pois nem tudo pode ser pago. Dessa forma, para os autores, a prostituição extrapola a lógica do dinheiro, pois está envolta em relações de corpos, afetos e sexualidades próprias que cada parte da díade profissional do sexo-cliente vivencia de maneira diferente.

Deve-se perceber que ao se tratar de prostituição está implícito tratar de sexo, mas não exclusivamente deste, é necessário ampliar o foco de atenção e considerar que existem muitos outros aspetos que permeiam a prática prostitucional.

3.2 Prostituição para a Classificação Brasileira de Ocupações

No que se refere ao panorama da prostituição no Brasil, há um avanço significativo e que merece ser considerado: desde o ano de 2002, através da Portaria nº 397, de 09 de Outubro, a prostituição já é reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) sob o título 5198-05 – Profissionais do Sexo. A CBO é de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Emprego e foi criada com fins classificatórios e para servir como uma uniformização das ocupações no país, sendo que não tem relação com a legislação destas ocupações (Ministério do Trabalho e Emprego, 2013). Assim, o fato da categoria "profissionais do sexo" estar incluída na CBO não tem relação alguma com a legalização dessa profissão ou ainda com a apropriação dessa categorização na CBO pelos(as) profissionais do sexo:

> A atividade de prostituir-se assume, em um primeiro momento, a noção de uma ocupação profissional, mas numa segunda avaliação, aproxima-se do consenso vigente em nossa sociedade de que essa ocupação não é uma atividade legítima ou moralmente aceita. E mesmo

> que termos como “profissionais do sexo” ou “trabalhadores do sexo” já comecem a ser utilizados pelas mulheres como expressões para sua autodefinição, a percepção que elas têm em relação ao ofício que exercem ainda é contraditória (R. Silva, 2006, p. 124).

Como aponta Silva, se por um lado há uma categorização para “profissionais do sexo”, por outro lado essa ainda é um tabu, pois não foi apropriada nem mesmo pelos(as) próprios(as) profissionais e , de uma forma geral, menos ainda pela sociedade. Apesar disso, é importante conhecer o que a CBO classifica e entende em sua categoria “profissionais do sexo”.

A CBO descreve sumariamente como pertencentes a essa categoria aqueles ou aquelas que “buscam programas sexuais; atendem e acompanham clientes; participam em ações educativas no campo da sexualidade” (Ministério do Trabalho e Emprego, 2013). Além disso, aponta que “as atividades são exercidas seguindo normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidade da profissão”. A partir dessa descrição inicial é que a categoria vai sendo desdobrada e minuciada, abrangendo diversos aspectos como caraterísticas de trabalho; áreas de atividade; competências pessoais; e recursos de trabalho. É importante ressaltar que a descrição da categoria “profissionais do sexo” foi feita por onze especialistas ligados à discussão acerca da prostituição e oito instituições que atuam com pesquisas e intervenções acerca dessa prática (Ministério do Trabalho e Emprego, 2013).

De acordo com a CBO, as características do trabalho abrangem que os(as) profissionais do sexo trabalham de forma autônoma em locais e horários variáveis e que estão expostos(as) a inúmeras condições adversas como intempéries, discriminação social, riscos de contágio de doenças sexualmente transmissíveis, maus-tratos, violência e até mesmo a morte. Considerando essas condições adversas, há um requisito de formação e experiência para os(as) profissionais do sexo que inclui a participação em oficinas de sexo seguro. Além do mais, a idade mínima para este exercício profissional deve ser de dezoito anos (Ministério do Trabalho e Emprego, 2013).

A categorização das áreas de atividade dos(as) profissionais do sexo abrange cinco grandes eixos, os quais envolvem: i) *buscar o programa* (produção pessoal; agendamento do programa; espera, sedução e abordagem dos clientes); ii) *minimizar as vulnerabilidades* (fazer acompanhamento de saúde; identificação das DSTs; denúncia de violência física e discriminação; combate ao estigma; administração do orçamento pessoal); iii) *atender clientes* (preparação de um kit de trabalho com o que for necessário ao programa; negociação dos serviços e preços; especificação do tempo de trabalho; manter relações sexuais, realizar

fantasias e *streap-tease*; relaxamento, acolhimento e diálogo com o cliente); iv) *acompanhar clientes* (acompanhamento em jantares, passeios, viagens e festas; pernoite com o cliente); e, por fim, v) *promover a organização da categoria* (participação em movimentos organizados; combate à exploração sexual de crianças e adolescentes; distribuição de preservativos; multiplicação de informações; participação de ações educativas no campo da sexualidade) (Ministério do Trabalho e Emprego, 2013).

Além disso, são listadas doze competências pessoais, que incluem: demonstrar capacidade de persuasão, de comunicação, de ouvir, lúdica e de realizar fantasias sexuais; demonstrar paciência e solidariedade com os colegas de profissão; demonstrar sensualidade; reconhecer o potencial de cada cliente; cuidar da higiene pessoal; manter o sigilo profissional; e planejar o futuro. E os recursos de trabalho dos(as) profissionais do sexo incluem como ferramentas mais importantes o guarda-roupa de trabalho; preservativos; cartões de visita; documentos de identificação; gel à base de água; lenços umedecidos; acessórios; maquiagem; celular; e agenda. Como ferramentas secundárias encontram-se listados álcool e papel higiênico (Ministério do Trabalho e Emprego, 2013).

Percebe-se que a categoria "profissionais do sexo" da CBO abrange diversos aspectos da prostituição, o que é de grande importância, pois apesar de não legalizar essa prática lhe garante bastante visibilidade. Burbulhan e Bruns (2012) apontam a importância da CBO em admitir tanto homens quanto mulheres em sua categorização de "profissionais do sexo", o que, para as autoras, pode ser considerado um avanço, uma vez que são poucas e bem recentes as publicações que tratam da prostituição masculina.

Por fim, apontamos a relevância da categoria "profissionais do sexo" da CBO, no entanto, ressaltando que para cada prática específica dentro da prostituição há nuances e *performances* próprias, que podem variar em se tratando de quem as pratica: mulheres, travestis ou homens. Tendo isso em vista e considerando que a presente pesquisa visa investigar o fenômeno da prostituição viril, é imprescindível que seja aprofundado esse viés.

3.3 Prostituição Viril

Bassermann (1968) escreve uma obra sobre a história da prostituição e inicia seu relato desde os tempos mais remotos das culturas grega e romana, perpassando todas as fases da humanidade até chegar à modernidade, encerrando sua descrição no período pós-segunda guerra mundial. Essa obra é rica em exemplos e comprova a presença da prostituição na história da humanidade, acompanhando o seu desenvolvimento. Apesar do relato bastante completo acerca do fenômeno da prostituição no decorrer do tempo, é possível perceber que o autor prioriza a história da prostituição feminina, de forma que a prostituição masculina é citada em apenas dois momentos de sua obra e de forma bastante superficial.

Em um primeiro momento, Bassermann (1968) cita a prática da prostituição masculina ou semimasculina em Roma, realizada pelos adolescentes e pelos castrados, porém essa prática estava no âmbito do bizarro e foi, inclusive, proibida. E vem descrever novamente a presença de castrados no âmbito da prostituição masculina em Paris apenas por volta do ano 1300, com uma lacuna bastante ampla entre os dois relatos. São os únicos dois momentos que a prática da prostituição por homens é citada na obra de Bassermann (1968), o que nos leva a questionar a razão para tal.

Será que a prostituição masculina inexistia concomitantemente à feminina desde os tempos mais remotos? Por que essa prática é pouco evidenciada no decorrer do tempo? Há questões de gênero implícitas nessa aparente inexistência da prostituição masculina? Todas essas são questões ainda sem resposta e que precisam ser mais bem exploradas, mas que demonstram que a prostituição masculina é um tema ainda pouco debatido, seja no senso comum ou no discurso científico, o que faz com que quaisquer informações acerca dessa temática sejam recobertas com certo espanto e/ou tabu.

> Pensar o homem profissional do sexo ("garoto de programa") parecia, até bem pouco tempo atrás, algo não muito provável, no mínimo inusitado. O protagonismo na prostituição não pertencia naturalmente/tradicionalmente ao género masculino; o homem foi por muito tempo desapropriado desse lugar; o que não quer dizer que ele não tenha existido de fato e apresentado uma série de peculiaridades inerentes à geografia local e relacional comum aos seus anunciantes (Viana, 2004, p. 307).

Em suma, Viana (2004) aponta que não é por essa prática masculina ser menos visível que ela não aconteça. Ceccarelli (2008), por sua vez, reconhece a existência da prostituição masculina, mas afirma que historicamente a prostituição feminina impõe-se como sendo mais presente. Contudo, pontua que os michês já existiam desde os tempos da Grécia antiga e que a prática não era vista como algo escandaloso.

Pinel (2003) buscou a origem do termo michê e descobriu que ele faz alusão à "micha", que significa tanto um tipo de pão híbrido feito de diversas farinhas quanto um conjunto de poucas chaves capazes de abrir qualquer fechadura. Já Viana (2004) aponta que a origem etimológica da palavra michê é obscura, e compreende os michês como "sujeitos que reproduzem, em excesso, o estereótipo tradicional do homem macho" (p. 299). Perlongher (2008) aponta que o termo michê pode assumir dois sentidos:

> Um alude ao ato mesmo de se prostituir; sejam quais forem os sujeitos desse contrato. Assim, *fazer michê* é a expressão utilizada por quem se prostitui para se referir ao ato próprio da prostituição. Em alguns contextos – especialmente entre prostitutas e travestis –, o termo pode ser aplicado também ao cliente. Numa segunda acepção, o termo *michê* é usado para denominar uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que se prostituem sem abdicar dos protótipos gestuais e discursivos da masculinidade em sua apresentação perante o cliente (p. 43).

Tendo em vista as diversas definições para o termo michê e a obscuridade que envolve a origem desse termo, Perlongher (2008) cunha o termo "prostituição viril" para diferenciar as formas de prestação de serviços sexuais por homens dentro da prostituição. Assim, para esse autor, a prostituição viril é realizada por homens que se apresentam com performances masculinas, ou seja, os michês-machos, diferentes, portanto, dos travestis, e também dos michês-bichas ou ainda michês-gays.

No que diz respeito à prostituição masculina no Brasil, A. Pereira (1967) aponta que nos anos 60 esse fenômeno não estava organizado em nosso país de maneira efetiva, e que se diluía na devassidão, existindo unicamente porque existem homens anormais, seja psíquica ou fisiologicamente. O autor diferencia a prostituição feminina da masculina e pontua que enquanto a mulher é tangida pelo dinheiro o homem o é pela tara. Trata-se de um posicionamento bastante parcial, mas é importante que seja explicitado como ilustração de uma maneira de enxergar o fenômeno da prostituição praticada por homens na década de 60.

Matos e Ribeiro (1995), que fizeram uma revisão histórica da prostituição masculina, apontam que no início do século XIX esta prática já existia no Rio de Janeiro e seus representantes eram conhecidos como sodomitas, podendo ser encontrados nas portas de teatros, em praças públicas e bares, dentre outros lugares escuros e pouco frequentados. Mazzieiro (1998) também faz uma retomada histórica da prostituição entre os anos 1870 e 1920, tratando-a como um fenômeno quase que exclusivamente feminino. Porém, apesar de perceber a prostituição como uma prática feminina, esse autor revela a existência desta prática

também por homens – considerada ainda pior do que a feminina por estar diretamente associada à homossexualidade.

Espinheira (1984) igualmente estudou a prostituição no Brasil, mais especificamente em Salvador (BA), porém, a maior parte do seu texto descreve a prostituição e suas configurações como sendo práticas da mulher, ou seja, descreve a prostituta. No entanto, em um trecho de sua obra o autor relata algo acerca da prática da prostituição realizada por homens, a qual ele denomina de prostituição homossexual – apesar da mínima menção à prática da prostituição masculina, esta mais uma vez foi associada à homossexualidade.

Poucos anos depois, um estudo antropológico acerca da prostituição masculina foi realizado por Perlongher (2008), que investigou a atuação dos garotos de programa de São Paulo na década de 80. Foi uma pesquisa bastante relevante, pois tratou de desmistificar a atuação dos homens no mercado do sexo. É importante ressaltar que essa pesquisa estudou os michês que atendiam a clientes do sexo masculino, ou seja, também uma atuação associada à homossexualidade. Fábregas-Martínez (2000b) aponta que é comum que a prostituição de homens seja considerada como prostituição homossexual, no entanto, que essa é uma operação simplista, tendo em vista que não se encontra exatamente uma identidade homossexual, mas uma flutuação dos sujeitos por distintas categorias sexuais que dependem de cada contexto específico. Assim, para essa autora, "seria mais representativo falar de transa homossexual do que homossexuais transando" (p. 68).

Independentemente do viés que foi dado por Perlongher (2008) à sua pesquisa, ela é riquíssima, tendo em vista que elucida diversas questões que fazem parte do universo da prostituição masculina e que hoje em dia, quase três décadas depois, ainda são corroboradas pelas pesquisas recentes. O autor justifica a entrada e permanência dos michês na prostituição por questões de ordem econômica, o que fora também evidenciado por outros autores (Machado & Silva, 2002; Pinel, 2003; Ceccarelli, 2008; H. Pereira, 2008; Santos, 2011). Para Machado e Silva (2002), apesar de o dinheiro manter os garotos de programa na prostituição, a maior parte deles expressa o desejo de abandonar esse tipo de atuação e trabalhar em áreas de seu interesse, fato este evidenciado também por Perlongher (2008).

Pinel (2003) acrescentou que a atuação na prostituição masculina pode se dar de duas maneiras por homens desqualificados para um trabalho socialmente aceito que: i) encontram na michetagem um "bico" ou ii) encontram no trabalho formal um "bico" e na michetagem

uma fonte de renda mais sólida. Além da justificativa econômica para a entrada e permanência na prostituição masculina, H. Pereira (2008) acrescenta outra justificativa possível, mas de ordem simbólica: que as relações sexuais estabelecidas na prostituição poderiam funcionar como uma forma de satisfação a partir de uma conduta sexual que é socialmente recriminada, principalmente levando em consideração que a maior parte dos clientes são homens. Apesar disso, o autor reafirma que uma das principais justificativas para a entrada na prostituição está na busca de condições materiais.

Perlongher (2008) categorizou os garotos de programa de acordo com a periodicidade de sua prática na prostituição, subdividindo essa atuação em: ocasional, compreendendo os rapazes que se prostituem circunstancialmente; e profissional, compreendendo os garotos de programa que fazem intensivos expedientes na prostituição. Fábregas-Martínez (2000a) pontua que os homens que se prostituem consideram essa atividade como temporária, a ser exercida até encontrarem um emprego melhor e que possa lhes garantir o sustento. No entanto, os autores afirmam que se por um lado há o desejo desses homens de estarem inseridos no mercado formal de trabalho, por outro lado é frequente desistirem dessa inserção pelo fato de os rendimentos com a prostituição se mostrarem mais vantajosos, tendo em vista a baixa escolaridade apresentada pela maior parte deles.

R. Silva (2006) afirma que os michês trabalham de forma mais autônoma, sem um controle externo efetuado por um cafetão ou cafetina. Além disso, o autor evidencia que os michês são o público mais flutuante no que se refere à prostituição, pois não permanecem em um determinado ponto, bairro e até mesmo cidade por muito tempo devido ao fato de cometerem furtos e de não desejarem ficar marcados pelas pessoas ou policiais.

> Ao contrário do que ocorre entre as travestis, não há uma rivalidade entre os michês nas ruas, por se tratar de uma categoria flutuante. No que se refere aos vínculos de amizade, eles afirmam não possuir amigos nas ruas, mas, sim, pessoas conhecidas, pois não podem confiar em ninguém (R. Silva, 2006, p. 25).

Parker (2002) aponta que existe um aspecto mitológico em torno do michê, como se ele fosse um joão-ninguém, um rapaz de classe baixa e que transita no meio urbano em busca de sexo pago. O autor explicita que embora o estereótipo não seja falso, ele não é uma regra, de forma que os michês podem ser de diversas classes sociais e consistem, basicamente, em um parceiro sexual surpreendente, o qual pode ser encontrado pelas ruas, no ambiente de “pegação”.

Matos e Ribeiro (1995) evidenciam que a prática da prostituição não se restringia aos espaços públicos, pois também ocorriam em recintos privados, como os prostíbulos, saunas e casas de massagem, onde é possível encomendar uma “pessoa-mercadoria”, seja pessoalmente ou por telefone, o que é corroborado por V. Barreto (2012) quando aponta que a prostituição masculina tem se proliferado cada vez mais e que a rua não funciona mais como o único local de recrutamento, incluindo as casas de massagens, saunas, serviços a domicílio e bordéis.

Os pontos de atuação dos garotos de programa/michê constituem-se em territórios determinados *pela* e *para* a prostituição, caracterizando-se por gestos, falas e performances próprias do mercado do sexo, o que pode ser evidenciado quando Pinel (2003) aponta a existência de diversos tipos de garotos de programa/michês, dentre os quais: o táxi-boy (aquele que oferece seus serviços pelo telefone); o michê de rua; o michê de sauna; michê *online* e o michê de marquise (que fica parado, exposto aos clientes).

Matos e Ribeiro (1995) discutem a territorialidade da prostituição, classificando-a como móvel, de acordo com a dinâmica da própria cidade em que os profissionais do sexo atuam, reiterando o nomadismo identificado por Perlongher (2008), que consiste no perambular dos michês de um ponto para outro. Andrade e Teixeira (2004) ampliam a discussão acerca dessa territorialidade apontando os meios de comunicação de massa como formas alternativas de divulgação do trabalho dos profissionais do sexo: os anúncios em sites, jornais ou revistas, substituem, de certa maneira, a ocupação dos espaços físicos da cidade, pois servem para seduzir os interessados nesse tipo de serviço.

Perlongher (2008) aponta a existência de uma caricaturização dos garotos de programa/michês, que, no intuito de exporem sua heterossexualidade, acabam por se ultramasculinizar, seja pelos músculos bem desenvolvidos ou pelo tipo de vestimenta, funcionando como uma estratégia comercial para atrair mais clientes. Essas estratégias descritas por Perlongher (2008) já haviam sido citadas por Fry (1983), o qual apontou a divisão social de papeis sexuais no âmbito da prostituição masculina e exemplificou os casos dos michês e travestis. Enquanto dos primeiros espera-se uma aparência máscula, do mais másculo dos homens, dos segundos espera-se o contrário, uma aparência mais feminina, da mais feminina das mulheres.

Assim, de acordo com Perlongher (2008), essas estratégias nada mais são do que a afirmação da heterossexualidade pelos garotos de programa/michês, a qual, de acordo com esse autor, é demandada pelos clientes, que desejam manter relações sexuais com rapazes *heterossexuais*. Porém, o autor evidencia que existe a alternância de papéis, com o garoto de programa/michê ora assumindo a posição *homo* ora a *heterossexual*, o que gera uma confusão na identidade nestes rapazes.

Para Parker (2002), a distinção dos papeis ativo e passivo nas relações sexuais se evidencia mais ainda em se tratando da prostituição masculina e da distinção entre o michê e a travesti, sendo que aquele representa o masculino, o ativo, enquanto essa representa o feminino, passivo. No entanto, nem sempre esses papeis normativos (até mesmo na prostituição masculina) são tão fixos como aparentam, pois, como exemplifica o autor, nos ambientes privados, os michês podem acabar por se envolver em sexo anal passivo em troca de um pagamento mais elevado. Essa flexibilidade na configuração do programa em se tratando do sexo anal passivo foi observada também por V. Barreto (2012), que afirma a existência de uma cartografia de partes do corpo e de práticas sexuais para os michês, de forma que práticas tidas como mais feminilizantes podem ser neutralizadas pelo pagamento de um valor a mais, justificando, dessa forma, o deslocamento do posicionamento erótico.

Machado e Silva (2002) relatam que mesmo com menor demanda foram evidenciados atendimentos realizados pelos garotos de programa/michês a homossexuais, sendo caracterizados pelo binômio ativo/passivo, aspecto também evidenciado por Santos (2011). Os autores pontuam que, ao assumirem o papel de passivos na relação sexual, os garotos de programa/michês não precisam de excitação, ao contrário de quando assumem o papel de ativos, ao qual se torna imprescindível tanto a dimensão quanto a funcionalidade do pênis, sendo necessário que haja um mínimo de excitação. Em suas entrevistas com os profissionais do sexo, os autores evidenciaram ainda que a maior parte deles não se envolve afetivamente com os clientes e também não obtém orgasmo na relação sexual, delimitando o caráter profissional da atuação, marcado também pelo uso do preservativo.

Na prostituição masculina mantêm-se as normativas de gênero e do que é esperado do masculino e do feminino, de forma que há um contraste entre a atividade que é esperada do michê e a passividade da parte do cliente (seja homem ou mulher). O autor pontua que correspondendo ao padrão da atividade e masculinidade, os michês se hipermasculinizam, produzindo certa defesa psicológica que sustente as relações estabelecidas na prostituição e

que permita que eles voltem à convivência em suas comunidades e às suas relações heterossexuais. Assim, o autor defende que essa defesa permite que a masculinidade dos michês não seja colocada em prova (Parker, 2002).

Trevisan (1998) também atenta para a hipermasculinização presente na prostituição masculina, apontando que os michês costumam colocar chumaços de algodão próximos ao pênis, para aumentar o volume nessa região, demonstrando a importância do tamanho do dote. Além dos michês, o autor também cita essa valorização do tamanho do pênis na prostituição de travestis, afirmando que quanto maior o membro viril, mais sucesso fazem com a clientela.

Tendo em vista o exposto, vemos considerações acerca da prostituição viril as quais abordam desde a idade dos profissionais do sexo até o tipo de cliente a que atendem e a prática que realizam, sendo todas elas perpassadas pelas questões de gênero. O universo do garoto de programa/michê ainda é pouco conhecido, o que pode ser justificado pelas discussões de Santos (2011) acerca da existência de uma dupla estigmatização desse fenômeno, que é discriminado tanto por ser i) uma prática historicamente constituída como alvo de preconceitos quanto pela ii) caracterização homossexual que assume na maior parte das vezes. Isto posto, considerando a revisão bibliográfica realizada, a pergunta que esta pesquisa se propôs a responder é: *O que é e como se constrói o fenômeno do garoto de programa/michê e como ele vivencia essa práxis na contemporaneidade?*

CAPÍTULO 4 – PESQUISA QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA

4.1 Contextualizando a Pesquisa Qualitativa Fenomenológica

De acordo com Furlan (2008), o método é um caminho provisório que visa responder um questionamento específico; no entanto, no trajeto da pesquisa, outras tantas questões podem surgir e sugerir novas ideias e caminhos, suscitando novas proposições metodológicas. Para esse autor, pesquisar consiste em abrir-se para o desconhecido, mesmo que isso gere desamparo frente à realidade, ou seja, abrir-se ao sentido da própria experiência e deixar-se provocar por seus sentidos.

Essa pesquisa objetivou buscar a compreensão acerca da forma como homens maiores de dezoito anos vivenciam a prática da prostituição masculina nos dias atuais. O fenômeno que estamos indagando é o mundo-vida dos garotos de programas/michê. De fato, o que tentamos responder é a seguinte questão: o que é o fenômeno michê? Conforme já exposto, o termo michê carrega certa obscuridade em se tratando de sua origem; no entanto, aqui o entendemos como Viana (2004) e Perlongher (2008), os quais afirmam que o michê é o homem que se prostitui, mas que não abre mão de sua masculinidade, ou seja, aquele homem que representa o estereótipo de homem macho e viril.

Cabral e Morato (2013) pontuam que a questão norteadora da pesquisa funciona como uma bússola e que qualquer resposta a ela provocará imediatamente novos questionamentos; afinal, “inquietar-se é característico do ser humano” (p. 180). No intuito de compreender o fenômeno delimitado em nosso estudo, escolhemos a metodologia de pesquisa qualitativa fenomenológica por acreditarmos que essa metodologia pode responder à nossa indagação acerca do mundo-vida do michê, tendo em vista que valoriza os significados e sentidos que o colaborador traz à tona.

Antes de expor especificamente a metodologia escolhida por nós, é imprescindível problematizar o que se entende por conhecimento científico para a fenomenologia, expondo os dois paradigmas que dominaram a ciência. Isso se faz importante na medida em que só a partir dessa contextualização é que se torna possível apreender a relação da fenomenologia com o a ciência.

Godoi, Bandeira-de-Mello e Silva (2010) discutem acerca da questão do conhecimento científico e de como este foi se consolidando no decorrer dos anos, passando de uma visão moderna para a pós-moderna. Os autores dividem esse percurso epistemológico em dois momentos distintos: o da *dominação do objeto e* o do *relativismo.* No primeiro, conhecer o

objeto era o mesmo que dominá-lo, e era essa manipulação que garantia a objetividade científica. Já o segundo, contrário ao período anterior, não buscava a manipulação instrumental e tampouco uma verdade absoluta. Para esses autores, o período do relativismo expandiu o pensamento acerca do conhecimento científico e oportunizou que pensadores pós-modernos, como Heidegger, se utilizassem da compreensão como parte da ciência, mesmo sendo essa desprovida da possibilidade de saber algo *a priori*. Ou seja, para o relativismo a valorização da compreensão leva à valorização da vida e da subjetividade, pois "a vida humana é concebida como um horizonte de possibilidades não decididas" (Godoi, Bandeira-Mello & Silva, 2010, p. 4).

Exemplificam essa nova postura do conhecimento científico pela hermenêutica, pontuando que para esse posicionamento teórico o sujeito se constitui a partir do mundo, e não o contrário, como era concebido pelo pensamento cartesiano. "Por meio da concepção hermenêutica podemos dizer que a tarefa da pesquisa não é descobrir objetos absolutos, mas prosseguir a construção dos sentidos da conversação" (Godoi, Bandeira-Mello & Silva, 2010, p. 4).

> A atenção reside na capacidade do sujeito de se entregar aos objetos e deixar que estes, de forma recursiva, o redefinam. Os pesquisadores começam a observar que vão se modificando durante a sua pesquisa, redefinindo seus horizontes de sentido, questionando suas certezas prévias e produzindo novas concepções. A tarefa de compreensão e interpretação dos sentidos impregnados nas práticas é vista como infinita. A postura hermenêutica implica estarmos não apenas abertos, mas expostos às novas possibilidades presentes nos objetos (Godoi, Bandeira-Mello & Silva, 2010, p. 4).

Essa nova postura do conhecimento é consequência de uma mudança de paradigma. Silva e Roman Neto (2010) problematizam a questão do paradigma e apontam que este se trata de um posicionamento assumido para perceber uma realidade social. De acordo com os autores, o paradigma pós-moderno não se contrapõe totalmente ao paradigma moderno; na verdade, ele "apresenta um novo modo de vislumbrar a sua utilização no desenvolvimento de uma teoria" (p. 68). E defendem que os paradigmas podem ser complementares e que nenhum método de pesquisa é melhor que o outro.

> Tudo depende da visão de mundo e da questão de pesquisa que se deseja responder. Essa questão será diferente para o mesmo objeto a ser pesquisado em função da perspectiva multiparadigmática adotada. É evidente que, para cada um desses grandes paradigmas, existem outros que estão vinculados a eles, mas que necessariamente não devem se contrapor aos demais, já que podem ser complementares. Cada um deles tem pontos positivos e negativos, o que reforça, de certa forma, a necessidade de complementaridade (Silva & Roman Neto, 2010, p. 80).

Para Godoi, Bandeira-de-Mello e Silva (2010) a mudança de paradigmas do conhecimento científico levou a um estilhaçamento paradigmático, o qual desestruturou noções clássicas como as de verdade, objetividade e razão, encerrando irreversivelmente um ciclo do pensamento científico. Os autores pontuam que no pensamento anterior havia muito rigor, no entanto, isso gerava a perda em riqueza, em originalidade. Ou seja, para esses autores, "para afirmar a personalidade do cientista destruiu a personalidade da natureza" (p. 5).

Boeira e Vieira (2010) entendem a vertente fenomenológica como uma alternativa ao paradigma dominante/positivista. Para os autores, a fenomenologia constitui-se como ambivalente, contraditória e complexa, a qual implica em conhecer o universo interior dos indivíduos ao invés de valorizar apenas o mundo observável. Silva e Roman Neto (2010) fazem considerações sobre o método fenomenológico como aquele que valoriza a experiência vivida na compreensão de um fenômeno específico.

> Uma pesquisa fenomenológica não tem um ponto de chegada, e a busca proposta por ela é infinita. Tudo parte da experiência vivida e retorna a ela. Por isso, a delimitação da questão de pesquisa é um ponto de partida fundamental, pois indica qual fenômeno da experiência vivida será investigado e direciona a trajetória a ser percorrida (Silva & Roman Neto, 2010, p. 278).

Para esses autores, o método fenomenológico considera cada pessoa como um ser genérico e ao mesmo tempo também singular, pois compreendem que é a singularidade que torna cada sujeito único.

> O desenvolvimento de uma pesquisa utilizando a fenomenologia como método para compreender os significados das experiências vividas se configura como um "olhar" sobre o fenômeno que tem na experiência vivida uma fonte rica para a reflexão de temas relevantes, como o medo, o conflito, o tempo, o poder, as relações interpessoais, o estresse, a dor, o ódio, o trauma, o sofrimento, a inveja, a vingança, entre outros (Silva & Roman Neto, 2010, p. 272).

Ensinam-nos que o primeiro passo em uma pesquisa de abordagem fenomenológica é delimitar o contexto da pesquisa e, concomitantemente, escolher as pessoas que farão parte dela e iniciar a coleta dos relatos de experiência. Para os autores, a pesquisa fenomenológica não trabalha com dados a serem coletados, mas com uma oportunidade de conversação. A partir do momento que se entende que a pesquisa fenomenológica não trabalha com dados, mas sim com pessoas e suas experiência de vida, é que o pesquisador deve deixar de lado seu conhecimento prévio sobre determinado fenômeno e se abrir ao encontro com o colaborador (Silva & Roman Neto, 2010).

> Ao admitirmos que a ciência não descobre, cria, e que o ato criativo é protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica, torna-se cada vez mais necessário conhecer-se interiormente antes de pretender conhecer aquilo que se pode conhecer do real. Trata-se de um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separa, mas nos une pessoalmente ao que estudamos. Ressubjetivado, o conhecimento científico ensina a viver e se traduz em um saber prático (Godoi, Bandeira-Mello & Silva, 2010, p. 5-6).

Em se tratando do paradigma fenomenológico, pesquisador e colaboradores estão tão implicados que "não há como verificar a validade das informações fornecidas pelas pessoas entrevistadas. O pesquisador precisa acreditar que aquilo que eles relataram realmente representa suas experiências" (Silva, 2010, p. 289). Tendo em vista essa implicação entre pesquisadores e colaboradores, para Silva (2010), é preciso admitir que sempre haverá uma perda entre o que foi vivido pelo colaborador e o que ele relata na entrevista; no entanto, a importância da pesquisa de abordagem fenomenológica está muito mais no encontro entre pesquisador-colaborador, no processo de pesquisa, do que em um resultado final, pré-estabelecido.

> Os resultados de um estudo fenomenológico, materializado em um texto rico em significados, devem possibilitar uma conversação entre o leitor e o texto de modo que contribua para um processo de reflexão. A vivência da pesquisa fenomenológica leva o pesquisador a viver uma experiência única e singular, também rica em significados porque é vivida de forma intensa (Silva & Roman Neto, 2010, p. 295).

Como afirma Amatuzzi (2009), "seguindo o modo fenomenológico de pensar, o lugar em que se chega é próprio; tem a coloração do caminho percorrido" (p. 94). Ou seja, a pesquisa qualitativa fenomenológica abrange a experiência em si, na sua intencionalidade e no encontro intersubjetivo, independentemente de quaisquer juízos de valor. Para C. Barreto (2013), a metodologia de pesquisa fenomenológica implica a superação da cisão entre sujeito e objeto, assumindo a intencionalidade da consciência e a descrição como forma de se acessar o conhecimento.

Ainda, segundo Moreira (2004), a pesquisa qualitativa fenomenológica considera o ser humano enquanto agente do processo de pesquisa, de maneira que é a visão de mundo deste sujeito que importa, com o método fenomenológico sendo usado sempre que se queira valorizar a experiência de vida das pessoas. Para Moreira (2006), a pesquisa com abordagem fenomenológica busca explorar um fenômeno simplesmente da forma como ele se mostra à consciência, sem pressuposições de qualquer ordem e sem buscar um fim específico.

Moreira (2006) justifica esse posicionamento da pesquisa em fenomenologia evidenciando a etimologia da palavra fenômeno, a qual deriva de dois termos de raiz grega:

phainomenon, indicando o que se mostra a partir de si mesmo, e *logos*, que significa ciência ou estudo. Assim, esse autor entende que o significado etimológico de fenomenologia consiste no estudo do fenômeno, compreendendo, para tanto, tudo o que se manifesta ou revela por si mesmo. Considerando estas colocações, o autor aponta que a fenomenologia consiste em um movimento filosófico que dá destaque à experiência vivida e o faz entrando em contato com o que é próprio do sujeito, constituindo-se como um método que parte da realidade para a compreensão desta mesma realidade; portanto, uma ciência da experiência e não dos fatos:

> O comportamento de uma pessoa inclui tudo aquilo que se pode ver ou ouvir, enquanto que a experiência da pessoa inclui tudo aquilo que é inacessível aos outros. O comportamento fica num polo designado como objetivo e a experiência fica num polo designado como subjetivo (Moreira, 2004, p. 11).

Na mesma direção, para Merleau-Ponty (2011), a fenomenologia consiste no estudo das essências, estudo feito a partir da existência, ou seja, da facticidade – a fenomenologia entende que o mundo já está dado antes mesmo da reflexão e que deve ser descrito e não analisado ou explicado, de forma que o mundo não consiste naquilo que se pensa dele, mas no que se vive dele/nele. Dessa forma, Merleau-Ponty (2011) fala de um campo transcendental, o que significa que a reflexão é parcial, não se dá sobre o todo, mas sobre uma parte, um campo, sendo, assim, de potência limitada.

Bruns (2007) pontua que a fenomenologia possibilitou que a psicologia adotasse uma nova postura diante da análise dos fenômenos psicológicos, tendo em vista que não se ateve unicamente ao observável, mas passou a estudar as experiências vividas pelos sujeitos sem priorizar ora sujeito ora objeto, mas a relação sujeito-objeto-mundo constituidora do que Dartigues (2008) denomina de campo fenomenológico. Dartigues (2008) diferencia a experiência das ciências experimentais e a da análise fenomenológica, alegando que a primeira consiste em uma experiência sobre o fenômeno enquanto a segunda em uma experiência do fenômeno.

Moreira (2004) elucida que a fenomenologia não parte de pressuposições e não se preocupa com o que é real, seu enfoque se dá apenas na intuição e na intenção, constituindo-se como uma ciência das essências, sem as quais nenhum fenômeno pode sequer ser pensado. Amatuzzi (2007) explica que o objetivo da pesquisa fenomenológica é tomar o relato em sua intencionalidade, buscando acessar a experiência vivida e não o que pode ser inferido. Dartigues (2008) relata que o princípio da intencionalidade corresponde sempre a uma

consciência de algo – é, portanto, intencionalmente dirigida a um objeto específico. Esses autores corroboram Forghieri (1993) que já explicitara acerca da intencionalidade que esta implica no reconhecimento de que nem o mundo é puramente exterior e nem o sujeito unicamente interior, mas que existe entre ambos uma interligação contínua.

Relacionando a fenomenologia à pesquisa qualitativa, Moreira (2004) a explica como detentora de algumas características próprias:

- Ênfase na interpretação em detrimento da quantificação, a interpretação é advinda dos próprios participantes da pesquisa.
- Valorização da subjetividade ao invés da objetividade, tendo em vista que o interesse é em cada um dos participantes.
- Flexibilidade na condução da pesquisa, considerando que não é possível uma definição antecipada dos caminhos a serem seguidos no desenvolvimento do estudo.
- Foco no processo de pesquisa e não em seu resultado ou objetivo predeterminado.
- Valorização do contexto, pois este faz parte da formação de experiências dos sujeitos e não pode ser ignorado.
- Reconhecimento do impacto que o processo de pesquisa pode causar em seu desenvolvimento.

Holanda (2007) corrobora as características da pesquisa qualitativa citadas por Moreira (2004) e acrescenta que esta forma de pesquisa ganhou espaço por permitir o acesso ao mundo subjetivo do homem, incorporando o mundo privado imensurável à pesquisa quantitativa tradicional uma vez que a investigação se dá no âmbito intersubjetivo. Para este autor, a vantagem da investigação qualitativa reside na aproximação do pesquisador ao fenômeno e na compreensão deste fenômeno livre de uma determinação *a priori*, de forma que se constitui em uma pesquisa orientada para a descoberta.

A pesquisa qualitativa possibilita diversas leituras, uma das quais pode ser realizada por meio da fenomenologia. Para ser considerada uma pesquisa fenomenológica, deve contemplar três elementos fundamentais:

> O primeiro desses elementos é a *redução fenomenológica*, ou a abstração de juízos que deve ter o pesquisador sobre o tema pesquisado, permitindo-lhe o acesso aos significados puros do sujeito; o segundo elemento é a *intersubjetividade*, ou a relação que se estabelece entre sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado, seus conteúdos e os envolvimentos decorrentes desta relação; e o terceiro elemento é o *retorno ao vivido*, ou a retomada do "mundo da vida" do sujeito-pesquisado através do seu depoimento (Holanda, 2007, p. 45).

No que diz respeito aos elementos constituintes da pesquisa fenomenológica, é fundamental explorar o significado e os alcances de cada um deles. Em se tratando do

primeiro elemento, Moreira (2004) aponta que a redução fenomenológica é também denominada de *epoqué*, palavra de origem grega que remete à suspensão de julgamento. Atitude que o fenomenólogo deve assumir, de maneira a não duvidar da existência do mundo e sim coloca-la em suspenso por considerar que o mundo existente não se constitui como o tema de estudos da Fenomenologia, mas sim a maneira pela qual o conhecimento deste mundo é revelado. Amatuzzi (2007) entende que a redução fenomenológica consiste no fato do pesquisador ter um senso crítico acerca de suas estruturas e ser capaz de deixa-las de lado momentaneamente, abrindo-se aos fenômenos que podem se revelar.

Bruns (2007) refere ainda que a redução fenomenológica não impõe uma atitude neutra em relação ao fenômeno, mas admite uma postura intencional do pesquisador. A pesquisa fenomenológica, de acordo com Cabral e Morato (2013), consiste em um trabalho autoral, tecido pelas experiências do autor e marcado por sua condição imprescindível de ser-no-mundo-com-os-outros. Para essas autoras, a atitude fenomenológica de pesquisa apresenta-se na implicação do pesquisador no processo, sem presumir neutralidade.

> As inquietações experimentadas pelo pesquisador referem-se a alguma dimensão de sua existência, refletindo um não saber(-se) por inteiro; a pessoa se mobiliza por questões que nte da impossibilidade (ainda que momentânea) de compreender algo que lhe diz respeito ou implica de alguma forma. Dito de outro modo, acontecimentos ou fenômenos que se apresentam ao humano demandam um posicionamento ou um situar-se em relação ao que se mostra, revelando-se sua condição relacional consigo e com o que o envolve (Cabral & Morato, 2013, p. 160).

De acordo com Dartigues (2008), para que a essência seja alcançada não é necessário comparar ou concluir, mas reduzir de maneira a purificar o fenômeno do que é fático a fim de que apareça somente sua essência. Forghieri (1993) aponta a existência de dois momentos fundamentais na redução fenomenológica: o envolvimento existencial, isto é, que o pesquisador suspenda os conhecimentos previamente adquiridos e sintonize-se com o fenômeno vivenciado pelo pesquisado; e o distanciamento reflexivo, que constitui o distanciamento necessário (nunca completo) da vivência para que seja possível a sua compreensão. Esses dois movimentos da redução fenomenológica propostos pela autora são interligados, havendo a preponderância ora de um ora de outro durante o processo. Para esta autora, a redução fenomenológica consiste basicamente em uma mudança de atitude, da natural à fenomenológica, a qual permite que o fenômeno seja compreendido em sua totalidade.

Além da redução fenomenológica, Moreira (2004) cita a existência da redução eidética e a explica como sendo a apreensão das essências, o que ultrapassa a apreensão da consciência, pois implica depurar tudo o que não seja fundamental ao fenômeno, restando-lhe apenas o que é essencial e impossível que seja pensado de outra forma. Holanda (2007) resume que a redução eidética propõe-se a alcançar a intuição das essências.

Com relação ao segundo elemento, a intersubjetividade da pesquisa fenomenológica é compreendida como a relação estabelecida entre o pesquisador e o colaborador e a valorização do relato do colaborador. Para Holanda (2007), na pesquisa fenomenológica o pesquisador é coparticipante, de maneira a não prescindir de sua participação, pois assim como o sujeito que está sendo pesquisado o pesquisador é também um ser intencional.

E é justamente esta relação entre pesquisador e pesquisado que se constitui para Holanda (2007) como um importante diferencial da pesquisa fenomenológica, a intersubjetividade. Esta intersubjetividade pode ser compreendida pela alusão que Dartigues (2008) faz ao conceito de simpatia para explicar a maneira pela qual se pode compreender algo que não é experimentado, como no caso do pesquisador que pode jamais vir a experienciar o que está sendo pesquisado, mas que pode compreender o fenômeno por meio do relato do colaborador.

Essa intersubjetividade é tão presente na pesquisa fenomenológica que, de acordo com Cabral e Morato (2013), os participantes da pesquisa não aparecem como sujeitos de pesquisa, mas como interlocutores ou colaboradores, pois estão junto com os pesquisadores alicerçando os processos de conhecimento, ações e práticas. Para as autoras, é importante a maneira como os encontros entre pesquisador e colaborador ocorrem, pois valoriza a coexistência como "lócus primordial para a elaboração de sentido no contexto da existência, implicando afetações, mobilizações, desalojamentos" (p. 180).

Por fim, o terceiro elemento da pesquisa fenomenológica é o retorno ao vivido, o qual consiste na obtenção de relatos de vida. Nesse sentido, Moreira (2004) aponta que independentemente da maneira como forem coletados os relatos acerca da experiência vivida dos colaboradores, a maior parte destes deve ser obtida em segunda mão, o que implica que parta do depoimento do próprio colaborador que está participando da pesquisa, seja por meio de entrevistas ou ainda pela escrita. Amatuzzi (2007) pontua que o acesso ao vivido só pode se dar pelas versões que o colaborador tem do que foi experienciado. Trata-se, portanto, de acordo com Holanda (2007), de apreender a realidade "a partir do sentido desta para uma subjetividade intencional que a pesquisa fenomenológica busca acessar, ou seja, alcançar o

significado da realidade e do mundo para um sujeito que é encarado como ator e protagonista de sua própria vivência" (p. 38).

Considerando as visões destes fenomenólogos, a busca dessa pesquisa foi por um conhecimento ampliado acerca do fenômeno do garoto de programa/michê, compreendendo as razões de sua existência e o lugar que ocupa no mundo atual, não visando ao esgotamento das discussões sobre o tema, mas ao contrário, contribuindo para seu desenvolvimento.

4.2 Estratégia de Acesso aos Relatos

Considerando que a pesquisa fenomenológica vai em busca do vivido, Amatuzzi (2007) orienta que é necessário que o pesquisador atue como um facilitador do acesso a esse vivido, pois é possível que muitas pessoas ainda não tenham tido a oportunidade de relatar suas experiências. Uma das maneiras pelas quais os relatos de experiências de vida podem ser obtidos é exemplificado por Moreira (2004) como o método da história de vida – uma técnica de pesquisa qualitativa que busca compreender a visão que uma pessoa tem da vivência de experiências subjetivas específicas.

Os depoimentos dos michês foram obtidos por meio de entrevista compreensiva, descrita por Godoi e Mattos (2010) como sinônimo de entrevista aberta, em profundidade, ou simplesmente qualitativa. Para esses autores, todas essas denominações de entrevistas são caracterizadas como formas "de realização de conversações com fins de pesquisa" (p. 306). Esses autores compreendem a entrevista como uma construção comunicativa, "uma forma de produção e interpretação da informação através da análise dos discursos, e não um simples registro do que falam os sujeitos" (p. 307).

> A entrevista serve para desvelar emoções, sentimentos e subjetividades. A comunicação não consiste somente em um mero intercambio informativo. A arte de perguntar e escutar afeta, em diversos níveis, as necessidades psicológicas dos indivíduos (Godoi & Matos, 2010, p. 317).

Para esse estudo, as entrevistas se deram sem limitação de tempo e foram realizadas entre os meses de março e julho do ano de 2013, mediadas pela seguinte questão norteadora: "*Peço-lhe que me conte sua história de vida, a partir de sua infância até o momento que passou à prática de michê"*. Como nos dizeres de Holanda (2007), "ninguém melhor para entender sua experiência que o próprio sujeito vivente" (p. 45).

Seguindo esta linha de pensamento, o pesquisador parte do significado atribuído e da perspectiva adotada pelo sujeito e não de sua própria perspectiva enquanto pesquisador. Para a compreensão dos depoimentos, de acordo com Amatuzzi (2007), "cabe ao pesquisador, durante a realização da entrevista, permanecer ativo, presente como um interlocutor que solicita e acolhe e também pedindo à pessoa que retorne à sua experiência concreta quando ela foge para a opinião ou teoria" (p. 21). Acerca do uso de entrevistas nas pesquisas de cunho fenomenológico, Amatuzzi (2007) pontua:

> Colher informações já prontas normalmente é o objetivo de um questionário. O que se colhe é o passado. Mas surpreender o vivido no presente, quando a experiência da pessoa é pensada de repente e dita como pela primeira vez, é objetivo de uma entrevista fenomenológica. Por isso a pesquisa fenomenológica é dialética e mobilizadora. Se é que quer ser profunda (p. 21).

Conforme exposto pelo autor, a entrevista possibilita o pensar e o repensar do colaborador acerca de sua própria história, por meio de sua experiência, mobilizando reflexões e mudanças. E é por esta razão que elegemos esse tipo de instrumento para o acesso ao vivido.

4.3 Acesso aos colaboradores

Antes de iniciar os contatos com os colaboradores, o Projeto de Pesquisa que deu origem a essa dissertação foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, tendo sido aprovado pelo Parecer No. 81.378, em 24 de Agosto de 2012 (Anexo A). Após a aprovação pelo CEP, se iniciou o contato com os colaboradores.

Partimos da valorização das vivências dos sujeitos, primando pela qualidade de suas falas e não pela quantidade. Para tanto, nos propusemos a entrevistar dez homens profissionais do sexo, a fim de compreendermos o significado que eles atribuem a essa prática profissional. Os critérios para a participação nesta pesquisa foram:

1. Idade mínima de dezoito anos;
2. Caracterização profissional/contínua da prática;
3. Tempo mínimo de um ano de atuação na prostituição.

O acesso aos colaboradores se deu de três maneiras distintas e em três cidades diferentes: o acesso a um dos colaboradores se deu por intermédio de pessoas conhecidas; a outros dois colaboradores, se deu por busca ativa em locais de divulgação da prostituição (rua

e *Internet*); e aos sete demais colaboradores, se deu por meio do contato com uma ONG que trabalha com prevenção de DST/AIDS com michês.

É importante discorrer brevemente acerca de como se deu a busca pelos colaboradores dessa pesquisa, tendo em vista que foi uma tarefa difícil e os recursos metodológicos por nós utilizados podem servir como base para outras pesquisas. É fundamental ressaltar que as entrevistas com os michês ocorreram em três municípios diferentes, dado à tentativa de buscar colaboradores em duas cidades de regiões metropolitanas (nas quais foram encontrados apenas três colaboradores) e, diante da dificuldade em conseguir o número proposto de dez participantes, foi necessário recorrer à busca em uma capital (na qual foram encontrados os outros sete participantes).

A primeira tentativa de buscar colaboradores para essa pesquisa se deu com o estabelecimento de contato com representantes da Secretaria de Saúde de dois municípios de regiões metropolitanas, a fim de investigar os programas municipais de atendimento às DSTs/AIDS e/ou prostituição. Esse contato foi feito com técnicas de nível superior (enfermeira e psicóloga) que respondiam pelo serviço. Ambos os municípios ofereciam programas específicos de saúde com enfoque nas DSTs/AIDS e dentro desses serviços estava o atendimento e acompanhamento de saúde de profissionais do sexo. No entanto, nas duas cidades só havia registros de mulheres profissionais do sexo terem passado por esses serviços.

Em um segundo momento, nessas mesmas duas cidades, foi feita uma pesquisa sobre a existência de ONGs que trabalhassem diretamente com profissionais do sexo. Apesar da busca por essas organizações do terceiro setor, nenhuma foi encontrada, o que nos levou a pensar que não existe esse tipo de trabalho nessas cidades, o que pode se dever às características provincianas dessas duas cidades, ambas fortemente marcadas pela colonização e cultura alemã.

A busca por ONGs que trabalhassem com profissionais do sexo não teve resultados satisfatórios diretos, porém, indiretamente o processo de pesquisar essas organizações implicou conversar com muitas pessoas sobre a pesquisa, o que levou à indicação de um contato para a realização da entrevista, mediado por uma terceira pessoa e que resultou na efetiva realização da entrevista.

Ainda nessas cidades provincianas de regiões metropolitanas, outra estratégia para buscar possíveis colaboradores foi por meio das salas de bate-papos da Internet direcionadas a

encontros e paquera. Essas salas eram dividas por cidades e regiões e foram feitas tentativas em salas das duas cidades, em momentos diferentes. Nesses bate-papos, o apelido escolhido por nós foi “pesquisadora”, e logo que se iniciava o acesso ao *chat* era enviada uma mensagem disparadora a um espaço de acesso comum a todos.

Na mensagem enviada foi pontuado que estavam sendo procurados michês para a realização de uma entrevista para uma pesquisa de pós-graduação e que caso alguém se interessasse e quisesse saber mais sobre a proposta, a conversa poderia iniciar de forma reservada pelo *chat* (essas salas de bate-papo tem a opção de enviar mensagens reservadas para as pessoas sem que os outros tenham acesso). Nos vários acessos às salas de bate-papo, muitos homens responderam à mensagem disparadora, alguns apenas interessados em saber mais sobre a pesquisa, mesmo sem serem michês, e outros tantos michês que se mostravam curiosos por alguém querer saber mais sobre eles.

Apesar das várias respostas positivas ao *chat*, a grande maioria dos michês não quis se expor em uma entrevista presencial – propunham que a entrevista fosse realizada *online*, mas ao saberem que isso não seria possível, se recusavam a participar. Uma minoria de michês se interessou pela pesquisa e até aceitou ser entrevistada pessoalmente, mas nesses casos não era claro que eles realmente compreendiam que se tratava de uma pesquisa científica de pós-graduação, pois muitos deles jogavam com a questão sexual, pontuando que o pagamento da entrevista poderia ser com sexo, ou outros comentários nesse sentido. Na realidade, foi possível inferir que alguns desses michês pensaram que a pesquisa que estava sendo proposta fazia parte de uma fantasia sexual, e que no encontro, o que ocorreria, de fato, seria sexo.

Dessa forma, apesar de algumas respostas positivas nas salas de bate-papo, não houve segurança por parte das pesquisadoras em concretizar essas possíveis entrevistas, tendo em vista que o apelo sexual dos michês para com a proposta de pesquisa foi exacerbado, colocando em risco a exposição das pesquisadoras. Apesar dessas várias tentativas falhas nos bate-papos, houve êxito em uma delas deu certo, em que houve confiança tanto por parte do michê quanto das pesquisadoras em realizar o encontro presencial.

A última tentativa de busca por colaboradores nas duas cidades já descritas acima se deu por meio da busca intencional de michês em uma área da cidade conhecida por ser ponto de prostituição. Essa busca foi realizada por uma das pesquisadoras acompanhada de uma figura masculina de sua confiança. A presença de uma figura masculina junto com a

pesquisadora serviu como marcador de confiança para a pesquisadora e como tentativa de ser um reforçador de que se tratava, de fato, de uma pesquisa científica, e não de uma jovem solteira em busca da realização de uma fantasia sexual. Esse cuidado precisou ser tomado pelo fato da busca pelos michês ter sido realizada de carro, de forma aleatória, em uma área de prostituição.

Essa busca intencional ocorreu mais de uma vez, em uma região conhecida por ser ponto de prostituição, no entanto, feminina (tendo em vista que não há uma região caracterizada pela prostituição masculina). Uma das pesquisadoras e seu companheiro saíam à procura de algumas pistas, olhares, gestos, quaisquer sinais que pudessem servir como pretexto para investigar o fenômeno da prostituição masculina naquele local. Após algumas tentativas de abordagem sem sucesso, em uma parada em um ponto comercial da região para pedir informações, foi encontrado mais um dos colaboradores da pesquisa, que era tanto comerciante quanto michê e que se dispôs a ser entrevistado.

Assim, apesar de insistentes tentativas em buscar colaboradores, foram encontrados apenas três nas duas cidades de regiões metropolitanas. Diante dessa dificuldade, outro recurso metodológico foi utilizado: realizar a busca em uma cidade maior, uma capital. Na capital escolhida, o contato se deu de forma mais fácil, pois lá havia mais de uma ONG que atuava com prevenção de DST/AIDS com os profissionais do sexo.

Em contato com uma das ONGs, a técnica de referência do serviço, uma assistente social, indicou o contato de um ex-michê, que atualmente trabalhava na ONG e que já havia concedido várias entrevistas, por ser um ativista da causa LGBT e da prevenção às DSTs/AIDS. Esse primeiro contato logo se desdobrou em uma entrevista e a partir daí foram encontrados todos os outros colaboradores que faltavam, todos por meio de contatos sociais.

Esse recurso de encontrar colaboradores para uma pesquisa por meio das relações sociais naturais é descrito por Godoi e Mattos (2010) como técnica da bola de neve (*snowball*), na qual “a captura de sujeitos participantes da amostra se dá por meio de amigos, parentes, contatos pessoais e conhecidos” (p. 309). E foi só a partir da utilização dessa técnica que foi possível completar as dez entrevistas a que nos propusemos realizar. Após essa descrição de como se deu a busca pelos colaboradores da pesquisa é que podemos prosseguir para o relato de como se deram as entrevistas propriamente ditas.

Seguindo o contato inicial com os profissionais do sexo e o aceite do convite de participar da pesquisa, foi marcado um encontro posterior no qual foi explicitado em que realmente consistia a pesquisa e apresentado aos colaboradores o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido elaborado segundo a Resolução No. 196/96 sobre a pesquisa envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (Anexo B). Após assinarem o Termo, os colaboradores responderam a um questionário de Critério de Classificação Econômica no Brasil, da ABEP (Anexo C), com vistas a contextualizar a situação econômica dos participantes. Dessa forma, responsabilizamo-nos pela condução séria e criteriosa da pesquisa, firmando um compromisso com a ciência, com os colaboradores da pesquisa e com a ética.

Considerando o compromisso ético assumido frente à realização da pesquisa, é importante que sejam explicitados os deveres atribuídos às pesquisadoras e os direitos dos colaboradores na participação da pesquisa, em conformidade com os requisitos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto:

- Aos colaboradores foi garantido o anonimato completo, não sendo identificados os nomes ou quaisquer informações que pudessem levar à sua identificação;

- Aos colaboradores foi garantida a possibilidade de desistência de participação na pesquisa a qualquer momento, mesmo após realizada a entrevista; nesse caso, sendo a entrevista descartada para uso na pesquisa.

- Aos colaboradores foi garantido o acesso aos resultados finais do trabalho, os quais poderão ser tornados públicos, salvaguardando suas identidades. As informações geradas pela pesquisa são de propriedade das pesquisadoras; no entanto, os colaboradores poderão ter livre acesso às mesmas, caso desejem.

- Em caso da participação na pesquisa ter gerado algum incômodo ou desconforto nos colaboradores, foi assegurado o atendimento psicológico em caráter de psicoterapia breve.

- As transcrições das entrevistas foram salvas e mantidas pelas pesquisadoras sem qualquer identificação dos colaboradores e os relatos gravados em áudio foram descartados.

No intuito de contextualizar o leitor a respeito dos colaboradores da pesquisa, elaboramos um quadro (Quadro 1), apresentado abaixo, o qual contempla resumidamente o perfil dos dez colaboradores. A média de idade foi de 34 anos, sendo quatro deles solteiros, três divorciados, um casado, um separado e um viúvo. A maior parte deles (seis) tem filhos, os demais (quatro) não têm. Em se tratando da escolaridade, sete deles têm o Ensino Médio completo, dois têm o Ensino Fundamental completo, e um deles tem diploma de Ensino Superior.

Quanto ao nível socioeconômico, quatro enquadram-se na classe B1, três na classe B2, dois na classe C e um na classe E. No que tange ao uso de drogas, oito deles já fizeram ou ainda fazem uso/abuso de drogas, sendo que foi possível perceber que a as classificações socioeconômicas mais baixas encontradas nesse estudo (C e E) têm relação com o uso descontrolado de drogas, pois o vício já não permite que haja dinheiro para outra coisa senão o consumo.

Colaborador	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**
Nome	Maicon	Marcelo	José	Carlos	Fabiano
Idade	38	62	23	35	29
Escolaridade	Ensino Médio	Superior	Ensino Médio	Ensino Médio	Ensino Fundamental
Nível Socioeconômico	B1	B1	B2	B1	B2
Estado Civil	Divorciado	Divorciado	Casado	Solteiro	Viúvo
Filhos	1	3	Não possui	Não possui	3
Uso de Drogas	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Colaborador	**6**	**7**	**8**	**9**	**10**
Nome	Luciano	Bernardo	Jorge	Roberto	Douglas
Idade	40	27	40	23	27
Escolaridade	Ensino Médio	Ensino Médio	Ensino Médio	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Nível Socioeconômico	E	B1	B2	C	C
Estado Civil	Solteiro	Solteiro	Divorciado	Solteiro	Separado
Filhos	1	3	2	Não possui	Não possui
Uso de Drogas	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Quadro 1 – Perfil dos Colaboradores

4.4 Momento de Análise dos Relatos

De posse de todos os relatos, cabe identificar se esses são relevantes a ponto de representarem o fenômeno indagado, ou seja, se consistem discursos fenomenológicos descritivos. Para Rezende (1990), há seis características fundamentais que têm de estar presentes para que um discurso seja considerado fenomenológico descritivo:

- Descrição significante: consiste no que é significativo e fundamental para que o fenômeno possa ser conhecido, ou seja, na identificação de quais sentidos dão sentido ao fenômeno em questão.
- Descrição pertinente: trata de considerar a complexidade e a multiplicidade constitutiva dos fenômenos e com isso não omitir nenhum aspecto, de forma a considerar o fenômeno exatamente como ele é.
- Descrição relevante: abrange a multiplicidade dos fenômenos e os unifica em função de uma ordem, de algo que não é natural, mas que está imposto no discurso, ou seja, considera que o sentido que se mostra em um contexto específico tem que ser privilegiado em detrimento de outros sentidos.
- Descrição referente: leva em conta que há duas dimensões de referência para o discurso, uma delas considerando especificamente a estrutura fenomenal, e a outra que abrange relações entre essa estrutura e seu contexto, ou seja, entre a estrutura e o mundo – que consiste em um referencial concreto a partir do qual nos posicionamos para compreender qualquer fenômeno que seja.
- Descrição provocante: evidencia o sentido que o sentido tem para aquele sujeito específico, ou seja, de que maneira o fenômeno o provocou, a ponto de ele aceitá-lo e estabelecer um sentido próprio.
- Descrição suficiente: é a aceitação de que uma descrição fenomenológica não visa ser algo pronto e acabado, pelo contrário, consiste justamente no que é da ordem do inesgotável, e justamente por isso é que deve ser suficiente, o que implica no estabelecimento de relações significativas entre os diversos elementos que fazem parte do sentido.

Considerando as características acima, as quais situam o discurso fenomenológico descritivo, nos utilizamos desses critérios para analisar os relatos obtidos através das entrevistas, sendo que todos os depoimentos foram gravados, transcritos e analisados a partir do referencial dos próprios colaboradores, de forma que as análises de todos os relatos fazem parte de um meio e não de um fim. Como aponta Bruns (2007):

> Tendo em vista o fato de o discurso humano ser necessariamente inacabado, incompleto, os horizontes de compreensão são inesgotáveis. Todavia, o fenômeno deve mostrar-se para o

> pesquisador em sua essência, ou seja, em suas características fundamentais vistas pela perspectiva do horizonte psicológico. Ao centrar a atenção em um fenômeno, é necessário que sua explicitação e argumentação sejam suficientes para virem a ser inteligíveis para o leitor (p. 74).

Em se tratando da análise dos relatos, de acordo com Moreira (2004), o método fenomenológico de Giorgi é um dos mais utilizados nas pesquisas em fenomenologia e tem como objetivo "a obtenção de 'unidades de significado' (ou seja, temas ou essências) contidas nas descrições e reveladoras da estrutura do fenômeno" (p. 123). Os quatro passos para a utilização deste método são descritos por Martins e Bicudo (1989), citados por Moreira (2004) e também por Bruns (2007):

1. Transcrever todos os depoimentos e realizar uma leitura global dos mesmos, de forma a compreender a maneira como os colaboradores vivenciam o fenômeno pesquisado.

Acerca deste primeiro passo, Moreira (2004) comenta que o pesquisador deve familiarizar-se com o texto e relê-lo quantas vezes julgar necessário, pois é neste momento que o restante do processo de análise será embasado.

2. Reler cada depoimento atentamente, buscando unidades de significado para a compreensão de como o fenômeno se revela para cada um dos colaboradores; estas unidades não preexistem, mas são percebidas pelo pesquisador no processo analítico.

Ainda de acordo com Moreira (2004), o segundo passo consiste na discriminação das unidades de sentido, pois o autor considera que não se pode analisar o texto todo de uma só vez, de forma que ele é subdivido em unidades de sentido, as quais se constituem como "discriminações espontaneamente percebidas dentro da descrição do sujeito" (p. 124).

3. Agrupar as unidades de significado em categorias que sejam capazes de expressar os *insights* psicológicos alcançados, utilizando-se, para tanto, do discurso psicológico, que permite a explicitação das realidades múltiplas contidas nos depoimentos dos sujeitos.

O terceiro passo é caracterizado por Moreira (2004) como o momento de transformação da linguagem do colaborador para uma mais apropriada a enfatizar o fenômeno em estudo.

4. Sintetizar e integrar todos os insights psicológicos presentes nas unidades de significado de forma a serem agrupados e, com isso, constituírem a compreensão geral do fenômeno.

Moreira (2004) descreve esse último passo como "síntese das unidades de sentido transformadas em uma declaração consistente da estrutura do fenômeno" (p. 125).

Por fim, Forghieri (1993) aponta que o sentido que determinada situação tem para uma pessoa é algo íntimo que escapa à observação, de forma que informações acerca dessa experiência devem ser obtidas no contato com a pessoa que está experienciando determinado fenômeno. Dessa forma, entendemos estarmos bem embasadas e consonância com as técnicas aqui explicitadas para seguirmos em nossa busca acerca do fenômeno da prática michê.

CAPÍTULO 5 – ANÁLISE COMPREENSIVA DO FENÔMENO MICHÊ

Tendo em vista o caminho metodológico apresentado no Capítulo 4, partimos da fenomenologia para analisar os discursos dos colaboradores e eleger categorias que sejam representativas de suas experiências e, mais do que isso, de seus mundos-vida. Assim, apresentaremos a seguir as histórias de vida de cada um dos colaboradores, bem como as categorias de significados que foram fundamentadas nos depoimentos de cada um deles, apresentadas abaixo.

- **Categoria 1 – Nos horizontes da família:** Nessa categoria, os colaboradores descrevem sua história de vida, considerando-a a partir da infância, passando pela adolescência e chegando à vida adulta.
- **Categoria 2 – Ingresso no mundo-vida da prostituição:** Nesta categoria, os colaboradores relatam o momento inicial em que se depararam com a prostituição.
- **Categoria 3 – Dinâmica dos programas:** Nesta categoria, os colaboradores relatam sua atuação na práxis prostitucional, incluindo desde aspectos mais objetivos como a clientela a que atendem, o preço dos programas, seus limites dentro do programa, até aspectos mais subjetivos como os significados da prostituição na vida deles.
- **Categoria 4 – Perspectivas para o futuro:** Nesta categoria os colaboradores apresentam seu projeto de vida – ou ausência deste – e perspectivas para o futuro tanto no âmbito pessoal quanto em se tratando da atuação na prostituição.

Antes de passar para a análise de cada um dos relatos, é importante salientar que na discussão serão utilizados sinônimos para denominar os homens que se prostituem, pois, segundo Alves (2011), há diversas identificações comumente usadas, dentre elas: prostituto, michê, *boy*, garoto de programa, acompanhante, amante profissional, massagista, menino de aluguel, *gogoboy*, *cowboy*, etc. Sendo assim, será respeitada a identificação que os autores citados se utilizaram em seus trabalhos.

A seguir apresentamos o perfil de cada colaborador (correspondente às informações prestadas nas datas das entrevistas), assim como as categorias e suas unidades de significado.

Perfil do Colaborador 1: Maicon

Maicon é um homem de 38 anos, pertencente à classe econômica B1, com segundo grau completo e divorciado. Tem uma filha de 19 anos, a qual reside com ele. Maicon tem três fontes de renda: uma proveniente de seu trabalho com registro em carteira na função de mecânico, a qual ele exerce durante o dia; a segunda, do ponto comercial de cachorro-quente após seu horário de trabalho; e a terceira, a renda do trabalho prostitucional que ele exerce aos finais de semana. Maicon afirma que separa essas três fontes de renda, para que não haja confusão e nem envolvimento em nenhuma das partes. A família de Maicon não sabe sobre sua vivência na prostituição.

Conforme relatado, uma das estratégias utilizadas para buscar colaboradores para a pesquisa foi percorrer as ruas conhecidas como pontos de prostituição. Nessa busca, a pesquisadora foi acompanhada por seu pai, tanto por representar uma figura masculina quanto por proporcionar mais segurança à pesquisadora em busca do desconhecido universo dos michês. Tendo decidido parar para pedir informações em um ponto comercial de alimentação e conversando sobre a pesquisa com proprietário, ele informou que poderia ser entrevistado, pois atuava também como michê.

Inicialmente, Maicon pensou que se tratava de um casal buscando por um profissional do sexo para a realização de um programa, mas depois que foi esclarecido que a busca era por um michê disposto a participar de uma pesquisa de pós-graduação, ele aceitou e informou que já participara de outra pesquisa anteriormente. A entrevista foi agendada no refeitório de um hotel da cidade no final da tarde, já que o espaço não era usado após o café-da-manhã. No dia da entrevista, a pesquisadora foi novamente acompanhada por seu pai, que a aguardou no hall do Hotel.

O cuidado em ter uma companhia masculina nos contatos com esse colaborador foi muito importante no sentido de tranquilizar a pesquisadora, pois foi a primeira entrevista da pesquisa. Estar acompanhada nesse primeiro momento possibilitou um maior rapport e naturalidade para a realização da entrevista fenomenológica, a qual ocorre na modalidade coloquial.

Categoria 1: Nos horizontes da família

Maicon não revelou muito sobre seu passado a não ser que é natural de uma cidade litorânea onde sua mãe tinha um restaurante, o que o influenciou a gostar do ramo alimentício, no qual trabalha até hoje. Migrou de cidade há oito anos, depois que sua mãe faleceu, para viver na cidade em que vive seu irmão. Ele disse que foi transferido da mesma empresa em que atuava como mecânico.

Por diversas vezes, no decorrer da entrevista, foram feitas tentativas de retomar o passado, incentivando-o a falar sobre suas memórias de infância e adolescência; no entanto, ele não quis dividir suas experiências. R. Silva (2006) pontua que os michês costumam ser mais fechados e/ou agressivos com pesquisadores e agentes interventores, de forma que é comum que eles falem pouco sobre suas vidas, respondendo rispidamente. Esse autor compreende que costuma ser difícil criar um vínculo de confiança com os michês, o que pode ser percebido, de certa forma, na entrevista com Maicon, que se fechou para os assuntos de sua infância e adolescência.

Esse silêncio de Maicon acerca de suas vivências no passado é também relevante, tendo em vista que o calar é uma forma de comunicação. De acordo com Morato (2013):

> Outra dimensão da fala, além do dizer e ouvir, diz respeito ao calar, que colhe e acolhe o ouvido. É uma forma de dizer, articulando o compreendido, embora se revele no silenciar, não expressando o compreendido em palavras, pois o compreensível, para além da palavra, pode ser apreendido pelo silêncio; é a silenciosidade como fala. Silêncio não é mutismo, pelo qual nada se tem a dizer (p. 65).

Seu calar foi acolhido e o seu posicionamento em não falar sobre seu passado foi respeitado. Amatuzzi (1989) nos ensina acerca do desafio do profissional – nesse caso específico, o desafio do pesquisador – que é o de ouvir a fala tal como se manifesta, sem prevê-la ou manipular o processo. O silêncio de Maicon só pode ser compreendido porque da parte da entrevistadora houve um movimento de abertura para a dimensão do ouvir. Segundo Morato (2013):

> O ouvir dispõe um proceder em relação ao outro: acompanha-o, nega-o, não o ouve, acolhe-o, opõe-se a ele; sem o ouvir não há acolhimento das crenças embutidas no estado de interpretado, impossibilitando a comunidade humana, pois ninguém houve o não compreendido (p. 64).

Ou seja, com seu silêncio Maicon comunicou que não se sentia preparado para dividir suas vivências do passado, pode demonstrar que aquele não era o momento e nem a circunstância para que isso fosse exposto e foi acolhido pela pesquisadora, que escutou e interpretou seu silêncio, permitindo a vinculação entre ambos.

Maicon se sentiu mais à vontade para falar sobre sua vida adulta, relatando que foi casado com uma mulher da qual está divorciado e com quem tem uma filha de 19 anos que reside com ele. De acordo com Maicon, o motivo que o levou a se separar foi o ciúmes excessivo que ela tinha dele, sendo que ela passou por tratamento psicológico para poder lidar com esse problema de ciúmes e hoje em dia está bem. Maicon tem um bom relacionamento com a ex-esposa.

> *Isso, então aquilo foi até pra um tratamento com psicólogo, sabe? Porque, na realidade já não era mais um ciúmes, passou a ser uma doença. Chegar em casa, quebrar as coisas, isso, aquilo. Então, antes de acontecer o pior, foi bom a gente se separar. Isso com conhecimento da família e tudo, a própria família dela encaminhou ela pra um tratamento psicológico. Hoje somos amigos, ela conseguiu se tratar, hoje somos amigos, eu converso com ela normalmente e ela comigo.*

Maicon relatou ainda que ela já namora outra pessoa enquanto que ele não se envolveu afetivamente com mais ninguém depois do divórcio. Se por um lado, não se envolveu afetivamente com ninguém em especial, por outro lado passou a se envolver sexualmente com várias pessoas, por meio de seu ingresso na prostituição.

Categoria 2: Ingresso no mundo-vida da prostituição

A entrada de Maicon no mundo da prostituição se deu há seis anos. Começou a se prostituir sem procurar por isso: quando ele saiu com uma mulher casada e ela quis pagá-lo; mesmo relutando em receber o dinheiro a início, acabou aceitando e percebendo que poderia ser uma boa ideia continuar com essas atividades sexuais remuneradas.

> *Ela propôs, daí eu até achei esquisito, eu não tava nessa área. Era uma área que eu nem pensava, e ela... Eu lembro até hoje, eu falei: "Não, mas eu não tô à venda" e ela: "Você não tá à venda, mas eu tô te pagando e a partir de hoje você sai comigo".*
>
> [Entrevistadora: *E você gostou da ideia?]*
>
> *Não é que eu não gostei da ideia, daí eu fui me apegando a esse tipo de pessoa, por eu não ter compromisso. Por detalhes, assim, que eu podia realizar o que elas queriam, realizar seus sonhos, suas vontades, seus desejos. E eu sentia pena delas também...*

A proposta de pagamento feita a Maicon despertou a sua curiosidade para uma possibilidade que ele não havia pensado antes. Ao entrar no universo prostitucional, Maicon se sentiu desejado e valorizado pelas clientes, sendo que essa atuação se deu após o seu divórcio.

[Entrevistadora: *Mas você, quando ainda estava casado, já atuava profissionalmente?]*

Não, nunca atuei profissionalmente porque nunca havia a necessidade disso aí, sabe? Como hoje não havia necessidade disso aí. Não, eu, se for pra depender disso aqui, eu não faço nem questão, entendeu? Só que hoje eu sou livre, desimpedido, faço, toco minha vida melhor, mas quando vivia com a minha esposa, jamais, nunca. O importante é que isso veio a rolar depois que a gente se separou, definitivamente.

Maicon é taxativo ao pontuar que não começou a se prostituir porque quis, que não procura clientes e que não depende financeiramente da prostituição: "*Então, eu tenho colegas que são assim, mas daí não têm um fixo, não têm outra coisa, só dependem daquilo ali, coisa diferente do meu, eu não dependo só daquilo ali, eu tenho as minhas coisas*".

De acordo com Chao (2008), em sua pesquisa realizada com garotos de programa, mais da metade de seus entrevistados apresenta outra fonte de renda além da proveniente da prostituição e é responsável por pelo menos uma pessoa. Essa autora faz uma comparação entre a prostituição masculina e feminina e aponta que para os homens a prostituição é a segunda fonte de renda enquanto que para as mulheres é a principal, o que pode ser corroborado por Maicon, o qual tem outras duas fontes de renda além da prostituição.

É nítido no discurso de Maicon que a razão pela qual ele se prostitui não é de ordem financeira. Ele pontuou que antes do divórcio não precisava da prostituição e que desde então não se envolveu afetivamente com mais ninguém. Diante disso, percebemos que Maicon passou a precisar sim da prostituição após o seu divórcio, não por questões de ordem financeira, mas sim subjetivas, o que ficará mais bem descrito na seguinte categoria.

Categoria 3: Dinâmica dos programas

Maicon divulga seus programas pela Internet e pelo telefone e o preço cobrado varia de duzentos e cinquenta a quinhentos reais. Ele afirma que consegue ganhar mais de dois mil e quinhentos reais por mês atuando na prostituição. No entanto, apesar dessa atividade ser um complemento de renda significativo, ele relatou que em algumas ocasiões nem cobra pelo programa, o que reforça nosso questionamento: O que leva Maicon a se prostituir?

Clientela:

Maicon só atende mulheres, sendo que a maior parte delas é casada. Ele frisou que é desconfiado em relação aos programas que realiza e às mulheres a que atende, e afirmou estudar bem a situação antes de sair com algumas delas. Relatou ainda que além desse cuidado inicial, utiliza alguns disfarces, pois teme que algum marido descubra e fique revoltado, havendo consequências para ele.

> *Esse estudo funciona assim, por exemplo, a mulher liga pra mim, uma semana antes eu fico só analisando, eu dou uma vasculhada, eu dou uma olhada, entendeu? Primeiro eu olho bem o campo, direitinho, pra saber onde que eu vou pisar, daí sim, depois que eu tenho um conhecimento total, daí é outra coisa. Por isso que eu tenho que usar dois relógios, dois óculos, porque eu tô aqui, eu tô com essa roupa, de repente eu saio daqui eu tô com outra, entendeu?*
>
> [Entrevistadora: *Por quê?]*
>
> *Pra disfarce, entendeu? Às vezes eu entro no motel com uma roupa e saio com outra.*

Guiraldelli e Souza, (2013) pontuam que no intuito de se manterem na prostituição, os michês criam diferentes identidades a cada cliente e/ou programa realizado e para persistir nesse ramo precisam suportar as consequências disso tudo, assumindo identidades e forjando estratégias para poder lidar com a vida pessoal.

> *Eu troco de roupa toda hora. Você me vê aqui de um jeito, você me vê outra hora de outro jeito, sempre tô mudando de figurino, sempre tô, às vezes tô de cabelo baixo, às vezes tô de cabelo alto, às vezes tô de cabelo comprido.*
>
> [Entrevistadora: *Como se você estivesse sempre mudando?*]
>
> *Sempre mudando, nunca a mesma coisa. Porque eu acho, assim, que existe gosto pra tudo. Ó, eu tenho clientes, elas gostam que eu uso roupa apertada, eu tenho mulheres, assim, que gostam que eu use roupas largas, eu tenho mulheres que gostam que use duas, três cuecas ao mesmo tempo.*

Maicon ainda pontuou que muda sua idade dependendo da cliente que vai atender, se for mais nova ele diz ser mais novo, se for mais velha faz o jogo inverso, afirmando ter mais idade. V. Barreto (2012) aponta que os michês fornecem informações "para cliente ver", ou seja, de forma contextual e relacional, o que depende do que ele acha que vai ser atraente para o cliente bem como da imagem que querem passar naquele momento. Tal característica adaptativa de Maicon aos programas e às clientes corrobora o estilo de vida do sujeito pós-moderno citado por Hall (2006), o qual pressupõe diferentes identidades para diferentes momentos, ou seja, não assume certa coerência; correspondendo também à liquidez característica da pós-modernidade, proposta por Bauman (2001).

> O que todas essas características dos fluidos mostram, em linguagem simples, é que os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade. Os fluidos, por assim dizer, não fixam o espaço nem prendem o tempo. Enquanto os sólidos têm dimensões espaciais claras, mas neutralizam o impacto e, portanto, diminuem a significação do tempo (resistem efetivamente a seu fluxo ou o tornam irrelevante), os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a muda-la; assim, para eles, o que conta é o tempo, mais do que o espaço que lhes toca ocupar; espaço que, afinal, preenchem apenas "por um momento" (p. 8).

A fluidez descrita por Bauman define a fluidez vivida por Maicon em sua atividade na prostituição, caracterizada pela brevidade dos encontros, pela inconstância, pela troca de roupas, identidade e história de vida, de acordo com cada cliente.

Maicon se reconhece como um profissional do sexo e não como um prostituto e justifica isso pelo fato de ele não procurar cliente alguma, mas ser procurado por elas. Além disso, para ele, faz parte de ser um profissional o fato de ter que realizar por completo as suas clientes. Maicon investe em sua atuação na prostituição, pois segundo ele, busca manter o corpo em forma, compra vários perfumes e fantasias. Além disso, ele relatou que só faz sexo com alguma cliente com uso de preservativo e que não abre exceções a essa regra.

> *Tem mulher que fala assim: "Não, mas eu não gosto com camisinha, não dá certo com camisinha, não sinto tesão com camisinha", e eu: "Mas você vai ter que sentir". Têm mulheres que, como que eu posso dizer pra você? Ela só quer ver a gente, têm mulheres que eu conheço, assim, que elas querem sem preservativo, mas não tem jeito, eu não topo, não faço isso, não tem como.*

A exigência do uso do preservativo, relatada acima, é encontrada também em outras pesquisas como, por exemplo, a de R. Silva (2006), em que o autor percebeu que o uso do preservativo pelas mulheres profissionais do sexo constitui-se como um divisor simbólico entre sexo e sentimento, de forma que elas se preocupam com a proteção nas relações sexuais com clientes enquanto que não dão essa mesma importância para as relações sexuais fora do âmbito da prostituição, com seus parceiros.

Maicon estabelece que o uso do preservativo nos programas é um dos fatores que o caracteriza enquanto um profissional do sexo. É também importante para ele a ética em sua atuação, no sentido de não sair comentando de seus programas com ninguém e nem falar de uma cliente para outra. Dessa forma, seu estilo de trabalho é bastante discreto e reservado, tanto que ele é bastante desconfiado, ele adiciona ainda que nunca deixa o motel junto com sua cliente.

Significados e sentidos da práxis sexual:

Maicon informou que sempre se satisfaz sexualmente na prostituição, pois goza em todas as suas relações sexuais, o que, de acordo com ele, só acontece depois que a cliente estiver bastante satisfeita. Ele afirma que nunca precisou tomar nenhum remédio estimulante sexual e que ele é muito "quente" e não tem problemas com o tesão.

Em se tratando dos significados e sentidos da práxis sexual, Maicon pontuou que o seu compromisso é dar carinho, atenção, amor, prazer e desejo às suas clientes. Para ele, "*Tem mulheres que elas gostam que o homem dance pra elas, elas gostam que o homem acaricie elas, elas gostam que o homem faça ela realmente ser uma mulher, entendeu?*" e ressaltou que é exatamente isso o que ele faz. Ainda definiu que o que essas mulheres buscam é realidade, a qual não têm nos seus casamentos.

Maicon relatou que sente pena de suas clientes, por serem desvalorizadas por seus maridos e afirmou, inclusive, que o motivo pelo qual ele se prostitui é pelas histórias de vida delas, pela convivência com as clientes, pois reiterou várias vezes que não depende financeiramente da prostituição. Relatou que assume um papel de consolador das suas clientes e que gosta de estar nessa posição, pois aprecia conversar com elas, saber suas histórias de vida, aconselhá-las e levantar a autoestima delas.

R. Silva (2006) aponta que uma das funções das mulheres profissionais do sexo é a de serem ouvintes dos anseios de seus clientes acerca de suas famílias, trabalho, e de suas próprias masculinidades. Para o autor, ao mesmo tempo em que a prostituta assume uma função subordinada em prestar serviços sexuais, ela também encontra dignidade em sua atuação quando assume o papel de confidente de seus clientes, o que corrobora as vivências relatadas por Maicon. Machado e Silva (2002) pontuam que a maior parte (90%) dos profissionais do sexo por eles entrevistados prestam seus serviços a casais e mulheres; essas, no entanto, buscam, além dos serviços de ordem sexual, um confidente, alguém com quem desabafar.

> *Já aconteceu de eu ir num lugar e ver uma pessoa deprimida e tal, e saí pra conversar só, só pra conversar, e eu ainda acabei levantado o alto-astral dela. Amanhecemos, não rolou cama, mas amanhecemos conversando, tomando um refrigerante, andando por aí, eu deixei ela na casa dela e vim embora.*

Maicon valoriza muito as histórias de vida de suas clientes e busca, inclusive, saber da trajetória de cada uma, relatando que até mesmo o preço que ele cobra depende da história narrada por cada uma, pois se ela tiver uma história muito sofrida, ou estiver bastante magoada, ele não cobra: "*Funciona assim, conforme a decadência já aconteceu de eu sair com uma mulher e não cobrar. Conforme a decadência, do que se trata, eu não cobro*". As clientes de Maicon têm diferentes histórias de vida, sendo que ele culpa os maridos dessas mulheres pelo fato de elas procurarem um profissional do sexo.

> *Porque quando uma mulher é completa, é realizada desde a casa até sexualmente ela não tem que procurar ninguém, ela é feliz, ela é satisfeita, por que que ela ia fazer isso? Então isso, o que acontece hoje em dia com a maioria das mulheres, não são culpa delas. Eu não to aqui pra culpa elas, eu tô aqui pra dizer, e também nem pra culpar os homens, eu tô aqui pra dizer que os homens que fazem as mulheres procurar outros, não são elas que saem procurar. Elas jamais iam procurar um outro homem, isso e aquilo, se elas têm um compromisso sério, se elas são realizadas, se elas têm a casa delas, se elas têm toda a mordomia que elas têm. Mas não adianta, igual muitas fala pra mim: "Ó, eu tenho casa, eu tenho carro, eu tenho faculdade, eu tenho isso, só que eu não tenho amor, eu não tenho carinho, eu não tenho atenção". O que que acontece? "Eu tenho dinheiro, eu tenho tudo, mas o que eu mais preciso é carinho, amor, atenção, uma relação unida sexualmente, uma relação que eu possa me satisfazer também e não só o meu parceiro". Então, o culpado disso é os homens, não são elas.*

Para Maicon, são os maridos os culpados, pois trocam as suas esposas pelo que há de pior, que em sua concepção são as travestis e os homossexuais, o que é expresso no seguinte trecho.

> *Então eu vejo assim, as mulheres que eu tenho contato hoje, elas são muito carentes, por que carentes? Porque elas dão a vida pelo homem, pelo marido que elas têm, mas o marido que elas têm não dão a vida por elas. Aconteceu de ter uma mulher muito bonita e ter um cara que não vale nada, um cara que às vezes troca ela pela pior coisa que tem lá fora, às vezes, e isso já contaram até pra mim.*
>
> [Entrevistadora: *E seria o que, a pior coisa que tem lá fora?*]
>
> *Nada contra os homossexuais, mas é humilhante pra uma mulher ser trocada por um homossexual. Olha... eu acho que é muito complicado... Imagina uma mulher gostosa, bonita, sensual, tudo pra ter um prazer na vida com um homem e o homem troca ela por um travesti, nada contra eles.*

Maicon não consegue compreender como os homens podem preferir transar com outros homens ou com travestis ao invés de transar com suas esposas. Seu relato demonstra uma realidade ainda presente nos dias de hoje: apesar dos estudos recentes entenderem o gênero como uma interpretação múltipla do sexo, grande parte do pensamento contemporâneo ainda está baseado na ideia binária dos sexos, a qual foi se solidificando no decorrer do

tempo, dividindo explicitamente a sociedade entre homens e mulheres e utilizando essa divisão para legitimar as relações de poder existentes (Burbulhan & Bruns, 2012).

Ressaltou que o fato de satisfazer suas clientes afetiva e sexualmente não o transforma em um objeto sexual e aponta tem sentimentos e que exige ser tratado com respeito, que isso é um limite pra ele, como pode ser exemplificado no seguinte trecho da entrevista:

> *São limites, igual aconteceu, chegou uma um dia e ela falou: "Pô, mas você se vende por tão pouco assim?", e eu falei: "Eu não to à venda", falei na cara da pessoa, ela até se sentiu um pouco constrangida. Daí trocou de assunto e eu falei: "Olha, a hora que nós começar a conversar dentro de um limite certo, daí beleza". Por causa que eu também não sou um objeto sexual, eu também tenho sentimentos, eu também tenho os meus limites. (...) Ela simplesmente chegou pra mim e falou: "Olha, eu te pago tanto" e nem perguntou se eu toparia ou não toparia. (...) Como se fosse meu dono! Eu me ofendi e eu fui realista pra ela, falei: "Ó, infelizmente não estou à venda", falei a verdade: "Se você se vende por tão pouco assim...". Daí falei mais delicadamente. Então, pra mim já não funciona esse tipo de coisa, por causa que assim como elas não são objeto sexualmente, eu também não sou, também sou um ser humano, tenho vontade, tenho desejo, tenho amor, tenho carinho.*

Como bem evidenciado no relato acima, para Maicon a prostituição é mais que um negócio. Apesar de ele dizer que não se envolve com suas clientes e que não mistura o lado profissional da prostituição com a sua vida pessoal, é perceptível que Maicon não consegue separar tanto assim esses dois aspectos. Merleau-Ponty (2011) pontua que não é possível admitir o corpo como objeto, mas sim como sujeito de movimentos e percepções.

Dessa forma, para Merleau-Ponty (2011), o corpo é dotado de intencionalidade e significação, o que justifica o posicionamento de Maicon, de não querer ser tratado como objeto sexual. Ou seja, por mais que a prostituição implique na relação sexual paga, isso não retira a intencionalidade do corpo de Maicon, seus movimentos e percepções, pois não é apenas um corpo objeto que está ali com as clientes – Maicon não pode se afastar desse corpo e depois a ele regressar. Ele é o seu corpo e esse corpo percebe e está conectado com o mundo e com o sentido de sua existência.

Seguindo essa linha de pensamento de Merleau-Ponty, o corpo de Maicon está tão conectado com sua existência, que é possível perceber que apesar de ele ter prazer nas relações sexuais com suas clientes, não é por essa razão meramente fisiológica que ele se prostitui, mas por razões subjetivas, pela companhia que ele tem das clientes, pela relação de amizade que estabelece com algumas, pelas histórias de vida que se cruzam, pela valorização da função de consolador que ele exerce e pela importância que ele tem para essas clientes. Ou

seja, para Maicon, ao contrário do que ele diz, a prostituição é algo que faz parte de sua vida pessoal e não da profissional.

Acerca dos relacionamentos estabelecidos dentro da prostituição, Maicon pontua que com algumas clientes ele estabelece um laço de amizade e que isso é importante para ele. Em relação a essa proximidade com as clientes, relata que algumas delas já quiseram adestrá-lo, mas que ele nunca permitiu, pois não quer se envolver com essas mulheres.

> *Ó, funciona assim... Eu tenho uma relação muito grande com essas mulheres, em termos profissionais. Algumas chegaram a querer me adestrar, só que eu não quero isso pra mim. Por que que eu não quero isso pra mim? Por causa que você não sabe o que você vai encontrar lá na frente. De repente um marido nervoso, um marido revoltado, entendeu? Então é melhor você levar no banho-maria, mais sossegado, sem ter pressa de nada, só o tempo sabe o que vai acontecer.*

Ele relata também que não gosta de sair várias vezes seguidas com a mesma cliente, já no intuito de não misturar as coisas, pois afirma que estabelece parcerias sexuais também fora da prostituição, apesar de não ter se envolvido afetivamente com ninguém desde a separação: "*Eu não quero isso pra mim, eu não quero isso pra mim por causa que eu não gosto de ser preso. Eu sou uma pessoa livre, uma pessoa espontânea*".

Categoria 4: Perspectivas para o futuro

Maicon afirma que seus projetos de vida são no âmbito profissional: quer concluir um curso técnico que faz na área de mecânica e abrir outro ponto comercial de cachorro-quente, mais bem localizado. Quando questionado sobre os projetos em se tratando da prostituição, nos relatou que não pensa muito nisso, mas que por enquanto pretende continuar. Essa reserva de Maicon no que tange aos seus projetos pessoais e de relacionamentos também foi respeitada.

Perfil do Colaborador 2: Marcelo

Marcelo é um homem de 62 anos, pertencente à classe econômica B1, com ensino superior completo e divorciado. É formado em sociologia, mas nunca exerceu essa profissão, sendo um renomado decorador de festas e eventos na cidade em que reside. Marcelo foi casado por trinta anos com uma mulher, teve três filhos e depois do seu divórcio passou a morar sozinho. Afirma que sentiu mais liberdade em sua vida sexual depois da separação, abrindo espaço para a vivência de uma sexualidade mais aflorada, o que incluiu experiências prostitucionais.

Marcelo foi o segundo colaborador entrevistado e o encontro com ele se deu na mesma cidade provinciana em que se deu o encontro com Maicon, o colaborador 1. Na tentativa de buscar colaboradores nessa cidade, conforme relatado, a pesquisadora utilizou a técnica *bola de neve* para ir divulgando a pesquisa e perguntando a colegas de profissão e pessoas conhecidas acerca de possíveis colaboradores. Após alguns dias, a mãe dessa pesquisadora disse que encontrou um velho conhecido na rua, Marcelo, e pensou que ele poderia participar da pesquisa; conversou sobre isso com ele, que respondeu afirmativamente e passou seu número de telefone para contato.

Assim como sua mãe, a pesquisadora já conhecia Marcelo, mas como decorador de festas e não como michê. Ligou para ele a fim de explicar sobre a pesquisa e combinaram de realizar a entrevista na casa dele. Para essa entrevista, não houve apreensões, pois a pesquisadora assim como seus pais já conhecia Marcelo, de forma que o clima da entrevista foi bastante descontraído.

Categoria 1: Nos horizontes da família

Marcelo contou que desde menino sentia atração dupla e experienciava sua sexualidade tanto com meninas quanto com meninos, praticando todo tipo de sexo, sem restrições.

> *Minha juventude, desde menino eu tinha atração dupla, saía da escola abraçado com uma menina, no meio do caminho a menina ficava em casa, e eu, de mão dada, ia pra casa com um menino. Isso já adolescente. Quando jovem, teve uma época que eu tive três namoradas, eu namorava uma de manhã, uma à tarde, e uma à noite. Eu não namorei o sapo porque não sabia qual era o sapo e qual era a sapa [risos]. Então, eu tive, assim, uma vida... E meus*

> *namoros foram bem arrojados, desde muito cedo eu já praticava sexo de todo o tipo, eu nunca tive nenhuma restrição.*

Marcelo não falou sobre sua família de origem, mas sim sobre a família que ele constituiu depois do seu casamento com uma mulher, o qual durou trinta anos. Afirma que durante seu casamento teve sua sexualidade bastante restringida, pois, em sua opinião, marido e mulher não têm liberdade sexual. Segundo ele, um casal não faz sexo oral e muito menos anal, é só "papai e mamãe": "*Quando eu casei eu levei um choque, porque daí eu tinha que me comportar como esposo, e eu não me adaptei a essa vida, mas meus filhos não pediram pra nascer e eu tive que manter essa vida e ela também*".

> *O sexo do casamento é papai e mamãe, é o essencial, jamais uma esposa e um esposo vão fazer sexo oral, não fazem! Isso aí, falando de mim, da minha vida, eu jamais fiz, minha esposa jamais aceitou, mas eu gostaria. Jamais a esposa, a esposa e não a mulher, a esposa vai fazer sexo anal, ela não vai fazer.*

Marcelo teve casos com outros homens e mulheres enquanto casado, mas sempre com muita discrição e afirmou que nunca deixou faltar nada à sua família em termos materiais e afetivos. Sobre as constantes trocas de parceiros sexuais, ora homens ora mulheres, Marcelo pontuou:

> *Existe muitos nomes, heterossexual, bissexual, transexual, mas eu acho que pega tudo isso, põe no liquidificador, bate, e vira num só. Pode pensar que eu tô falando num suco, mas é, se eu pegar tudo isso, é tudo igual, não tem essa coisa que um dia é da caça e outro é do caçador.*

No entanto, Marcelo sustentou seu casamento por trinta anos pelo fato de acreditar que a família é o alicerce da sociedade e que a sociedade jamais aceitaria um homem-pai-gay. Para ele, ser homem, pai e gay são papeis incompatíveis, o que pode ser explicado por Prado e Machado (2012) quando pontuam que assumir a posição identitária homossexual vai além de ter uma prática sexual com alguém do mesmo sexo. Os autores discutem que o desejo sexual está articulado a vários outros aspectos da vida pública:

> Nossos hábitos sexuais dependem exclusivamente da construção social das relações entre/pelos seres humanos, relações estas que por sua vez não existem em contextos abstratos, mas estão sempre amalgamadas pela concretude de contextos culturais, geopolíticos, padrões morais e posições sociais (Prado & Machado, 2012, p. 15-16).

A partir do exposto, vê-se que Marcelo desde adolescente mantinha práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo; no entanto, apenas quando se divorciou foi que ele assumiu a posição identitária homossexual.

> O *sair do armário*, enquanto posicionamento que torna visível a não heterossexualidade, demanda um grandioso esforço psicológico, mas não só, pois, além disso, precisará criar estratégias sociais de enfrentamento daquilo que Villaamil (2005) denominou como sendo o "paradoxo do armário". O *sair do armário*, portanto, exige uma ressignificação das características negativas assimiladas bem como o enfrentamento público e político ao desqualificar e tornar visível os fundamentos que justificam a subalternidade e a inferiorização. O que torna o *sair do armário* um processo, muitas vezes, implicado por sofrimentos aos sujeitos, já que, a partir desta visão, ele exigirá mudanças profundas e concretas na vida dos indivíduos, obrigando-os, na maioria das vezes, a buscar novos espaços de sociabilidade, de trabalho e de identificação (Prado & Machado, 2012, p. 77).

Dessa forma, entendemos que Marcelo só se divorciou quando estava preparado para assumir os custos emocionais e sociais dessa decisão.

> *A nossa separação foi consensual, nós sentamos, conversamos, e foi por total incompatibilidade de gênios. O que acontece durante os primeiros anos de um casamento? Vêm filhos, vem médico, vem escola, então, a gente, com a esposa, não tem tempo. Não tem tempo de namorar, não tem tempo de sair, não tem tempo de tomar um vinho, de fazer alguma coisa diferente porque tem que se dedicar totalmente aos filhos, se quiser educá-los e formá-los, porque a escola ensina, a família educa.*

Relata que se sentiu mais livre após o divórcio, referindo-se justamente à sua aceitação como homossexual, o que lhe possibilitou viver de forma mais sincera consigo mesmo, pois, como aponta Fávero (2010): "A relação entre a identidade sexual e a congruência é um aspecto importante a ser considerado na qualidade de vida das pessoas" (p. 294).

Se por um lado o divórcio possibilitou que Marcelo assumisse a sua identidade sexual, que ele afirma ser homossexual, por outro lado essa identidade não parece ser tão congruente assim – afirma que ainda tem relações sexuais com mulheres, mas que prefere que sejam com homens.

> *Pros dois, mas ainda é mais homem do que mulher. Quando a gente começa a transar com homem, não menosprezando as mulheres, mas quando a gente tem um relacionamento com mulher corre o risco de lembrar da pessoa que a gente teve casado, e isso faz muito mal. Então, eu evito, tipo assim, se eu tenho um relacionamento homossexual, eu deixo passar um bom tempo pra ter um relacionamento com uma mulher. Eu jamais fiz sexo com homem e no outro dia fiz com uma mulher, porque é diferente, completamente diferente, é uma coisa, assim, bem, é bem diferente, pelo menos pra mim. Desde a forma que... Eu tava quase esmagando a mulher, porque homem com homem não tem disso, tem força, e abraço de homem com homem é abraço de urso, é agarrar... E com mulher tem que ser mais, se não: "Você vai me matar, vai me esmagar" [risos]. Então, é isso... Preferência, hoje, é por homem, por que? Porque eu encontrei mais sinceridade e sou mais realizado, e como me realizo sem remuneração [risos], trabalho sem remuneração não é trabalho, é prazer. Se um dia virar trabalho, vai deixar de ser prazer.*

Ainda em se tratando da incongruência de sua assumida identidade sexual, apesar de hoje se considerar homossexual e de ter encontrado mais liberdade nos seus relacionamentos

afetivos e sexuais, Marcelo afirmou que se fosse para voltar a viver com alguém seria com sua ex-esposa, pelo fato de valorizar a família. Sentimos que é necessário problematizar esse posicionamento de Marcelo – a associação que ele faz de família é unicamente da heterossexual hegemônica. Interessante que mesmo se assumindo homossexual, ele insiste que caso voltasse a viver com alguém seria com a ex-esposa – um arraigado conceito de família hetenormativa.

> Podemos afirmar que as relações não heterossexuais, muitas vezes, reproduzem os padrões heterossexuais, tanto nos papéis de gênero que os casais assumem, quanto no modelo de relação estável, embasados muitas vezes pelas próprias demandas dos movimentos políticos (Prado & Machado, 2012, p. 55).

Evidenciam-se, também, os posicionamentos hegemônicos de Marcelo, ainda que agora se reconheça assumidamente homossexual, o que demonstra quão difícil é romper com o padrão heteronormativo. No entanto, apesar das dificuldades, após trinta anos de casamento, Marcelo se divorciou e conquistou sua emancipação sexual.

Segundo Giddens (1993), a emancipação sexual é capaz de causar uma reorganização emocional abrangente da vida social, não se fechando apenas ao âmbito da sexualidade. Diante disso, é possível compreender que para Marcelo o divórcio foi uma possibilidade de reorganização emocional de si e de emancipação sexual, pois a partir dessa decisão ele pode assumir sua homossexualidade e experimentar sua sexualidade de outras maneiras.

Categoria 2: Ingresso no mundo-vida da prostituição

Para Marcelo, o ingresso na prostituição se deu após seu divórcio e ele afirma que desde então tem uma vida nova, mais livre e mais prazerosa, tendo em vista que se descobriu e assumiu homossexual: "*A vida que eu gostaria de ter, ela, como mulher, não me completava, e eu precisava de um homem*". Acerca do divórcio, Marcelo ainda relata que "*Então eu comecei uma vida nova, muito gostosa, muito boa, da minha forma, como eu gostaria mesmo de ser: verdadeiro*".

De acordo com Merleau-Ponty (2011):

> Não há explicação da sexualidade que a reduza a outra coisa que ela mesma, pois ela já era outra coisa que ela mesma e, se se quiser, nosso ser inteiro. A sexualidade, diz-se, é dramática

> *porque* engajamos nela toda a nossa vida pessoal. Mas justamente por que nós o fazemos? Porque nosso corpo é para nós o espelho de nosso ser, senão porque ele é um *eu natural*, uma corrente de existência dada, de forma que nunca sabemos se as forças que nos dirigem são as suas ou as nossas – ou antes elas não são inteiramente nem suas nem nossas. Não existe ultrapassamento da sexualidade, assim como não há sexualidade fechada sobre si mesma. Ninguém está a salvo e ninguém está inteiramente perdido (p. 236).

Após tantos anos de uma vivência de negação da sua homossexualidade, com seu divórcio, Marcelo passa a experienciar o mundo-vida da prostituição não como uma liberação unicamente sexual, mas como uma liberdade do ser inteiro, em sua totalidade.

Marcelo relatou que fez programas por alguns anos, mas hoje em dia não faz mais. Ele relatou que o motivo que o levou a fazer programas foi a curiosidade e a possibilidade de experimentar sua sexualidade de formas diferentes.

> *Nunca busquei, nunca procurei alguém pra ficar momentos comigo, eu procurei alguém, uma amiga, um amigo, que completasse o meu perfil, que completasse aquilo que me faltava, completasse a carência que me faltava, por exemplo: casado, a esposa ou o esposo, por exemplo, o homem e a mulher fazem uma e outra coisa, o esposo e a esposa jamais fazem coisas que um homem e uma mulher que não têm vínculo de marido e mulher, esposo e esposa e filhos, fariam dentro da área do sexo.*

Como se pode perceber, em nenhum momento fazer programas foi para Marcelo uma questão de ordem financeira; muito pelo contrário, foi para ir ao encontro de liberdade, de seu desejo de experimentação e realização de si como um todo.

Categoria 3: Dinâmica dos programas

Para Marcelo, a prostituição representou a liberdade de expressão de sua sexualidade e não um trabalho, até mesmo porque ele afirma considerar inaceitável que alguém faça sexo por dinheiro. Para ele, sexo tem que ser por prazer, sendo que possíveis remunerações seriam um extra, algo a mais, mas não o fim principal.

> *Não acredito na prostituição só como uma forma de, como uma profissão eu não consigo entender, e como uma espécie de sair com alguém pra ganhar um dinheiro ou combinar com alguém... Só pelo fato de combinar quanto que você vai me pagar ou quanto eu vou te cobrar eu já perdi todo o tesão, comigo não funciona, talvez com outro.*

Clientela:

Consoante com a dinâmica exposta acima, Marcelo pontuou que fez alguns serviços como acompanhante, tanto para homens quanto para mulheres.

> *Como casal, eu já passeei, já acompanhei senhoras que precisavam de um companheiro, não rolou sexo nenhum, mas eu fui um companheiro pra uma viagem onde, inclusive, fui apresentado como esposo, porque precisava. Não ganhei nada com isso, não cuidei disso como... Eu cuidei como um trabalho, por que? Eu tava fazendo um bem pra mim, porque foi um passeio maravilhoso, e eu passei de esposo de uma mulher linda, que tava comigo, ela também casada, e não podia se expor, e eu acompanhei num evento e fui recompensado de outra forma, não era remunerado, mais tarde eu ganhei um presente muito bom, uma lembrança daquilo que aconteceu, e também só. Isso que eu chamo de acompanhante, não sei se é realmente isso ou não é. Assim como também com homens, inclusive deputado, fui até Brasília porque ele odiava ficar sozinho, de tão bom que foi, viramos namorados, por um bom tempo.*

Sobre o fato de não cobrar pelos programas, Marcelo relatou: "*É, quando alguém oferecia eu agradecia, eu agradecia, mas de repente eu chegava em casa tinha no meu bolso uma quantia em dinheiro, fico até inibido... Tinha algum valor e não era pouco*" (Marcelo). Fica evidente que a remuneração nunca foi o objetivo de Marcelo com a prostituição, no entanto, ele sempre gostou de ser presenteado/valorizado e por que não dizer, remunerado?

A clientela de Marcelo era formada principalmente por homens e em uma época específica de sua vida ele participou de catálogos de hotéis da capital do seu Estado.

> *Tem os hotéis, vários hotéis têm catálogo, que têm endereço, telefone, as pessoas escolhem o perfil e entram em contato, eu já passei por isso, porém eu não estava trabalhando nisso, mas eu gostava e eu quis experimentar. Quis experimentar e gostei porque, pra minha surpresa, rolou uma coisa muito boa.*
>
> [Entrevistadora: *Você quis experimentar você fazer parte do catálogo?*]
>
> *Isso, agora, hoje em dia já é site, na minha época era catálogo, um catálogo privê onde a pessoa chegava no hotel e pedia se tinha esse tipo de trabalho e assim eram feitos os contatos. Um catálogo era um álbum de diversas fotos, com fotos vestidos, bem arrumado, fotos despidos, semidespidos, e fotos totalmente despidos. Então, a pessoa vai contatar, eu não digo contratar, fazer contato é diferente de contratar. Se o hotel ganha alguma coisa com isso, claro que ganha, mas eu nunca cobrei nada. Eu fiquei, acho que uns três anos, mais ou menos, aí quando eu, antes de eu ter o meu primeiro infarto, depois eu tive dois anos cuidando da minha saúde, e daí eu fiquei virgem. Mas não adianta, a pele anseia, transmite pra alma e o corpo quer. Então, fiquei bom, não morri, pensei que eu ia morrer, porque não foi tirar uma unha.*

Marcelo relata que assumia tanto o papel ativo quanto o passivo na relação sexual, pois já era assumidamente homossexual. Na subdivisão de Perlongher (2008) dos tipos de

michês, Marcelo seria considerado michê-gay/michê-bicha, os quais são classificados pelo autor como não-machos. De acordo com Perlongher (2008), essas subdivisões dentro da atividade prostitucional expressam a tendência existente na polarização de posições sexuais tidas como masculinas e femininas.

Significados e sentidos da práxis sexual:

Conforme vimos acompanhando, Marcelo relatou que não se considera um profissional do sexo, pois atribui essa profissionalização ao fato de ter que cobrar pelo programa. Isso não é válido para ele, pois acredita que o prazer não deve ser cobrado, apesar de ter recebido e dado recompensas pelo prazer, como ele mesmo afirma nos seguintes trechos:

> *O sexo pra mim é consequência e não um fim, a minha vida sexual é consequência de um relacionamento que eu tenha com alguém, nunca foi uma finalidade.*
>
> *Prostituição, eu acho que eu não sei se fui, porque é considerado um trabalho hoje, pras prostitutas e pros prostitutos é remunerado, elas transam, recebem, fazem sexo e tudo já pensando no valor que vão receber. Hoje em dia é combinado já, não é o meu caso, mas tem pessoas que eu conheço que até combinam antes, quanto que é isso, quanto que é só pra fazer uma parte, pra fazer outra ou pra fazer o todo, completo é tanto... É assim que funciona a coisa, não sei se você sabe, mas é, e entre os jovens também. Eu já conheci pessoas que, para a minha surpresa: "Não, eu só fico com você se você me pagar x", e eu disse: "A porta é serventia da casa, muito obrigado, gostei de você, mas se for preciso pagar alguém pra me realizar, eu tenho que estar caindo aos pedaços", eu tenho que estar... E se eu estiver caindo aos pedaços, nem eu vou ter vontade de fazer nada e ninguém vai ter vontade de fazer comigo. Então, eu nunca fiz nada por dinheiro, porém, agora vem o prostituto chique, já presenteei e já recebi presentes... .*

Na realidade, os programas para Marcelo se davam exclusivamente pelo prazer, pela possibilidade de experimentar sua sexualidade – de fato, em nenhum momento de seu discurso ele se identificou como profissional do sexo, mas sim como prostituto. V. Barreto (2012) pontua que o prazer é uma existência peculiar no negócio da prostituição masculina e que não necessariamente está vinculado ao dinheiro, pois muitos dos garotos de programa não precisam fazer programas, mas fazem por gostar da "putaria entre machos".

Marcelo relata ter se sentido um prostituto quando protagonizou uma história de sexo a três, entre três amigos, depois de uma festa. Relatou a experiência como bastante prazerosa, mas surge nele, então, o questionamento*: "Depois que cada um foi pra sua casa, eu me senti um prostituto. Será que a prostituição é isso?"*. Marcelo também relata que se sentiu um

prostituto quando teve vários relacionamentos ao mesmo tempo, mas que isso não foi bom e nem prazeroso. Assim, para Marcelo prostituição está, de certa forma, ligada à promiscuidade e não ao sexo remunerado – quaisquer que sejam as remunerações.

> *Aquilo que eu penso que prostituição é, não é um relacionamento com uma pessoa, é um relacionamento com diversos, ao mesmo tempo. Então, eu fui prostituto, eu tive diversos relacionamentos ao mesmo tempo e não foram bons, não foi uma experiência boa, foi prazerosa, mas não foi boa.*

Sobre o período em que trabalhou com catálogos de hotel por aproximadamente três anos, quando tinha 45, Marcelo explica que esses hotéis eram na capital do Estado e quando era requisitado viajava para lá já com programa certo e as despesas pagas. Pontua que não cobrava por esses programas, mas que recebia agrados, presentes ou ainda valores em dinheiro, mesmo ele não fazendo questão disso.

A fase de vida de Marcelo após o divórcio e, consequentemente, sua fase de atuação na prostituição nos remetem ao que Giddens (2002) denomina de transformação da intimidade, ou seja, uma modificação na vivência dos relacionamentos, os quais se estabelecem única e exclusivamente pelo que podem trazer em troca. Dessa forma, em se tratando especificamente da prostituição, Marcelo não fazia questão de cobrar um preço específico pelo fato de estar recebendo muito em troca, no quesito de novas experiências, consideradas libertadoras e também – se não principalmente – no quesito das vivências da sexualidade.

Categoria 4: Perspectivas para o futuro

Marcelo não fala muito acerca das perspectivas de futuro, apenas afirma que pretende continuar vivenciando sua sexualidade da forma que lhe convier, sem restrições ou pudores. De fato, Marcelo está mais preocupado com o presente do que com o futuro, o que exemplifica a descrição de Bauman (2004) da sociedade pós-moderna como preocupada com o que é de curto prazo, da ordem do instantâneo, imediato e incerto.

Perfil do Colaborador 3: José

José é um jovem de 23 anos, pertencente à classe econômica B2, possui segundo grau completo e casado. Ele atua como representante comercial e também na prostituição. Já trabalhou com loja/oficina de bicicletas – sua grande paixão, foi atleta e empreendedor nessa área, mas há alguns anos largou tudo. Como representante comercial, viaja por todo o país e com isso consegue atuar também na prostituição, pois sua esposa não viaja junto com ele, o que permite com que ele faça os programas.

José foi o terceiro colaborador entrevistado e o encontro com ele se viabilizou por meio da Internet, em uma sala de bate-papo voltada para conhecer pessoas novas e para marcar encontros. Essa sala de bate-papo era específica de uma cidade próxima da qual residia a pesquisadora e que foi escolhida por ser uma cidade maior e por isso ter mais chances de encontrar michês disponíveis a aceitarem participar da pesquisa.

José se interessou pelo tema da pesquisa e começou a estabelecer uma conversa com a pesquisadora online, sendo que após certo tempo pediu que a pesquisadora ligasse para ele a fim de perceber se poderia realmente confiar nela. Nesse telefonema, ele foi explicado sobre o propósito da pesquisa e sobre a garantia do sigilo de sua identidade. José aceitou participar da pesquisa e foi combinada a realização da entrevista para o dia seguinte, também em um hotel, assim como na entrevista de Maicon.

Categoria 1: Nos horizontes da família

José pontuou que desde pequeno já era, segundo suas palavras, “bem louquinho”. Ele entende por “louquinho” que com sete anos de idade já assistia filmes eróticos com as tias e primas mais velhas e aos onze anos teve sua primeira relação sexual com uma menina da mesma idade. Sobre essa primeira relação sexual, José contou que ele e um amigo foram à casa dessa menina e que ambos perderam a virgindade com ela.

Relatou que depois disso, aos doze anos, ele e outro amigo da mesma idade foram seduzidos por um vizinho mais velho, na faixa dos trinta anos de idade, o qual os tocava (o que José explica como “relava”) e fazia sexo oral neles. Sobre como isso começou, José narrou:

> *Então, você tá ali brincando com uma pessoa que te passa confiança porque vocês brincam junto, aí ela começa a relar em você, a gente nunca relou nele, nada, aí ele ia relando na gente, e a gente tava com tesão, estava se conhecendo agora, daí a pessoa... Lembro que foi assim, a gente tava ainda na casa dele lá, brincando, daí a gente foi, sei lá, tomar banho de piscina, uma coisa assim, a gente foi trocar de roupa e foi a hora que ele pediu pra chupar, entendeu? Daí a gente, "Nossa, imagina...", mas foi aos poucos. Daí deu uma sensação que, poxa, nunca na sua vida tinha sentido aquilo, né? Como se fosse uma explosão de sabores, sabe? Comer queijo com goiabada, sabe, assim? Mas poxa, um homem fazendo isso em mim, mas tá bom, entendeu? Então, você, poxa vida... Que que é isso? Você fica nessa situação, assim, né, bem complicado.*

De acordo com o Código Penal, a situação acima descrita se enquadraria como "Estupro de Vulnerável", que é caracterizado no artigo 217-A como "ter conjunção carnal ou praticar outro ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos". Em outras palavras, trata-se de um crime, o qual tem como pena reclusão de oito a quinze anos (Brasil, 2013).

Oliveira, Volpe e Cuissi (2012) esclarecem que o Código Penal entende por vulnerável a vítima menor de 14 anos ou qualquer pessoa que possua algum tipo de enfermidade ou deficiência mental que a impeça de ter discernimento sobre o que está acontecendo ou ainda que não consiga oferecer resistência, ou seja, vulnerável é aquela pessoa que está sujeita a ser atacada e que não tem defesas suficientes para se proteger. Esses autores apontam que no caso específico da vítima menor de 14 anos, entende-se que elas não possuem ainda capacidade de compreender o caráter sedutor da situação e que por isso não podem decidir e nem mesmo desejá-la.

Acerca desse acontecimento, José afirma que ao mesmo tempo em que ficava com receio do que estava acontecendo, também achava bom: "*Mas era bom o que ele fazia e ele nunca relou, assim, na parte de trás nossa, nem nada, só relava, chupava a gente*". Em um estudo acerca da prostituição masculina de adolescentes, Alves (2009) aponta que as primeiras experiências sexuais de adolescentes que se prostituem foram mantidas com pessoas próxima do convívio, primos, amigos ou vizinhos, sendo que não foram relações planejadas, mas casuais, o que é gerador de angústias e ansiedades.

Considerando a situação que José vivenciou como um crime, para além da perspectiva legal – clara e taxativa –, é importante também levar em conta a perspectiva subjetiva, ou seja, que considera a dinâmica do sujeito frente à situação vivenciada. A partir do momento em que nos apoiamos em Merleau-Ponty (2011) para entender o corpo como sujeito e não meramente como objeto e compreendemos a correlação existente entre mundo biológico e mundo dos sentidos, não podemos mais pensar apenas em termos da lei. O próprio José reconhece em seu

discurso que por um lado tinha receio do que estava acontecendo, mas por outro lado sentia prazer; ou seja, ao mesmo tempo em que ele era seduzido, era também sedutor.

Acerca dessa experiência, José afirmou que não foi boa e que só hoje ele percebe que foi vítima de pedofilia, pontuando, inclusive, que talvez não tivesse ingressado no mundo da prostituição se isso não tivesse acontecido. Esse é um ponto relevante de destaque no discurso de José, pois corrobora os achados de Alves (2009) de correlação entre a violência sexual na infância e o ingresso na prostituição masculina. H. Pereira (2008) também aponta para a incidência de entrada na prostituição masculina e ocorrência de violência sexual, o que pode ser exemplificado pelas falas de José:

> *Eu sei, eu me conheço, eu sei que foi uma coisa que ficou marcada na minha vida, se eu pudesse eu matava esse cara hoje, de coração mesmo, eu matava ele pra ele não fazer isso com outras pessoas, porque ele fez uma pessoa sofrer.*
>
> *Se um dia eu conseguisse ver esse cara preso ou eu mesmo conseguir matar ele. Sei lá, pegarem ele no flagra com alguém e baterem muito nele, pra ele nunca mais fazer isso...*

José expõe as marcas desse episódio. Oliveira, Volpe e Cuissi (2012) discutem que o crime que envolve violência sexual marca a identidade e as vivências das pessoas, podendo modificar seus comportamentos por meses ou anos e ainda resultar em mudanças de personalidade. No caso de José, ele relata esse abuso sexual com mágoa, ressentimento e raiva, e reafirma que pode ter sido uma das causa de seu ingresso e permanência na prostituição.

Categoria 2: Ingresso no mundo-vida da prostituição

Apesar de José relatar sobre a estranheza das relações sexuais estabelecidas com o seu vizinho, essas se mantiveram durante cinco anos – José retornava a casa dele pelo prazer e pelos presentes e agrados em dinheiro. Ao ser questionado sobre o motivo o que levava a retornar à casa do seu vizinho, ele respondeu: “Tesão, prazer”; ou seja, ele reconhece que havia prazer envolvido nessa vivência. José situa a prostituição no decorrer da adolescência e como essa prática passou a fazer parte do seu mundo-vida.

> *Tá, foi assim, eu e uns amigos meus, isso já era no terceiro, segundo colegial. Tinha uns amigos meus que fumavam maconha, uns cheiravam cocaína, coisas assim. Eu nuca usei junto com eles nada, já usei droga, já cheirei cocaína, mas nunca curti maconha e nem nada, e, pra*

contar, deve ter dado no máximo umas quinze vezes na minha vida inteira e eu lembro de cada momento que eu usei essa droga, cocaína, foi no máximo umas quinze vezes. E eles curtiam maconha, essas coisas, então, a gente fazia com os gays lá, eles marcavam num bate-papo famoso pra sair com gay, só que era gay muito rico, muito rico. A gente sempre foi bem de vida, eu e meus colegas, né? Só que nossos pais não davam dinheiro pra gente, os nossos pais têm dinheiro e não a gente. Então, se a gente quisesse sair, tinha que pedir, e eles não davam, então, a gente tinha que arrumar dinheiro de outra forma. Então, a gente entrava, encontrava aqueles véião lá, que quer pegar mulequinho novo e a gente sempre marcava de ir em dois, três, e eles sempre estavam também em dois, três gays juntos. Então a gente ia lá na casa deles, bebia, fumava maconha, ficava lá no quarto deles, tudo, e usava o dinheiro pra comprar mais bebida, pra ir pra balada.

[Entrevistadora: *Festa*...]

É, nunca foi pra pagar conta, nunca foi pra fazer nada. Aí a gente ficou nisso muito tempo, daí depois eu fui embora.

Vê-se que o ingresso de José no mundo-vida da prostituição se deu antes dos dezoito anos. Tais relações sexuais com homens gays, como relatadas acima, bem como as com o seu vizinho só acabaram quando ele mudou-se de cidade, aos dezoito anos. Em sua nova cidade, ele conheceu uma mulher de vinte e seis anos, com a qual ele se casou. Nessa cidade, ele tinha duas lojas de bicicletas e trabalhava apenas com isso.

Com o passar do tempo, José e sua esposa se mudaram pra outra cidade e ele voltou a se prostituir, as justificativas foram pelo fato de não terem filhos e também por terem uma vida sexual bastante fria. José relatou que sua esposa casou virgem e que por isso é fria nas relações sexuais e não tem maturidade no sexo. Quando questionado sobre o que entende por maturidade sexual, respondeu: "*Seria, no caso, maturidade seria safadeza mesmo, ser safada na cama, entendeu?*".

José relata que sempre traiu sua esposa, mas que em uma saída com uma mulher casada, ela lhe sugeriu que ele poderia ganhar dinheiro fazendo programa, pois tinha o perfil das mulheres mais velhas. Então, um dia ele resolveu experimentar, entrou no bate-papo da Internet e tudo começou.

Então, eu comecei, eu conheci uma mulher que ela é assessora do prefeito de uma cidade, ela tem 48 anos. Conheci ela pela internet e no mesmo dia já... Muito louca, também casada, a gente saiu, poxa vida, o marido dela viajou dois dias e ela me colocou pra dentro de casa. A mãe dela mora na frente, ela fez a mãe dela dormir, eu entrei pela janela, daí eu falei "Caramba, isso aqui arrasa mesmo". Daí depois a gente... Depois dessa vez foi ela que perguntou pra mim "Conheço um monte de amiga minha da prefeitura que gosta de pagar pra ficar com moleque novo assim".

[Entrevistadora: *Ah, ela não pagou pra você?*]

> *Não, porque eu nem tava pensando nisso ainda. Aí, depois, ela falou assim "Por que que você não faz isso? Você tem o perfil que as mulheres mais velhas procuram, você é novo, ciclista, saudável e é casado". Parece que elas gostam disso, entendeu? Chama mais atenção você sendo casado do que solteiro. Aí, então, foi isso, daí eu fiquei pensando, pensando e falei "Ah, vou fazer um teste, vou entrar na sala de bate-papo agora, escrito garoto de programa", e começou assim.*

Assim, foi pela Internet que ele iniciou a divulgação de sua atuação na prostituição. Sobre o uso dessa ferramenta, Bauman (2008) aponta que:

> Quando as redes de comunicação eletrônica penetram no habitat do indivíduo consumidor, estão equipadas desde o início com um dispositivo de segurança: a possibilidade de desconexão instantânea, livre de problemas e (presume-se) indolor de cortar a comunicação de uma forma que deixaria partes da rede desatendidas e as privaria de relevância, assim como de seu poder de ser uma perturbação. É esse dispositivo de segurança e não a facilidade de estabelecer contato, muito menos de estar junto de maneira permanente, que torna esse substituto eletrônico de socialização face a face tão estimado por homens e mulheres treinados para operar numa sociedade mediada pelo mercado (p. 137-138).

Dessa forma, para José, a Internet pode funcionar como uma ferramenta de fácil acesso às pessoas que procuram pela prostituição, e também de fácil desconexão por parte dele, garantindo uma segurança maior, principalmente pelo fato de ser casado.

José afirmou que sua esposa imagina que ele a trai, mas não que seja no mundo da prostituição. Ao ser questionado sobre se ele imagina que sua esposa também o trai ele disse que não e que se isso acontecesse seria pior: "Porque eu traio, mas não é por sentimento. Quando a mulher trai quer dizer que tá faltando alguma coisa dentro de casa, daí eu não tô servindo pra nada. Seria por sentimento". Nessa fala de José é evidente seu pensamento pautado na explicação biológica para as condutas sexuais, de forma que seria da natureza do homem fazer sexo, mas que para a mulher a mesma relação sexual teria que ser motivada pelo sentimento, pelo amor.

Categoria 3: Dinâmica dos programas

José relatou que no início ele não sabia como e quanto cobrar, pois era novidade cobrar por algo que ele faria de forma gratuita. Atualmente, José cobra cento e vinte reais por programa. Ele atende majoritariamente mulheres e travestis, mas já tentou atender homens heterossexuais também, mas, segundo ele, não conseguiu.

Clientela:

José afirmou que suas clientes são todas mulheres, aí incluídas as travestis, pois as considera mulheres e pontuou que só faz programas com aquelas que ele sairia normalmente sem cobrar, de forma que tem prazer nessas relações sexuais.

> *Então, assim, no caso, eu tenho uma consideração pessoal que travesti, pra mim, é uma figura feminina, entendeu? Existem muitas travestis que são bem mais bonitas que mulher, entendeu? Você vê um travesti se prostituindo, você talvez nunca vai achar uma mulher que é tão bonita quanto. Talvez você se surpreenda, você beija na boca de um travesti e não rela numa prostituta, entendeu? Mais ou menos assim.*

Acerca de José considerar as travestis figuras femininas, mais afeminadas do que muitas mulheres, Davi (2013) pontua que as travestis levam a feminilidade ao extremo, seja pela transformação corporal, pelos comportamentos, pelo vestir e falar. Para esse autor, ser travesti está relacionado com o investimento permanente na construção de um corpo que seja reconhecido e significado pelo outro como um corpo feminino, ou seja, ir em busca de elementos para conhecer e incorporar a feminilidade.

Pode identificar certa ambiguidade no relato de José quando este afirma manter relações sexuais com travestis, mas que não consegue ter ereção com homens. Segundo ele, já tentou, mas acha difícil, que não gosta e nem consegue: "*Eu perco o tesão na hora, é instantâneo, questão de segundos*". Tendo em vista sua história de vida na adolescência, quando ele e seu grupo de amigos saiam com homens para fazer programas, surge o questionamento. Perguntado sobre isso, ele pontou que naquela situação com o grupo de amigos não era difícil, pois: "*Aí, também estava todo mundo bêbado, todo mundo zoando e você não pensa nada, só tá se divertido ali, entendeu?*".

Ou seja, José conseguia se divertir em programas com homens mais velhos, mas que com o passar do tempo não consegue mais. Ele relatou também que nunca transou duas vezes com a mesma pessoa e não beija suas clientes na boca, pois evita qualquer tipo de envolvimento afetivo com elas. Apesar de afirmar que não beija as clientes na boca, anteriormente José mencionou que muitas vezes uma travesti beija melhor que uma mulher, o que pressupõe que ele beija as travestis.

> *O que eu faço é safadeza, não é sentimento.*

[Entrevistadora: *Entendi, não tem sentimento nenhum...*]

Por ninguém que eu saio.

[Entrevistadora: *Nunca teve? Nunca se envolveu emocionalmente com ninguém, sempre foi só sexo?*]

Só sexo! Só instantâneo.

[Entrevistadora: *Você já teve ou tem clientes fixas?*]

Não, nunca fui duas vezes com uma pessoa.

[Entrevistadora: *Talvez isso possa ajudar pra não ter essa ligação afetiva?*]

Exatamente.

[Entrevistadora: *É uma coisa que você já busca intencionalmente, então.*]

Aham.

O posicionamento assumido por José já foi descrito por R. Silva (2006) em sua pesquisa com mulheres profissionais do sexo. O autor percebeu alguns limites estabelecidos por elas dentre os quais destaca-se o beijo na boca. De acordo com o autor, o beijo é evitado nos programas, pois já indica intimidade, sendo associado ao carinho e afeto, o que é evitado, pois elas preferem esse tipo de aproximação apenas com seus companheiros.

Significados e sentidos da práxis sexual:

Para José, fazer programas é para o prazer, para ganhar dinheiro e gastar com o seus prazeres pessoais e nunca para sobrevivência: "*Eu faço programa para satisfazer as minhas vontades pessoais*". Alves (2009) aponta que em sua pesquisa com michês, a maior parte deles afirmou ter um emprego formal e atuar na prostituição como uma diversão. José, a exemplo de Maicon e Marcelo, corrobora o perfil encontrado por Alves (2009) – diz que nunca se prostituiu por motivos de sobrevivência, mas sim por diversão, "zoeira".

José se identifica como viciado em prazer e acredita que isso foi decorrente da violência que sofreu na sua adolescência. Acerca dessa associação de José entre o vício em prazer e a entrada na prostituição serem decorrentes da violência sexual que sofreu na adolescência, cabe trazer as contribuições de Cabral e Morato (2013):

> O homem não é necessariamente prisioneiro das diversas tramas que é colocado a vir no mundo. Obviamente, as heranças não podem ser negadas, mas não têm um caráter determinista nos rumos da sua existência. O existir do homem é ir-sendo, vir-a-ser, portanto, pleno de possibilidades, as quais são assumidas, ou não, ao longo desse existir. A direção vai sendo construída durante a vida, sendo de responsabilidade do próprio humano, o qual – não se deve esquecer – está inserido em uma teia de relações e afetações, no mundo, existindo com outros (2013, p. 165).

É possível compreender que não se pode atribuir a entrada na prostituição e a necessidade de sexo e prazer apenas à violência sexual vivenciada por José. É preciso pontuar que os eventos do passado fazem parte da constituição do indivíduo, no entanto não determinaram o seu futuro para sempre. Ou seja, José pode ressignificar a violência sexual que vivenciou e também o lugar que a prostituição ocupa em sua vida.

Porém, José encontra na prostituição além de uma forma de prazer, uma maneira de ganhar dinheiro para poder gastar com outras mulheres, bebidas e festas. Ele explicou que como tem uma conta conjunta com sua esposa, ele não pode retirar dinheiro dessa conta para sair com mulheres ou gastar com baladas e então se prostitui.

José reproduz com sua esposa a relação que ele tinha com os pais, quando afirma que na adolescência os pais tinham recursos, mas ele se prostituía para ter seu próprio dinheiro para gastar com mulheres e festas. Atualmente, José e sua esposa têm dinheiro, mas ele se prostitui para gastar novamente com mulheres e festas, pois sua esposa representa o limite, assim como representava seu pai. No entanto, mais uma vez, José dribla o limite e experiencia o mundo-vida da prostituição.

> *Vamos dar um exemplo, que quero sair com você hoje, mas se eu sair com a minha grana, que a empresa me deu, eu vou ficar duro. Não vou ligar pra minha esposa pedindo dinheiro, que a gente tem conta corrente juntos, e se sair dinheiro de lá ela vai querer saber por que. Se eu quiser sair hoje com você, eu tenho que arrumar um dinheiro, e como que eu vou arrumar um dinheiro? Eu vou ter que fazer um programa pra poder sair com você, você não vai saber também. Conheci uma menina na Internet, uma menina linda, bonita mesmo, e aí tem que sair, tem que por gasolina no carro que eu tô, tem que pagar um restaurante bom, dar uma volta com ela. Dai como é que eu vou fazer, tirar dinheiro da conta minha e da minha esposa? Vou explicar o que pra ela? Então eu pego, marco um dia depois, um dia antes, até mesmo se eu marcar com você de noite, eu consigo fazer uma coisa agora de tarde.*

Para José, a vivência na prostituição é uma grande diversão e o dinheiro resultante da prática funciona como um elemento circulante. V. Barreto (2012) descreve que o dinheiro é um elemento circulante na prostituição, o gasto desmedido espelha tanto o padrão de vida ao qual os garotos de programa estão acostumados quanto noções de juventude e prazer que estão imbuídas na atuação no mundo do sexo. “Caracteriza-se pela valorização da diversão,

das baladas, do consumo de algumas drogas, do investimento na manutenção ou construção da beleza física, em resumo, de um tipo específico de hedonismo" (p. 90), explicita. Ou seja, para o autor, o dinheiro é um fio condutor da prostituição; no entanto, é imprescindível ponderar que ele conecta-se a outros fluxos, que não exclusivamente o financeiro.

Categoria 4: Perspectivas para o futuro

José afirmou que seu único prazer maior que o sexual é andar de bicicleta e relata em suas perspectivas para o futuro o desejo de voltar a andar de bicicleta e até mesmo de voltar a trabalhar com isso, mesmo que ganhe menos, mas sabe que seria mais feliz: "Bike, pra mim, não sei, é inexplicável". Além disso, expressa desejo de parar com os programas e ser fiel à sua esposa, mas sente que é um vício, que é maior do que ele.

Perfil do Colaborador 4: Carlos

Carlos é um homem de 35 anos, pertencente à classe econômica B1, com segundo grau completo e solteiro. Trabalhou onze anos como michê, mas parou devido ao fato de descobrir-se soropositivo, de forma que atualmente trabalha em uma ONG de prevenção de DST/AIDS, orientando as pessoas que procuram essa instituição.

Carlos foi o quarto colaborador entrevistado e o encontro com ele se deu por meio de uma ONG que trabalha com prevenção de DST/AIDS com garotos de programa e com a população LGBT em geral. Essa ONG está sediada na capital do Estado de Santa Catarina e foi por meio da leitura de um artigo científico pela pesquisadora, o qual aborda a prostituição masculina naquela cidade, que se deu o contato com a instituição.

A pesquisadora enviou um e-mail para as autoras do artigo científico, buscando informações acerca da pesquisa que realizaram e perguntando se elas tinham o contato de algum dos michês que pudessem colaborar com sua pesquisa. As pesquisadoras responderam que não tinham mais o contato com os michês, mas indicaram uma ONG que trabalha com homens profissionais do sexo.

Diante disso, a pesquisadora viajou até a capital do estado com a finalidade de buscar informações e possíveis contatos na referida ONG. Lá, a pesquisadora foi recebida por uma assistente social, que lhe informou que um dos funcionários da ONG, Carlos, já foi michê e que ele sempre participa de entrevistas. Informou que a pesquisadora poderia esperar ele chegar à instituição para conversar com ele e convidá-lo a participar de sua pesquisa.

Certo tempo depois, Carlos chegou à ONG e a pesquisadora explicou para ele acerca da pesquisa. E aceitou participar de imediato, tendo sido a entrevista realizada naquele momento, em sua sala de trabalho na instituição. Todo o contexto que envolveu essa entrevista foi propiciador de segurança para a pesquisadora, pois se deu em um ambiente público e à luz do dia. Ao término da entrevista, a pesquisadora perguntou se Carlos conhecia alguém que aceitaria participar da pesquisa e ele disse que sim, repassando para a pesquisadora o contato telefônico de um michê.

Categoria 1: Nos horizontes da família

Carlos foi criado com as tias em uma cidade longe da qual vivia sua mãe, sendo que aos dez anos voltou para a casa da mãe e da avó materna. Aos dez anos começou a fumar cigarro e já se percebia como homossexual.

> *Então, assim, a minha infância foi boa, foi ótima, eu não fui criado aqui, fui criado a maior parte no Rio com uns tios meus, até um já faleceu. Daí, no caso, pela questão de família, essas coisas todas de mãe e vó: "Traz seu filho de volta, traz seu filho de volta, traz seu filho de volta"; aí trouxeram de volta pra cá, eu fui criado por ela. Passei algumas coisas, assim, alguns momentos, quando era pequeno, de revolta. Com 10 anos comecei a fumar cigarro, daí vem aquela coisa que começavam a me botar pra psicólogo, achando que minha homossexualidade era uma doença, coisa da minha cabeça, que era pra chamar a atenção.*

Carlos relatou já saber-se homossexual desde criança, pois sua primeira relação sexual foi quando tinha oito anos de idade, com um colega da escola; porém, sua mãe só foi aceitar sua homossexualidade quando ele estava na adolescência. Apesar da dificuldade da mãe em aceitar a homossexualidade de Carlos, é importante atentar para a congruência de sua identidade sexual assumida desde criança. Acerca disso, de acordo com Fávero (2010):

> As pesquisas das abordagens interessadas no desenvolvimento da identidade sexual dos indivíduos LGB (lésbicas, gays e bissexuais), tem se focado justamente na descrição do processo de formação e integração da identidade do ponto de vista do empenho dos indivíduos

> para se manterem congruentes em relação à sua orientação sexual (isto é, atrações sexuais, pensamentos, fantasias), comportamento sexual e identidade sexual. Nessas abordagens, a formação da identidade sexual consiste em se tornar conscientes de sua própria orientação sexual e a integração da identidade envolve incorporar e consolidar a identidade LGB (p. 294).

A partir do que nos ensina Fávero (2010), é possível perceber a coerência de Carlos, entre o seu eu e sua orientação sexual – diferentemente do que ocorreu com o colaborador Marcelo, que mesmo tendo envolvimentos homossexuais desde jovem, acabou casado por trinta anos com uma mulher até que conseguiu romper com o matrimônio e assumir a congruência de sua identidade sexual.

Carlos revelou que com treze anos teve outra relação sexual com um homem, um parente seu, o que coincidiu com a época em que iniciou sua vivência na prostituição – trabalhou onze anos como profissional do sexo. Se a primeira relação sexual de Carlos foi com um menino da mesma idade, essa segunda já foi com um homem mais velho, um parente dele, mas Carlos foi evasivo e não quis falar muito sobre esse episódio.

Essa segunda relação sexual descrita por Carlos pode ser considerada como incesto consentido, caracterizado por Fígari (2009) como relações eróticas entre pessoas que têm vínculos consanguíneos (de primeiro e segundo grau, sejam esses vínculos ascendentes ou descendentes), sem que haja o uso da violência. Mais especificamente acerca das relações incestuosas homossexuais, Fígari (2009) aponta que:

> É interessante destacar que todos, sem distinção de classe, vivem sua relação ou desejo incestuoso com certa naturalidade ou pelo menos possibilidade, ainda que com conflitos de vivência, não menos complexo que os apresentados a eles, em todo caso, na vida *gay* clandestina. Com isto, quero dizer que, mesmo quando não seja um conflito assumir esta condição – que por outra parte também não tem uma representação significante que permita assumir nada –, no contexto do segredo e da discrição, o incesto entre homens pode ser manejado sem gerar as mesmas preocupações que entre heterossexuais (p. 449).

Pode-se compreender o porquê de, diferentemente de José, em momento algum Carlos relata ter sido abusado sexualmente, pelo contrário, ele quis manter as relações sexuais nas quais estava envolvido.

Categoria 2: Ingresso no mundo-vida da prostituição

Tudo começou quando Carlos tinha 13 anos, por contato e influência dos amigos, os quais já se prostituíam. A clientela atendida por Carlos era formada exclusivamente por homens – em sua maioria, casados – que assumiam o papel heterossexual na sociedade. Ele sempre trabalhou nas saídas de boates e na rua.

> *Então, o que é que aconteceu? (...) Eu comecei a me prostituir com 13, 14 anos. Quando eu comecei a conhecer as coisas, já comecei a beber, a fumar, a ter cigarro. Então, a gente vai conhecendo isso, aquilo e aquilo outro, aí conheci boates. Eu era pequeno, mas ficava pela frente, não entrava, mas já conhecia e já ia vendo aquilo tudo e foi indo, indo, indo, até que eu conheci um moço que pegou e disse: "Ah, vamos pra rua, vamos fazer PG, fazer PG", e eu pensei "PG? O que é PG?". Porque antes não era chamado de programa, mas de PG, fazer um PG, né? Aí ele disse que era fazer um programa e eu me interessei, fui e fiz. Até fiquei um bom tempo, eu fiquei até ainda com meus 20 anos, 22 anos eu ainda fazia.*

Carlos já se iniciou em programas de natureza exclusivamente homossexual. Apesar de fazer programas com homens desde jovem, sua mãe só foi aceitar sua homossexualidade quando ele tinha quinze anos, já depois de ele estar trabalhando com a prostituição.

> *Quando ela aceitou que eu fiz 15 anos, eu já tinha começado a trabalhar na rua, quando ela chegou e disse pra mim: "Então tá, eu vou te aceitar como você é, mas não vou querer te ver na rua vestido de mulher, não quero isso, te cuida". A gente sabe que mãe é mãe, aceita, mas lá no fundo não é aquilo que ela quer. Pois bem, aceitou, até hoje moro com ela.*

Para a mãe de Carlos, é como se o fato de não se vestir de mulher bastasse para que ele não fosse considerado feminino, mas na realidade, de acordo com Butler (2003), ser homem ou ser mulher envolve muito mais aspectos do que os biológicos ou culturais, que envolvem os tipos de roupas, cores, modos de se comportar, etc, "adequados" para homens e mulheres.

Fávero (2010) aponta para a existência de um patriarcado contemporâneo, o qual é bem expresso pela fala da mãe de Carlos, ao pedir que ele não se vista de mulher; em outras palavras, ela lhe pede que mantenha as aparências, que seja homem heterossexual, que pareça homem heterossexual, como se isso significasse algo muito importante para ela e para a sociedade. Apesar de ela saber de homossexualidade do filho desde que ele era jovem, ela não sabia sobre os programas, ou, de acordo com ele, ela fingia que não sabia. Atualmente ela conhece o passado de Carlos, pois ele já deu até entrevistas na televisão sobre o assunto.

Categoria 3: Dinâmica dos programas

Carlos relatou que quando começou a se prostituir ele e seus amigos ficavam nas saídas das boates, pois como ele era muito jovem, ainda não podia entrar nas casas noturnas e era na saída das festas que encontrava com clientes. Posteriormente, é que vai para as ruas no intuito de prostituir-se. Frequentava as ruas todos os dias, nas madrugadas, à espera de clientes.

Clientela:

Carlos sempre fez programas com outros homens e nunca com mulheres, o que se constituiu em um limite estabelecido por ele, como pode ser exemplificado no trecho abaixo:

> [Entrevistadora: *E sempre você fez programa só com homens?*]
>
> *Só com homens.*
>
> [Entrevistadora: *Nunca te procurou nenhuma mulher?*]
>
> *Não, até hoje é uma coisa que eu sempre digo, isso eu carrego pro meu túmulo, nunca andei com uma mulher.*
>
> [Entrevistadora: *Nunca elas procuraram?*]
>
> *Não, só teve uma amiga minha que tentou, assim, se jogar pra cima de mim e eu falei pra ela: "Se tú fazer isso, pode ter certeza que vai perder a minha amizade", ela fez e perdeu a minha amizade.*

Novamente o relato de Carlos exemplifica sua coerência e congruência com sua identidade sexual e de gênero, ou seja, ele só faz programas com homens porque só sente prazer dessa forma, independentemente do dinheiro envolvido na prostituição. Acerca da clientela atendida pelos garotos de programa/michês, Perlongher (2008) aponta que a incidência de clientes do sexo feminino é irrisória, sendo a maior parte do sexo masculino, o que foi corroborado posteriormente por Matos e Ribeiro (1995), Mazzieiro (1998) e Ceccarelli (2008).

Ainda J. Silva (2011) ressalta que entre a clientela dos garotos de programa estão os homens heterossexuais, os quais permanecem no anonimato pelo fato de precisarem preservar seus familiares, aí incluídas as esposas – pois, muitos deles são casados. Para o autor, esses homens se apresentam à sociedade como heterossexuais, mas têm um apelo homoerótico forte

e que não assumem isso para não se exporem e, dessa forma, buscam os profissionais do sexo. É importante destacar que as contribuições desse autor são aqui corroboradas por Carlos.

Significados e sentidos da práxis sexual:

A prostituição para Carlos constituiu-se como uma profissão, porém nunca foi uma necessidade financeira, mas sim um prazer, uma "zoeira". Segundo Souza Neto (2009), há na prostituição masculina o aspecto de curtição, de forma que os fatores relacionados ao econômico cedem espaço à diversão e ao prazer proporcionado pelo sexo pago, o que é corroborado no trecho abaixo.

> *Hoje em dia, não é mais mal vista a prostituição, é uma profissão, virou uma profissão, tanto é que hoje é chamado de profissional do sexo. Chamar profissional do sexo virou uma profissão, agora não é mais uma opção. Tinha muitos que era por opção, outros por necessidade, e outros por gostar mesmo.*
>
> [Entrevistadora: *No teu caso?*]
>
> *Eu fazia porque eu gostava mesmo, eu gostava, eu gostava. Eu pegava o dinheiro, eu usava, saia, daqui a pouco ia lá de novo.*
>
> [Entrevistadora: *Não era por necessidade financeira?*]
>
> *Não, era só pra zueira mesmo.*
>
> [Entrevistadora: *Era um prazer?*]
>
> *Era um prazer mesmo!*
>
> [Entrevistadora: *Você nunca precisou disso pra sobreviver, por exemplo?*]
>
> *Não.*

Deixou bem demarcado em seu relato que a prostituição era um prazer em sua vida, muito mais que um trabalho.

> *É uma coisa assim, eu não fazia muito pra necessidade, fazia mais por atração. Por eu já ser homossexual e ter atração por outro homem também, então pra mim já é... Tem vezes que eu nem queria cobrar, mas eles queriam pagar pra eu fazer isso, então vamos.*

Essa atitude de Carlos com relação ao dinheiro proveniente do programa se assemelha a dos colaboradores José e Marcelo, que também relataram fazer programas com pessoas sem cobrar, ou seja, pessoas do interesse de cada um deles. Dessa forma, a cobrança vem como algo a mais, pois o que realmente está em jogo para esses três colaboradores é o prazer.

Carlos não estabelecia limitações em sua atuação, fazia o programa versátil, era tanto ativo quanto passivo na relação sexual. Justamente pelo fato de gostar de fazer programas é que nunca aceitou nenhuma proposta de exclusividade feita pelos clientes ou ainda por namorados, sendo que mesmo quando estava namorando ele continuava fazendo programas, como explicita a seguir, no relato sobre um namoro que teve em que mantinha os programas de forma escondida do parceiro.

> *Às escondidas, porque ele era muito ciumento, porque como eu era novo, e ele já era mais de idade, já não tinha aquela coisa, tinha medo de perder, tanto que perdeu, um dia eu saí de madrugada e não voltei mais. Ah, eu não preciso disso, eu sempre gostei da minha rua e ninguém vai me prender. Peguei e saí de lá, mas hoje em dia nós somos grandes amigos, grandes amigos.*

Carlos relatou que teve um cliente com o qual ele esteve envolvido por bastante tempo, aproximadamente quatro anos, e que esse cliente o presenteou com vários bens materiais e dinheiro. Apesar disso, Carlos nunca quis manter exclusividade ou estabelecer um relacionamento sério com ele, pontuando que até hoje eles tem um laço de amizade, mas que não passa disso: "*A gente ficou grandes amigos, grandes amigos mesmo, mas ele me incomoda até hoje, mas somos grandes amigos. Ele me deu uma moto de presente e tudo*". Com essa menção ao fato de que esse cliente/amigo o incomoda até hoje, Carlos quis dizer que até os dias de hoje ele recebe investidas desse amigo, que há muitos anos já não é mais cliente.

> *A gente conversa e tudo, a gente dá risada das coisas. Eu tenho foto na casa dele, mas a gente ficou bem amigos. Hoje ele incomoda: "Eu tô solteiro ainda, tu não vais casar comigo?", e eu digo: "Não, não vou casar contigo" [risos]. Aí fica incomodando, mas é super gente fina, frequenta a minha casa, conhece a mãe e tudo. A gente ficou bem amigo, bem amigo mesmo.*

É interessante perceber que por mais que Carlos não desejasse ter um relacionamento mais sério com esse cliente, ele valoriza a amizade dele, tanto é que a mantém até os dias de hoje, dezesseis anos após ter parado de fazer programas. Com isso é possível pensar na função social da prostituição, no sentido de construção e fortalecimento de vínculos, que pode ser exemplificado por esse cliente que quis virar namorado, mas acabou se tornando apenas amigo de Carlos.

Carlos relata que na época que fazia programas fazia uso de bebidas alcoólicas, maconha e cocaína. Além disso, fazia uso de remédios para estimular a ereção, pois caso contrário não aguentava a rotina de tantos programas. Carlos não usava preservativo em todos os programas, mas ressalta que ter contraído o vírus do HIV não foi decorrente de um programa, mas sim de uma relação sexual da sua vida pessoal.

Ele fez programa até os vinte e dois anos de idade, mais precisamente até o momento de se descobrir portador do vírus do HIV. Após descobrir-se soropositivo, revoltou-se, começou a beber e usar drogas, mas foi apenas uma fase e decidiu parar, aí foi quando conheceu o projeto de uma ONG que trabalha com prevenção de DST/AIDS na prostituição de rua, que foi onde encontrou apoio e trabalha até hoje com a questão da importância da prevenção nas relações sexuais – um posicionamento que ele próprio não assumiu em sua vida sexual.

Villela (2001) pontua que a dificuldade em prevenir a Aids nos homens decorre do fato de que o comportamento preventivo leva à restrição de algo, assumindo o sentido de fraqueza ou ainda de imposição de limites, ambos incompatíveis com a masculinidade hegemônica. A autora prossegue enfatizando que a orientação do uso do preservativo nas relações sexuais se choca com a concepção masculina de vivência de uma sexualidade irrefreável, impulsiva e de difícil contenção. Para facilitar o uso da camisinha, Villela (2001) aponta que deveriam ser aplicadas estratégias de ressignificação do preservativo, transformando suas conotações negativas (“chupar bala com papel”) em positivas.

> De fato, a identidade de gênero nos homens tanto quanto os sentidos vinculados à ideia de “masculino” e “masculinidade” – força, poder, autonomia, invulnerabilidade, entre tantos outros – são contraditórios com as imagens mais popularmente relacionadas à Aids: magreza, fragilidade, submissão. Essa contradição impede os homens de se verem em risco, e “contamina” mesmo cientistas e profissionais de saúde, que até pouco tempo negavam a possibilidade de um homem ser contaminado por uma mulher, retardando a implementação de estratégias preventivas específicas para a população de homens heterossexuais (Villela, 2001, p. 131).

Após descobrir-se soropositivo, Carlos precisou ressignificar sua vida, pois não via mais possibilidade de atuar como prostituto. Mas nem por isso ele deixou de atuar na prostituição, só que com novo enfoque: trabalhando em uma ONG com prevenção da Aids com garotos de programa e com a população LGBT como um todo. Atualmente, ele está investindo em uma agência *online* de garotos de programa, a qual vai completar dois anos de existência e já tem quase cinquenta profissionais cadastrados. Quando iniciou, Carlos tinha quinze profissionais cadastrados, número que foi aumentando com o tempo e com a divulgação dos próprios michês. Para Carlos, esses garotos de programa cadastrados em sua agência *online* têm diversas motivações para estarem se prostituindo, a principal delas sendo a financeira.

É, pra eles é uma renda extra, ajuda mais na renda. Às vezes, tem alguns que já casaram, têm filho, daí têm que dar pensão pra filho, isso, aquilo, e aquilo outro. Às vezes trabalha e não ganha tanto, aí vai lá e faz, é como se fosse um dinheiro extra pra ti.

Carlos organiza o catálogo de fotos dos garotos, descrição do que cada um faz no programa e preço. Para poderem fazer parte dessa agência, os garotos assinam um contrato no qual se comprometem a usar preservativo em seus programas e a fazer exames de saúde mensais. Há uma conta de banco aberta só para essa agência e os clientes depositam a metade do valor antes do programa e a outra metade pagam quando já estiverem com o garoto.

Andrade e Teixeira (2004) evidenciam que se utilizando dos meios de comunicação enquanto mediadores dos programas, nesse caso específico a Internet, o encontro real entre cliente e profissional do sexo só ocorre com dia e hora marcados e unicamente para a execução do programa, sendo quaisquer dúvidas ou informações sanadas anteriormente, seja por algum intermediário ou diretamente entre os envolvidos.

Esse método que eu fiz aqui foi o método que eu aprendi em São Paulo, quando a gente foi pra conhecer como é que era, porque lá tem muitos disso, desse tipo de site. Daí fomos lá pra saber como é, como é que não é, e a gente pegou a senha, porque a senha é mais garantido. Porque tem muitos que falam que podem ir, daí os garotos vão pro lugar e a pessoa não aparece e o garoto pode ter perdido de fazer outra coisa, entende? Se ele vai, o cliente vai deixar metade paga e a outra metade depois, o garoto liga de lá e fala: "Já tô aqui com ele", dai ele já passa e eu já vejo se caiu a outra metade que tem que pagar e daí digo pro garoto se tá liberado: "Pode ir"; se não, ele não faz. É mais seguro, ele tá indo com aquela segurança dele.

Carlos relatou que esses garotos ganham no mínimo R$ 1.000,00 por mês.

Ah, a maioria, todos eles, assim, conseguem pegar mil, mil e pouco por mês. Aí quando eles pegam o dinheiro eu digo: "Agora vai e gasta tudo na boate com mulher" [risos]. Tem uns que fazem isso, saem de lá e vão pra essas casa de show de mulher e gastam tudo. (...) Aí eles dizem: "Eu adquiro dinheiro com um tipo de sexo e gasto com outro, com o meu prazer".

É interessante perceber a relação que Carlos faz entre o dinheiro ganho com a prostituição e o gasto com festas, mulheres, com o prazer – já pontuada por José. Ou seja, se em um primeiro momento os profissionais do sexo vendem prazer, em um segundo momento pagam por ele, como pode ser percebido no discurso de Carlos ao se referir aos garotos de programa de sua agência, como já citado anteriormente.

Carlos pontuou que valoriza muito a prevenção de DST/AIDS e que trabalha isso com os garotos de programas cadastrados na sua agência, exigindo a apresentação mensal de exames de rotina: "*Isso, tem que se cuidar, se eu souber que pegou alguma coisa ou ele vai*

ficar um tempo afastado, e ainda assim ele fica mais um tempo ainda, pra aprender a não desrespeitar aquela regra, aquele contrato que ele assinou".

Categoria 4: Perspectivas para o futuro

Carlos pontua que quer continuar trabalhando em sua agência *online* de garotos de programa, mesmo que não ganhe nada financeiramente com isso, pois funciona como uma cooperativa, em que os ganhos são divididos por todos os cadastrados. Além da agência, Carlos pretende continuar trabalhando como ativista na ONG, com a prevenção de DST/AIDS para a população GLBT.

Perfil do Colaborador 5: Fabiano

Fabiano é um homem de 29 anos, pertencente à classe social B2, com ensino fundamental completo e viúvo. Atualmente, vive junto com seu filho de cinco anos de idade e trabalha única e exclusivamente como profissional do sexo. Seus familiares sabem disso (menos o seu filho), mas para as pessoas que não são da família ele diz que é socorrista autônomo, que troca baterias de carros e por isso trabalha em regime de plantão. Para isso, ele tem em casa diferentes modelos de bateria, pois já teve que prestar esse tipo de serviço para manter as aparências.

Fabiano foi o quinto colaborador entrevistado e o encontro com ele se deu por intermédio de Carlos, o colaborador 4. Após a entrevista com Carlos, ele repassou à pesquisadora o contato telefônico de Fabiano, pontuando que ele seria um possível colaborador da pesquisa, pois também já havia participado de outra.

A pesquisadora entrou em contato com Fabiano e ele a informou que já havia participado de uma pesquisa anteriormente, que chegou, inclusive, a levar as pesquisadoras aos pontos de prostituição nas ruas. Durante a ligação telefônica, à medida que a conversa foi se desenrolando, a pesquisadora percebeu que Fabiano era o mesmo colaborador da pesquisa

referente ao artigo científico que a levou a conhecer a ONG (situação já descrita no perfil do colaborador Carlos).

Diante da aceitação de Fabiano em participar da pesquisa, a entrevista foi agendada para o dia seguinte, na própria sede da ONG, pois como Fabiano é frequentador da instituição, conhece todos e teve a possibilidade de pedir para usar esse espaço, condição essa que possibilitou à pesquisadora igual segurança para entrevistá-lo. É importante pontuar que Fabiano é bastante comunicativo e sociável, de forma que ele foi quem indicou e contatou os outros cinco colaboradores entrevistados para esta pesquisa.

Categoria 1: Nos horizontes da família

Fabiano nasceu em uma família de origem pobre e começou a trabalhar aos doze anos de idade com marcenaria. Sua narrativa acerca da infância e adolescência se mistura à história de sua sexualidade. Relata que com essa mesma idade, caminhando no trajeto da escola para o trabalho, ele percebia que era seguido diariamente por um homem dentro de um carro, o que ele descreveu no trecho a seguir:

> *Daí, todo dia eu ia pro trabalho e do trabalho pra escola e um cara de carro... Isso, assim, na minha infância eu fiz catequese, primeira comunhão, eu já fiquei com menina antes de ter o primeiro relacionamento sexual. Quando fazia a catequese eu dava uns beijinhos nas meninas, atrás da Igreja e tal. Daí, com 12 anos, eu comecei a trabalhar, como eu vim de família muito pobre, eu tive que começar a trabalhar cedo também. Aí, eu ia todo dia pro trabalho, do trabalho pra escola e todo dia, todo dia aquele cara de carro me seguia. Daí ele sempre me chamava, parava nas esquinas e me chamava, só que eu nunca ia porque eu tinha medo, porque minha mãe falava pra mim não chegar perto de ninguém. Um dia eu tomei coragem, porque eu sempre fui, assim, meio entroncadinho, né? Um dia eu criei coragem e fui até o cara.*

É interessante perceber que Fabiano começou a contar sobre o homem mais velho que o seguia em seu carro, mas interrompeu seu discurso para antes ressaltar que ele foi um menino “normal”, que frequentava a Igreja e roubava beijos das meninas. Tal afirmação parece ser de vital importância para Fabiano, já que ele afirma ser heterossexual quando no trecho acima ele começou a relatar sua primeira experiência homossexual. Assim, antes de relatar de fato a vivência que se deu com o homem do carro, ele reafirmou sua heterossexualidade compulsória, vivenciada desde a infância.

De acordo com Prado e Machado (2012), a heteronormatividade é constituída por um conjunto de valores e práticas sociais que normatizam e regulam as relações humanas a partir

de uma hierarquia sexual, na qual a heterossexualidade ainda é o modelo a ser seguido. Apesar de Fabiano ter tido uma relação sexual homossexual, ele reforça em seu discurso que segue a norma heterossexual e pontua que o que aconteceu foi uma exceção. Dando continuidade ao se relato, Fabiano contou o que aconteceu entre ele e o homem do carro e de que forma isso se deu.

> *Eu nunca me esqueço, porque naquela época eu acho que eu ganhava, acho que nem era reais ainda, mas não dava um salário mínimo. E ele me ofereceu, me deu um dinheiro que daria quase um salário mínimo e ele disse que se eu fosse na casa dele ele daria mais, pra eu tomar café da manhã com ele. Daí, pô, eu pensei comigo, se ele quisesse fazer algum mal comigo, me matar, fazer alguma coisa, ele já tinha feito, né? Aquele dinheiro ali eu estava precisando né? Eu tava com 12, 13 anos, já queria usar uma roupa da hora, um tênis da hora, e com aquele dinheiro ali eu ia conseguir comprar, daí eu peguei, entrei no carro dele e fui, cheguei lá na casa dele e ele botou um café-da-manhã na mesa que eu nunca tinha visto aquilo na minha frente, de tanta coisa que tinha pra comer. Daí, tomei um cafezão, tal... Daí depois ele me levou no quarto dele, botou um filme pornô e começou a fazer sexo oral em mim, daí eu fiquei assustado, né? Mas deixei rolar, não tava nem sabendo o que tava acontecendo ali direito, ia pelo instinto... Daí ele pediu... Eu comi ele, sabe?*

A sedução se deu através de coisas às quais Fabiano não tinha acesso: dinheiro equivalente a mais de um mês de seu salário, uma farta mesa de café-da-manhã e ele se deixou seduzir e acabou transando com esse homem. Relata que no momento do ato sexual ele não teve nenhum sentimento negativo ou aversivo, o que veio a aparecer depois, como pode ser identificado na continuidade de seu relato:

> *Com 12 anos, daí eu comi ele, mas de camisinha, naquela época foi de camisinha, daí peguei, sai dali e ele me levou de volta e eu fiquei mal, eu fiquei mal, mal, e eu queria contar pra alguém, eu não podia contar aquilo ali, porque pô, é o fim do mundo, meu Deus, meu pai e minha mãe, se alguém descobre... Pô, eu fiquei muito mal com aquilo. Daí eu trabalhava e o dono dessa marcenaria era o Renato, eu trabalhava com o Renato, ele era pobre, trabalhava, assim, pra sobreviver, tinha aquele pequeno negócio ali e eu trabalhava com ele na marcenaria, no acabamento, só não mexia, assim, nas máquinas grandes. E o dinheiro que ele me pagava o mês inteiro pra eu trabalhar com ele, o cara me deu, mas mesmo assim aquilo ali me fez mal. Tipo, comprei tudo o que eu queria, me fez bem depois, eu fui no shopping comprar tudo o que eu queria com aquele dinheiro, mas eu queria falar pro Renato, porque ele era o meu amigo, eu queria falar pra ele, mas, pô, ao mesmo tempo eu nunca falei aquilo. Daí eu fiquei guardado com aquilo ali pra mim, continuei trabalhando com ele normal, depois trabalhando com outras coisas, assim. Daí, com 15 pra 16 anos, daí eu vim pro centro no carnaval, daí quando eu tinha 15 anos. Isso se passou e eu nunca mais tive relação nenhuma com homem, sempre fiquei com mulher, sempre gostei de mulher, e pra mim, eu levo isso como uma profissão, apesar de eu ter relacionamento com homem também, mas eu curto mais mulher. Eu nunca saí e fora do meu trabalho e fiquei com um homem, isso nunca aconteceu. Daí, enfim...*

É evidente a angústia que Fabiano depois de ter tido sua primeira experiência sexual com um homem. Apesar da necessidade de contar para alguém, ele sabia o tabu que envolvia essa questão, de forma que permaneceu em silêncio, calando sua angústia com as compras

que o dinheiro ganho lhe proporcionou. Mas, reflete: "*Nem sabia o que tava acontecendo, ele que me induziu, na real, foi malandrão, me abusou, me abusou e a situação deixou me levar ali, na hora*".

A situação relatada por Fabiano parece constituir um paradoxo, no qual há, de alguma forma, prazer com o ato sexual em si, mas depois esse mesmo ato leva a uma angústia – por ser homossexual e fugir do padrão heteronormativo –, mas que foi amenizada com o dinheiro fruto do mesmo ato, como um círculo vicioso.

Pela perspectiva legal, a experiência descrita por Fabiano pode ser enquadrada pelo Código Penal como "Estupro de Vulnerável". Como já pontuado no caso do colaborador José, os crimes sexuais atingem a integridade física e psíquica; no entanto, muitas vítimas podem passar por isso sem nenhum tipo de ferimento físico ou sequela psíquica (Oliveira, Volpe e Cuissi, 2012). Para Fabiano, o mal que sentiu no início foi dissipado quando pode comprar no *shopping* tudo o que desejava. Porém, reflete claramente que não sabia ao certo o que estava acontecendo, mas que percebeu que fora abusado sexualmente e que aquele homem fora "malandro".

> *Eu fui abusado, sem querer eu fui abusado, entendeu? Aquilo ali me fez mal, se eu visse esse cara hoje eu ia encher ele de porrada. Porque, talvez, se não fosse aquilo, eu não tinha caído nessa vida que eu tô, entendeu?*

É possível compreender que a violência sexual sofrida por Fabiano repercute de maneira intensa em sua vida, tanto que ele associa esse acontecimento com a sua atuação na prostituição. Ao ser abusado sexualmente em troca de dinheiro, Fabiano acaba encontrando na prostituição uma possibilidade de vida, uma chance de fazer parte do mundo do consumo. Assim, diante do que este colaborador expos, para ele a prostituição se insere como a possibilidade de uma vida de alto padrão, sendo o dinheiro uma recompensa por fazer sexo com outros homens sem ter como finalidade o prazer.

Categoria 2: Ingresso no mundo-vida da prostituição

Fabiano associa a violência sexual que sofreu na adolescência ao seu ingresso no mundo-vida da prostituição. E se Fabiano não tivesse sido violentado, será que ele entraria no

universo prostitucional? Para esse questionamento, buscamos a resposta nas contribuições de Merleau-Ponty (2011):

> O tempo que passa não leva consigo os objetos impossíveis, não se fecha sobre a experiência traumática, o sujeito permanece sempre aberto ao mesmo futuro impossível, senão em seus pensamentos explícitos, pelo menos em seu ser efetivo. Um presente entre todos os presentes adquire então um valor de exceção: ele desloca os outros e os destitui de seu valor de presentes autênticos. Continuamos a ser aquele que um dia se empenhou nesse amor de adolescente, ou aquele que um dia viveu nesse universo parental. Percepções novas substituem as percepções antigas, e mesmo emoções novas substituem as de outrora, mas essa renovação só diz respeito ao conteúdo de nossa experiência e não à sua estrutura; o tempo impessoal continua a se escoar, mas o tempo pessoal está preso. Evidentemente, essa fixação não se confunde com uma recordação, ela até mesmo exclui a recordação enquanto esta expõe uma experiência antiga como um quadro diante de nós e enquanto, ao contrário, este passado que permanece nosso verdadeiro presente não se distancia de nós e esconde-se sempre atrás de nosso olhar em lugar de dispor-se diante dele (p. 123-124).

Assim, este autor nos ensina que a hipótese de Fabiano não ter sido violentado e, consequentemente, de não atuar na prostituição, ficará sempre suspensa, sempre presente como uma possibilidade de um passado verdadeiro, de um futuro impossível. O vivido doloroso permanece presente em Fabiano, um passado fixado nessa situação de abuso decorrente dessa primeira relação sexual homossexual.

Após essa primeira relação, Fabiano não teve mais experiências sexuais com homens, apenas com mulheres, e isso foi até os seus quinze anos. Nessa idade, por influência de um amigo, se deu efetivamente sua entrada no mundo da prostituição. Começou a fazer programa ocasionalmente, concomitante a outros trabalhos.

> *Daí num dia, quando eu fiz quinze anos, eu vim pro centro pro carnaval com um amigo meu, e eu não sabia que esse meu amigo era michê e, por coincidência, ele era michê. Ele me levou pra uma rua ali no centro e disse: "Ó, aqui passa os caras de carrão, os caras vão pagar pra ti e tu fala que teu programa é cinquenta reais". Isso há doze, treze anos atrás. Daí, eu peguei, os carros paravam e pô, daí vem aquela cena na minha cabeça de quando eu tinha 12 anos, pô, aquela vez lá eu fiz aquilo. Daí os caras parados, eu não ia pro motel, eu falava: "Eu não vou pro motel, eu sou de menor, eu não vou pra motel", eu já era encorpadinho, entroncadinho, mas eu tinha medo, os caras com um carrão, vai saber se os caras não tinham uma arma, ficava com medo, falava: "Vamos fazer aqui dentro do carro mesmo, vai rolar o básico mesmo e é só isso, 50 reais". Daí, pô, eu era novinho, daí os caras pagavam, né? Eu fazia 5, 6 toda noite. Mas daí eu fazia parte da população ocasional, eu só fazia de vez em quando, pra festinha, pra comprar roupas, eu não levava isso como uma profissão, a sério. Hoje em dia, eu faço parte da população fixa, há 6 anos eu levo isso como uma profissão mesmo.*

O que começou ocasionalmente para poder comprar roupas e bens materiais com o passar do tempo se mostrou bem mais rentável do que a renda de empregos formais. Fabiano ganha tanto dinheiro assim na prostituição porque tem quem compre o que ele oferece – são

os clientes que sustentam a atuação de Fabiano como michê assim como a sua inserção efetiva no mundo do consumo.

> *Pô, dos 15 anos eu sempre trabalhei, até meus 22 anos, 23 anos, eu trabalhei, daí eu trabalhei na construção civil, trabalhei de servente, trabalhei de ajudante de carpinteiro, pô, eu me matava pra caralho pra trabalhar, nossa, eu já não queria mais estar naquilo, entendeu? Eu ficava na obra trabalhando com o meu pai, que ele é mestre de obras na construção civil, e ficava pensando que lá na noite, na rua, eu podia estar ganhando, um dia que eu ficasse na rua, eu ganhava o que eu ganhava numa quinzena, num dia! "Ah, que que eu tô fazendo aqui?", daí eu desisti.*
>
> *A minha profissão, do que eu sobrevivo há 6 anos é garoto de programa, é a minha profissão. Eu faço parte de uma população fixa que só sobrevive disso, e antes eu fazia parte da população ocasional, eu só vinha pro centro fazer programa na rua pra ganhar dinheirinho pra ir no shopping comprar minhas besteirinhas. Às vezes conhecia umas gatinhas fora, daí viajava pra fora também, só pra arrumar dinheiro pra isso, eu não levava a coisa a sério, há 6 anos eu levo a coisa a sério, como profissão mesmo.*

Vê-se o quanto o emprego formal foi desestimulador para Fabiano, no sentido de não proporcionar o poder de compra que ele gostaria de ter. No intuito de poder atender aos seus desejos de consumo é que Fabiano começou a se prostituir ocasionalmente e logo percebeu que tinha que trabalhar quinze dias no mercado formal, por exemplo, pra receber o que podia ganhar em uma noite atuando como michê. Assim, as experiências de vida de Fabiano (tanto o abuso sexual quanto a frustração com o mercado de trabalho formal) acabaram levando-o para o mundo da prostituição, que surgiu como um novo horizonte, como uma perspectiva de melhorar de vida.

Atuando com a prostituição nas ruas é que Fabiano conheceu sua esposa, uma prostituta que o ensinou a trabalhar com anúncios em jornal e a se profissionalizar mais; tanto que atualmente a prostituição é sua única profissão. Ainda hoje Fabiano faz anúncios em jornais como forma de divulgação. Ele acabou se casando com aquela prostituta e ambos tiveram um filho, porém ela parou com os programas logo que engravidou.

A esposa de Fabiano faleceu no ano passado e ele cria sozinho o filho deles de cinco anos. Ele tem mais dois filhos: um que é criado pela mãe e pelo padrasto e com quem ele não tem contato e outro que está para nascer e que ele vai ajudar com uma "pensãozinha", mas não tem interesse em viver junto com a mãe desse filho. É importante pontuar que Fabiano não considera esses filhos com quem não tem/terá contato; ele não se refere a eles como filhos e nem nutre afeto por eles. A família de Fabiano sabe que ele trabalha na prostituição e seu pai o renegou por isso – não se falam há mais de quatro anos.

> *Não, minha família toda sabe, é tranquilo, só meu pai que, tipo, virou, não quis mais falar comigo, né? Ele falou que não aceita um filho "viado", pra ele eu sou um "viado", se eu saio com homem é porque eu sou "viado" (Fabiano).*

Categoria 3: Dinâmica dos programas,

Faz seis anos que Fabiano decidiu trabalhar exclusivamente com a prostituição, ele divulga seus programas por meio de anúncios no jornal e cobra duzentos e cinquenta reais por hora. Ele usa preservativo em todas as relações sexuais no âmbito profissional. Em se tratando dos rendimentos provenientes da prostituição, Fabiano afirmou que no inverno ganha em média seis mil reais por mês, porém no verão chega a dobrar esse valor, ganhando dez a doze mil reais em um só mês. E é assim, por meio da prostituição, que Fabiano diz poder manter um alto padrão de vida.

Afirmou que nos primeiros três anos em que atuou na prostituição, fazia isso por "zoeira", por diversão, por prazer e que ainda ganhava dinheiro com isso.

> *Pra mim, aquilo ali, no começo tudo era novidade, muito dinheiro entrando, muito dinheiro entrando, muito dinheiro entrando e eu comprando carro zero comprando isso, comprando apartamento, comprando terreno, e daí eu não consegui mais parar, é igual à droga, vicia, vicia, entendeu? Daí vais trabalhar por aí pra ganhar uma porcaria? Só que uma hora também acaba né? Eu vou fazer trinta anos agora, eu acredito que eu consigo trabalhar mais uns 5, se eu cuidar do meu corpo, fazer academia, essas coisas, cuidar da minha saúde, né? Eu consigo trabalhar mais uns cinco anos.*

Ele não vê mais a prostituição como uma diversão, mas sim como uma necessidade, um trabalho, uma fonte de renda; pode até gozar nos programas, mas não sente prazer, relata. Farias (2013) especifica que o fato do garoto de programa assumir que goza na relação sexual com o seu cliente não quer dizer que haja qualquer possibilidade de ele admitir algum tipo de prática de natureza homossexual.

Ou seja, a prostituição é atualmente o único trabalho de Fabiano, apesar de ele não poder dizer isso para qualquer pessoa e manter uma fachada divulgando que é socorrista de carros. Ele também tem uma empreiteira pequena, que apesar de não manter ativa, a tem aberta em seu nome, pois por meio dela ele tem acesso a credito bancário e ao uso da maquina de cartão de crédito/débito que utiliza para receber o dinheiro proveniente de seus programas. No seguinte relato da entrevista, é possível compreender as razões para essa fachada.

> *Porque ninguém entende que ser garoto de programa é uma profissão que dá um bom dinheiro. As pessoas podem pensar que dá dinheiro, as pessoas sabem que o que dá mais dinheiro é prostituição e droga, só que como é que eu vou chegar pra gerente do meu banco pra pedir, comprar alguma coisa financiada e dizer pra ela que eu sou um garoto de programa e que eu comprovo minha renda com isso?*

Apesar de nos dias de hoje a prostituição já estar incluída na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), a sua legalização ainda não ocorreu e é perceptível como ainda há um grande estigma em torno dessa atuação. Para Gofman (1998), o estigma consiste em preconcepções que são transformadas em exigências sociais apresentadas de maneiras rigorosas. Para esse autor, o estigma desconsidera os aspectos positivos de determinada pessoa, reduzindo-a a nada, pois há uma intensidade do efeito de descrédito. O estigma é tão presente na prostituição que para que Fabiano possa receber os pagamentos dos programas em cartão de crédito e débito e ter crédito na praça, ele tem que manter uma empresa aberta, pois não tem acesso a nada disso como michê.

Clientela:

Atualmente, Fabiano atende majoritariamente homens, mas também uma parcela menor constituída por mulheres e casais, sendo que esses casais geralmente buscam a realização de algum tipo de fantasia. De acordo com Machado e Silva (2002), os casais vão à busca da realização de fantasias sexuais, geralmente permeadas pela prática *voyeur*, o que foi reiterado por Ceccarelli (2008).

A partir dos modelos citados por Perlongher (2008), Fabiano se enquadraria no que o autor descreve como “michê-macho”, “michê-mesmo” ou “bofe”, que são aqueles homens que não são assumidamente homossexuais, mas que transam com outros homens. Fabiano expressa um discurso homofóbico acerca de seus clientes homens, o que já não aparece em se tratando das clientes do sexo feminino.

> *Eu acho uma humilhação um homem botar a boca no pau do outro, eu acho uma humilhação isso. Enquanto o cara tá fazendo ali, eu curto pra caralho, que eu penso: “Otário, chupa ai mesmo”, dou tapa na cara, judio mesmo. Sou profissional, entendeu? Mas, assim, eu me divirto porque eu sinto que eu tô humilhando ele, entendeu?*
>
> [Entrevistadora: *E se for uma mulher já não é humilhação?*]

> *Não, se for uma mulher eu já não faço isso, já não bato, já é outra história, é outro personagem. Mas com os caras eu sou bem sacana mesmo, eles gostam, eles querem, tão pagando pra isso, entendeu? Por isso que eu sobrevivo esse tempo todo.*

Perlongher (2008) evidenciou a existência de alguns critérios na escolha dos clientes, dentre os quais: idade, classe social, gênero e raça. O autor percebeu ainda que devido à clientela ser majoritariamente do sexo masculino, e considerando a existência do preconceito acerca das práticas homossexuais, os michês descarregam em seus parceiros o peso do estigma, não abandonando, e, inclusive, reproduzindo a cadeia discursiva e gestual da heterossexualidade, afirmando a existência de uma ultramasculinização de si, o que se evidencia no discurso de Fabiano quando ele pontua o investimento que faz com os cuidados com o corpo na academia.

A ultramasculinização dos garotos de programa foi citada por Perlongher (2008) como uma demanda dos clientes por rapazes heterossexuais, e corroborada por Mazzieiro (1998), o que pode ser compreendido como parte de um fenômeno denominado *heterossexualidade compulsória*. A heterossexualidade compulsória é definida por Louro (1995) como um conjunto de normas regulatórias do sexo que vão sendo internalizadas pela sociedade como um todo e têm o poder de repetir constantemente as normas de gênero pela ótica heterossexual, gerando o desconforto ao se tratar da relação sexual entre pessoas do mesmo sexo, ainda nos dias de hoje, de maior liberdade sexual.

Sentidos e significados da práxis sexual:

Fabiano conta que estabelece alguns limites em seu programa: "*Não beijo, não dou meu cu e não chupo*". V. Barreto (2012) afirma que a maior parte dos garotos de programa estabelece como limite dois tipos de práticas sexuais – não fazem sexo oral em seus clientes e não assumem o papel passivo na relação sexual. Além disso, Fabiano não se envolve afetivamente com seus/suas clientes e nunca aceitou nenhum tipo de proposta de exclusividade, nem de mulheres e nem de homens. No que tange especificamente à relação assumida com o cliente, Pinel (2003), corroborando Machado e Silva (2002), pontua que o michê evita qualquer forma de envolvimento, fixando sua atuação no âmbito puramente sexual e orgânico, o que também foi corroborado em estudos de Santos (2011) e Burbulhan, Guimarães e Bruns (2012).

> *O meu papel é fazer o papel de macho mesmo, até porque os clientes querem um macho de verdade, se eles quisessem uma bichinha eles encontrariam em qualquer esquina, entendeu? Mas não, eles querem um homem, entendeu? E eu tenho esse perfil.*

Santos (2011), assim como Pinel (2003) e Machado e Silva (2002), discute o binômio ativo/passivo e aponta para o medo da feminilização existente entre os michês, os quais não suportam a passividade sexual, tendo em vista que esta é associada à mulher – sendo ela quem dá algo a alguém e não o homem, de forma que há uma grande preocupação por parte dos michês em esclarecer e delimitar os papéis na relação sexual paga.

Fabiano relatou que se aproveita para tirar dinheiro dos clientes, principalmente dos que se apaixonam por ele, sejam homens ou mulheres, e apontou que é possível ganhar mais dinheiro assim do que com o próprio programa.

> *Eu tenho um dentista que já faz uns 8 anos, ele se apaixonou por mim e eu fali ele, esse eu fali. Até o apartamento dele ele vendeu, de tanto que eu tirei dele. Esse eu vou te dizer, esse eu considero mais do que o meu pai, ele é mais do que o meu pai pra mim, mais do que irmão. Porque, assim, eu não tenho mais mãe, entendeu? Então, depois do meu filho, a pessoa que eu mais gosto é dele.*

No entanto, se por um lado Fabiano tirou, conforme ele mesmo, o máximo possível de dinheiro daqueles clientes homens ou mulheres que se apaixonaram por ele, por outro lado ele também se afeiçoou a alguns deles, como é o caso desse mesmo dentista.

> *Ele não encosta mais em mim, ele me ajuda porque ele gosta do meu filho, ele gosta de mim, mas eu sinto que ele gosta, que ele tem um carinho, que ele me ama, só que tem um outro interesse em cima de mim. Ele me oferece dinheiro, mas eu não aceito, não aceito dinheiro porque eu não posso mais fazer mais nada com ele, pra mim ele já passou a ser alguém da minha família, entendeu? Eu não tenho mais essa coragem, mas eu sei que ele me olha e que ele deve se masturbar pensando em mim, só que eu não tenho nenhum interesse nele se não for ali de amizade, uma coisa de irmão, de pai, de filho... .*
>
> *É, ele tem 60, vai fazer 60 anos, mas a cabeça dele é bem legal. Tipo, ele é meu conselheiro, ele é mais do que meu psicólogo, mais que tudo pra mim, é a pessoas que depois do meu filho eu mais gosto. Porque morreu minha mulher, então quem eu mais amo agora é o meu filho e depois dele quem eu gosto é esse meu amigo.*

Fabiano reitera que não deseja mais se envolver com ele no âmbito da prostituição, nem que seja para lucrar com isso, pois nessa situação afeto se sobrepõe ao dinheiro.

Fabiano afirma que usa remédios para fazer os programas e também que é usuário de drogas, mais especificamente maconha e cocaína, uso que começou com os programas, pois um casal que ele atendia usava e exigia que ele estivesse na mesma "*vibe*". Viana (2010) evidencia que os *boys* se utilizam de recursos tanto imaginários quanto alopáticos para conseguir a ereção com os clientes (em se tratando de clientes feios, os remédios são

ferramentas utilizadas). No entanto, a imaginação é um recurso recorrente, imaginar uma mulher ou que está tendo prazer para poder realizar o programa. Também foi observada a utilização de filmes eróticos de casais heterossexuais, os quais os michês assistem antes dos sair para trabalhar, para se estimularem (Viana, 2010).

Acerca do uso de drogas, Fabiano reflete que por um lado ele não queria usar, mas por outro pensava no dinheiro que ia ganhar com o programa e acabava usando. E afirma que continua usando, mas não mais nos programas, pois prefere controlar o seu vício e usar sozinho, somente quando tem vontade, o que ele informa acontecer a cada duas ou três semanas.

> *Hoje não, por exemplo, aquele casal que me colocou na perdição da droga, eu já não vou mais. Eu sei que se eu for lá eu vou pegar, entendeu? Então, se for pra recair, eu prefiro recair sozinho, eu prefiro pegar minha petequinha de 10 e ficar em casa cheirando, fazendo as minhas coisas ali, do que ficar naquele astral ruim, entendeu? Eles ficam muito loucos, a energia é muito ruim.*

Ele exemplifica apontando que após o uso o homem começa a ter ideias persecutórias e fica com desejo de ver Fabiano transando com sua esposa o tempo todo.

A do trecho acima, acerca do casal que o introduziu nas drogas, e tendo em vista que atualmente ele optou em não atender mais esse casal, pode-se apreender que após alguns anos no meio prostitucional, Fabiano não pensa mais apenas no dinheiro dos programas, mas procura respeitar os seus limites pessoais, nem que para isso tenha que deixar de fazer algum programa.

Categoria 4: Perspectivas para o futuro

Fabiano tem investido dinheiro na construção de apartamentos para alugar e no futuro pensa em ter isso como renda fixa e trabalhar como acompanhante de duas ou três pessoas, que paguem pela exclusividade dele: "*Eu, futuramente, eu vou ser gigolô de aluguel, tipo um acompanhante, alguma coisa assim, quando eu ficar mais velho, entendeu? Porque é um meio de arrumar alguém e essa pessoa gostar de mim*". Além disso, pontuo: "*Mas eu quero fazer uns curso, alguma coisa assim pra eu poder, depois disso, dar continuidade à minha*

vida, né? Apesar que eu tenho umas coroas que eu vou sugar dinheiro delas quando eu ficar mais velho".

Perfil do colaborador 6 – Luciano

Luciano é um homem de 40 anos, pertencente à classe econômica E, com segundo grau completo e solteiro. Ele tem uma filha de 19 anos, com a qual não tem contato. Atualmente, encontra-se em situação de rua, o que está relacionado ao fato de ser usuário de drogas. Luciano atuou por 15 anos na prostituição e já teve um alto padrão de vida, mas foi decaindo com o crescente uso de drogas.

Este foi o sexto colaborador entrevistado e o encontro com ele se deu por intermediação de Fabiano, o colaborador 5, que disse que conseguiria mais contatos de michês já que conhece muitas pessoas desse ramo. Assim, algumas horas depois do término da entrevista com Fabiano, ele a entrevistadora conversaram pelo telefone, e ele informou que já havia encontrado mais um colaborador para a pesquisa, Luciano. Perguntou se havia algum problema por ele atualmente encontrar-se em situação de rua, ao que a pesquisadora respondeu que não.

Também essa entrevista foi agendada na sede da ONG, pois Fabiano é bastante conhecido lá e conseguiu uma sala, o que mais uma vez foi um elemento tranquilizador para a entrevistadora. Luciano chamou a atenção da pesquisadora quando chegou para a entrevista, pois era evidente que fora um homem muito bonito apesar do descuido com a aparência e higiene.

Categoria 1: Nos horizontes da família

Luciano relatou que foi abandonado pela mãe, que era garota de programa e o deixou com o pai indo residir em outra cidade – ele foi criado pela avó paterna, na mesma casa com seu pai e seu avô. Ele se lembra de carregar a avó bêbada pelo bairro, pois ela era usuária de álcool e drogas.

> *Desde que eu lembro, eu era pequeno, minha mãe me abandonou, me deixou com minha avó, até então eu tinha uns 7 anos. Minha avó alcoólatra, funcionária de uma empresa, drogada, e eu andava com a minha avó nos bairros, carregando ela bêbada e assim foi, sem mãe, sem nada, nem sabia o que eram essas coisas, nem passava na minha cabeça.*
>
> *Eu vim de uma história de programa, minha mãe era garota de programa e tinha 17 anos, engravidou e me deixou com minha vó. Ela foi, resolveu a história dela, construiu a história dela, construiu uma família, um casamento, abandonou aquela vida e veio me buscar. Até então eu fui criado pela minha vó, vivia na rua.*

Quando estava com oito anos de idade, a mãe voltou à cidade para buscá-lo e ele foi viver com ela, porém não se davam bem, ele fugia sempre de casa e sua mãe batia muito nele. Luciano acredita que esse mau relacionamento com a mãe era devido ao fato de ela tê-lo abandonado e construído outra vida, em outro casamento, com outros filhos.

> *Eu tinha 8 anos, ela me botou na escola, em outra cidade, longe de onde que eu morava com a minha avó. Até então a gente nunca se deu bem, porque não tinha nada, eu não chamava ela de mãe também, e ela queria me proporcionar um monte de coisas que, eu não sei, hoje eu pensando, não tava preparado, e ela nem me perguntou se eu queria aquilo. Ela chegou e eu acho que ela tava com arrependimento, sentimento de culpa, e não deu certo.*

Como resultado dessa vivência relatada, e por fugir de casa tantas vezes, Luciano foi viver em um abrigo provisório para crianças e adolescentes, no qual permaneceu até os 12 anos de idade, quando ele que quis sair de lá e voltou a morar com sua mãe por certo tempo. Como novamente não deu certo, sua madrinha o acolheu e ele foi morar com ela.

Na casa de sua madrinha, Luciano acabou conhecendo um homem mais velho, Jerson, irmão dela, que se encantou por ele e quis adotá-lo e levá-lo para viver em outro Estado, bem distante dali. Luciano gostou da proposta, pois se sentia rejeitado pela mãe e essa adoção era uma possibilidade ter novas oportunidades, tendo em vista que o homem que o estava adotando era bastante rico. Assim, foi adotado com treze anos e foi viver com Jerson, sendo que ao chegar em sua casa, uma mansão, descobriu que deveria manter relações sexuais com ele.

> *Até que então a madrinha veio pra mim e eu fui morar com ela, aí chegou um irmão dessa madrinha e esse cara veio lá de Fortaleza e foi visitar a mãe dele no Rio Grande do Sul. Então o cara me olhou, eu tinha 13 anos, e o cara era homossexual, e o cara se encantou por mim, falou: "Não, você vai embora comigo", e olha só, eu esculachado pela minha mãe e tal, era tudo... Aí quando o cara veio, "Não, você vai embora pra Fortaleza comigo, de avião", e pra mim, pô, era tudo o que eu queria. Daí ele falou com uma prima dele: "Você vai no shopping, pega as medidas dele, compra roupa pra ele, e até então a gente vai resolver negócio de justiça, pra mãe dele liberar pra ele poder ir pra Fortaleza". Em quinze dias ele comprou a passagem e eu fui pra Fortaleza, eu tava com 14 anos, eu cheguei numa casa, uma mansão e todos que tinham lá ou era homossexual, ou sapatão e lésbica, desde os funcionários. E aí falaram que eu tinha que dormir lá na cama com o cara.*

Só quando chegou em Fortaleza foi que Luciano percebeu o real encantamento que Jerson havia sentido por ele. No começo, foi resistente, mas foi convencido pelo fato de que se mantivesse relações sexuais com Jerson, poderia ter acesso a muitas coisas, muitos bens materiais, e foi o que ele fez. Com quatorze anos, ele começou a ter relações sexuais com Jerson e teve acesso a todos os bens materiais que queria, mas pagou um preço alto por isso, pois Jerson era muito ciumento e violento, tendo o agredido diversas vezes.

A violência física, sexual e psicológica que Luciano sofreu nunca foi denunciada, afinal se ele denunciasse Jerson, com quem ele viveria? Se por um lado Jerson era agressor, por outro lado era também o vínculo afetivo mais forte de Luciano. Hohendorff, Habigzang e Koller (2012) perceberam que em se tratando da violência sexual, diversos aspectos contribuem para a não revelação da situação, dentre eles "o investimento afetivo dos seus autores, presença de barganhas, ameaças e conflitos familiares" (p. 401). No caso específico de Luciano, havia com Jerson uma relação afetiva e sustentada por barganhas.

De acordo com Almeida, Penso e Costa (2009), em uma pesquisa acerca do abuso sexual infantil masculino, a oferta de bens materiais pelo abusador é uma moeda de troca recorrente e importante, pois leva à ideia de sucesso na vida, facilitando o vínculo com as vítimas. Além disso, as autoras pontuam que a desorganização familiar pode fazer com que a vítima estabeleça uma relação de afeto e segurança com o abusador, o que pode ser exemplificado a partir do relato de Luciano.

Luciano contou que Jerson era um estelionatário e que fazia trabalhos como vidente, extorquindo as pessoas. Ele o ajudava nesses trabalhos e ganharam muito dinheiro com isso, sendo que com o passar do tempo eles não eram mais amantes, pois tinham uma relação de amizade, até mesmo de pai e filho. Jerson sempre o sustentou, lhe dando bens materiais, como carros, motos e até mesmo apartamentos.

Luciano começou a fazer viagens e acabou se apaixonando por uma mulher em uma das capitais pela qual passou e por isso ia direto para lá, até que acabou se fixando ali, abandonando os negócios de Jerson e passando a ganhar o seu próprio dinheiro, trabalhando como guia turístico e como michê. Luciano não teve nenhum relacionamento com essa mulher, mas acabou se envolvendo com uma menina de doze anos, a quem engravidou. Tentou viver com ela, mas não queria constituir uma família, e abandonou mãe e filha para que elas pudessem encontrar alguém melhor.

Alguns anos depois, Luciano descobriu que a mãe de sua filha estava fazendo programa e decidiu levá-la para fazer programa em São Paulo, para que pudesse ganhar mais dinheiro. Assim, levou ela e mais uma amiga e os três passaram a fazer filmes pornôs em São Paulo e a viver no meio da prostituição, sendo que ele era cafetão delas, agredindo e até mesmo roubando dinheiro das duas. V. Barreto (2012) afirma que a atuação em filmes pornôs é uma atividade apreciada e recorrente na prostituição masculina e que pode ter valor decisivo na negociação do programa.

Categoria 2: Ingresso no mundo-vida da prostituição

Para Luciano, o ingresso no mundo-vida da prostituição se deu na época em que era tanto cafetão quanto garoto de programa. Fazia programas em saunas, saiu com pessoas famosas e ganhou muito dinheiro na prostituição, chegando a viajar entre capitais para fazer programas.

> *Depois que eu sai de lá eu fui viver como garoto de programa, de verdade. Aí eu saia daqui, ia pra São Paulo, trabalhava em São Paulo, fazia sauna; eu chegava a ganhar 1.000, 1.500 por dia numa sauna. Eu cheguei em uma época em São Paulo que dava muito dinheiro, assim, a área de prostituição. Então, eu fazia sauna até umas 10 horas da noite e depois ainda fazia rua, trabalhava na rua, mas daí na rua era mais pra pegar as meninas de programa também e ia pras boates. E assim foi indo.*

Luciano atuou aproximadamente quinze anos na prostituição. Atendia majoritariamente homens e relata que por isso nunca teve prazer com os programas: "*Nunca tirei proveito em cima porque eu sou hetero, eu gosto de mulher, relação com homem é pelo dinheiro, profissional*". Luciano faz questão de ressaltar que é heterossexual, mesmo estabelecendo parcerias sexuais com homens no âmbito da prostituição.

Para R. Silva (2006), a identidade assumida pelo michê deve ser compreendida como relacional, tendo em vista que podem se situar ora como homossexuais ora como heterossexuais ou ainda bissexuais. Para esse autor, não se pode conceber que a identidade sexual dos michês seja estanque, pois é uma categoria situacional: "Nesse contexto, a masculinidade é vista a partir de uma perspectiva relacional, sendo significada e ressignificada no contexto das diferentes relações sociais estabelecidas pelos michês" (R. Silva, 2006, p. 30).

> Comparando com uma prostituta, esta não necessita apelar para sua heterossexualidade, a não ser que seja homo, ao passo que o garoto de programa se concebe como hetero e está envolto uma prática homo. Então pergunta-se: que 'esforço psíquico' um garoto de programa tem que fazer para transar por dinheiro com quem ele não quer, assegurar o cliente, fingir estar na relação, não gozar, fazer gozar o cliente e manter-se na posição heterossexual? (J. Silva, 2011, p. 168).

A partir da citação acima vê-se que michês como Luciano são expostos a situações de grande esforço psíquico para atuar na prostituição, sem sentir prazer em manter relações sexuais com homens; no entanto, o aspecto financeiro fala mais alto. A facilidade do ganho financeiro é o que sustenta sua atuação na prostituição, considerando que há uma perspectiva ainda do dinheiro, que é o ganho financeiro para sustentar o uso de drogas.

Categoria 3: Dinâmica dos programas

Acerca da dinâmica dos programas, Luciano afirmou que sempre assumiu o papel ativo nas relações sexuais e que sempre teve muitos clientes pelo fato de ter "dote", ou seja, um pênis grande, pois para ele "geralmente é isso que gay busca".

Clientela:

Luciano relata que atendeu majoritariamente homens em sua atuação na prostituição, e descreve sua clientela: "*Sempre homem, geralmente é gay, rolou alguns casais, mas é homem, é gay mesmo. Em relação a isso aí, foi um trabalho mesmo, garoto de programa*".

Alves (2011) pontua que os garotos de programa que ele entrevistou identificam sua clientela como sendo constituída por homens "veados" e que se fossem mulheres, elas não precisariam pagar. Para V. Barreto (2012), na configuração brasileira de sexo e gênero o que é crucial para caracterizar e diferenciar homens e mulheres não é especificamente a genitália, mas o papel que essa desempenha no ato sexual. Assim, para esse autor, na prostituição masculina a diferenciação de gênero se dá no ato da penetração, de forma que quem penetra é

identificado como homem, e quem é penetrado como mulher, veado, *gay*, o que é corroborado no relato de Luciano.

Sentidos e significados da práxis sexual:

Luciano ganhou muito dinheiro com a prostituição, a ponto de conseguir manter um alto padrão de vida:

> *Muito bom! Era envolvido com gente de muita grana e eu tinha muita grana também, eu, como é que eu posso dizer, assim... Pensa, eu vivia no luxo, tudo, cara, desde artista de televisão, política, vivia envolvido nesse meio, vários artistas de televisão. Vivia num mundo, assim, glamoroso, do dinheiro, da grana, vivia em jatinho, tinha cara que dava carro pra mim, carro novo. Foi bom, eu tirei proveito, isso envolvia droga também, muitas coisas, muita gente me pagava...*

Passado um tempo, ele decidiu voltar para sua cidade natal, lá trabalhando como guia de turismo e também fazendo alguns programas, Acabou conhecendo um casal que confiava muito nele, de quem ele roubou uma quantia alta e fugiu para outra cidade. O dinheiro roubado foi investido em bens materiais, os quais ele foi vendendo com o passar do tempo a fim de manter um alto padrão de vida, principalmente referente à compra de roupas e acessórios de luxo, assim como no gasto com festas.

> *Indo, indo e, assim, o dinheiro eu fui gastando e o dinheiro não acabava, e eu ia pra todo lugar, as pessoas me ligavam, era convite, festa, tudo eu fechava. Pagava pra vim mulher de São Paulo, pagava cinco mil reais mais a passagem de avião pra vir.*

Luciano foi gastando todo esse dinheiro até que ficou sem nada e voltou para a capital, apenas com roupas e acessórios de grife, chegando a morar embaixo da ponte: "*Eu via os carros passando e eu penso, assim, imagina, você teve tudo e ao mesmo tempo tá morando debaixo da ponte*".

Atualmente Luciano está em situação de rua e diz que é por escolha, pois teve oportunidade de morar com uma família e também teve várias chances de ser ajudado, mas não quis. Luiz Fernando Martins, agente de intervenção com michês, aponta que é comum os garotos de programa detestem a pobreza em que vivem e que depois de ganhar dinheiro passam a ostentar o que conquistaram; eles gostam dessa ostentação (GAPA Santa Catarina, 2002).

Na situação de rua é que se intensifica o contato de Luciano com as drogas e o isolamento social. Tondin, Barros Neta e Passos (2013) apontam que as pessoas em situação de rua fazem parte de uma população heterogênea, mas que guardam algumas características em comum: a condição de pobreza e a falta de pertencimento social. Sipahi e Vianna (2001) afirmam que o uso de drogas acaba por restringir o convívio com outras pessoas, tendo em vista que o dependente já não compartilha da mesma realidade dos demais. Hoje em dia, Luciano ainda faz programas, mas de forma muito mais esporádica, devido à situação de vulnerabilidade social em que se encontra, no entanto, segundo ele: "*Tem cara que gosta de lixão da rua, que nem eu*".

Os poucos programas que faz é única e exclusivamente para ter dinheiro para comprar drogas. Um dos michês entrevistados para o documentário "Na balado do michê" afirma que os garotos de programa que estão em situação de rua fazem programas tendo como fim único a obtenção da droga (GAPA Santa Catarina, 2002). Luciano já esteve em tratamento para uso de drogas, conseguiu emprego formal, mas há quatorze meses, do dia para a noite, largou tudo e encontra-se em situação de rua. E descreve a sensação que a droga traz para ele.

> *Quando eu tô no uso, qual o sentimento que eu tenho? Euforia e depressão. E quando eu não tenho uso, quando tô em tratamento, em recuperação, essas coisas mais sensíveis começam a aflorar, outros sentimentos, daí vem filha, minha filha que tá em São Paulo com 17 anos, vêm outras coisas da minha vida, e eu quero voltar, e essas coisas, família, mãe, tal... Essas coisas começam a me perturbar muito, me sufocar, não consigo achar solução pra essas coisas, pra tudo que eu fiz de errado, aí eu quero voltar tudo já, reconquistar minha filha, pedir perdão pra ela, que ela venha e me abrace, não sei. Essas coisas não vão acontecer e isso começa a me perturbar muito e eu não aguento a pressão, não aguento! A gente fica um pouco mais sensível e o coração começa a ficar mais mole, entendeu? E essas coisas me incomodam, aí eu não aguento, não consigo passar essa fase, de perdoar, de, não sei, de regularizar todas as coisas que eu deixei pra trás, aí eu não suporto e largo tudo.*

Sipahi e Vianna (2001) apontam que frente à angústia inerente ao viver, e mais ainda ao futuro e ao desconhecido, alguns sujeitos usam drogas, que funcionam como a promessa de uma vida mais tranquila: "A dependência revela-se como uma das possibilidades de aliviar-se da tarefa do cuidar, na precariedade do viver" (p. 504). Luciano comentou sobre a drogadição: "*Então, assim, minha história, assim, a vida foi muito boa pra mim, eu tive muita oportunidade na vida, mas a droga... A droga é muito boa, nunca experimente!*".

Ao longo desse tempo, Luciano voltou à cidade em que mora sua mãe duas vezes, mas em nenhuma das duas conseguiu conviver com a família. Sua mãe é hoje dona de várias boates, tem uma vida financeira estável, mas ele não consegue aceitar que foi rejeitado e atualmente não mantém mais contato com ela. Sobre a mãe, Luciano relatou: "*Ela fala que*

gosta de mim, eu já falei 'você faz força pra gostar, você não gosta de verdade; você tenta gostar, mas não consegue', e ela 'pior que é'. Assim, ela tá lá vivendo, e eu tô me matando aqui no crack, nessa droga, não consigo sair".

Para ele, as lembranças de sua mãe são muito intensas, envoltas de afeto, carregadas de sentidos e significados que ecoaram em sua entrada na prostituição, no mundo das drogas e na situação de rua em que se encontra atualmente. É importante pontuar que em momento algum Luciano cita a presença paterna, responsabilizando apenas a mãe, despercebendo a importância do papel do pai em sua vida. Dessa forma, pode-se considerar que seus pais foram tóxicos para ele, no sentido expresso por Giddens (1993):

> O que é um pai ou uma mãe tóxico? Há um conhecido ditado que diz que, seja qual for o comportamento dos pais em relação aos filhos, ele será errado; nenhum pai ou mãe consegue perceber todas as necessidades de um filho ou reagir adequadamente a elas. Mas há muitos pais que constantemente tratam seus filhos de um modo prejudicial ao seu senso de valor pessoal – e poderiam fazer com que eles enfrentassem batalhas eternas com as memórias e os personagens de sua infância (p. 118).

Fica bem evidente que Luciano enfrenta as batalhas descritas por Giddens (1993) e que apesar das tentativas feitas tanto por ele quanto por sua mãe ele não conseguiu ressignificar as vivências de seu passado, o que é expresso em sua fala: "*Minha vida é essa aí que eu falei, filho de uma prostituta, que saiu de casa e buscou o mundo de verdade e tô aqui*". Pode-se relacionar as experiências de vida de Luciano com o abandono materno e também com o abuso sexual, o qual de acordo com Cohen (2000) pode não deixar marca físicas, mas psicológicas, sociais e afetivas, as quais são mais difíceis de serem identificadas, como no caso de Luciano.

> A violência psicológica associada à violência sexual, por vezes, pode ser extremamente danosa e devastadora, ao provocar uma intimidação profunda, que causa marcas fortes na vida da vítima. A violência sexual, em si, já provoca uma devastação emocional em suas vítimas, podendo abrir "feridas que nunca vão sarar" (Esber, 2009, p. 101).

Luciano tem esta percepção de si mesmo e de sua história: o futuro de um menino já marcado ao nascer filho de prostituta e abandonado por ela, como se isso fosse determinante dos outros acontecimentos ruins de sua vida, de feridas que não se fecham. Para Merleau-Ponty, toda percepção tem um fundo, ou seja, supõe um passado para o sujeito. No caso de Luciano, seu passado funciona como fundo de sua percepção e como aprisionador de seu futuro, tendo em vista que ele não conseguiu ressignificar suas experiências traumáticas e não houve elaboração do vivido, pelo contrário, o que houve foi um histórico de violências sucessivas, em que ora foi vítima ora foi agressor.

Perspectivas para o futuro:

Os trechos acima são bastante ilustrativos do momento em que Luciano se encontra e de como a droga acaba anestesiando suas dores e mágoas do passado, mas o impedem de planejar o futuro.

> *Eu tenho que me internar, sou obrigado, mas não tô conseguindo. Mas eu gosto também dessa vida, não posso mentir, não vou mentir, eu gosto dessa história, eu gosto de droga, eu gosto de viver assim. Agora eu extrapolei demais, muito tempo... E assim, hoje eu vou vivendo a vida assim, na rua, na droga, não tenho família aqui, não tenho ninguém, ninguém, ninguém...*

Para Tondin, Barros Neta e Passos (2013) as pessoas que se encontram em situação de rua acabam por perder a perspectiva de projetos de vida e vêm a rua como única possibilidade de existência. A busca repetitiva de sensações de prazer nas drogas faz com que o dependente altere sua relação com o tempo, aliviando-se constantemente da necessidade de cuidar do seu futuro (Sipahi & Vianna, 2001, p. 504).

Perfil do Colaborador 7: Bernardo

Bernardo tem 27 anos, pertence à classe econômica B1, possui segundo grau completo e é solteiro. Tem três filhos de três mulheres diferentes, sendo que não tem contato com nenhum deles. Bernardo trabalha como profissional do sexo há mais de dez anos e já fez programas em saunas e também na rua. Bernardo trabalha com a prostituição, mas também tem outra fonte de renda, uma pensão vitalícia que ele recebe pelo falecimento do seu pai.

Bernardo foi o sétimo colaborador entrevistado e o encontro com ele se deu também por intermédio de Fabiano. No entanto, a entrevista não se realizou na sede da ONG, como as de Carlos, Fabiano e Luciano. Como a entrevista com Bernardo se deu no final da tarde, a ONG já estava fechada, de forma que a pesquisadora buscou um hotel em que pudesse tanto ficar hospedada durante o período de realização das entrevistas, quanto usar uma sala reservada para tal.

Dessa forma, todas as entrevistas – com Bernardo e com os demais três colaboradores – puderam ser realizadas nesse espaço, o qual foi bastante apropriado, tendo em vista que era seguro para a pesquisadora e também para os colaboradores.

Categoria 1: Nos horizontes da família

Bernardo relatou que seu pai faleceu quando ele era ainda criança e que desde novo já teve más influências de amigos: começou a beber e fumar ainda bem jovem. Sua mãe era viciada em jogos, principalmente bingo, além de cigarro e bebidas, e seu pai era alcoólatra. Bernardo disse que sempre trabalhou e que aos treze anos, em seu ambiente de trabalho, ele teve contato com as drogas.

> *A droga começou com um patrão meu, de dia eu trabalhava numa loja de móveis usados e um dia tinha que reformar tudo, sabe? E daí pra não... Nós tínhamos que fazer uns móveis lá, um jogo de cozinha, e a gente tinha que virar uma noite, né? Aí ele pegou e botou cocaína pra mim, ô cara, que legal, gostei pra caramba!*

Foi nessa circunstância que Bernardo foi apresentado às drogas – que até hoje usa: cocaína, maconha, álcool e cigarro. Bernardo namorava desde cedo e antes dos quatorze anos já transava com meninas; porém, ele relata uma vivência nessa idade específica que foi bastante significativa em sua vida, tendo em vista que tem relação direta com a prostituição, atividade que ele exerce nos dias atuais.

Categoria 2: Ingresso no mundo-vida da prostituição

Assim como os colaboradores José e Fabiano, Bernardo relata que sua história de ingresso na prostituição se deu pela sedução de um homem mais velho. Sedução esta caracterizada como abuso ou violência sexual, que de acordo com Cohen (2000), consiste no desrespeito ao indivíduo e seus limites, na transformação desse indivíduo de sujeito a um objeto do prazer e desejo do outro.

De acordo com Esber (2009), a conceituação de violência implica na coisificação do outro. A autora pontua ainda que a violência não é uma característica da natureza humana e

nem biologicamente determinada, mas sim constituída sócio historicamente: “O homem, ao agir de forma violenta, atua em relação dialética com a sociedade em que está inserido” (p. 31).

Para Cohen (2000), o que define uma relação de abuso não são as marcas físicas, o uso da violência e até mesmo o não consentimento da vítima. Esse autor compreende que o abuso sexual muitas vezes não se utiliza de violência e é consentido, e que mesmo assim é definido como abuso, pois se trata de um jogo de poder, no qual a sexualidade é usada de forma destrutiva e é nesse sentido que o abuso sexual se deu com Bernardo, como pode ser percebido em seu relato:

> *Aos 14 anos eu estudando numa outra escola, uma pública, porque antes era particular, os guris já começaram a me falar, porque eu não trabalhava né? Eles começaram a falar: “Ah filho, tem umas histórias pra fazer e tal”. E eu meio cabreiro, né? Porque não queriam me falar diretamente, daí eu não fui. Daí um dia, eu indo embora da aula tranquilamente e tocou o orelhão, tocou o orelhão e eu peguei e atendi, né? Eu tava sozinho, e o cara me chamou pelo meu nome, e eu olhei pra fora e falei: “Tá louco? Como é que tu sabe meu nome?”, e ele: “Eu sou o fulano, assim, assim, assim, eu te conheço mas você não me conhece.”, isso em um telefone público; olha que estranho, nada a ver, e eu: “Pô, cola na minha casa.”, pensei que era um amigo meu, e aí o cara pegou e falou assim: “Amanhã eu te ligo de novo, no mesmo horário.”, e desligou na minha cara. Eu fui embora sem entender nada, bem coisa de novela, de filme. Daí eu fui pra casa, fiquei com isso na cabeça, e no outro dia eu fiquei lá no mesmo horário, e ele: “Olha, tô chegando aí agora, eu só não tenho a mesma idade que você, eu tenho um pouco mais”, e eu: “Beleza, pode vir aí”.*

Bernardo relatou que ficou curioso com essa ligação e que no outro dia ele saiu mais cedo da escola, para que desse tempo de estar no ponto de encontro no horário combinado.

> *É, tava curioso. Aí eu fiquei lá e o cara foi até lá, quando chegou lá era um velho, um velho bem de idade, bem fortão, gigante mesmo, era um policial e eu não sabia. E aí a gente saiu, fomos pra uma outra cidade, no sul do estado, e chegamos lá e tomamos uma cerveja e tal, e aí não aconteceu nada, ele não falou nada, eu só achei estranho aquele velho que eu nunca tinha visto. Daí ele pegou e me deu trezentos reais, do nada, assim, e falou: “Pega esse dinheirinho pra ti comprar uma coisinha pra ti”, putz, eu nunca tinha ganho trezentos contos de uma vez só, fiquei todo faceiro.*

Bernardo ficou impressionado com tanto dinheiro. Eles passaram a sair como amigos, até que com o passar do tempo esse militar demonstrou querer transar com ele e disse que lhe daria uma moto se ele aceitasse, e ele aceitou na mesma hora, sendo que assim se deu efetivamente o seu ingresso no mundo-vida da prostituição.

> *Daí a gente combinou de sair pra jantar no outro dia, mas eu não sabendo de nada ainda, não sabia nada de viadagem e tal, isso pra mim era o cúmulo. E aí com o tempo ele falou pra mim que ele queria transar comigo, isso aquilo e aquilo outro e que ele me dava uma moto. Isso eu com 14, 15 anos eu já tava. (...) Aí tá, comecei a sair com ele, aí ele me intimou pra fazer sexo*

> *e com a coisa da moto eu aceitei, na hora, não pensei duas vezes, era uma Scooter. Aí eu peguei e comecei a transar com ele no batalhão da polícia militar, entendeu?*

Mais um caso de ingresso na prostituição decorrente de uma situação de abuso sexual, mais caracterizada como pedofilia – uma forma de violência sexual que não usa da coação física e/ou psicológica (como nos casos de estupro), mas sim da sedução (Cendhec, 2007).

Apesar de Bernardo afirmar não entender nada sobre "viadagem", a sedução do militar foi se tornando interessante e lucrativa, de forma que em momento algum Bernardo associa as experiências vividas com o militar a uma situação de abuso sexual, o que pode ser compreendido a partir das contribuições de Hohendorff, Habigzang e Koller (2012), os quais apontam que há poucos estudos acerca da violência sexual de meninos, o que pode ser justificado pela ausência de denúncias. Para os autores, a dificuldade em denunciar pode ser decorrente de várias questões, dentre elas uma deve ser ressaltada: a situação de violência sexual pode ser percebida como comportamentos de iniciação sexual e não ser percebida como violência, o que parece ter sido o caso de Bernardo.

Assim, estabeleceu-se a relação com esse policial, com as transas no batalhão da polícia militar, que era próximo à sua casa, até que um dia foram pegos por um dos policiais, o que virou notícia na cidade. Esse episódio fez com que esse policial fosse transferido e também que a mãe de Bernardo ficasse sabendo do que se passava, sendo que ela aceitou e só pediu que ele "não desse a bunda". Esse discurso da mãe de Bernardo serve de exemplo da divisão sexista que considera aquele que dá a bunda como pertencente ao que é próprio do feminino, ou seja, a passividade. Foucault (2011b) aponta que já nos tempos da Grécia Antiga havia essa diferenciação entre virilidade e feminilidade, a qual se mantém.

Bernardo continuou vendo o policial por algum tempo e, segundo ele, sua mãe reagiu bem frente à situação. Aos dezoito anos, ele foi morar na capital do Estado, levando consigo dezessete mil reais que recebeu de herança do seu pai. Relatou que em oito dias acabou com todo esse dinheiro, pois foi para o bingo e gastou tudo pelo prazer de jogar, que segundo ele: "*Gosto, gosto pra caramba, é prazeroso, o bingo é prazeroso demais, em excesso. Gastei tudo no bingo!*". Tendo perdido todo o dinheiro, passou sobreviver de programas em saunas.

Categoria 3: Dinâmica dos programas

Bernardo faz ponto nas ruas e praças da cidade, atende à clientela masculina, cobra cento e vinte reais por programa e diz ganhar aproximadamente quatro mil reais por mês com os programas. Apesar de ter a prostituição como sustento, Bernardo disse que fazer programa nos dias de hoje está mais difícil, pois, segundo ele: "*Hoje em dia tá complicado, os caras não saem mais por dinheiro igual a gente saia antes, eles saem muito por causa de droga e festinha, isso e aquilo*".

Clientela:

Bernardo relatou que a maior parte dos seus clientes são homens (de acordo com ele, 80% da clientela), e que há também uma pequena parcela de casais (geralmente para a realização de fantasias sexuais) e de mulheres, sendo que ele afirmou preferir atender mulheres e casais, pois com essa clientela ele consegue ter prazer, diferentemente da clientela masculina.

De acordo com Ferreira (2011), os michês se preocupam com a discrição na relação com os seus clientes, tendo em vista que a maior parte deles são homens casados, não assumidos como homossexuais e de "boa reputação", o que é corroborado no relato de Bernardo.

Sentidos e significados da práxis sexual:

Bernardo afirmou que não sente prazer nos programas que faz e que é bastante difícil, pois atende, em sua maioria, homens: "*Até hoje eu não tenho, não tenho prazer, de verdade. Bem complicado, as primeiras vezes eu nem fiquei excitado, sabe? Eu não conseguia porque não era o que eu queria, né?*".

É interessante perceber que se por um lado Bernardo não sente prazer em seus programas e não gosta de transar com homens, por outro ele não faz nada para sair dessa situação e ainda afirma que tem planos de continuar se prostituindo. É como se não conseguisse reconhecer a intencionalidade que há no fato de se prostituir, o que para Merleau-

Ponty (2011), vai além de questões meramente biológicas, de realizar o ato sexual e considera questões subjetivas. Afinal, a sexualidade jamais poderá ser compreendida como parte de um aparelho orgânico, pelo contrário, é reflexo do todo, da vida em si, explicita o autor.

Farias (2013) apresenta que o garoto de programa é um profissional especializado na prática sexual e que para alcançar e manter essa condição ele tem de produzir uma transformação em si mesmo, de forma a negar sua prática como sendo sexual, tendo em vista que afirmam estar fora do âmbito do seu desejo. Assim, para esse autor, os garotos de programa fazem objetivamente um serviço solicitado pelo cliente, o que consiste em uma manobra subjetiva, pelo fato de afirmarem que gostam de mulheres.

Bernardo trabalha também como porteiro em uma boate de mulheres e faz alguns programas lá também, quando os homens já estão bêbados e não conseguem transar com as prostitutas, elas chamam Bernardo e depois eles dividem o dinheiro.

> *Ali mesmo, nos quartos. Ali é massa porque eu saio com mulher, os homens pagam mais, cheiram muita cocaína, aí eles brocham, aí eles pagam pra ver eu transando com as meninas, entendeu? Porque isso já é tipo uma jogada minha e das gurias, os caras brocham e elas falam: "Ah, quero transar, quero transar", entendeu? Daí falam: "Ah, tem um menino ali que já me comeu gostoso", aí me chamam e eu dou um caixinha pra elas.*

Diferentemente de alguns dos colaboradores entrevistados até aqui, para Bernardo, a vivência na prostituição se dá por razões exclusivamente financeiras, sendo que ele também afirma não se envolver afetivamente com seus clientes: "*É só dinheiro, quer romance vai comprar um livro*". Nessa lógica, Bernardo afirmou que já teve propostas de exclusividade, de manter um padrão de vida alto, mas que negou.

> *E hoje eu tô aqui, eu era muito bem de vida, eu recebia sete mil reais por mês uma época aí, de um cara, que eu fiquei com ele, ele me tirou da rua e tal, me bancava. Ele era assessor do governador do Estado.*
>
> [Entrevistadora: *E hoje ele não banca mais?*]
>
> *Hoje não mais porque ele me convidou pra morar no centro com ele e eu não fui. Na hora, eu comecei a pensar: "Pô, eu vou morar com um homem" e não fui, não tive coragem.*

Um questionamento pode ser feito acerca da fala acima. Será que Bernardo não aceitou viver com esse cliente que lhe propôs exclusividade porque ele não daria conta ou porque precisaria prestar contas disso à sociedade? A resposta dessa pergunta nós não temos, mas é importante problematizá-la.

Bernardo afirmou que tem espaço para os relacionamentos afetivos além da prostituição, e conta que já tem três filhos de três mulheres diferentes, mas que só é presente na vida de um deles, não valorizando e nem assumindo de fato a paternidade. Para Arilha (2001), há a construção de repertórios sociais hegemônicos acerca da vida sexual do homem, os quais implicam em descompromisso, liberdade e "zoeira", minimizando a preocupação destes com questões reprodutivas, mais especificamente com a paternidade, o que caracteriza o perfil de Bernardo.

Faz-se necessário problematizar o descompromisso de Bernardo com a paternidade e compará-lo com o comprometimento da maternidade para as garotas de programa. Santos, Fanganiello, Paparelli e Oliveira (2008) pontuam que para as garotas de programa o sustento dos filhos é uma das motivações para que elas trabalhem na prostituição; no entanto essa mesma motivação não é encontrada nas pesquisas acerca da prostituição masculina, o que é uma reflexão importante de ser feita.

Bernardo também estabelece limites para a sua atuação na prostituição, como é possível perceber:

> [Entrevistadora: *Me diz uma coisa, no teu programa você tem algum tipo de limite?*]
>
> *Então, é engraçado, né? Eles perguntam: "O que é que tu faz?", e eu falo: "Eu não dou, não chupo e não beijo", entendeu? E não faço mesmo!*
>
> [Entrevistadora: *Não tem exceção, mesmo que o cara queira pagar muito, muito mais?*]
>
> *Não, só se ele me der um tríplex na beira-mar, uma Range-Rover.*
>
> [Entrevistadora: *E até hoje não rolou?*]
>
> *Não, nem a Range-Rover [risos].*

Viana (2010) e V. Barreto (2012) explicam que para as práticas feminilizantes (ser penetrado ou chupar o pênis do cliente) o *boy* cobra mais dinheiro. Bernardo afirma ser ativo em excesso; Souza Neto (2009) aponta que o termo ativo aparece como substituto de uma identidade não homossexual e que a maior parte dos *boys* não se reconhece como homossexual, o que contraria, muitas vezes, as solicitações dos clientes.

Ferreira (2011) expõe que no caso da prostituição masculina, a autoproclamação da identidade homossexual é algo raro até porque as subdivisões das sexualidades em homo/bi/heterossexual pouco ou nada dizem neste universo de homens "que curtem", "heteros curiosos", e etc. O que importa é ser viril, ter "jeito de homem". Burbulhan e Bruns

(2012) consideram que as classificações rígidas como “macho” ou “bicha” e o controle excessivo da dinâmica do corpo são mecanismos de defesa dos michês frente a uma sociedade ainda sexista e homofóbica que não consegue lidar com a própria sexualidade.

Bernardo afirmou ainda que não usa nenhum tipo de remédio para estimular a ereção; no entanto, faz uso de drogas ilícitas, de forma que parte do dinheiro que ganha na prostituição é gasto com drogas. Luiz Fernando Martins pontua que muitos dos garotos de programa se utilizam da droga para se manterem acordados durante a noite e que acabam fazendo michê exclusivamente pela droga e afirma: “*Um garoto que usa droga, ele nunca vai pensar em camisinha*” (GAPA Santa Catarina, 2002).

Categoria 4: Perspectivas para o futuro

Bernardo afirmou que pretende continuar atuando na prostituição, que sabe que é difícil de aguentar por muito tempo, mas que é assim que ele deseja e não menciona nada em longo prazo. Acerca da ausência de projetos em longo prazo e da permanência na prostituição, Luiz Fernando Martins afirma que muitos dos garotos de programa vão trabalhar até o limite do corpo e esboça a seguinte preocupação: “Quando o tempo passar, o rosto bonito e o corpo bonito se perder no tempo, de que é que esse garoto vai sobreviver?” (GAPA Santa Catarina, 2002).

Perfil do Colaborador 8: Jorge

Jorge tem 40 anos, pertence à classe econômica B2, possui segundo grau completo e é divorciado. Ele tem dois filhos, com quem mantém contato, mas eles não imaginam que Jorge atua na prostituição. De fato, Jorge trabalhou mais de 10 anos exclusivamente na prostituição, mas depois que se casou, abriu uma pequena empreiteira e trabalha até hoje com isso, sendo que os programas ainda acontecem, mas são cada vez mais esporádicos.

Jorge foi o oitavo colaborador entrevistado e o encontro com ele se deu por intermédio de Fabiano, na sala de reuniões de um hotel, como já descrito nos perfis de Fabiano e Bernardo.

Categoria 1: Nos horizontes da família

Jorge comentou que teve uma infância tranquila, considera ter tido uma boa educação de seus pais e estudou em bons colégios.

> *Enfim, minha infância, uma infância tranquila, amigos brincando, minha infância foi dentro da normalidade para os parâmetros da minha época, 1980, época de rock'n roll, revolução, de rebeldia. Tudo tu fazia por rebeldia do teus pais, ideologia, ditadura. (...) O início do rock nacional, a liberação, tempos de novas descobertas que passou na minha infância.*

Em relação à adolescência, entre quatorze e quinze anos, os pais de Jorge se separaram e com isso ele decidiu seguir sua vida de forma independente, entrando no mundo do trabalho. Além disso, relatou que já foi casado duas vezes com mulheres e tem dois filhos; também já teve casos com homens e travestis, mas não deram certo.

Jorge falou pouco de sua vida familiar e do que se passou antes de entrar no universo prostitucional; no entanto, como pontua Merleau-Ponty (2011): "A recusa em comunicar-se ainda é um modo de comunicação". Ou seja, assim como Maicon, o colaborador 1, Jorge não quis falar sobre sua vida familiar e lembranças da infância e adolescência e esse posicionamento foi respeitado.

Categoria 2: Ingresso no mundo-vida da prostituição

Depois que deixou a casa dos pais foi que Jorge ingressou no mundo-vida da prostituição, por influência de amigos que indicaram isso para ele. De acordo com Souza Neto (2009), a prostituição é consolidada como um marco de passagem da vida infantil à adulta, onde a própria sobrevivência torna-se o primeiro compromisso e responsabilidade pessoal.

> *Na adolescência também, vamos dizer, assim, até os 14 anos foi uma adolescência boa, depois disso eu tive que garrar o trecho, meus pais se separaram e eu tive que seguir o meu caminho.*

> *Meus pais se separaram e eu fiquei... Eu deixei de estudar e tive que buscar recursos de qualquer maneira, onde que entrou a prostituição na minha vida. (...) Eu comecei a caminhar na rua, na época rolava um baseadinho na praça, e o pessoal: "Ah, para aqui, da pra ganhar dinheiro aqui", daí tu vai no oba-oba, tu vê que é fácil, nessa cidade era muito fácil ganhar dinheiro. Você ganhava dinheiro e não precisaria trabalhar, mas você tinha que dar conta pra sociedade do que você tava fazendo.*

O relato de Jorge vai ao encontro do que pontua R. Silva (2006):

> A atividade de prostituir-se assume, em um primeiro momento, a noção de uma ocupação profissional, mas, numa segunda avaliação, aproxima-se do consenso vigente em nossa sociedade de que essa ocupação não é uma atividade legítima ou moralmente aceita (p, 123-124).

Jorge trabalhava em um emprego formal das 4 da tarde às 11 da noite e só depois disso saía fazer programas na rua; afinal, como pontuado na citação acima, há que se prestar contas com a sociedade, e era esse o papel do emprego formal. Apenas posteriormente, quando mais velho, é que Jorge trabalhou aproximadamente dez anos exclusivamente na prostituição, atendendo à clientela masculina e divulgando seu trabalho em jornais de ampla circulação bem como fazendo ponto nas ruas e praças.

Estabelecendo um paralelo entre a criação que teve dos seus pais e a prostituição, Jorge refletiu:

> *Meus pais sempre me deram colégio, uma boa educação, tênis, roupas, jamais me faltou nada dentro da minha casa, graças ao bom Deus, mas faltou vivencia de vida. Para várias pessoas que se meteram na prostituição naquela época foi por liberdade, revolta, e ensinou muito o que é o mundo aí fora, o que são as pessoas, o que é que é a prostituição, o que é ganância, o que é ódio no olhar, o que é que é o dinheiro, o que é que é a luxuria, ganância, a simplicidade, o amor ao próximo.*

Depois de adulto, trabalhando em um hotel, conheceu uma mulher argentina, se apaixonaram e ele foi viver com ela em Bueno Aires, onde continuou seus estudos. O relacionamento com essa mulher não deu certo e se separaram, mas ele continuou vivendo em Buenos Aires, sobrevivendo da prostituição, publicando anúncios nos jornais de grande circulação. Jorge morou em Buenos Aires sete anos e depois disso fez uma viagem pela América Latina, para, então, retornar ao Brasil.

Em todo esse tempo viajando, Jorge sobreviveu única e exclusivamente da prostituição e pontuou que foi aprendendo a lidar com isso com o decorrer do tempo: "*Não tem um manual como ser um michê, como se prostituir e ganhar dinheiro, isso não existe, você vai aprendendo, apanhando, olhando, ou, como se diz, preste mais atenção, ou dentro de si*

mesmo procure a resposta". Regressando ao Brasil, passou a trabalhar no ramo da construção civil.

Categoria 3: Dinâmica dos programas

O preço cobrado por Jorge é cem reais e afirmou que sempre usou preservativo. Ele contou que sente prazer nos programas e para ele "a pessoa que diz que não sente prazer tem algum problema". Souza Neto (2009) afirma que mesmo sem se reconhecerem como homossexuais, os boys não negam a existência de prazer e atração/desejo nas relações com os clientes. V. Barreto (2012) corrobora e encontra falas similares a de Jorge em sua pesquisa, nas quais os garotos de programa entrevistados afirmam que sentem prazer nos programas e que não dá pra manter a excitação sem ter no mínimo um pouco de desejo envolvido.

Clientela:

Jorge relatou que na prostituição atende, em sua maioria, cliente homens e que de forma geral os outros michês também têm essa clientela:

> *Geralmente dizem que não fazem com homem e é mentira, porque 95% que aparecem é homem, raramente é casais, e mulheres é só contando nos dedos...*
>
> [Entrevistadora: *Sempre homem?*]
>
> *95%.*
>
> [Entrevistadora: *E heterossexuais? No sentido de ter família, serem casados?*]
>
> *Eram, eram todos com família, que querem um sigilo, querem um... Eles pagam pra ter o seu prazer e vão-se embora. Se me visse na rua ou um te cumprimenta e o outro cumprimenta, ou se não só no olhar você cumprimenta uma pessoa, você não precisa chegar nela no meio da rua, tudo numa discrição, coisa que hoje em dia não tem.*

Jorge pontua que a maior parte dos clientes são homens heterossexuais com família constituída e que buscam satisfazer seus desejos sexuais (ou ainda homossexuais) com os

michês. Alcântara (2009) relata que os michês atendem em sua maior parte clientes do sexo masculino, que não necessariamente se consideram homossexuais, tendo em vista que a maior parte é casada, o que corresponde ao relato de Jorge, assim como de todos os outros michês entrevistados nessa pesquisa, à exceção de Maicon.

Sentidos e significados da práxis sexual:

Jorge fez uma diferenciação da prostituição nos tempos em que ele era jovem e hoje em dia e pontuou que a situação mudou muito; que antigamente era mais simples fazer michê e que hoje há o envolvimento com drogas, garotos que fazem programa por dez ou vinte reais, e que os clientes estão mais receosos do que vão encontrar nas ruas. "*Hoje em dia tu não precisa pagar pela prostituição, é bem pouco, geralmente tu encontra parceiros numa balada, vai e transa ocasionalmente e acabou*".

> *Tu te vende, tu tens um preço x que você e que o teu amigo michê cobraria o mesmo, só que para cima, nunca para baixo; nós tínhamos um preço fixado, entre nós existia uma lealdade, eu não poderia cobrar cem e tu oitenta, é de cem pra cima, pra cima é lucro, não interessa, nós tínhamos aquilo ali, onde se mantinha a ordem, a decência, não existia briga, não existia roubo, todo mundo ganhava dinheiro. Era uma coisa mais executiva, mais... .*
>
> *Desse tempo de 1980 até 90 mudou muito, muito roubo, muita morte, o pessoal começou a ir pra droga e a prostituição virou crime. Hoje em dia tu não consegue com facilidade, tu não consegue sentar na praça e fazer um michê, andar na rua e fazer um michê; o pessoal tem medo, do crack, das drogas. (...) O que eu notei é o pessoal se vendendo por dez, vinte reais, por uma pedra de crack, e na minha época era pra um baseado, pra tomar uma cerveja que era cara, uma vez ou outra pegar uma balada, um docezinho e ficar ali numa música bate estaca e saindo pras baladas e indo atrás de mulheres. Indo atrás de mulheres porque é muito sexo com o mesmo sexo, tens que ter tua válvula de escape, tu pira... .*

Nos relatos acima, vê-se que, segundo Jorge, a prática michê está bem mudada: as drogas, a violência e a criminalidade têm impactado bastante – os clientes também sentem medo do que podem encontrar. Em se tratando dele próprio, apontou que fez uso e abuso de drogas e que isso está diretamente relacionado com a prostituição: "*Tá, totalmente, porque tens que tá ligado, porque tens festa, tem isso, você quer poder. Você quer mais, quer mais, tu já sai do teu limite, quando tu passa pra alguma coisa química tu já tá saindo do teu limite*".

É interessante notar que Jorge pontuou que quando era jovem e fazia programas, usava o dinheiro desses programas para ir a festas em busca de mulheres, referindo-se a um fato que o colaborador José já havia destacado: os michês fazem programas com homens e ganham

dinheiro para poder gastar com mulheres. Na pesquisa de Chao (2008), foi observada uma frequência maior de clientes do sexo masculino e de não pagantes serem do sexo feminino, justamente constituindo a válvula de escape mencionada por Jorge.

> *É complicado porque, na verdade, pra mim, eu gosto, eu sou hetero, mulheres... Nada que impossibilite de fazer um programa, nada que impossibilite ter prazer a dois com outro sexo. Mas tem a mulher, ela é mulher, eu sou homem, como se diz, é minha válvula de escape, né? Hoje em dia se torna muito mais difícil que antes, de fazer programa.*

Jorge reitera a importância de fazer sexo com mulheres como uma válvula de escape. Afirmou que até já tentou assumir o papel passivo na relação sexual com outro homem, mas não gostou. Hoje isso se constitui em um limite para ele.

> *Inicialmente, fiz passivo, fui duas ou três vezes, não gostei porque não era minha praia, mas tu não pode saber se tu não experimentar. Experimentei, não gostei, não era o meu. Beijo de língua também não; urinar na cara, a chuva dourada, e coisas mais grotescas e bizarras comigo já não vai, sadomasoquismo pra sentir dor também não.*

Jorge ressaltou que a prostituição tem prazo de validade e citou que essa prática se dá entre os quinze anos de idade e os trinta, no máximo. Apesar disso, mesmo que com menor frequência, ainda faz alguns programas esporádicos, como complemento de renda, os quais se dão ao acaso ou por contatos, mas não mais por divulgação desse serviço nem tampouco fazendo ponto em locais específicos, como ele cita na seguinte citação:

> *Hoje, vindo pra cá, me apareceu no ônibus um encontro pra hoje mais tarde, trocamos telefone, tudo no maior sigilo; começamos a conversar sobre obras e discretamente no ônibus, tranquilo! Hoje à noite, fora daqui, já tenho pra onde ir, já tenho como garantir uma sexta-feira.*

Ceccarelli (2008) apontou a existência dessa eventualidade da prostituição, ou seja, a realização de programas eventuais para ganhar uma renda extra, apenas quando isso se faz necessário.

> *É o próprio declínio que se tem, é o tempo passando, as marcas no rosto, as rugas aparecendo e eu não tenho mais hoje os meus 15, 20 anos que eu tinha; hoje estou com os meus 40, não deixo de fazer esporadicamente. Eu trabalho como mestre de obras, sou construtor, trabalho com, construo casas, mas além disso sempre que o orçamento é um pouquinho mais apertado e surge a oportunidade...*

Explicou que depois de certa idade e devido ao fato de ter filhos, a atuação na prostituição foi diminuindo, fazendo alusão ao fato de considerar a prostituição como algo errado, um mau exemplo. Jorge leva em conta a imagem que quer passar para os seus filhos e não quer associá-la a de um michê.

> *Depois que tu tens teus filhos, que é do teu sangue, tu vai querer que teu filho passe na rua e alguém diga "Aquele é michê, você é filho de michê"? Não, né? Não vai querer isso, não vai querer que rotulem para teus filhos a coisa errada que tu faz.*

Apesar desse discurso, pode-se inferir que havendo possibilidade e/ou necessidade, ele não deixa passar.

Categoria 4: Perspectivas para o futuro

Como Jorge entende a prostituição como algo errado, nunca contou a nenhum familiar sobre isso e ressaltou que vai levar essas vivências para o túmulo, sem que ninguém saiba. Jorge afirmou que: "*Hoje, que eu sou sozinho, eu não penso, não penso em prostituição, penso em trabalhar, crescer, adquirir*". Ou seja, em se tratando das perspectivas para o futuro, profissionalmente, Jorge pretende continuar com sua empreiteira e construindo casas. Já em se tratando da sua vida pessoal, afirma que quer seguir melhorando como ser humano e aprendendo mais a cada dia que passa.

Perfil do Colaborador 9: Roberto

Roberto tem 23 anos, pertence à classe econômica C, possui primeiro grau completo e é solteiro. Não tem filhos e já teve um relacionamento estável com uma travesti, que também era envolvida na prostituição, mas como cafetina, sendo que há um ano separou-se dela. Atualmente, Roberto trabalha exclusivamente como michê, nas ruas e praças e sua família sabe de tudo.

Roberto foi o nono colaborador entrevistado e o encontro com ele se deu também por intermédio de Fabiano, na sala de reuniões de um hotel, como já descrito nos perfis de Fabiano e Bernardo.

Categoria 1: Nos horizontes da família

Roberto contou não ter convivido com seu pai e que sua mãe sempre trabalhou muito e que ele sentiu falta da presença dela na sua infância.

> *Trabalhava o dia inteiro, certo que ela trabalhava o dia inteiro pra poder me dar alguma coisa, certo, mas eu ficava muito na rua, muito na rua, muito na rua. Vamos dizer assim, ela saía 10 horas da manhã e voltava meia-noite.*
>
> [Entrevistadora: *Faltou presença?*]
>
> *Exatamente! E quando eu precisava de presença ela saía com o filho da puta do meu padrasto (...). E daí quando ela quis me escolher eu já tava muito jogado, muito solto, daí não...*

Para Roberto, faltou cuidado e presença por parte de sua mãe, o que também foi encontrado por Molina e Kodato (2005) em estudo com mulheres jovens profissionais do sexo; porém, sendo com a ausência da figura paterna, a família chefiada pela mãe e uma condição socioeconômica baixa, o que também corresponde ao caso de Roberto.

Roberto contou que entrou no mundo do sexo com dez, onze anos, tendo perdido a virgindade com seu primo. Acerca dessa experiência, ele afirmou que ainda era uma criança: "*Eu sabia que tava acontecendo alguma coisa proibida, assim, mas não sabia realmente o que era, né? Eu sei que era uma coisa errada*".

> *Tá certo, eu comecei mais ou menos no mundo do sexo com dez anos, onze anos, com meu primo. Bem cedo, brincadeiras, um brincando com o outro, passando a mão, e foi indo, foi indo, gostando, melhorando... Daí com meus 15 anos eu sai de casa porque minha mãe descobriu que eu fazia coisas, né? (...) Rolou com meu primo a primeira vez, né? E eu tinha um amigo de infância, bem amigo mesmo, daí a gente fez... Um ficava passando a mão no outro, assim, sabe? Essas brincadeirazinhas, sabe? Até o dia que a mãe dele pegou a gente: "O que é isso? O que vocês estão fazendo?". Só que eu tava na casa dele e saí correndo.*

Roberto faz uma relação entre as experiências que lhe aconteceram e a falta da presença e apoio de sua mãe. Na adolescência, começou a vender drogas para prostitutas e travestis, sendo que quando tinha 15 anos sua mãe descobriu isso e o expulsou de casa: "*Ela me expulsou, eu sinto mais ou menos uma mágoa, assim, porque ela não tentou conversar comigo sobre isso, ela chegou e: 'Vai embora!'. Daí, eu fui pra casa do traficante*".

Assim como o colaborador Luciano, Roberto apresenta memórias de uma relação tóxica com sua mãe, da qual ele não conseguiu declarar uma independência emocional. Segundo Giddens (1993), seria um passo importante para a modificação da narrativa do eu e de uma aceitação racional das responsabilidades.

Categoria 2: Ingresso no mundo-vida da prostituição

Roberto foi viver na rua e aí se deu seu contato com a prostituição, pois percebeu que poderia ganhar dinheiro fácil fazendo programas e que isso não seria ruim, pois ele gostava e ainda gosta de fazer sexo. Morou um tempo com uma prostituta para a qual ele vendia drogas e foi com ela que começou a fazer programas, pois alguns clientes dela desejavam pagar para vê-la transando com ele.

Para Molina e Kodato (2005), a entrada na prostituição constitui-se como o agenciamento da realidade social e sua articulação com a situação do sujeito, ou seja, transforma o que fazia de forma gratuita – sexo – em algo que passa a ser pago. Acerca do ingresso de adolescentes do sexo masculino na prostituição, Alves (2009) teceu considerações bastante relevantes, dentre elas que as relações familiares desses jovens são frágeis, pois os pais não conseguem fazer com que continuem indo à escola, não têm como impor limites e essa falta de proteção por parte da família acaba sendo algo que facilita a entrada dos meninos no mercado de exploração sexual.

Para Roberto, a prostituição está associada com o uso de drogas, sendo que no início, quando vendia drogas para prostitutas travestis, ele não fazia uso. Porém, como expõe: "*Eles usavam do meu lado, mas eu não usava, mas depois, com o tempo, a curiosidade, comecei a usar, e daí comecei a prostituir porque vem um dinheiro fácil, né? E daí comecei a usar e me prostituir e até hoje*".

Conforme narrado acima, Roberto foi companheiro de uma travesti por dois anos e ela lhe dava dinheiro para que ele não fizesse programas, mesmo assim ele os fazia escondido, pelo prazer. Apesar de gostar de fazer os programas, Roberto considera-se um profissional do sexo.

> *Eu sou um garoto de programa e eu tenho que ficar ali e eu tenho que ganhar esse dinheiro, eu tenho que me prostituir para ganhar o meu dinheiro. Isso é uma necessidade, se não eu não como, se não eu não durmo.*

Roberto afirmou que já trabalhou com auxiliar de pedreiro, mas que abandonou, pois consegue ganhar mais dinheiro com a prostituição. Santos et al. (2008) apontam uma situação similar em se tratando das garotas de programa que entrevistaram, pois elas afirmam que o dinheiro recebido em uma noite trabalhando na prostituição pode chegar a corresponder a um mês trabalhando no emprego formal.

Categoria 3: Dinâmica dos programas

Roberto faz programas há mais de sete anos, e a maior parte de sua clientela é de homens. Ele faz ponto nas ruas e praças da cidade e cobra o valor aproximado de cem reais por programa, sendo esse valor negociável a depender da situação econômica em que ele se encontra naquele dado momento. Ele fica tanto nas praças quanto na rua, sendo que na rua ganha mais, pois é onde param os carros. Considera-se um usuário de drogas, mas não faz qualquer coisa pela droga, não chega a roubar dos clientes, por exemplo.

Clientela:

Roberto atende majoritariamente homens, sendo desde rapazes mais novos até mesmo senhores de mais idade, e em algumas situações atende também a casais, para a realização de fantasias sexuais. Ferreira (2011) pontua que os michês entrevistados por ele afirmam vender mais do que sexo e uma postura máscula, eles vendem também fantasias e a realização de desejos sexuais. De acordo com o autor, é a partir dessa teia de fantasias que se estabelece o mercado de natureza sexual. Em se tratando dos clientes do sexo masculino, Roberto pontua que: "*A maioria é uma vida dupla, tem a mulher em casa e gosta de garoto e leva uma*".

> *Eu tenho um cliente, um velhinho, ele, eu acho que ele tem quase uns 80 anos [risos], e esses dias ele tava indo pra um velório [risos], ele tava indo pra um velório, daí ele deixou a mulher dele no velório e foi ali me buscar, falou: "Pô, deixei minha mulher lá no velório e vim aqui dar uma saidinha contigo e daqui a pouco eu volto pro velório de novo", falei: "Bá, como tu é cara de pau" [risos]. Mas a maioria tem uma vida dupla, tem outros que são assumidos mesmo...*

Sentidos e significados da práxis sexual:

Roberto pontuou que cada dia está mais difícil atuar na prostituição, pois muitos garotos de programa cobram preços muito baixos pelo programa, para que possam sustentar o vício em drogas, como também Jorge relatou. Além disso, há muitos michês que se aproveitam dos clientes para roubá-los, atraindo-os com um preço mais barato, mas levando celulares, dinheiro e até mesmo o carro dos clientes.

Ele já perdeu clientes fixos por conta de michês ladrões, que roubam os clientes, afastando-os dos pontos de prostituição. Acerca disso, Ferreira (2011) pontua que os michês reconhecem a existência de uma má fama em torno de sua atuação no mercado do sexo, por conta desses michês ladrões, que acabam por manchar a imagem de todo o grupo, afastando a clientela.

Afirmou ser ativo liberal, o que na descrição dele significa que "beija, chupa, come, só não dá". Mencionou que já recebeu sexo anal uma vez apenas e que não gostou; fez apenas pelo dinheiro, pois isso aconteceu quando um cliente aceitou pagar oitocentos reais pelo programa. Perguntado a razão dessa diferença tão grande entre os preço dos programas, Roberto respondeu: "*Porque é uma coisa que eu não gosto, é uma coisa que eu odeio, então o preço... Daí eu penso só no dinheiro. Nos cem reais eu penso no dinheiro e no prazer também*".

V. Barreto (2012) aponta que existe uma cartografia específica de partes do corpo e práticas feminilizantes para os garotos de programa, as quais não são necessariamente negadas, mas acabam sendo neutralizadas pelo pagamento de mais dinheiro do que o de um programa comum. Para esse autor, o dinheiro a mais é o que legitima o deslocamento do posicionamento erótico para os garotos de programa. Para Burbulhan e Bruns (2012), o dinheiro cobrado a mais como justificativa para a flexibilização identitária serve como uma estratégia defensiva do michê, o qual não pode evidenciar que é possível que exista, de fato, um desejo homossexual.

Roberto já teve propostas de exclusividade por parte de um cliente, mas não aceitou por considera-lo "chato e pegajoso". Também menciona um cliente que é fixo, qual lhe dá dinheiro todos os dias, além de pagar o seu aluguel. Referiu-se a esse cliente como uma pessoa que o ajuda muito e que é apaixonado por ele, de forma que ele não consegue mais fazer programa com esse homem, pois já o considera como alguém querido da família: "*Vamos dizer assim que, mais ou menos, ele me ama, mas até então eu não consigo mais*

fazer, porque eu não tenho assim, vamos dizer, ele parece ser meu pai". Essa fala é muito interessante, pois considerando o fato de que Roberto teve um pai ausente, esse cliente representa a ideia que ele tem de pai, de alguém que o ajudaria em suas dificuldades.

Corrêa e Holanda (2012) apontam que na prostituição feminina há além da busca por um pagamento, a busca pelo prazer sexual, o que evidencia que há sentimentos e emoções envolvidos para além da questão de sobrevivência, o que é consoante com o relato de Roberto. Se por um lado há a importância do pagamento e do prazer, ressaltado por Roberto, por outro lado a vivência na prostituição lhe trouxe também a possibilidade de afeto, a representação de um pai simbólico e a possibilidade da vivência da relação de pai e filho que ele não teve com seu pai biológico.

Categoria 4: Perspectivas para o futuro

Sobre suas perspectivas para o futuro, ele primeiro responde: "*Parar de usar drogas e dar orgulho pra minha mãe*", sendo que dar orgulho a ela inclui, nas palavras de Roberto: "*Parar de usar droga, parar de me prostituir, arrumar um serviço e ter uma família*". Apesar de afirmar que deseja dar orgulho para sua mãe, posteriormente Roberto pontua que pretende continuar no mundo do sexo e que não consegue sair das ruas: "*Porque é um prazer, é uma coisa fácil, minha vida é muito fácil muito...*".

> *Hoje, se eu conseguisse sair da rua, vamos dizer assim, desse mundo, porque esse mundo é muito bom, não é bom, é ruim, mas é um dinheiro que tá ali toda hora, uma coisa fácil, é atraente, tu não consegue sair dele, você tá ali parado e é um dinheiro fácil que tu vai ganhar. Se eu conseguisse eu trabalharia em um emprego como servente.*

Se por um lado Roberto cita um discurso politicamente correto de sair da prostituição, parar de usar drogas, conseguir um emprego formal e constituir uma família, por outro lado a práxis dele não corresponde a esse discurso, pois ele deixa claro que gosta de atuar na prostituição e do dinheiro fácil que consegue por esse meio.

Perfil do Colaborador 10: Douglas

Douglas tem 27 anos, pertence à classe econômica C, possui segundo grau completo e é separado. Ele migrou de um estado vizinho, deixando sua família toda para trás. Eles não sabem que ele se prostitui. Hoje em dia, passa dificuldades financeiras decorrentes do uso abusivo de drogas e é ai que a prostituição se insere na vida dele, pois encontrou nos programas uma fonte de renda rápida para comprar drogas.

Douglas foi o décimo colaborador entrevistado e o encontro com ele também se deu por intermédio de Fabiano, na sala de reuniões de um hotel, como já descrito nos perfis de Fabiano e Bernardo.

Categoria 1: Nos horizontes da família

Douglas afirmou que teve uma infância difícil, seus pais se separaram e sua mãe foi viver com outro homem, sendo que ele foi criado pelo seu pai e pelos avós paternos. Em um curto período de tempo faleceu a sua avó e depois o seu pai.

> *Tipo, meu pai era motorista de taxi, assim, sabe? E a minha mãe era casada com meu padrasto, assim, já tinha problema com bebida, assim, sabe, e bebia, gostava muito de beber e meu pai era taxista, usava droga também, cocaína. Minha vó morreu e eu fiquei com o meu vô, meu vô era motorista de ônibus e quando a minha vó morreu ele começou a beber direto, foi ficando doente, ficou hospitalizado, e ficou afastado da empresa, né? (...) Dai tá, perdi minha avó, daí meu pai começou a ficar doente, começou a ter falta de ar, assim, daí tinha que ficar em casa, e meu pai era taxista, recebia por dia... Foi indo e descobrimos que ele tava com problema de rins, daí começou a fazer hemodiálise, essas coisas assim, e depois já apareceu que ele tava com pedra na vesícula; daí operaram, né? Ele tava com pedra na vesícula, já estava fraco e depois de uma semana, assim, o meu pai morreu.*

Um mês antes de seu pai falecer, ele mandou Douglas para morar junto com a mãe, ele estava com nove anos e não se dava bem com a mãe e nem com o padrasto. Douglas pontua que o padrasto o respeitava enquanto seu pai era vivo, e que depois que ele faleceu, começou a tratá-lo de forma diferente de seus outros meios-irmãos. Alguns anos depois que foi morar com a mãe, aos quatorze anos, Douglas começou a trabalhar e com quinze anos saiu de casa para morar com um amigo, pois não se sentia à vontade na casa de sua mãe. Douglas começou a trabalhar em uma lavação de carros, gostava disso, mas o seu sonho sempre foi ser taxista, pois seu pai e todos os seus tios foram taxistas – com dezoito anos ele conseguiu trabalhar com isso.

> *Aí quando eu fiz dezoito anos, fiz minha carteira de motorista, né? E meu pai era taxista, né? Minha vó teve treze filhos, seis homens e sete mulheres, e os seis homens foram taxistas, então sempre o meu sonho foi ser taxista, desde criança: "Ah, o que tu quer ser quando crescer?", "Quero ser taxista!". Quando eu fiz dezoito anos e tirei minha carteira, eu peguei minha carteira numa quarta-feira, no sábado já tava trabalhando no táxi.*

Quando Douglas começou a trabalhar como taxista, ele deixou a lavação e viveu um período de liberdade, em que sua única preocupação era trabalhar e ter dinheiro para pagar o aluguel e gastar com festas. Nessa dinâmica, depois de um tempo, Douglas conheceu uma moça: eles se envolveram afetivamente, ela engravidou e eles foram viver juntos. No sétimo mês de gravidez, o bebê faleceu e nessa mesma época a mãe de Douglas se separou de seu padrasto, entrou em depressão e caiu no uso de drogas, como relata: "*Ela gostava de beber, mas droga não. Daí ela acabou usando droga e até hoje ainda usa. E isso tudo eu não aceitava, eu fumava maconha e tal, mas droga química eu não admitia!*".

Para Douglas era abominável que sua mãe estivesse envolvida com drogas, o que o deixou bastante revoltado. Diante da morte de seu filho e do envolvimento de sua mãe com as drogas, Douglas se sentia muito aborrecido e decidiu experimentar drogas também. Foi aí que ele também se viciou: "*Até então, por tudo o que aconteceu comigo, eu tava aborrecidão... Ah, vou cheirar, então, pra ver qual é*".

> Podemos observar que é muito comum, no início do uso de drogas, o usuário experimentar um modo de estar no mundo completamente diferente daquele modo cotidiano de ser. Ou seja, na compreensão fenomenológica, o uso de drogas pode proporcionar, mesmo de maneira fugaz, um modo mais agradável de estar no mundo, como se a própria condição existencial tivesse sido mudada. Os desdobramentos dessa experiência vão depender do modo como cada um cuida do seu ser, do modo como compreende o sentido do seu ser-no-mundo (Sonelli, 2010, p. 641).

Sipahi e Vianna (2001) explicitam que são várias as razões que podem levar alguém a experimentar uma droga, o que inclui desde a curiosidade, o sentimento de pertença a determinado grupo até relaxamento, fuga de uma situação específica, etc. Para os autores, independentemente do motivo que leva ao uso, a sensação de prazer ou a interrupção do desprazer acabam por suscitar novos usos e a provocar uma abertura existencial no sujeito. Assim, os autores afirmam que a droga constitui-se não só em uma promessa, mas em uma "experiência de viver melhor".

> *Por aborrecimento mesmo dessas questões que eu passei, e daí comecei a cheirar, cheirar, cheirar, cheirar... Era droga e rua, foi a única coisa, assim, pra me derrubar mesmo, aí então eu comecei com o crack. Um dia eu tava fumando e tinha mais gente fumando, era só maconha, mas daí falaram: "Ah, faz um mescladinho", e eu: "Então, dá ai". Daí eu peguei e comecei a fumar, e fumar, fumar, fumar, fumar... E cada vez com mais quantidade, cada vez com mais até que fumei puro mesmo e daí não larguei mais.*

Após ter entrado definitivamente no mundo das drogas, Douglas apontou que muitas coisas mudaram em sua vida: "*Pô, mudou tudo, né? Tudo muda, muda tudo... Perde todas as pessoas, perde tudo, perde amigos. Tu tá vivo, mas tu não tá vivendo...*". Como consequência de sua vida nas drogas, ele foi embora da sua cidade, afastou-se de sua esposa e família e tentou trabalhar como taxista em outros lugares, mas não teve êxito; pois acabava gastando todo o dinheiro com drogas. Foi então que um de seus companheiros que também era usuário de drogas sugeriu que ele poderia fazer programas, e foi assim que foi o seu contato com a prostituição, com o propósito unicamente financeiro, para conseguir dinheiro mais facilmente e poder comprar drogas.

Categoria 2: Ingresso no mundo-vida da prostituição

Para Douglas, o ingresso e a permanência na prostituição se deram para sustentar a sua dependência química.

> *Chegando aqui eu fiquei ali na rodoviária e consegui um trabalho numa obra, fiquei uma semana lá e o cara já me mandou embora; aí peguei todo o dinheiro, fui pro centro, e acabei gastando todo o dinheiro com crack, né? Dai falaram pra mim, os outros que estavam usando droga, que eu podia fazer sexo por dinheiro...*

Em sua pesquisa, Alves (2009) afirma que nenhum dos entrevistados buscou o mercado do sexo por conta, sendo abordados por pessoas que os conduziram a isso, assim como Douglas foi. Já V. Barreto (2012) pontua que motivos decorrentes de problemas pessoais são recorrentes nas justificativas dos garotos de programa para o ingresso no mundo do sexo, o qual, para Douglas, corresponde à drogadição.

Para Sodelli (2010) o uso de drogas aparece como a promessa de um viver mais tranquilo frente a angustia do futuro, é um alívio do cuidar na precariedade do viver. O autor pontua que há outras atividades que possibilitam esse desligar automático do cuidado com o ser, no entanto, apesar disso, o uso de drogas sempre vai existir e cabe à sociedade encontrar outra forma, para além da proibicionista, de lidar com esse fenômeno.

Categoria 3: Dinâmica dos programas

Douglas está envolvido com drogas há cinco anos e faz programas há pouco mais de um ano, nas ruas e praças da cidade, sendo seus clientes todos homens. Douglas já trabalhou em saunas, mas deixou de ir porque lá tem que rolar sexo mesmo, e ele sempre tenta escapar disso.

Alcântara (2009) especifica que as saunas são frequentadas por muitos clientes ativos, de forma que há mais espaço para os michês que aceitam serem passivos na relação sexual. O autor aponta que, inclusive, algumas saunas só aceitam os michês que concordarem em satisfazer os seus clientes da maneira que for, seja ativa ou passivamente. Dessa forma, é possível compreender o motivo de Douglas evitar as saunas.

O preço do programa de Douglas é cem reais e ele afirmou que não gosta de fazer programas, não sente prazer algum com isso, mas faz pela questão financeira, unicamente para ter dinheiro para comprar drogas: "*Eu não sinto nada, só penso no dinheiro e em sair dali de uma vez e ir embora e usar droga*".

<u>Clientela:</u>

Douglas só atende clientes do sexo masculino e encontrou na prostituição a maneira mais fácil de ganhar dinheiro para sustentar seu vício em drogas. No entanto, não é tão simples, pois ele não quer se prostituir, ainda mais com clientes homens.

> *Tem os caras que, no caso, são apaixonados por mim, e que daí eu, no caso, consigo sem fazer nada, sabe? Consigo tirar dinheiro deles, e almoço, roupas, essas coisas assim. E acabo não fazendo nada, entendeu? É só pela minha presença, por estar junto comigo.*

Farias (2013) pontua que o garoto de programa muitas vezes se coloca na posição de vítima, imputando ao cliente toda a responsabilização pelo programa, não admitindo ser uma escolha própria ter ingressado no mundo prostitucional.

<u>Sentidos e significados da práxis sexual:</u>

O programa de Douglas é exclusivamente ativo, ele diz fazer a parte do homem no sexo, mas relata que muitas vezes não consegue nem ter ereção para fazer o programa, devido ao fato de não gostar disso. Farias (2013) atenta para o fato de que é comum os garotos de programa apelarem para recursos que reforcem a heterossexualidade compulsória, como a reafirmação constante de que gostam mesmo é de mulheres e que só sentem satisfação quando transam com elas.

Apesar de evitar o envolvimento sexual com os clientes e afirmar que não gosta de se prostituir, é preciso levar em consideração a intencionalidade do corpo proposta por Merleau-Ponty (2011). Esse autor pontua que mesmo que a sexualidade tenha sido considerada por muito tempo como uma função meramente corporal, é preciso desconstruir essa ideia e entender a sexualidade e corpo como uma intencionalidade, a qual segue o movimento geral da existência. Ou seja, mesmo que Douglas não goste de fazer programas, há intencionalidade e desejo nessa escolha, nem que esse desejo seja pela droga que vai ser comprada com o produto dessa atividade.

Para Corrêa e Holanda (2012), o uso de drogas é bastante associado à prostituição por se constituir em uma maneira de aliviar o sofrimento, as preocupações, uma forma de aguentar a vida nas ruas e também de lidar com a questão da falta de controle sobre a própria vida. De acordo com os autores, todas essas questões pontuadas podem levar à depressão, o que corresponde à situação de Douglas, que se encontra sem sentido, vivendo *pela* e *para* a droga.

De acordo com Corrêa e Holanda (2012), na prostituição feminina há uma representatividade significativa de mulheres que vivem em um vazio existencial, que não conseguem encontrar sentido para suas vidas e, com isso, se perdem no vazio do sentido, e é justamente esse vazio de sentido que está sendo vivenciado por Douglas nesse momento de sua vida.

Douglas comentou que já teve proposta de exclusividade vinda de um cliente, mas que não conseguiria conviver com isso, pois para ele a prostituição é algo temporário. Teixeira (2011) aponta que independentemente da categorização da atuação, é comum que os garotos de programa compreendam a prostituição como uma ocupação ou trabalho provisório, e não como um emprego ou profissão, o que, na opinião do autor, faz com que afaste dos michês o risco de serem identificados como indivíduos que vivem da prostituição e também como

homossexuais. V. Barreto (2012) corrobora com o autor acima citado e afirma que muitos dos garotos de programa percebem a prostituição como algo passageiro em suas vidas, o que demonstra certa resistência em tornar isso algo mais sério ou ainda de se entregarem completamente.

Categoria 4: Perspectivas para o futuro

Douglas afirma que não quer continuar fazendo programas, mas que para parar precisa antes parar de usar drogas e finaliza: "*Eu penso, assim, só por Deus, ele sabe o que eu tenho que passar. É o que eu penso, a hora que for pra eu sair dessa, ele vai botar alguma coisa no meu caminho pra eu sair dessa*".

Esta busca de um sentido, de algo que faça com que ele saia do mundo das drogas, um sinal e uma providência divina não é, segundo Cabral e Morato (2013), dado por um agente externo, mas construído pelo próprio sujeito.

> A compreensão da condição ontológica do homem como co-existência apresenta-o em meio a uma trama significativa, que o remete à busca de sentido. Sendo abertura ao ser, é posto ao homem ser como sua tarefa constitutiva primordial. Desta forma o sentido não é dado nem fornecido. Ainda que ao nascer o homem seja "enredado", no sentido de ser jogado em uma trama já configurada, em um cenário específico, cabe a ele dar um norte, uma destinação à sua existência. Dar um norte à existência é um empreendimento. O homem deve responder à tarefa existencial de imprimir um sentido à sua vida. Fugir ou mesmo aceitar tudo o que já está posto como imposição de um "destino", entendido com caráter de fatalismo, serão escolhas possíveis (p. 165).

Percebe-se, no entanto, que Douglas ainda não está pronto para dar um norte para sua existência, para imprimir um sentido a sua vida, de forma que vive de pequenos prazeres imediatos proporcionados pelo uso abusivo de droga, sua anestesia para (não) viver o mundo real. Apesar disso, como bem pontua Sodelli (2010): "O fenômeno da dependência não é uma condição imutável ou, dito em outros termos, um dependente não está de forma alguma determinado a ser dependente para sempre" (p. 641). Ou seja, nesse momento Douglas não vê sentido ou perspectiva de futuro para sua vida, o que não determina que seu futuro será assim também.

OS SENTIDOS DO MUNDO-VIDA DO MICHÊ

Faz-se oportuno retomar as questões que orientaram essa pesquisa, as quais estão descritas no pré-reflexivo: *Como se configura o fenômeno da prostituição para os homens? Quem são esses homens que se prostituem? A prostituição masculina é a atividade econômica principal na vida desses homens? A que público eles atendem? Quem são os seus clientes, mulheres ou homens? Qual a razão de terem optado por essa prática profissional? Quais são e como visualizam seus projetos de vida?*

Considerando as perguntas acima relacionadas, apresentamos a seguir uma síntese compreensiva das convergências e divergências percebidas nos relatos de nossos dez colaboradores e das reflexões, sentidos e significados apreendidos a partir do mundo-vida de cada um deles. De maneira geral, é possível perceber que a maior parte dos colaboradores entrevistados evadiu da escola: dois deles no ensino fundamental, sete no ensino médio, e apenas um chegou a cursar o nível superior.

Além da evasão escolar, há outro aspecto que comum na fala dos colaboradores e que merece ser destacado: o uso e/ou abuso de drogas. Oito colaboradores relataram ter tido experiências no mundo das drogas – dois dos quais, Luciano e Douglas, estão profundamente envolvidos com drogas, sobrevivendo em condições precárias devido à dependência química.

Em se tratando das relações familiares, seis dos dez colaboradores têm filhos (Maicon, Marcelo, Fabiano, Luciano, Bernardo e Jorge). Dos seis michês que têm filhos, Maicon, Marcelo e Jorge foram casados por longos períodos e presentes na criação de seus filhos. Fabiano também foi casado e hoje é viúvo, atualmente cuida do filho de cinco anos fruto desse relacionamento; no entanto, tem outros dois filhos com os quais não tem contato. Luciano tem uma filha de dezenove anos com a qual nunca teve contato e Bernardo tem três filhos, cada um de uma mulher diferente e não é presente na criação de nenhum deles.

Para Arilha (2001), os homens não têm a mesma preocupação com as questões reprodutivas que as mulheres – se por um lado elas têm essa construção em contato com o próprio corpo e com os mecanismos biológicos advindos da possibilidade de reproduzir, por outro lado os homens têm essa construção no contexto social, por não estarem tão vinculados aos processos reprodutivos. Para Medrado (2001), ainda hoje, na cultura ocidental contemporânea, há diferentes atribuições parentais para mulheres e homens, sendo as mães tidas como provedoras afetivas e os pais como provedores materiais e morais. É pertinente destacar que vários dos michês entrevistados não tiveram a presença paterna em suas vidas e

alguns deles não se fazem presentes como pais para os seus filhos, nem afetivamente e nem financeiramente.

Acerca da atuação na prostituição e a revelação dessa prática para as famílias, a maior parte dos colaboradores (Maicon, Marcelo, José, Luciano, Jorge e Douglas) não quer que suas famílias saibam. As famílias de Carlos, Fabiano, Bernardo e Roberto sabem sobre sua atuação na prostituição e apenas Fabiano teve problemas com essa revelação: seu pai não aceitou e eles não se falam mais há alguns anos. É interessante destacar que nas famílias de Carlos, Bernardo e Roberto quem aceitou a atuação dos filhos na prostituição foram as mães, pois a o pai já não estava mais presente, seja por abandono ou falecimento. De maneira geral, a maior parte dos michês fez referência à figura materna, mas não à figura paterna, o que é um ponto interessante de ser problematizado.

Em relação à primeira categoria, **"Nos horizontes da família"**, alguns colaboradores foram mais resistentes em abordar as histórias de suas famílias de origem, infância e adolescência enquanto outros se mostraram mais à vontade, de forma que os posicionamentos assumidos por eles foram respeitados. Dos dez colaboradores da pesquisa, Maicon foi o que menos revelou acerca de suas memórias do passado, tendo se sentiu mais à vontade em expor relatos da vida adulta e da prática da prostituição. Esse posicionamento de Maicon foi respeitado, pois, como pontua Merleau-Ponty (2011), recusar-se em comunicar-se já é uma forma de comunicação.

Os outros nove colaboradores trouxeram ricos relatos acerca das vivências da infância, adolescência e relações familiares como um todo, sendo que nos chamou a atenção que oito deles (à exceção de Douglas) relataram a vivência da sexualidade desde muito jovens, o que reflete aspectos importantes da existência de cada um deles.

Para Merleau-Ponty (2011), a sexualidade tem uma significação existencial, ou seja, a existência e a sexualidade se difundem uma na outra. Dessa forma, para o autor, não há como estabelecer se um ato é sexual ou não, não há como separar as motivações sexuais das não sexuais. Além dessas questões, Merleau-Ponty (2011) explicita a importância do corpo e que o uso deste ultrapassa o fisiológico, justamente porque é ao mesmo tempo existência e liberdade.

> Mais: não me é essencial apenas ter um corpo, mas até mesmo ter esse corpo-aqui. Não é apenas a noção do corpo que, através da noção do presente, é necessariamente ligada à noção do para

> si, mas a existência efetiva de meu corpo é indispensável à existência de minha "consciência" (Merleau-Ponty, 2011, p. 577-578).

Percebemos nas análises dos relatos dos colaboradores que eles enfocaram muito as suas falas nas questões referentes à sexualidade e prostituição, referindo-se mais brevemente às memórias e considerações sobre a vida familiar, infância, adolescência, período escolar e relacionamentos afetivos. Apesar disso, quando esses michês relatam sobre a prostituição, suas práticas corporais e subjetivas e suas sexualidades, eles já estão falando de si, de existência e de consciência. Ou seja, os colaboradores falaram de si próprios da maneira com que podem, da maneira pela qual se conhecem e se relacionam com o mundo: por meio da sexualidade.

Marcelo e Roberto descreveram vivências e experiências sexuais ainda na infância. Enquanto Marcelo experimentou sua sexualidade tanto com meninas quanto com meninos, Roberto iniciou sua vida sexual com o seu primo e desde então vem se relacionando com homens e travestis. Jorge não entrou em detalhes acerca de como iniciou sua vida sexual, mas contou que aos 14 anos iniciou sua prática na prostituição.

Em se tratando das experiências relacionadas à sexualidade, é imprescindível ponderar que cinco dos colaboradores (José, Carlos, Fabiano, Luciano e Bernardo) relataram vivências de violência sexual. José comentou que quanto tinha 12 anos de idade foi seduzido pelo vizinho da família, uma pessoa da sua confiança, que manteve relações sexuais com ele durante cinco anos. Eram relações sexuais envolvidas em presentes e quantias em dinheiro; no entanto, José ainda não via essa relação como parte da prostituição em sua vida.

Também Fabiano passou por uma situação de violência sexual aos 12 anos de idade – foi seduzido por um homem estranho que o seguia de carro e recebeu presentes e dinheiro para ter relações sexuais com ele. Bernardo contou que aos 14 anos foi seduzido por um homem mais velho, desconhecido, um policial que foi conquistando sua atenção por meio de bens materiais e dinheiro, tudo isso em troca de sexo. Carlos descreveu que aos 13 anos de idade vivenciou uma história de incesto consentido, com um tio dele com o qual manteve relações sexuais. Luciano apresentou uma história de violência sexual por parte de Jerson, o homem que o adotou quando ele tinha 13 anos de idade.

Ao relatarem hoje a situação de violência sexual vivida no passado, José, Fabiano e Bernardo a percebem enquanto tal e pensam até mesmo que a prostituição pode ser uma consequência do que lhes ocorreu no passado. Acerca da correlação desses michês entre a

violência sexual e o ingresso na prostituição, de acordo com Merleau-Ponty: “Nunca há determinismo e nunca há escolha absoluta” (p. 608). Ou seja, não se pode dizer que a situação do abuso sexual foi o que levou esses michês à prostituição e nem que houve uma liberdade total de escolha desses michês por essa atuação no mercado do sexo. Já para Carlos e Luciano o abuso foi envolvido por afeto e relações de confiança, mais associado à iniciação sexual – em nenhum momento de seus relatos eles fizeram referência a terem sofrido algum tipo de violência.

Independentemente do fato dos colaboradores terem percebido a violência sexual como abuso sexual ou como iniciação sexual, se faz imprescindível ressaltar a ocorrência dessa experiência de violência, vivenciada por metade dos colaboradores entrevistados para essa pesquisa. Metade dos colaboradores foi seduzida e explorada sexualmente por homens mais velhos e seja como consequência ou não dessas vivências estão hoje atuando como michês, seduzindo e explorando financeiramente seus clientes.

Ainda em se tratando das experiências sexuais dos michês, todos os entrevistados, à exceção de Maicon, relataram experiências sexuais homossexuais na juventude. A maior parte dos colaboradores (Maicon, José, Fabiano, Luciano, Bernardo, Jorge e Douglas) assume atualmente a posição identitária heterossexual enquanto os demais (Marcelo, Carlos e Roberto) se percebem como homossexuais. Dentre estes três últimos que se percebem homossexuais, Carlos e Roberto já assumiram tal posicionamento identitário desde jovens enquanto Marcelo também tinha práticas homossexuais desde jovem, mas só assumiu essa identidade com o seu divórcio, após trinta anos de casado.

Todos os sete colaboradores que se identificaram como heterossexuais apresentaram o discurso da heteronormatividade compulsória, seja pelo preconceito contra as práticas sexuais associadas ao feminino seja pela discriminação e homofobia contra os clientes homens que procuram por michês. Essa valorização da heterossexualidade por parte dos michês representa um paradoxo, pois exacerbam o discurso heteronormativo enquanto sua própria práxis não sustenta esse discurso, pois é uma práxis homossexual.

Em se tratando da segunda categoria, **“Ingresso no mundo-vida da prostituição”**, a maior parte dos colaboradores (José, Carlos, Fabiano, Bernardo, Roberto e Jorge) relatou ter iniciado sua prática prostitucional na adolescência. Dois (Luciano e Douglas) entraram no

mercado do sexo após a adolescência e antes dos 30 anos de idade e os outros dois (Maicon e Marcelo) iniciaram a atuação após os 30 anos de idade.

É interessante analisar a relação entre a faixa etária em que os michês entraram no mundo-vida da prostituição e a motivação que os levou a isso. Para os seis colaboradores que iniciaram sua vivência de prostituição na adolescência, vem à tona em seus relatos o aspecto de "curtição", "zoeira", "liberdade", "gostar de fazer sexo", "dinheiro fácil", etc. Todos os colaboradores que começaram a se prostituir na adolescência, à exceção de Bernardo, relatam sentir prazer com os programas e veem na prostituição uma grande diversão. Mas apesar de se divertirem no universo prostitucional, para eles o dinheiro funciona como um fio condutor dos programas, eles podem até sentir prazer e gostar de fazer programas, mas eles querem de fato o dinheiro, pois é isso que lhes possibilita ter mais poder de compra na sociedade atual, pautada pelo consumo.

Os dois colaboradores que entraram na prostituição já adultos, mas antes dos 30 anos, apresentaram outras motivações. Luciano já estava envolvido como cafetão e resolveu atuar também como michê, segundo ele, porque tem boa aparência e um bom "dote" (referindo-se ao tamanho do seu pênis). A motivação de Luciano foi única e exclusivamente o dinheiro, pois ele precisava sustentar um alto padrão de vida que foi conquistando no decorrer dos anos. No entanto, não soube administrar seu dinheiro e perdeu tudo: hoje se encontra em situação de rua, viciado em substâncias psicoativas, fazendo alguns programas para poder ganhar dinheiro e gastar com drogas. Douglas encontra-se em uma situação semelhante à de Luciano – está entregue ao vício e começou a fazer programas por ser uma maneira fácil de obter dinheiro para comprar droga. Nem Luciano e nem Douglas sentem prazer nos programas, eles os fazem com vistas a um prazer maior: o uso de drogas.

Por fim, se percebe ainda outra motivação para os dois demais michês (Maicon e Marcelo), que entraram no mundo-vida da prostituição após os 30 anos. Ambos iniciaram na prostituição após se divorciarem de suas esposas e em ambos os casos é possível compreender como a prostituição para eles está ligada ao prazer, liberdade, satisfação pessoal, de tal forma que nem sempre eles cobram pelos programas. Maicon atende mulheres e gosta de saber a história de vida delas, gosta de ser o confidente, aquele que as realiza por completo. Já Marcelo atendia a homens, pois foi com o seu divórcio que ele assumiu sua homossexualidade e a prostituição veio no intuito de experimentar sua sexualidade de formas diferentes, para realizar-se como um todo.

Independentemente da motivação dos michês para adentrar no mercado do sexo, é relevante considerar que o dinheiro é um elemento importante para a manutenção dos michês na prostituição. Acerca disso é importante ressaltar uma fala recorrente no relato de vários colaboradores: de que a prostituição é mais vantajosa financeiramente do que um emprego formal. Ou seja, para além da possibilidade do prazer com a atuação na prostituição, há que se considerar que o dinheiro ganho com os programas é superior ao que conseguiriam com um emprego com salário compatível com a escolaridade dos michês entrevistados para essa pesquisa.

A terceira categoria, **"Dinâmica dos programas"**, traz à tona alguns aspectos da configuração da prostituição nas vidas dos colaboradores. A atuação na prostituição é ou foi compartilhada com outros trabalhos por seis dos colaboradores: Maicon trabalha como mecânico e tem um ponto comercial de venda de alimentos; quando se prostituía, Marcelo trabalhava também como decorador de festas; José é representante comercial; Carlos atuava como cozinheiro; Bernardo é porteiro de uma boate; e Jorge tem uma empreiteira.

Os outros quatro colaboradores atuam exclusivamente na prostituição, sendo que Luciano e Douglas se prostituem com o único intuito de comprar drogas. Roberto tem vivência no mundo das drogas também, mas é mais controlado que estes dois últimos; e Fabiano, que leva a prostituição mais a sério, a considera seu trabalho e fonte de renda, de forma que mantém um bom padrão de vida por conta dos programas que realiza. Na realidade, Fabiano é o único dos colaboradores que divergiu dos demais no sentido que se tornou um "empresário" na prostituição, ascendendo economicamente e conseguindo manter um alto padrão de vida.

Apesar de alguns dos colaboradores trabalharem exclusivamente na prostituição e outros atuarem também em emprego formal, é importante ressaltar que é o dinheiro da prostituição que faz a grande diferença no orçamento dos michês entrevistados. Se no emprego formal o salário é estabelecido pelo mercado de trabalho; na prostituição, este é estabelecido pelo próprio michê, que não é subordinado a ninguém e tem autonomia na negociação do seu programa.

A terceira categoria contempla duas subcategorias: **"Clientela"** e **"Sentidos e significados da práxis sexual"**. No que se refere à subcategoria **"Clientela"**, Maicon relatou que atende apenas clientes do sexo feminino e foi o único a apresentar essa dinâmica. José

pontuou que atende mulheres e travestis, as quais ele considera figuras femininas; ele já tentou fazer programas com homens, mas não gostou. Marcelo fez programa com homens e mulheres, mas preferia que a clientela fosse masculina. Carlos atendia exclusivamente homens e nunca saiu com nenhuma mulher. Fabiano, Bernardo, Luciano, Roberto, Douglas e Jorge atendem majoritariamente clientes do sexo masculino e eventualmente casais ou apenas as mulheres.

É possível contabilizar que dos dez colaboradores da pesquisa, apenas dois, Maicon e José, atendem à clientela feminina, enquanto que todos os outros oito descreveram que atendem majoritariamente a clientes do sexo masculino casados com mulheres e, eventualmente, alguns casais e mulheres. Diante dessa grande maioria de clientes do sexo masculino, cabe refletirmos sobre a infidelidade desses clientes homens em seus relacionamentos com parceiras mulheres: a maior parte dos clientes dos michês são homens que mantêm uma fachada heterossexual para a sociedade e para as suas famílias e que buscam a prostituição masculina para poderem assumir o real desejo homossexual.

No que diz respeito à subcategoria **“Significados e sentidos da práxis sexual”**, sete colaboradores, Maicon, Marcelo, José, Carlos, Fabiano, Roberto e Jorge relataram sentir prazer na atuação como michês. Bernardo, Luciano e Douglas afirmaram que não sentem prazer algum nos programas e que a única motivação para sua realização é a financeira, o dinheiro que eles ganham em troca de serviços de ordem sexual.

Para alguns colaboradores, além da possibilidade de haver prazer sexual, há outros ganhos na prostituição, mais subjetivos, relacionados ao que é da ordem do afeto. Mesmo que os michês afirmassem não querer se envolver com os seus clientes homens e/ou mulheres, cinco deles pontuaram que acabaram por estabelecer relações mais afetivas, seja no âmbito do amor, amizade ou, ainda, da família.

Maicon informou que estabelece uma relação de amizade com algumas clientes e que esse vínculo é importante para ele, pois além de ele receber dinheiro em troca de sua atuação, recebe atenção, carinho e valorização. Marcelo relatou que sempre fez programas com prazer e com pessoas que se interessariam por sua vida pessoal – um dos seus clientes até se tronou seu namorado por um tempo.

Carlos descreveu que um cliente se apaixonou por ele, mas que o amor não foi correspondido. No entanto, essa relação virou uma grande amizade, de forma que Carlos não

consegue mais atender esse cliente no âmbito da prostituição devido à amizade. Fabiano vivenciou a mesma situação de Carlos, tendo recusado a intenção amorosa de um cliente, sendo que hoje são muito amigos e ele o considera um pai. Esse também é o caso de Roberto, que tem um cliente apaixonado que o ajuda muito em suas necessidades. Os outros cinco colaboradores (José, Luciano, Bernardo, Jorge e Douglas) não relataram envolvimentos mais íntimos com os clientes.

É importante salientar que independentemente dos michês permitirem ou não um envolvimento mais afetivo com a clientela, a maior parte deles relatou ter recebido propostas de exclusividade, nas quais os clientes se comprometeriam a sustenta-los desde que eles não atuassem mais na prostituição, cumprindo com um compromisso de fidelidade. Nenhum dos nosso colaboradores que receberam esse tipo de proposta aceitou.

Maicon afirmou que não é um objeto sexual, que não tem vontade de se envolver com nenhuma cliente e que gosta de ser livre. Carlos, Fabiano e Roberto estabeleceram relações de amizade e até mesmo de uma referência à paternidade com alguns clientes, de forma que não puderam aceitar as propostas de exclusividade e nem mesmo puderam continuar fazendo programas com esses clientes, pois a relação se tornou íntima.

Douglas, Bernardo e Luciano pontuaram que não gostam de fazer programas e que não sentem prazer nestes, de forma que não conseguiriam aceitar uma proposta de ter um compromisso maior com seus clientes. José e Marcelo veem na prostituição um grande prazer, ambos apreciam a liberdade de poder ter experiências sexuais diferenciadas, o que vai de encontro à proposta de manter exclusividade em com um único cliente.

É curioso observar a recusa desses michês por se relacionarem exclusivamente com um cliente; mostra um limite que eles impõem à prática na prostituição, uma barreira subjetiva. Além desta eles apontam a presença de outras barreiras em suas atuações, limites que eles estabelecem para os programas, os quais são imprescindíveis para sua atuação na prostituição.

Acerca das práticas sexuais e limites estabelecidos com a clientela, Maicon afirmou que atende todos os desejos de suas clientes, buscando satisfazê-las por completo, desde que haja o uso da camisinha, pois de outra forma ele se nega a fazer o programa. José atua tanto com mulheres quanto com travestis e afirmou que não faz sexo anal passivo, que até já tentou, mas não gostou. Marcelo e Carlos realizavam o programa denominado de versátil, ou seja,

faziam todo o tipo de sexo, assumindo tanto a posição passiva quanto ativa. Roberto relatou que ele é do tipo ativo liberal, ou seja, aquele que faz o sexo oral no cliente, mas que não mantém relação sexual passiva. Os outros seis colaboradores, José, Bernardo, Luciano, Roberto, Jorge e Douglas, afirmaram que só realizam sexo anal ativo e que não fazem sexo oral nos clientes e nem os beijam na boca.

Esses michês, então, estabelecem limites para a sua atuação, alguns mais subjetivos e outros mais objetivos, uns ligados às questões de ordem afetiva e psíquica e outros de ordem corporal. Acerca desses limites se faz pertinente retomar algumas contribuições de Merleau-Ponty (2011) quando ele pontua que o homem não pode ser considerado um psiquismo unido a um organismo, mas sim um vaivém, um entrelaçamento da existência entre o corporal e o psíquico. Tendo essas contribuições em vista, os limites dos michês não são apenas corporais ou apenas psíquicos, mas um entrelaçamento entre ambos, de forma que um limite corporal pode servir como uma barreira subjetiva e identitária e vice-versa.

A última categoria traz as **“Perspectivas para o futuro”**, com os colaboradores, de forma geral, sendo sucintos e diretos. Maicon relatou projetos de vida apenas no âmbito profissional, no sentido de ampliação de suas carreiras. Marcelo disse que deseja continuar vivenciando sua sexualidade de forma livre, sem restrições. José relatou desejar voltar a andar de bicicletas e trabalhar com isso, mesmo que ganhe menos, pois é o único prazer maior que o sexual. As perspectivas de Carlos foram relacionadas ao seu trabalho, tanto na ONG de prevenção a DST/AIDS quanto na agência online de garotos de programa.

Fabiano abordou planos de construir alguns imóveis para alugar e ter uma renda fixa no futuro. Além disso, ele disse que deseja trabalhar como acompanhante, ter duas ou três pessoas que se afeiçoem a ele e que queiram sua “exclusividade”. Bernardo afirmou que vai continuar no mundo-vida da prostituição e que não tem planos em longo prazo. Jorge falou sobre o desejo de continuar com sua pequena empreiteira, construindo casas, e melhorando como ser humano a cada dia. Luciano, Roberto e Douglas apresentaram o desejo de parar de usar drogas.

Assim, percebemos que apesar das várias convergências nos relatos dos michês entrevistado nesta pesquisa, cada história é única e que não é possível fazer grandes generalizações, pois cada um deles, a partir de sua história de vida singular, atribuiu um sentido à sua existência a partir dos recursos disponíveis, do meio familiar, do contexto social

e econômico em que estão inseridos e bem como a partir da intencionalidade. Diante disso, consideramos que conseguimos responder às questões orientadoras desta pesquisa, pois a despeito das vivências particulares de cada michê, houve aspectos comuns, os quais contribuem para o maior conhecimento do fenômeno da prostituição masculina.

HORIZONTES

Nossas reflexões acerca do questionamento norteador dessa pesquisa “O que é o fenômeno michê?” nos levaram a algumas respostas, mesmo que provisórias, inconclusivas, as quais já foram descritas no capítulo anterior. Mais do que isso, também ampliaram os nossos horizontes acerca desse fenômeno, abrindo nossas mentes para novas possibilidades e questionamentos.

Um dos aspectos que merece destaque é a alta incidência da ocorrência de violência sexual na infância e adolescência dos colaboradores da pesquisa, presente no relato de metade dos michês participantes desse estudo. Essa informação não pode ser menosprezada e deve ser mais bem explorada em outras pesquisas científicas a fim de se perceber se há uma correlação entre a vivência de episódios de violência sexual na infância e/ou adolescência e o ingresso na prostituição.

Além disso, se faz necessário pensar em estratégias de prevenção da violência sexual – que objetivem atingir também o público infantil, além de apenas os adultos. Esse tipo de ação ainda se constitui em um desafio, pois, apesar de vivermos em uma sociedade pós-moderna, a sexualidade ainda é considerada um tabu, de forma que os adultos não conversam com as crianças sobre sexualidade, sobre o que é carinho e o que é abuso, dentre outras questões que poderiam ser abordadas e trabalhadas com as crianças na família e na escola desde a mais tenra infância.

Outro aspecto interessante a ser estudado é o fato de que apenas um dos michês relatou atender exclusivamente clientes do sexo feminino, enquanto os outros nove trabalham majoritariamente com a clientela masculina. A partir disso, as perguntas que nos surgem são: *Será que as mulheres são mesmo a minoria da clientela dos michês? Ou será que a clientela feminina existe, mas é mais discreta? Quais as razões disso?*

Em se tratando da clientela masculina dos michês, esta é composta em sua maior parte por homens que têm relacionamentos heterossexuais, mas que concomitantemente aos seus compromissos e casamentos, estabelecem práticas sexuais com michês. Considerando esse aspecto, emergem alguns questionamentos: *Qual a razão da infidelidade desses homens que procuram pelos michês? Por que esses homens assumem uma vida pública heterossexual e só conseguem satisfazer o seu desejo homossexual na clandestinidade? Qual o custo psíquico disso?*

A maior parte dos colaboradores dessa pesquisa atende à clientela masculina; no entanto, se consideram heterossexuais e muitos afirmam sentir prazer nos programas. É possível perceber que entre os michês que se consideram heterossexuais, há experiências e percepções diversas acerca das relações sexuais estabelecidas com clientes homens no âmbito da prostituição, pois se de um lado há o prazer nos programas, do outro lado há a homofobia e o preconceito com os clientes que querem estabelecer relação sexual passiva com os michês, mesmo tendo suas companheiras.

Considerando esses aspectos, levantamos os seguintes questionamentos: *Como os michês conseguem assumir uma posição identitária heterossexual e estabelecer relações sexuais com homens? Qual o custo subjetivo disso? Ou, ainda, poderia ser a homofobia apenas uma defesa superficial, algo que possa camuflar um desejo recíproco do michê pelo cliente homem?*

Em suma, a partir das considerações acima, percebemos que os horizontes dessa pesquisa se desdobram nas questões referentes à sexualidade e às relações de gênero. Defendemos que é necessário que seja trabalhada a educação em sexualidade desde a infância, que essa temática perpasse a grade curricular de todas as faixas etárias, o que se constitua em um compromisso que tem de ser assumido pela Educação.

Temas como gênero, sexualidade, homofobia, violência sexual, prostituição, drogas, entre outros, devem ser trabalhados desde a infância, em todas as instituições de forma geral e particularmente nas escolas, com orientações tanto para os pais quanto para as crianças. É com educação que podemos desmitificar os papeis de gênero e também combater a homofobia.

Por fim, apontamos para a necessidade de mais pesquisas científicas que abordem o fenômeno da prostituição masculina, a fim de tentar responder as questões que ficaram suspensas neste estudo bem como as que dele emergiram.

REFERÊNCIAS

Alcântara, Jean Moreira (2009). *Territórios invisíveis: territorialidades dos garotos de programa na área central de Manaus.* Dissertação de mestrado em Geografia. UFAM, Manaus.

Almeida Prado, Rafael Auler de, Caldas, Marcus Tulio, & Queiroz, Edilene Freire de (2012). O corpo em uma perspectiva fenomenológico-existencial: aproximações entre Heidegger e Merleau-Ponty. *Psicologia: Ciência e Profissão, 32* (4), 776-791. Recuperado em 17 de Agosto de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000400002&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1414-98932012000400002.

Almeida, Tania Mara Campos de, Penso, Maria Aparecida, & Costa, Liana Fortunato (2009). Abuso sexual infantil masculino: o gênero configura o sofrimento e o destino?. *Estilos da Clínica, 14*(26), 46-67.

Alves, Alan de Loiola (2009). *Garotos sem programa: estudo sobre exploração sexual comercial de adolescentes do sexo masculino na cidade do Rio de Janeiro.* Dissertação de mestrado em Serviço Social. PUC, Rio de Janeiro.

Alves, Alan de Loiola (2011). Homens que se prostituem e as diferentes identidades. *Anais III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Olhares diversos sobre a diferença.* João Pessoa – PA. Recuperado em 12 de Outubro de 2013, de http://www.itaporanga.net/genero/3/03/05.pdf.

Amatuzzi, Mauro Martins (1989). *O resgate da fala autêntica.* Campinas, SP: Papirus.

Amatuzzi, Mauro Martins (2007). Pesquisa fenomenológica em psicologia. In: Bruns, Maria Alves de Toledo, & Holanda, Adriano Furtado (Orgs.). *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas.* Campinas, SP: Alínea.

Amatuzzi, Mauro Martins. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia (Campinas), 26*(1), 93-100. Recuperado em 19 de Outubro de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000100010&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0103-166X2009000100010.

Andrade, Luciana Teixeira de & Teixeira, Alexandre Eustáquio (2004). A territorialidade da prostituição em Belo Horizonte. *Cadernos Metrópole*, n. 11, p. 137-157. Recuperado em 22 de Setembro de 2010, de http://observatoriodasmetropoles.net/download/cm/cm11.pdf#page=133

Arilha, Margareth (2001). Homens: entre a “zoeira”. IN: Arilha, Margareth; Unbehaum, Sandra G.; Medrado, Benedito, organizadores. *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS.

Azevedo, Thiago Guimarães (2014). Identidade Digital: A crise das identidades no ciberespaço. *Artefactum* (Rio de Janeiro), v. n1, p. 1-15, 2014. Recuperado em 14 de Agosto de 2014, de http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/225/280.

Badinter, Elizabeth (1993). *XY***:** *sobre a identidade masculina.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares (2013). Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger: da ontologia fundamental à questão da técnica. IN: Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares; Morato, Henriette Tognetti Penha; Caldas, Marcos Túlio. *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica*. Curitiba: Juruá.

Barreto, Victor Hugo de Souza (2012). *“Vamos fazer uma sacanagem gostosa?”: uma etnografia dos desejos e das práticas da prostituição masculina carioca.* Dissertação de mestrado apresentada em Antropologia. Universidade Federa Fluminense, da Universidade Federal Fluminense, Niterói. Recuperado em 13 de Outubro de 2013, de http://www.proppi.uff.br/ppga/sites/default/files/dissertacao__victor_hugo_de_souza_barreto.pdf

Bassermann, Lujo (1968). *História da prostituição: uma interpretação cultural*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Bauman, Zigmunt (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Bauman, Zygmunt (2001). *Modernidade líquida.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Bauman, Zygmunt (1998). *O mal-estar da pós-modernidade.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Bauman, Zygmunt (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Boeira, Sérgio Luís & Vieira, Paulo Freire (2010). Estudos organizacionais: dilemas paradigmáticos e abertura interdisciplinar. IN: Silva, Anielson Barbosa da, Godoi,

Christiane Kleinubing, & Bandeira-de-Mello, Rodrigo. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos.* Saraiva.

Brasil (2013). *Código Penal Brasileiro*. Recuperado em 15 de Outubro de 2013, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm#art2

Brasil, Conselho Nacional de Combate à Discriminação (2004). *Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília*: Ministério da Saúde.

Brício, Vilma Nonato de (2012). Conversações sobre gênero, sexualidade, teoria *queer* e educação: entrevista com Guacira Lopes Louro. *Artifícios,* v2, n4. Recuperado em 8 de Setembro de 2013, de http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/Entrevista%20Louro.pdf

Bruns, Maria Alves de Toledo (2007). A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses da dicotomia subjetividade-objetividade. In: Bruns, Maria Alves de Toledo, & Holanda, Adriano Furtado. – (Orgs.). *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. Campinas, SP: Alínea.

Burbulhan, Fernanda, Guimarães, Roberto Mendes, & Bruns, Maria Alves de Toledo (2012). Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. *Psicologia em Estudo*, *17*(4), 669-677. Recuperado em 18 de Agosto de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000400013&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-73722012000400013.

Burbulhan, Fernanda, & Bruns, Maria Alves de Toledo (2012). Prostituição masculina e relações de gênero na interface com a educação: algumas reflexões pelo viés fenomenológico. IN: *Anais do II Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual*. Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2012.

Butler, Judith (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Cabral, Barbara Eleonora, & Morato, Henriette Tognetti Penha (2013). A questão de pesquisa como bússola: notas sobre o processo de produção de conhecimento em uma perspectiva fenomenológica existencial. IN: Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares, Morato, Henriette Tognetti Penha, & Caldas, Marcos Túlio. *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica*. Curitiba: Juruá.

Carrara, Sérgio (2012). Políticas e Direitos Sexuais no Brasil Contemporâneo. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros E Sexualidades*, *4*(05). Recuperado em 14 de Outubro de 2014, de http://incubadora.ufrn.br/index.php/Bagoas/article/view/464/388.

Castiel, Luis David (2011). Loucuras da razão: subjetividade e corpo risco. IN: Santos, Luís Henrique Sacchi dos, & Ribeiro, Paula Regina Costa. *Corpo, gênero e sexualidade: instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida*. Rio Grande: FURG.

Ceccarelli, Paulo Roberto (2008). Prostituição: corpo como mercadoria. *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4 (edição especial), dez.

Cendhec, Centro Dom Hélder Câmara de Estudos e Ação Social. (2007). *A família esperta: como reconhecer os sinais de violência sexual em crianças e adolescentes*. Recife: Gol Gráfica.

Chao, Gisele Fonseca (2008). *Prostituição masculina, HIV/AIDS: estudo epidemiológico em municípios do Ceará.* Dissertação de Mestrado Saúde Pública. Universidade Federal do Ceará.

Charles, Sébastien (2004). O individualismo paradoxal: introdução ao pensamento de Gilles Lipovetsky. IN: Lipovetsky, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla.

Cohen, Claudio (2000). *Abuso sexual: que violência é essa?* São Paulo: CEARAS.

Corrêa, Willian Henrique, & Holanda, Adriano Furtado (2012). Prostituição e sentido de vida: relações de significado. *Psico-USF*,*17*(3), 427-435. Recuperado em 22 de Setembro de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712012000300009&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-82712012000300009.

Corneau, Guy (1995). Paternidade e masculinidade. IN: Nolasco, Sócrates (1995). *A desconstrução do masculino*. Rocco: Rio de Janeiro.

Dartigues, André (2008). *O que é a fenomenologia?* São Paulo: Centauro.

Davi, Edmar Henrique Dairell (2013). *Belíssima: um estudo merleau-pontyano da corporalidade travesti.* Tese de Doutorado em Psicologia. FFCLRP/USP, Ribeirão Preto.

Ésber, Karen Michel (2009). *Autores de violência sexual contra crianças e adolescentes*. Goiania: Cânone Editorial.

Espinheira, Gey (1984). *Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Fábregas-Martínez, Ana Isabel (2000a). Traçando a batalha: breve perfil da prostituição em espaços privados de Porto Alegre. IN: Fábregas-Martínez, Ana Isabel; Benedetti, Marcos Renato. *Na batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição.* Porto Alegre: Da Casa.

Fábregas-Martínez, Ana Isabel (2000b). A identidade masculina entre os michês de Porto Alegre. IN: Fábregas-Martínez, Ana Isabel; Benedetti, Marcos Renato. *Na batalha*: *sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição.* Porto Alegre: Da Casa.

Facchini, Regina. (2012). Entre compassos e descompassos: um olhar para o "campo" e para a "arena" do movimento LGBT brasileiro. *Bagoas - Estudos Gays: GêNeros E Sexualidades, 3* (04). Recuperado em 14 de Outubro de 2012, de http://www.incubadora.ufrn.br/index.php/Bagoas/article/view/480/404

Farias, Francisco Ramos de (2013). Atividades secretas em noites sombrias: memórias do universo dos garotos de programa. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, vol. 10, nº 1. Recuperado em 18 de Outubro de 2013, de https://www.journal.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2013v10n1p344/24907

Fávero, Maria Helena (2010). *Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultural e transformações.* Curitiba: Ed. UFPR.

Ferreira, Daniel Rogers de Souza (2011). *Prazer com segurança? As relações entre michês e polícia num ponto de prostituição do centro de Fortaleza*. Dissertação de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade. Universidade Estadual do Ceará.

Fígari, Carlos Eduardo (2009). No ventre do pai, desejos e práticas de incesto consentido. IN: Díaz-Benítez, Maria Elvira; Fígari, Carlos Eduardo (orgs). *Prazeres dissisentes.* Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

Figueiredo, Regina, & Peixoto, Marcelo (2010). Profissionais do sexo e vulnerabilidade. *BIS – Boletim do Instituto de Saúde*, vol. 12, nº 2. Recuperado em 14 de Julho de 2013, de

http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/wp-content/uploads/2010/04/artigo-Prostituicao-publicado.pdf.

Forghieri, Yolanda Cintrão (1993). *Psicologia fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo: Pioneira.

Foucault, Michel (2011a). *História da sexualidade I:* a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Foucault, Michel (2011b). *História da sexualidade II:* o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Foucault, Michel (2011c). *História da sexualidade III*: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Fry, Peter (1983). *O que é homossexualidade.* São Paulo: Editora Brasilense.

Furlan, Reinaldo. (2008). A questão do método na psicologia. *Psicologia em Estudo*, *13*(1), 25-33. Recuperado em 9 de Outubro de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000100004&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-73722008000100004.

Furlan, Reinaldo (2001). Objetivismo, intelectualismo e experiência do corpo próprio. *Natureza Humana*, São Paulo, v.3, n.2, p.289-314. Recuperado em 07 de Setembro de 2013, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302001000200003&lng=pt&nrm=iso ISSN 1517-2430

GAPA Santa Catarina (2002). *Na balada do michê*. Documentário coordenado por Luiz Fernando Martins. Ministério da Saúde, Governo Federal.

Giddens, Anthony (1993). *A transformação da intimidade:* sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Giddens, Anthony (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Godoi, Christiane Kleinubing, Bandeira-de-Mello, Rodrigo, & Silva, Anielson Barbosa da (2010). Pesquisa qualitativa e o debate sobre a propriedade de pesquisar. IN: Silva, Anielson Barbosa da, Godoi, Christiane Kleinubing, & Bandeira-de-Mello, Rodrigo. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. Saraiva.

Godoi, Christiane Kleinubing, & Mattos, Pedro Lincoln C. L. de (2010). Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. IN: Silva, Anielson Barbosa da, Godoi, Christiane Kleinubing, & Bandeira-de-Mello, Rodrigo. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. Saraiva.

Goffman, Erving (1988). *Estigma:* Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. LTC: Rio de Janeiro.

Guimarães, Diego Moraes (2012). *A vontade de saber em Foucault: uma análise sobre a construção do discurso da sexualidade.* Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Filosofia. Universidade Federal da Bahia.

Guiraldelli, Reginaldo, & Souza, Marisa Fernandes de (2013). Prostituição masculina em Belo Horizonte: evidências da questão social. *Oikos – Revista Brasileira de Economia Doméstica*. v. 24, n. 2.

Hall, Stuart (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A Editora.

Hamawi, Rodofo (1995). Que querem os homens? IN: Nolasco, Sócrates (1995). *A desconstrução do masculino*. Rocco: Rio de Janeiro.

Hohendorff, Jean Von, Habigzang, Luísa Fernanda, & Koller, Silvia Helena. (2012). Violência sexual contra meninos: dados epidemiológicos, características e consequências. *Psicologia USP*, *23*(2), 395-416. Epub 17 de julho de 2012. Recuperado em 13 de setembro de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642012000200008&lng=pt&tlng=pt. 10.1590/S0103-65642012005000007.

Holanda, Adriano Furtado (2007). Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: Bruns, Maria Alves de Todelo, & Holanda, Adriano Furtado – (Orgs.). *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. Campinas, SP: Alínea.

Jablonski, Bernardo (1995). A difícil extinção do boçalossauro. IN: Nolasco, Sócrates (1995). *A desconstrução do masculino*. Rocco: Rio de Janeiro.

Lipovetsky, Gilles (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla.

Louro, Guacira Lopes (1995). Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, jun/dez, v. 20, n. 2. p. 101-132.

Louro, Guacira Lopes (2013). *Um corpo estranho:* ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Bela Horizonte: Autêntica Editora.

Machado, Joani de Nazaré. Campos, & Silva, Silvia Cristina de Souza (2002). *Perfil psicossocial da prostituição masculina em Belém*, 2002. Trabalho de Graduação (Graduação em Psicologia) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, UNAMA, Amazônia.

Madureira, Ana Flávia do Amaral (2010). Gênero, sexualidade e processos identitários na sociedade brasileira*:* tradição e modernidade em conflito. IN: Galinkin, Ana Lúcia, & Santos, Claudiene. *Gênero e psicologia social: interfaces*. Brasília: TechnoPolitik.

Martins, Joel, & Bicudo, Maria Aparecida Viggiani (1989). *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Ed. Moraes.

Martins, Mônica Carolina Jurca, & Cianflone, Ana Raquel Lucato (2010). Gênero, aprendizagem e processo de escolarização. IN: Bruns, Maria Alves de Toledo, & Souza-Leite, Célia Regina Vieira de. *Gênero em questão: diversos lugares, diferentes olhares*. São Paulo: Iglu.

Matos, Rogério Botelho de, & Ribeiro, Miguel Ângelo (1995). Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. *Boletim Goiano de Geografia*, 15(1): 57-59, jan. dez..

Mazzieiro, João Batista (1998). Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 18, n. 35, 1998. Recuperado em 16 de setembro de 2010, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-1881998000100012&lng=en&nrm=iso

Merleau-Ponty, Maurice (2011). *Fenomenologia da percepção.* São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Ministério do Trabalho e Emprego (2013). *Classificação Brasileira de Ocupações*. Ministério do Trabalho e Emprego. Recuperado em 11 de novembro de 2013, de <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>

Molina, Ana Maria Ricci, & Kodato, Sérgio. (2005). Trajetória de vida e representações sociais acerca da prostituição juvenil segundo suas participantes. *Temas em Psicologia*, *13*(1), 09-17. Recuperado em 17 de outubro de 2013, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000100003&lng=pt&tlng=pt. .

Morato, Henriette Tognetti Penha (2013). Algumas considerações da fenomenologia existencial para a ação psicológica na prática e na pesquisa em instituições. IN: Barreto, Carmem Lúcia Brito Tavares; Morato, Henriette Tognetti Penha; Caldas, Marcos Túlio. *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica*. Curitiba: Juruá.

Moreira, Daniel Augusto (2004). *O método fenomenológico na pesquisa.* São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Moreira, Daniel Augusto (2006). Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico. DOI: 10.5585/rai.v1i1.14. Revista de Administração e Inovação**,** América do Norte, 1, ago. 2006. Recuperado em 13 de novembro de 2011, de http://www.revistarai.org/ojs-2.2.4/index.php/rai/article/view/14/40.

Nolasco, Sócrates (1995). A desconstrução do masculino*:* uma contribuição crítica à análise de gênero. IN: Nolasco, Sócrates (1995). *A desconstrução do masculino*. Rocco: Rio de Janeiro.

Oliveira, Dalva Lelis de, Volpe, Luiz Fernando Cassilhas, & Cuissi, Luis Augusto (2012). Os delitos de estupro e estupro de vulnerável e a possibilidade de relativização da vulnerabilidade sexual do art. 217-A do código penal pátrio. *Judicare, 3*(3). Recuperado em 15 de Outubro de 2013, de http://ienomat.com.br/revista/index.php/judicare/article/view/46/145.

Ortiz, Reinaldo (1995). Discursos masculinos*:* a auto-opressão do homem e a prevenção da transmissão do HIV/AIDS. IN: Nolasco, Sócrates (1995). *A desconstrução do masculino*. Rocco: Rio de Janeiro.

Parker, Richard Guy (2002). *Abaixo do Equador*. Rio de Janeiro: Record.

Pereira, Armando (1967). *Sexo e prostituição.* Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora.

Pereira, Henrique. (2008). Homens que vendem sexo em Portugal. *Anais VI Congresso Português de Sociologia – Mundos Sociais: saberes e práticas.* Recuperado em 18 de Julho de 2013, de http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/795.pdf.

Perlongher, Néstor 2008. O. *O negócio do michê*: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo, 1986. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Pinel, Hiran (2003). *Educadores da noite: educação especial de rua, prostituição masculina e prevenção as DST/AIDS.* Livro em CD-Room. Belo Horizonte (MG): NUEX-PSI, Editorial.

Prado, Marco Aurélio Máximo, & Machado, Frederico Viana (2012). *Preconceito contra homossexualidades:* a hierarquização da invisibilidade. São Paulo: Cortez.

Ramirez, Rafael L. (1995). Ideologias masculinas: sexualidade e poder. IN: Nolasco, Sócrates (1995). *A desconstrução do masculino*. Rocco: Rio de Janeiro.

Rezende, Antonio Muniz de (1990). *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez.

Rios, Roger Raupp (2000). Prostitutas, michês e travestis: uma análise crítica do discurso jurídico sobre a prostituição e de suas consequências práticas. IN: Fábregas-Martínez, Ana Isabel, & Benedetti, Marcos Renato. *Na batalha: sexualidade, identidade e poder no universo da prostituição.* Porto Alegre: Da Casa.

Ribeiro, Aldry Sandro Monteiro, & Almeida, Angêla Maria de Oliveira (2010). Significados da homossexualidade: entre o medo e o preconceito. IN: Galinkin, Ana Lúcia, & Santos, Claudiene. *Gênero e psicologia social:* interfaces. Brasília: TechnoPolitik.

Rohden, Fabíola (2011). Produção e consumo de novas referências e tecnologias de intervenção na sexualidade. IN: Santos, Luís Henrique Sacchi dos, & Ribeiro, Paula Regina Costa. *Corpo, gênero e sexualidade:* instâncias e práticas de produção nas políticas da própria vida. Rio Grande: FURG.

Romanelli, Geraldo, & Godinho, Letícia Costa (2010). Gênero, identidade e subjetividade feminina em famílias de camadas populares. IN: Bruns, Maria Alves de Toledo, & Souza-Leite, Célia Regina Vieira de. *Gênero em questão:* diversos lugares, diferentes olhares. São Paulo: Iglu.

Russo, Jane. A terceira onda sexológica: Medicina Sexual e farmacologização da sexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, Norteamérica. Recuperado em 14 de Agosto de 2014, de http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/6863.

Salih, Sara (2012). *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Santiago, Silviano (1995). Arte masculina? IN: Nolasco, Sócrates (1995). *A desconstrução do masculino*. Rocco: Rio de Janeiro.

Santos, Manoel Antônio dos (2011). Prostituição masculina e vulnerabilidade às dsts/aids. *Texto contexto - enferm.* Florianópolis, v. 20, n. 1, mar. Recuperado em 11 de Novembro de 2011, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072011000100009&lng=pt&nrm=iso.

Santos, Maria Altenfelder, Fanganiello, Ana Luiza Silva, Paparelli, Renata, & Oliveira, Fábio de. (2008). Intervenção em saúde do trabalhador com profissionais do sexo. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, *11*(1), 101-110. Recuperado em 18 de outubro de 2013, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172008000100008&lng=pt&tlng=pt. .

Santos, Moara de Medeiros Rocha, & Araujo, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira de (2010). Teorias psicológicas sobre gênero e suas implicações para o estudo da intersexualidade. IN: Galinkin, Ana Lúcia, & Santos, Claudiene. *Gênero e psicologia social:* interfaces. Brasília: TechnoPolitik.

Silva, Anielson Barbosa da; Neto, & João Roman (2010). Perspectiva multiparadigmática nos estudos organizacionais. IN: Silva, Anielson Barbosa da, Godoi, Christiane Kleinubing, & Bandeira-de-Mello, Rodrigo. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais:* paradigmas, estratégias e métodos. Saraiva: 2010.

Silva, José Maurício da (2011). Prostituição masculina: um destino pulsional. *Polêmica Rev. Eletrônica.* Rio de Janeiro, v. 10, n. 1. Recuperado em 12 de Outubro de 2013, de http://www.polemica.uerj.br/ojs/index.php/polemica/article/viewArticle/94/186.

Silva, Rogério Araújo da (2006). *Prostituição:* artes e manhas do ofício. Goiânia: Cânone Editorial, Ed. UCG.

Sipahi, Fabiano Matos, & Vianna, Fernanda de Camargo (2001). Uma análise da dependência de drogas numa perspectiva fenomenológica existencial. *Aná***.** *Psicológica*, Lisboa, v. 19, n. 4, out. 2001. Recuperado em 14 outubro de 2013, de http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312001000400002&lng=pt&nrm=iso

Sodelli, Marcelo. (2010). A abordagem proibicionista em desconstrução: compreensão fenomenológica existencial do uso de drogas. *Ciência & Saúde Coletiva*, *15*(3), 637-644. Retrieved September 18, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000300005&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-81232010000300005

Souza-Leite, Célia Regina Vieira de, & Bruns, Maria Alves de Toledo (2010). Gênero em questão: diversos lugares, diferentes olhares. IN: Bruns, Maria Alves de Toledo, & Souza-Leite, Célia Regina Vieira de. *Gênero em questão:* diversos lugares, diferentes olhares. São Paulo: Iglu.

Souza Neto, Epitácio Nunes de (2009). *Entre boys e frangos*: análise das performances de gênero dos homens que se prostituem em Recife. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco.

Teixeira, Alexandre Eustáquio (2011). Representação sobre a atividade de garotos de programa em Bolo Horizonte (BH): emprego, trabalho ou profissão? *Anais XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: diversidade e (des)igualdades.* Salvador, BA. Recuperado em 16 de Julho de 2013, de http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308350926_ARQUIVO_ArtigoparaConlab2011.pdf

Tondin, Mara Cristina; Barros Neta, Maria da Anunciação P., & Passos, Luiz Augusto (2013). Consultório de Rua: intervenção ao uso de drogas com pessoas em situação de rua. *Revista De Educação Pública, 22*(49/2), 485-501. Recuperado em 14 de Outubro de 2013, de http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/929/730

Trevisan, João Silvério (1998). *Seis balas num buraco só:* a crise do masculino. Rio de Janeiro: Record.

Viana, Normando José Queiroz (2004). Caminhos e descaminhos da prostituição viril. *Cadernos De Estudos Sociais, 20*(2). Recuperado em 16 de Julho de 2013, de http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD/article/view/634/598.

Viana, Normando José Queiroz (2010). *"É Tudo Psicológico... Dinheiro... Pruuu e Fica Logo Duro!":* Desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais do Recife. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco.

Villela, Wilza (2001). “Homem que é homem também pega Aids?”. IN: Arilha, Margareth; Unbehaum, Sandra G.; Medrado, Benedito, organizadores. *Homens e masculinidades:* outras palavras. São Paulo: ECOS.

ANEXOS

ANEXO A - Aprovação do projeto de pesquisa pela Comitê de Ética e Pesquisa da FFCLRP

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP

PROJETO DE PESQUISA

Título: Prostituição masculina: narrativas de garotos de programa/michês

Área Temática:

Pesquisador: Fernanda Burbulhan **Versão:** 1

Instituição: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP **CAAE:** 01473912.7.0000.5407

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 81378

Data da Relatoria: 09/08/2012

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, no qual as pesquisadoras se propõem a investigar, por meio de entrevistas que acessam a história de vida dos participantes, aspectos sobre a escolha profissional de 10 garotos de programa da região de Ribeirão Preto. Esses participantes serão recrutados por meio de anúncios de jornal ou em outros meios de comunicação, ou por indicação de eventuais clientes que frequentam o local de trabalho desses garotos. O contato inicial será feito por telefone e aqueles que aceitarem participar da pesquisa serão entrevistados em local e hora definidos com a pesquisadora. A análise das entrevistas será feita de acordo com procedimentos qualitativos, de fundamentação fenomenológica.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo da pesquisa é compreender o modo de vida dos garotos de programa/michês e o sentido que atribuem à sua prática profissional em relação aos seus clientes homens/mulheres.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa apresenta riscos mínimos, descritos pelas pesquisadoras, e que se referem a eventuais desconfortos psicológicos em função do tema da entrevista. As pesquisadoras, no entanto, oferecem apoio psicológico (do tipo psicoterapia breve/focal) aos participantes que relatarem tal desconforto. Por outro lado, os conhecimentos advindos dessa pesquisa são de interesse para a compreensão do fenômeno da prostituição masculina, gerando informações que podem ser úteis em termos científicos e sociais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto é bem fundamentado teoricamente, tanto em relação ao tema abordado, quanto em relação à metodologia proposta. Há uma descrição clara dos procedimentos metodológicos a serem seguidos e os aspectos éticos são considerados de forma adequada. O protocolo de pesquisa foi apresentado de forma completa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está apresentado de forma adequada, contendo todas as informações requeridas pela Resolução 196/96 do CNS. A linguagem empregada é adequada à amostra a ser pesquisada e o texto contempla as informações essenciais para que o participante possa compreender adequadamente e de antemão a natureza de sua participação.

Recomendações:

Não há recomendações específicas em relação ao projeto, visto que ele preenche os requisitos requeridos para sua apreciação ética por este Comitê.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Em decorrência de não haver recomendações específicas, não há pendências em relação ao presente projeto. Conclui-se que o projeto "Prostituição masculina: narrativas de garotos de programa/michês" está adequado ao proposto pela Resolução 196/96, sendo aprovado por este Comitê.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

De acordo com o parecer do relator.

24 de Agosto de 2012

Assinado por:
Andréia Schmidt

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Escarecido

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto

Departamento de Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa "Prostituição masculina: narrativas de garotos de programa/michês", desenvolvida sob a responsabilidade da psicóloga Fernanda Burbulhan, aluna de Mestrado em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP) e da professora Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, professora desta mesma faculdade.

O motivo que nos leva a estudar a prostituição masculina é a importância que damos à sexualidade na vida humana e também à falta de estudos sobre essa temática. Com isso, nos interessamos em investigar qual a percepção que você tem da vivência da prostituição masculina. Para isso, realizaremos uma entrevista, na qual você falará sobre a sua experiência de vida, desde sua infância até o momento atual, situando a experiência da prostituição em sua vida. Você poderá responder às perguntas como preferir, usando suas palavras e conhecimentos. Para facilitar a análise das informações, a entrevista será gravada e transcrita literalmente, ou seja, passarei para o papel tudo o que foi dito na entrevista, exatamente da forma que você falou.

As transcrições serão de posse da entrevistadora Fernanda Bubrulhan e áudio com a gravação será descartado, garantindo o sigilo e resguardando sua identidade. A participação na pesquisa é voluntária e sem remuneração, entretanto, se você quiser participar, a entrevistadora se compromete a reparar danos, desconfortos, constrangimentos ou despesas que houverem devido à realização da entrevista ou prover meios para fazê-lo. No caso da participação na pesquisa gerar algum desconforto psicológico, a pesquisadora Fernanda Burbulhan assegura que seja realizado o atendimento psicoterapêutico em caráter de psicoterapia breve (focal).

Você poderá não responder a perguntas que possam constrangê-lo de alguma forma, assim como, a qualquer momento você poderá desistir da participação, bem como solicitar informações adicionais à responsável. As pesquisadoras irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será de posse das pesquisadoras e outra será fornecida a você. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional, a não ser o custo do transporte, caso seja solicitado.

Atenciosamente

Fernanda Burbulhan Professora Dra. Maria Alves de Toledo Bruns

Eu, _____ fui informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. A aluna Fernanda Burbulhan e a professora orientadora Doutora Maria Alves de Toledo Bruns certificam-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Em caso de dúvidas poderei chamar a estudante de pós-graduação Fernanda Burbulhan no telefone (42) 8823-8990 ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto nos telefones (16) 3602-4811 / Fax: (16) 3633-2660.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Nome	Assinatura do Participante	Data
Nome	Assinatura do Pesquisador	Data

ANEXO C – Questionário da ABEP

ABEP
associação brasileira de empresas de pesquisa

Critério de Classificação Econômica Brasil

O Critério de Classificação Econômica Brasil, enfatiza sua função de estimar o poder de compra das pessoas e famílias urbanas, abandonando a pretensão de classificar a população em termos de "classes sociais". A divisão de mercado definida abaixo é exclusivamente de classes econômicas.

SISTEMA DE PONTOS

Posse de itens

	Quantidade de itens				
	0	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	1	2	3	4
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	4	5	6	7
Automóvel	0	4	7	9	9
Empregada mensalista	0	3	4	4	4
Máquina de lavar	0	2	2	2	2
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	4	4	4	4
Freezer (aparelho independente ou parte da geladeira duplex)	0	2	2	2	2

Grau de Instrução do chefe de família

Analfabeto / Primário incompleto	Analfabeto / Até 3ª. Série Fundamental	0
Primário completo / Ginasial incompleto	Até 4ª. Série Fundamental	1
Ginasial completo / Colegial incompleto	Fundamental completo	2
Colegial completo / Superior incompleto	Médio completo	4
Superior completo	Superior completo	8

CORTES DO CRITÉRIO BRASIL

Classe	PONTOS	TOTAL BRASIL (%)
A1	42 - 46	0,9%
A2	35 - 41	4,1%
B1	29 - 34	8,9%
B2	23 - 28	15,7%
C1	18 - 22	20,7%
C2	14 - 17	21,8%
D	8 - 13	25,4%
E	0 - 7	2,6%